

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**SER BOLSISTA NO EXTERIOR: TRAJETÓRIA DE
PESQUISADORES BRASILEIROS NA FRANÇA**

DEOMARA CRISTINA DAMASCENO GARCIA

CAMPINAS
JULHO, 2009

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Título: SER BOLSISTA NO EXTERIOR: TRAJETÓRIA DE PESQUISADORES
BRASILEIROS NA FRANÇA**

Autora: DEOMARA CRISTINA DAMASCENO GARCIA
Orientadora: LETÍCIA BICALHO CANÊDO

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por
DEOMARA CRISTINA DAMASCENO GARCIA e aprovada pela
Comissão Julgadora.

Data: 28/julho/2009

Assinatura: _____



Orientadora: _____



COMISSÃO JULGADORA:







© by Deomara Cristina Damasceno Garcia, 2009.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

G165s Garcia, Deomara Cristina Damasceno.
Ser bolsista no exterior: trajetória de pesquisadores brasileiros na França /
Deomara Cristina Damasceno Garcia. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador : Leticia Bicalho Canêdo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Bolsistas no estrangeiro. 2. Aluno bolsista. 3. Pesquisa. 4. Agência
financiadora. I. Canêdo, Leticia Bicalho. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

09-224/BFE

Título em inglês : To be a grantee in another country: the trajectory of brazilian researchers in France

Keywords: Brazilian grantees; Search ; Agency institution

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Títuloção: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Leticia Bicalho Canêdo (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Agueda Bernardete Bittencourt

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Hey

Prof^a. Dr^a. Diva Otero Pavan

Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Martins

Data da defesa: 28/07/2009

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : deomara@hotmail.com

*Ao querido Valdir, meu companheiro de todas as horas.
Muito obrigada pelo amor, dedicação e paciência.*

*Aos meus pais, pelos ensinamentos, generosidade e doação com que sempre me ajudam,
A Débora, irmã e amiga inseparável, pelo apoio incondicional,
A Mariana, pelo carinho e amizade,
A Daniela, fonte de vida e de alegria.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar e me fortalecer em todos os momentos da minha vida.

À Professora Letícia Bicalho Canêdo, pelas críticas e sugestões relevantes durante a orientação, que tornaram possível a conclusão desta dissertação.

Ao Professor Afrânio Garcia e à pesquisadora Marie-Claude Muñoz, pela abertura de possibilidade, na França, para a realização do projeto de pesquisa.

Aos meus entrevistados, sem o apoio dos quais esta pesquisa não existiria.

Às Professoras Letícia Bicalho Canêdo, Agueda Bernardete Bittencourt e Ana Maria Fonseca Almeida, por me acolherem no Grupo de Pesquisa Focus da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Às amigas do Grupo Focus: Rosa Maria Marins Gobbi Sebinelli, Rosângela Carrilo Moreno, Cláudia Oliveira Souza, Ana Paula Salheb, Daniela Maria Ferreira, pela atenção e amizade.

Às Professoras Ana Paula Hey e Neusa Maria Mendes Gusmão, pela colaboração imprescindível no Exame de Qualificação.

Às funcionárias da Secretaria de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP, especialmente a Gislene Perpétuo Gonçalves e a Nadir Aparecida Gomes Camacho, pela presteza e dedicação.

Por fim, a todos que contribuíram de alguma forma com a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa, inserida no projeto temático “Circulação internacional e formação dos quadros dirigentes brasileiros” – FAPESP, estudou a trajetória de 14 bolsistas brasileiros na condição de migrantes temporários, que participaram de um processo de especialização em instituições francesas de excelência acadêmica. A pesquisa foi realizada com base em questionários, entrevistas e análises dos Currículos Lattes. Nesta pesquisa foi possível comprovar o significado das agências públicas de fomento na trajetória acadêmica de cada pesquisador. O objetivo foi compreender o envolvimento desses bolsistas em projetos de cooperação internacional e as possíveis implicações nas ampliações de suas visões de mundo, bem como na transformação das chances de suas carreiras profissionais no campo acadêmico nacional. Identificaram-se duas vertentes na divisão dos grupos dos entrevistados. A primeira vertente considerou a posição dos indivíduos na dimensão do engajamento acadêmico: os “mais jovens”, estudantes com formação contínua, voltados para o estabelecimento de uma posição no campo acadêmico, buscavam alcançar uma colocação na função de docente numa universidade pública; e os “mais maduros”, com atuação em atividades de ensino e de pesquisa, buscavam na especialização no exterior estabelecer intercâmbio científico e abertura de novas linhas de pesquisa, visando à manutenção e ao aprimoramento no campo acadêmico nacional. A segunda vertente considerou as disposições mobilizadas pelos bolsistas no aperfeiçoamento de suas trajetórias acadêmicas e na superação das dificuldades para administrarem as situações cotidianas vividas no estrangeiro. Concluiu-se que o processo de circulação internacional dos entrevistados implicou na ampliação da visão de mundo - nas novas formas de ver a realidade, aprender a lidar com as relações temporárias, na habilidade do novo idioma em ambos os grupos - e nas chances em suas carreiras profissionais, seja na formação de novas redes sociais e de uma legitimidade no campo acadêmico nacional a partir da experiência no internacional.

Palavras-chave: bolsistas brasileiros, circulação internacional, agências de apoio à pesquisa.

ABSTRACT

This research, that is part of the project “International Circulation and formation of Brazilian ruling classes” - FAPESP, was studied the trajectory of 14 brazilian grantees that, in the condition of temporary migrants, participated of a specialization in French institutions of academic excellency. The research was developed on the basis of questionnaires, interviews and analyses of “Currículo Lattes”. In this research was possible to prove the meaning of the public agencies of promotion in the academic trajectory of each researcher. The objective was to understand the involvement of these grantees in projects of international cooperation and the possible implications in its world visions, as well as in the transformation of the possibilities of its professional careers in the national academic field. Two sources in the division of the groups of the interviewed ones were identified. The first source considered the position of the individuals in the dimension of the academic enrollment: the “youngest”, students with continuous formation, searching for the establishment of a position in the academic field, aimed to reach a function of professor in a public university; and the “oldest”, already acting in activities of education and research, were aiming for foreign specialization to obtain an international insertion and to establish scientific interchange; and to open new lines of research, aiming to the maintenance and improvement in the national academic field. The second source considered the mobilized dispositions for the grantees in the perfectioning of its academic trajectories and to surpass the difficulties to manage the daily situations in the other country. It was concluded that the process of international circulation implied in magnifying of the world vision, for both groups: either seeing the reality in new shapes, as well as to learn to dealing with the temporary relations and in the proficiency in the new language; in the possibilities in its professional careers: either in the formation of new social nets and a legitimacy in the national academic field as well as the experience in the international.

Key-words: brazilian grantees, international circulation, agencies of support to the research.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Caracterização resumida dos entrevistados	03
Quadro 2	Relação entre a área de formação, área de estudo em Paris, tema da pesquisa e agência financiadora	05
Quadro 3	Situação familiar dos bolsistas entrevistados	15
Quadro 4	Dados referentes à graduação dos entrevistados e as condições financeiras de manutenção do estudo	19
Quadro 5	Dados referentes ao mestrado dos entrevistados e as condições financeiras de manutenção do estudo	21
Quadro 6	Dados referentes ao doutorado dos entrevistados em Doutorado-Sanduíche e Doutorado Pleno e as condições financeiras de manutenção do estudo	22
Quadro 7	Dados referentes ao doutorado dos entrevistados em Pós-Doutorado e as condições financeiras de manutenção do estudo	23
Quadro 8	Temas das pesquisas de mestrado e doutorado dos bolsistas de DS e linha de pesquisa do orientador	24
Quadro 9	Temas das pesquisas de mestrado, doutorado e pós-doutorado dos bolsistas de Pós-Doutorado	25
Quadro 10	Temas das pesquisas de mestrado e doutorado dos bolsistas de Doutorado Pleno	26
Quadro 11	Cargo/função dos bolsistas antes e após o retorno da especialização na França	51
Quadro 12	Publicações dos pesquisadores de Doutorado-Sanduíche e de Doutorado Pleno antes da especialização na França	53
Quadro 13	Publicações dos pesquisadores de Doutorado-Sanduíche e de Doutorado Pleno após a especialização na França	53
Quadro 14	Produção acadêmica e funções administrativas dos pesquisadores de Doutorado-Sanduíche e de Doutorado Pleno antes da especialização na França	55
Quadro 15	Produção acadêmica e funções administrativas dos pesquisadores de Doutorado-Sanduíche e de Doutorado Pleno após a especialização na França	55
Quadro 16	Média anual de produção científica dos pesquisadores de Pós-Doutorado antes de se especializar na França	57
Quadro 17	Média anual de produção científica dos pesquisadores de Pós-Doutorado após a especialização na França (período de 2005 a 2009)	57
Quadro 18	Média anual de produção acadêmica e das funções administrativas dos pesquisadores de Pós-Doutorado antes da especialização na França	58
Quadro 19	Média anual de produção acadêmica e das funções administrativas dos pesquisadores de Pós-Doutorado após a especialização na França (período de 2005 a 2009)	58

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1	Bolsas concedidas pelo Programa CAPES/COFECUB – período entre 1982 e 2004	29
------------------	---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEB-FR	Associação dos Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDFB	Colégio Doutoral Franco-Brasileiro
CENDOTEC	Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica
CIUP	<i>Cité Internationale Universitaire de Paris</i>
CNOUS	<i>Centre National des Oeuvres Universitaires et Scolaires</i>
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNRS	<i>Centre National de la Recherche Scientifique</i>
COFECUB	Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil
CRBC	<i>Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain</i>
CROUS	<i>Centre Régional des Oeuvres Universitaires et Scolaires</i>
DEA	Diploma de Estudos Aprofundados
DAAD	Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico
DESS	Diploma de Estudos Superiores Especializados
DEUG	Diploma de Estudos Universitários Gerais
DP	Doutorado Pleno
DS	Doutorado Sanduíche
ECTS	Sistema Europeu de Transferência de Créditos
EHESS	<i>École de Hautes Études en Sciences Sociales</i>
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FARN	Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte
FE	Faculdade de Educação
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FOCUS	Grupo de Estudos sobre Instituição Escolar e Organizações Familiares
GTRU	Grupo de Trabalho da Reforma Universitária
IES	Instituição de Ensino Superior
INT/RJ	Instituto Nacional de Tecnologia – Rio de Janeiro
IPHAN	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IUP	Instituto Unificado Paulista
LMD	<i>License Master Doctorat</i>
MBA	<i>Master of Business Administration</i>
MEC	Ministério da Educação
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PARIS I	<i>Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne</i>
PARIS VI	<i>Université Pierre et Marie Curie</i>
PARIS X	<i>Université de Paris 10: Langues, lettres et sciences humaines, sport, sciences économiques, droit, sciences psychologiques, sciences sociales</i>
PARIS XIII	<i>Université Paris-Nord 13</i>
PD	Pós-doutorado
PDEE	Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior
PICD	Programa Institucional de Capacitação de Docentes
PROBRAL	Programa (CAPES/DAAD) Brasil/Alemanha
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica/São Paulo
PUF	<i>Press Universitaire de France</i>

SESC	Serviço Social do Comércio
UCSal/BA	Universidade Católica do Salvador/Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCE	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
Objetivos.....	06
Estado da Arte.....	06
CAPÍTULO 1 – O papel das instituições na trajetória acadêmica dos bolsistas..	13
1.1 O impacto da regulamentação das bolsas de estudo na trajetória acadêmica dos entrevistados.....	18
1.2 Estruturas institucionais de acolhimento aos estudantes estrangeiros na França.....	28
CAPÍTULO 2 – Disposições e Implicações do processo de circulação internacional dos bolsistas.....	33
2.1 Adaptação dos bolsistas ao sistema de ensino superior francês.....	33
2.2 Experiência de ser bolsista no exterior.....	39
2.3 Implicações do processo de circulação internacional desses bolsistas.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	69
APÊNDICES	71
Apêndice A – Breve apresentação dos entrevistados.....	71
Apêndice B – Termo de Consentimento.....	85
Apêndice C – Modelo do Questionário.....	89
Apêndice D – Transcrições das Entrevistas.....	93

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se no projeto temático “Circulação internacional e formação dos quadros dirigentes brasileiros”¹. Teve início na cidade de Paris em 2005, quando comecei a freqüentar os seminários do *Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain* (CRBC) na *École de Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), sob a direção do Professor Afrânio Garcia. Nesta ocasião, eu acompanhava meu marido, num estágio de doutorado-sanduíche, e fui incentivada por Marie-Claude Muñoz, pesquisadora do CRBC, a desenvolver uma pesquisa sobre a trajetória dos brasileiros que realizavam seus estudos em Paris. Sob a supervisão de Marie-Claude, que como eu também é psicóloga, e do Prof. Afrânio, iniciei um levantamento de dados sobre o itinerário dos bolsistas de universidades brasileiras em instituições francesas de excelência acadêmica.

O trabalho iniciou-se como contribuição a um projeto de pesquisa mais amplo que estava sendo desenvolvido por Marie-Claude². Foi realizado com base em questionários e entrevistas com pesquisadores brasileiros bolsistas. O questionário continha dados básicos: pessoais e acadêmicos do entrevistado e outras variáveis morfológicas. As entrevistas, além de informações subjetivas referentes aos processos de saída do Brasil, chegada e estadia na França e as perspectivas do retorno ao Brasil, buscaram evidenciar o processo de

¹Projeto temático, sob coordenação da Profa. Letícia Bicalho Canêdo, financiado pela agência governamental de fomento à pesquisa – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (Proc. n. 06/56499-0, vigência de 06/2007-06/2011), cujo objetivo é analisar a participação dos agentes nacionais, que compõem os quadros dirigentes, na construção e na modernização do Estado brasileiro a partir de suas trajetórias de circulação internacional. É uma continuação do projeto “Trocas científicas internacionais e reconversão das elites no Brasil”, financiado pelo convênio CAPES/COFECUB, cujo objetivo era investigar os itinerários intelectuais e profissionais de universitários brasileiros que foram ao estrangeiro na busca de uma formação doutoral.

²A partir da realização de uma pesquisa nacional do CRBC/EHESS-APEB-Fr (Associação dos Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França), via questionários, no período 2000-2001, com estudantes brasileiros que foram especializar-se na França. O objetivo era conhecer as características sociais e culturais dos entrevistados, as trajetórias escolares e profissionais, bem como as implicações advindas da passagem no exterior, os títulos e competências adquiridas. Outras pesquisas sucederam-se, tais como: *Políticas francesas de acolhimento aos estudantes estrangeiros (1970-2002)* (In: ALMEIDA *et al.*, 2004, p. 188-212); *De la coopération Nord-Sud à la logique de marché: les politiques françaises d'accueil des étudiants étrangers*. (In: *Cahiers du Brésil Contemporain*, v. 59/60, no. 57/58, p. 76-107, 2004/2005) e *La mobilité internationale à destination de la France: données objectives et expérience existentielle* (In: “Colóquio Saber e Poder”. Campinas: UNICAMP, Grupo Focus, outubro, 2008. Texto disponível na internet: <http://www.fe.unicamp.br/focus/>) (Acesso em março/2009).

construção e de descrição das situações vividas pelos bolsistas e os sentidos dessa experiência³.

Os entrevistados foram contatados a partir da técnica conhecida como “pirâmide” ou “bola-de-neve” e foram completadas quatorze entrevistas (oito mulheres e seis homens) em um tempo muito curto (um mês) porque minha passagem pela França havia se esgotado e, nesse momento, eu ainda não tinha em mente que esse trabalho pudesse se transformar em uma Dissertação de Mestrado. O que foi realizado na França junto ao projeto da pesquisadora Marie-Claude transformou-se num projeto de pesquisa, no Brasil, no Grupo de Estudos sobre Instituição Escolar e Organizações Familiares (FOCUS) da Faculdade de Educação (FE) na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Na “bola-de-neve” ou “pirâmide”, eu pedi aos meus entrevistados que me indicassem outros pesquisadores. As indicações dadas mostraram que aqueles que estavam na condição de Doutorado-sanduíche apresentaram-me para os da mesma condição, idem com os de Pós-Doutorado. Isso ajudou-me a pensar na importância da institucionalização da pós-graduação no Brasil e da regulamentação da concessão de bolsas dos pesquisadores em doutorado ou pós-doutorado no que se refere à possibilidade de oportunidade para que indivíduos, como meus entrevistados, pudessem participar de uma especialização no exterior. A maioria era bolsista da agência de pesquisa governamental CAPES. Somente dois não eram, isto é, um recebia bolsa da FAPESP e outro do CNPq. A “bola-de-neve” colaborou também a pensar sobre a vinculação dos projetos individuais aos projetos temáticos dos respectivos orientadores, envolvendo uma cooperação científica entre o nacional e o internacional, da mesma forma que esta pesquisa, que está inserida no projeto temático existente de um acordo científico bilateral entre universidades brasileiras e estrangeiras⁴.

³Foi realizada uma entrevista com cada um deles. Sete entrevistas foram realizadas na *Cité Universitaire* e sete, na EHESS.

⁴Neste projeto temático, as universidades brasileiras compreendem: UNICAMP, UFSCar e FGV; as universidades francesas, EHESS e Paris I (França) e argentina, Universidade Nacional de Córdoba.

Para compreensão dos bolsistas, a seguir, apresentamos uma caracterização resumida, com base nos questionários aplicados durante a entrevista realizada em 2005. Como se pôde observar, esses bolsistas eram originários, na sua maioria, de universidades da região sudeste do Brasil, em especial de universidades interioranas do Estado de São Paulo. Na França, na cidade de Paris, a maioria deles estava concentrada na EHESS. No momento da entrevista, a faixa etária dos nove pesquisadores de doutorado-sanduíche variava entre 32 e 45 anos; dos dois de doutorado pleno, 31 e 32 anos; e dos três de pós-doutorado, entre 43 e 54 anos. O período que os entrevistados ficaram na França variou entre nove a doze meses, com exceção das duas bolsistas que estavam em condição de doutorado pleno, que ficaram três e sete anos, respectivamente. Este tempo variado de estadia para estudo me permitiu pensar o significado de um estágio mais ou menos prolongado no país estrangeiro, principalmente, quanto ao tempo (em anos) das que estavam na condição de Doutorado Pleno (Quadro 1)⁵.

Quadro 1 – Caracterização resumida dos entrevistados

No.	Entrevistados*	Idade**	Situação***	Instituição de origem (Brasil)	Universidade Paris (França)	Período total de aperfeiçoamento na França
1	Cássia	45	DS	UFF/RJ	Paris X	12 meses
2	Josué	40	DS	UFBA/BA	EHESS	11 meses
3	Valdemar	40	DS	UFSCAR/SP	EHESS	09 meses
4	Ana	32	DS	UNICAMP/SP	EHESS	12 meses
5	Silvia	41	DS	PUC/SP	EHESS	09 meses
6	Mariana	54	PD	UNESP/SP	EHESS	12 meses
7	Rosana	43	PD	UNESP/SP	EHESS	10 meses
8	Antonino	45	PD	UNESP/SP	EHESS	10 meses
9	Gerson	37	DS	UFBA/BA	Paris X	12 meses
10	Lúcia	31	DP	-	Paris VI	03 anos
11	Regiane	33	DS	UNICAMP/SP	EHESS	11 meses
12	Henrico	43	DS	UNICAMP/SP	EHESS	09 meses
13	Pedrina	32	DP	-	EHESS	07 anos
14	Edson	36	DS	UFRGS/RS	Paris VI	10 meses

* Nomes fictícios

** Idade no momento da entrevista (ano de 2005)

*** DS = Doutorado-Sanduíche, DP = Doutorado Pleno, PD = Pós-Doutorado.

⁵Nos apêndices A, B, C e D apresentaremos, respectivamente, uma breve apresentação dos entrevistados, o modelo do termo de consentimento, o modelo do questionário aplicado junto aos bolsistas e as transcrições, na íntegra, das entrevistas.

Onze eram da área de Ciências Humanas⁶, um das Ciências Biológicas e dois das Ciências Exatas. A maioria especializou-se em Paris nas áreas de estudo da Antropologia ou da Sociologia. Apenas dois passaram por uma reconversão entre sua formação na graduação e a área de estudo do Doutorado-Sanduíche em Paris. São os casos de Valdemar, engenheiro, que estudava na área de Antropologia Econômica no momento das entrevistas⁷ e de Sílvia, docente na UFBA, formada em Educação Física e Nutrição, estudava na área de Antropologia Social em Paris. No quadro 2 também é possível verificar os que estavam atrelados à linha de pesquisa do orientador – casos dos bolsistas de Doutorado-Sanduíche (os Pós-doutorandos e os Doutorandos-Plenos desenvolviam suas próprias pesquisas) (Quadro 2).

⁶Três das Ciências Sociais, dois da Geografia, um da Psicologia, um da Arquitetura, um da Filosofia, um da Nutrição, um de Relações Internacionais e um das Artes Cênicas.

⁷A respeito da migração dos engenheiros, iniciada nos anos 70, para outros campos, ver GRÜN, Roberto. O MBA como um brevê de internacionalização e de modernidade profissional entre engenheiros. *In: ALMEIDA, Ana Maria Fonseca et. al. Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras.* Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 282-98.

Quadro 2 – Relação entre a área de formação, área de estudo em Paris, tema da pesquisa e agência financiadora

No.	Entrevistados	Área de formação (Instituição, ano)	Área do Estudo em Paris	Tema da pesquisa	Ligação com Linha de Pesquisa do orientador	Agência financiadora da especialização
1	Cássia	Ciências Sociais (UFRJ, 1987)	Antropologia urbana	Igualdade e Hierarquia no espaço público – Administração de conflitos em Niterói	Sim	CAPES
2	José	Arquitetura (UFCE, 1992)	Políticas públicas	Valorização do patrimônio cultural de cidades tombadas do CE	Sim	CNPq
3	Valdemar	Engenharia (UFSCar, 1991)	Antropologia econômica	Aspectos organizacionais na Administração Pública	Sim	CAPES
4	Ana	Filosofia (UNICAP/PE, 1997)	Sociologia do conhecimento	Sociologia do campo filosófico brasileiro	Sim	FAPESP
5	Silvia	Nutrição (UFBA, 1993)	Antropologia Social	Estudo sobre as práticas corporais e alimentares em Salvador	Sim	CAPES
6	Mariana (PD)	Psicologia (IUP/SP, 1977)	Psicologia Social	Representações sociais e Teoria da Moralidade	Não	CAPES
7	Rosana (PD)	Geografia (UNESP, 1985)	Antropologia/Economia	Associação de pequenos produtores rurais	Não	CAPES
8	Antonino (PD)	Geografia (UNESP, 1985)	Antropologia/Economia	Políticas Públicas e desenvolvimento rural – Projeto de Microbacias	Não	CAPES
9	Gerson	Artes Cênicas (UNIRIO, 1996)	Artes Cênicas	Ensino de Direção Teatral	Sim	CAPES
10	Lúcia (DP)	Biologia (UFRJ, 1997)	Oceanografia	Caracterização da Microbiologia e Hidrocarbonetos na bacia da Guanabara	Não	CAPES
11	Regiane	Ciências Sociais (UNICAMP, 1999)	Sociologia do Trabalho	Terceirização e Ação sindical – reestruturação do capital no Brasil	Sim	CAPES
12	Henrico	Ciências Sociais (UFRJ, 1990)	Antropologia Social	Preferência musical no meio popular em Campinas	Sim	CAPES
13	Pedrina (DP)	Relações Internacionais (UnB, 1994)	Sociologia Política	Partido dos Trabalhadores e o poder	Não	CAPES
14	Edson	Engenharia (UFRN, 1994)	Microeletrônica	Redes em Chip para Sistemas Embarcados – otimização de medidas de qualidade de serviço em tempo real	Sim	CAPES

Além do levantamento de dados dos questionários e das análises das entrevistas realizadas com os pesquisadores brasileiros em 2005, utilizamos a Plataforma Lattes do CNPq, com informações disponíveis para uso público, para obter dados pertinentes dos currículos desses indivíduos, quais sejam, as publicações nacionais e internacionais, as instituições onde estavam alocados após o retorno do exterior, tipo de disciplina que ensinavam, a qual grupo de pesquisa estavam filiados ou associações científicas a que estavam vinculados.

Esta dissertação analisa o processo de circulação internacional de pesquisadores brasileiros para formação científica, especialmente as condições institucionais, que desempenharam papel determinante na possibilidade do estudante realizar sua especialização no exterior. Neste trabalho, procuro enfatizar o papel desempenhado pelas políticas públicas, que nesse caso refere-se ao apoio político e financeiro para que o pesquisador tivesse condições efetivas de se especializar no exterior devido à concessão de bolsa, por meio das agências governamentais de pesquisa. Não deixo de examinar o importante apoio que os entrevistados tiveram das redes sociais e da família, refletido no incentivo e na forma de compreender a busca de desenvolvimento pessoal desses indivíduos. Por fim, com esta dissertação procuro compreender algumas das implicações que a participação desses pesquisadores, em projetos de cooperação internacional, traz para a ampliação de suas visões de mundo, bem como a transformação das chances de suas carreiras profissionais no campo acadêmico nacional.

Estado da Arte

A problemática da formação intelectual das elites por meio da circulação internacional é bem conhecida nas memórias das viagens internacionais publicadas no Brasil, como a de Joaquim Nabuco⁸, em que se pôde verificar o processo de acumulação de um capital cosmopolita e seus efeitos para as instituições brasileiras. Há também os trabalhos acadêmicos, que mencionam estas viagens dentro de uma dimensão sócio-

⁸NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Brasília: UnB, 1963.

histórica, mostrando os efeitos delas na atuação para as reformas de Estado, como o trabalho de Agueda Bernardete Bittencourt sobre as viagens de Anísio Teixeira⁹.

Mas, no geral, é nos estudos das populações dominadas que a problemática da circulação mais atrai sociólogos e historiadores, em especial no que se refere à imigração. Entretanto, esses trabalhos se voltam para defini-la como problema social, no duplo sentido de “caso social” e de “problema de sociedade” (os imigrantes e o mercado de trabalho, os imigrantes e as greves sociais, etc.)¹⁰.

A este respeito, Abdelmalek Sayad (1998), no livro “A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade”, apresenta outro ponto de vista sobre a natureza desta imposição da problemática que percebe o imigrante como um “problema social”, pois levanta a hipótese que os problemas peculiares aos imigrantes dizem respeito antes aos problemas que a sociedade receptora coloca-se a respeito deles “e que, por isso mesmo, acabam provocando problemas para os próprios imigrantes”¹¹ (p. 81-2). Enfatiza, ainda a necessidade de atenção para o fato de que no seio dos grupos nacionais, cada migrante tem a sua história, que se inscreve nas suas trajetórias individuais ou familiares. Embasada no trabalho de Sayad, a Dissertação de Mestrado de Gomes¹², por sua vez, buscou compreender o significado de ser um refugiado de guerra que, do ato migratório, ficou à margem da proteção do país de origem (Angola) e do país de acolhimento (Brasil, na cidade interiorana do Estado de São Paulo - Hortolândia). Ainda sobre a imigração, podemos citar o trabalho de Gusmão¹³, que analisa a inserção econômica, social, política e cultural de africanos portugueses ou luso-africanos (nascidos em ex-colônias africanas de domínio português ou os imigrantes africanos vindos após anos 60 e que não mais regressaram de Portugal) dos

⁹BITTENCOURT, Agueda Bernardete. Anísio Teixeira: origens internacionais de um nacionalismo pedagógico. In: *Colóquio Saber e Poder*, 2008. Campinas. Faculdade de Educação – UNICAMP (Texto disponível na internet: <http://www.fe.unicamp.br/focus/>, acesso em março/2009).

¹⁰HILY, Marie-Antoniette. As migrações contemporâneas: dos Estados e dos homens. SESC Vila Mariana, *Seminário Cultura e Intolerância*, São Paulo, novembro, 2003.

¹¹As citações no texto serão apresentadas somente entre aspas e visa diferenciá-las das falas dos entrevistados, que estarão entre aspas e em itálico.

¹²GOMES, Pedro. *Condições dos refugiados de guerra angolanos: um estudo de caso em Hortolândia*, Estado de São Paulo. 2004. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

¹³GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. *Os filhos da África em Portugal: Antropologia, Multiculturalidade e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PALOP¹⁴, enfocando a questão das desigualdades do meio social e a condição étnica da origem e da cor e não especificamente a imigração, no sentido de desvendar as estratégias de sobrevivência dos indivíduos considerados estrangeiros frente às crises e os confrontos com a população local que os recebe.

A temática da circulação internacional que abordamos nesta pesquisa toma um rumo diferente das referenciadas acima, pois não tem a pretensão de discutir as memórias de viagens internacionais dos filhos das famílias poderosas brasileiras, nem tampouco a problemática do imigrante como refugiado de guerra ou força de trabalho, a questão étnica e racial, ou a questão da migração dos menos favorecidos na busca de transformações em suas vidas e de seus familiares. Destacamos a temática da circulação internacional a partir de uma problemática científica e acadêmica no Brasil, qual seja, a migração de pesquisadores brasileiros bolsistas, financiados por agências governamentais brasileiras de apoio à pesquisa, no espaço internacional e na influência no campo acadêmico nacional. No caso, trata-se de pesquisadores que não pertencem a uma família abastada, nem estão ligados a uma missão do governo do Estado, como ocorria no governo da década de 30¹⁵.

Meu objeto de estudo são migrantes temporários, pesquisadores que saíram de uma universidade do país de origem, escolheram, dentro da margem de possibilidade existente, uma universidade no exterior (no caso, a França) para se especializarem e, no momento da entrevista, tinham datas pré-estabelecidas de saída e de retorno ao Brasil. Como bolsistas viviam, como qualquer migrante, numa condição social diferente daquela do Brasil. Estavam numa terra estrangeira, tentando entender a nova cultura, o novo povo, as tradições, seus direitos e suas obrigações e o aprendizado de uma nova língua. Viver sob tais condições no exterior assemelha-se com o caso estudado por Gusmão¹⁶ sobre a migração temporária de estudantes africanos dos PALOP, que buscam a sua formação (graduação ou pós-graduação) em universidades da cidade de Campinas e de Porto

¹⁴PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) compreende as antigas colônias de Portugal na África: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe.

¹⁵Cf. BITTENCOURT, 2008 e RIVRON, Vassili. Representação da arte e arte da representação: reflexos de dois poetas diplomatas na historiografia literária do Brasil. *Pró-Posições*: “Literatura, teatro e mutações no espaço político”, v. 18, n.3 (51), p. 15-35, set/out 2006.

¹⁶GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados. In: *Colóquio Saber e Poder*. Campinas. Faculdade de Educação - UNICAMP, outubro, 2008 (Texto disponível na internet: <http://www.fe.unicamp.br/focus/>, acesso em março/2009).

Alegre¹⁷. Mas, no caso estudado por Gusmão trata-se de filhos de uma família da elite africana, que fizeram uma migração especial. O termo migração especial foi adotado por Garcia (2004) para retratar a migração com metas postas pelo país de origem, a serem cumpridas pelos estudantes no processo de migração temporária. Tais metas podem ou não ser conscientes, dado que a migração ocorre num jogo de aparente individualidade e de escolha¹⁸.

Definir melhor o que era “migrante temporário” foi um passo importante que desenvolvi ainda durante as entrevistas na França, pois estava tratando, inclusive, com pesquisadores da área de Ciências Sociais e muitos já haviam estudado inclusive o tema da imigração. Por exemplo, tive de pensar junto com eles o que é ser um migrante, o que resultou muitas vezes em risos:

“[...] durante muito tempo eu dei uma disciplina que trabalha com a questão do imigrante. As dificuldades de ser um imigrante num país diferente é tudo aquilo que eu li e falava para os meus alunos (risos), e não tinha certeza, mas há dificuldade para tudo: a dificuldade com a língua, a dificuldade da expressão, ainda para gente que está num período temporário, ainda tem essa coisa assim, é tudo muito temporário[...].”
(Rosana, Pós-Doutorado).

E choros, quando havia uma incompreensão de quais eram de fato seus direitos e suas obrigações num lugar onde sente não ter espaço e desprovido de bens materiais, confundindo-os com perdas e danos:

“[...] às vezes, eu me sinto uma ave rara, uma ave exótica do jeito que as pessoas olham, até mesmo, ainda que seja com admiração, é sempre uma coisa exótica, uma brasileira diferente e eu sentia diferença de tratamento em relação aos estudantes daqui, para pior, de não ter direito a muitas coisas que eles têm direito, de ter que brigar por tudo. Para ter uma mesa no laboratório, tinha que brigar. Para ter um acesso no computador, você

¹⁷Maiores informações a respeito da circulação internacional de estudantes dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, onde a língua portuguesa é o elemento de ligação entre as populações) ver Dossiê: Ensino Superior e circulação internacional de estudantes: os PALOP no Brasil e em Portugal. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 1 (58), jan./abr. 2009, cujos artigos tratam de compreender os efeitos dos estudos realizados, no Brasil e em Portugal, pelos universitários africanos intercambistas.

¹⁸GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Apresentação Dossiê: Ensino Superior e circulação internacional de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 1 (58), jan./abr. 2009, p. 13-21.

tem que brigar. Coisas que são naturais para o francês, não são naturais no meu caso (Lúcia).

- Tinha outro estrangeiro ou era só você?(Deomara)

- No meu laboratório (nome), que é no sul, não, eu era a única estrangeira” (Lúcia, Doutorado Pleno).

Eram questões difíceis de lidar com cada um dos entrevistados, pois através de suas falas, eles demonstraram, com risos e choros, suas conquistas e dificuldades da experiência no exterior. O livro “A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade” de Sayad (1998) me foi bastante útil para entender estas dificuldades e ajudou-me a começar a pensar nas particularidades das trajetórias, que poderiam ter determinado as partidas, as dificuldades que sofreram e a condição de migrante, capaz de explicar as diferenças observadas nos destinos posteriores. Para o autor, a imigração é um deslocamento de pessoas não só no espaço físico, pois envolve muitos sentidos: pessoal, econômico, político, cultural, sobretudo uma determinante cultural crucial para muitos desses bolsistas entrevistados: a língua. A esse respeito, um deles expressou como sendo “...*muito chato você ter um nível de expressão num lugar e para outro ter um nível de expressão muito inferior, de criança quase, de um adolescente*” (Gerson, Doutorado-Sanduiche).

O estudo de Sayad (1998) também me ajudou a entender a diversidade das condições de origem, das trajetórias e experiências singulares de um migrante e me fez ver a necessidade de considerar o processo de migração como um todo: o sair da terra natal e o estar na terra desconhecida, envolvendo, assim, as razões que levaram à partida, toda a trajetória, as novas condições de vida, as esperança no futuro¹⁹, oscilando entre a situação de um estado provisório idealizado e um estado permanente real, e como diz Bourdieu “incômodo em todo lugar, e doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora”²⁰.

¹⁹Sayad (1998, p.13-23) salienta que o choque com a ordem do país de destino está atrelado à história do indivíduo em seu lugar de origem, e que é, portanto, necessária uma análise das causas que levaram à saída (aspirações e esperanças de promoção social dos emigrantes) e dos efeitos conseqüentes (processo de decadência, de desvalorização, de desqualificação), o que denomina de causas endógenas da emigração e efeitos exógenos da emigração.

²⁰Cf. BOURDIEU, P. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. p. 9-12.

“Mas minha tentativa é não viver muito meu período temporário, mas eu tinha uma curiosidade de saber o que é Paris atrás de um sonho...” (Silvia, Doutorado-Sanduiche).

Outras pesquisas, no escopo da circulação internacional universitária, fazem parte do projeto temático ao qual esta pesquisa se inclui e estão publicadas na página virtual da Internet do Grupo FOCUS/UNICAMP²¹, referente às apresentações no Colóquio “Saber e Poder”, realizado em outubro de 2008; dentre elas, o trabalho sobre a mobilidade internacional com destino à França da pesquisadora Marie-Claude Muñoz, no qual esta pesquisa está atrelada, desde suas origens, porém meu trabalho enfatiza o campo acadêmico nacional. Cabe destacar outra coletânea de textos publicados no livro “Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras” (ALMEIDA *et. al.*, 2004), como também os artigos publicados no *Cahiers du Brésil Contemporain* (vol. 59/60, no. 57/58, 2004/2005) sob a coordenação de Letícia Bicalho Canêdo e Marie-Claude Muñoz. Essas referências levaram-me a pensar noutro aspecto deste tipo de circulação internacional de pesquisadores: as condições estruturais e políticas, que favorecem este tipo de movimentação, como por exemplo, o apoio das agências de pesquisa do Estado, aliadas às redes sociais e às familiares. Esse enfoque despertou a questão da posição dos pesquisadores no espaço acadêmico, de seus vínculos institucionais ou em outros órgãos, de suas participações no desenvolvimento científico e tecnológico do país, da obtenção dos recursos concedidos pelas agências governamentais financiadoras de pesquisas e as possíveis implicações na carreira profissional e no campo acadêmico nacional.

Esta Dissertação está estruturada em dois capítulos. No primeiro capítulo, analisaremos a posição dos pesquisadores entrevistados na dimensão do espaço acadêmico e o papel das instituições em suas trajetórias acadêmicas, inclusive, no processo de circulação internacional desses indivíduos. No segundo capítulo, buscamos compreender as disposições dos bolsistas mobilizadas no aperfeiçoamento de suas trajetórias escolares e na superação das dificuldades das situações cotidianas vividas no estrangeiro, bem como as implicações do estágio no exterior dos bolsistas.

²¹O endereço virtual do grupo de pesquisas FOCUS/UNICAMP na Internet é <http://www.fe.unicamp.br/focus/>

CAPÍTULO 1 – O papel das instituições na trajetória acadêmica dos bolsistas

“A pós-graduação nacional adquiriu uma dimensão significativa no conjunto do sistema de ensino superior do país e não seria incorreto afirmar que ela constitui atualmente o melhor capítulo da política de ensino superior nas últimas décadas” (NEVES, 2002, p. 5)²².

Neste primeiro capítulo analisaremos a posição dos pesquisadores entrevistados na dimensão do espaço acadêmico. Consideraremos o aspecto institucional, que compreende o poder político ligado às estruturas burocráticas, representadas na forte influência do Estado na construção e gerência do campo acadêmico, como por exemplo, na institucionalização da pós-graduação com o sistema de bolsas.

Vamos nos concentrar nas diferentes estruturas institucionais que compõem os mecanismos para o processo de circulação internacional de pesquisadores brasileiros, definindo as principais instituições nesse espaço, tais como: agências governamentais, fundações, universidades, ministérios, etc. Sob este aspecto, cabe destacar a criação das agências governamentais de apoio à pesquisa.

As primeiras agências nacionais de apoio à pesquisa, o CNPq e a CAPES, foram criadas em 1951²³ para o desenvolvimento científico e tecnológico, bem como, a formação dos professores e o avanço do país. Data dessa época o incremento dado à concessão de bolsa com a finalidade de estudo no exterior, ou seja, a oportunidade de bolsa aos pesquisadores via o financiamento do Estado, propiciando um eixo entre o Brasil e as grandes potências.

A regulamentação do sistema de bolsas a serem concedidas por estas agências governamentais de fomento à pesquisa tornou possível a ampliação da formação de pesquisadores no exterior. No caso específico estudado, essas agências atenuaram as

²²NEVES, Abílio Baeta. Apresentação. In: VELLOSO, Jacques (org.) *A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país*. Brasília: CAPES, 2002, p. 5.

²³A criação do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) teve seus primeiros dirigentes escolhidos dentre as Forças Armadas, pois estava ligado diretamente a um projeto de desenvolvimento do uso da energia nuclear; atualmente, esse órgão está ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia. A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) foi dirigida inicialmente pelo educador Anísio Teixeira, que através de sua experiência em viagens internacionais, estabeleceu um eixo de cooperação entre o Brasil e as grandes potências científicas. A FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), criada em 1962 em São Paulo, junta-se também aos esforços dos outros dois organismos federais, nesse projeto de financiamentos para a realização do acesso dos bolsistas brasileiros aos institutos de pesquisa dos países centrais.

limitações impostas pela origem social à partida ao estrangeiro, pois a condição social dos pesquisadores era de uma pequena classe média, não herdeiros de uma família abastada e poderosa, cuja atividade profissional dos pais era diversificada: operário, funcionários de empresa (pública e privada) e liberais (comerciantes, corretor de imóveis, taxista, médico e economista) e das mães, tinham aquelas que trabalhavam em casa (oito) e as que trabalhavam fora (seis) – como funcionária pública, costureira, professora, psicóloga, decoradora e artista plástica. Quatro deles são de família cujos pais tinham capital social e cultural (havia realizado estudos superiores e exerciam profissões intelectuais e liberais e as mães tinham uma atividade profissional) e três desses pais haviam passado por experiência de trabalho e estudos no exterior (os pais de Ana, Lúcia e Pedrina). Dos casados, com exceção de uma, todos foram acompanhados de seus familiares. Com relação à origem dos entrevistados, a maioria nasceu em cidades da região sudeste do país – São Paulo e Rio de Janeiro (Quadro 3).

Quadro 3 – Situação familiar dos bolsistas entrevistados

No.	Entrevistados	Idade	Situação	Estado de Nascimento	Atividades profissionais dos pais	Estado civil	Número de filhos
1	Cássia	45	DS	Rio de Janeiro	Pai: comerciante Mãe: funcionária pública	Casado	02
2	Josué	40	DS	Ceará	Pai: funcionário empresa privada Mãe: dona-de-casa	Solteiro	-
3	Valdemar	40	DS	São Paulo	Pai: taxista Mãe: dona-de-casa	Casado	-
4	Ana	32	DS	Pernambuco	Pai: corretor de imóveis Mãe: psicóloga	Solteiro	-
5	Silvia	41	DS	Bahia	Pai: comerciante Mãe: dona-de-casa	Solteiro	-
6	Mariana	54	PD	São Paulo	Pai: médico Mãe: dona-de-casa	Casado	02
7	Rosana	43	PD	São Paulo	Pai: - Mãe: dona-de-casa	Casado	03
8	Antonino	45	PD	São Paulo	Pai: (ens. básico) Mãe: dona-de-casa	Casado	03
9	Gerson	37	DS	Rio de Janeiro	Pai: taxista Mãe: costureira	Solteiro	-
10	Lúcia	31	DP	Rio de Janeiro	Pai: economista Mãe: artista plástica	Solteiro	-
11	Regiane	33	DS	São Paulo	Pai: metalúrgico Mãe: dona-de-casa	Casado	-
12	Henrico	43	DS	Rio de Janeiro	Pai: (ens. médio) Mãe: dona-de-casa	Solteiro	-
13	Pedrina	32	DP	Goiás	Pai: médico Mãe: decoradora	Casado	01
14	Edson	36	DS	São Paulo	Pai: médico aposentado Mãe: professora aposentada	Solteiro	-

A caracterização familiar dos entrevistados, por si só, já leva a perceber a importância trazida pela institucionalização da pós-graduação - via a reforma universitária brasileira de 1968²⁴ - para a influência no campo acadêmico nacional, como também para a transformação das chances das carreiras profissionais e a indissociação entre ensino e pesquisa. Entre as medidas propostas pela reforma para aumentar a eficiência da universidade destacam-se: o sistema departamental, o vestibular unificado, o sistema de créditos e a matrícula por disciplinas, a carreira do magistério e a pós-graduação²⁵.

A regulamentação da pós-graduação pautou-se sobre experiências estrangeiras, principalmente dos Estados Unidos, bem como da França, Inglaterra e Alemanha e justificou-se em dotar o Brasil de espaços especializados para o aprofundamento de estudos e pesquisas e promover o avanço na área de ciência e tecnologia²⁶. Baseado nesse sistema de pós-graduação, institucionalizado no Brasil em 1968 e que trouxe o Mestrado e o Doutorado, todos os nossos entrevistados realizaram ou estavam realizando a pós-graduação na modalidade *stricto sensu*, nas formas de mestrado e de doutorado, isto é, em programas de formação científica mais amplos e aprofundados do que os previstos em uma pós-graduação *lato sensu*²⁷.

²⁴A Lei de Reforma Universitária (Lei n. 5.540/68) de 28 de novembro de 1968, imposta no regime militar, referendou tanto o parecer CFE n. 977/65 quanto a sugestão do GTRU (Grupo de Trabalho da Reforma Universitária), construído em 1968 com a missão de estudar a reforma da universidade brasileira, e dentre os postulados estava a consolidação dos cursos de pós-graduação (Cf. CURY, Carlos Roberto Jamil. Quadragésimo ano do Parecer CFE n. 977/65. *Revista Brasileira de Educação*, n.30, p. 7-20, 2005).

²⁵FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. *Educar*, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006.

²⁶A regulamentação da pós-graduação no Brasil teve sua aprovação em 03 de dezembro de 1965 – Parecer n. 977 do CFE – e como relator o conselheiro Newton Sucupira (Cf. BOMENY, Helena. *Newton Sucupira e os rumos da educação superior*. Brasília: paralelo 15/CAPES, 2001, p. 63-9).

²⁷O sistema de pós-graduação brasileiro, construído a partir de uma universidade relativamente tardia, tem atualmente uma diversidade considerável. No contexto brasileiro, tornou-se corrente a distinção entre a pós-graduação *lato sensu* e a pós-graduação *stricto sensu*. Os cursos de pós-graduação *lato sensu*, embora oferecidos em alguns casos sob a forma de extensão, assumem as formas de aperfeiçoamento e especialização e constituem uma espécie de prolongamento da graduação. Esses cursos visam a um aprimoramento (aperfeiçoamento) ou aprofundamento (especialização) da formação profissional básica obtida no curso de graduação correspondente. A pós-graduação *stricto sensu*, organizada sob as formas de mestrado e doutorado, possui um objetivo próprio à formação acadêmica na formação de pesquisadores. A pós-graduação *stricto sensu*, além do ensino, envolve como elemento central a pesquisa. Assim, os entrevistados dessa pesquisa estão inseridos num programa de pós-graduação *stricto sensu* de uma universidade brasileira, tendo como centro o programa de pesquisa que o estudante desenvolverá e que resultará na tese de doutorado ou em outro produto científico, no caso dos pós-doutorandos (SAVIANI, Dermeval. *A pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação*. In: BIANCHETTI, Lucídio e MACHADO, Ana Maria Netto. *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escritas de teses e dissertações*. Florianópolis: Ed. UFSC; São Paulo: Cortez, 2006, p. 135-63).

A reforma universitária deu novo ânimo às citadas agências governamentais de apoio à pesquisa ao profissionalizar a política de bolsas, anteriormente adotada pelas agências de fomento. A pós-graduação estabeleceu, com o Mestrado e o Doutorado, pela primeira vez no Brasil, a indissociação entre ensino e pesquisa, denotando a idéia de que “uma universidade não pode ser universidade sem que tenha uma programação de pesquisa ou uma política de pesquisa”²⁸. A idéia principal da reforma era fazer com que a universidade deixasse de ser uma simples instituição de ensino destinada à formação de profissionais, para assumir também funções de pesquisa de âmbito científico e tecnológico, a fim de dotar o país de espaços especializados para o aprofundamento dos estudos e pesquisas, espaços que facilitassem o avanço na área de ciência e tecnologia. O fundamento da reforma pode ser visto na criação do PICD (Programa Institucional de Capacitação de Docentes, instituído e gerenciado pela CAPES/MEC), em 1976, que possibilitou a concessão de bolsas de estudos a professores universitários, os quais, mantendo seu salário integral, puderam dedicar-se a seus estudos pós-graduados nos principais programas de pós-graduação no país e no exterior e assegurou a formação de quadros para a pesquisa e a docência na pós-graduação. É o caso de uma das bolsistas, docente na UNESP e que recebeu a bolsa para realizar o Mestrado e o Doutorado.

Assim, todo o exposto demonstra que, quando nossos bolsistas entrevistados se candidataram a uma bolsa de estudos no exterior, no ano 2004 e 2005, as universidades já exibiam um enraizamento do pólo institucional no ensino superior, que estamos explorando neste capítulo.

Desde o seu início a pós-graduação alicerça a formação de especialistas nas áreas científicas e tecnológicas, proporcionando investimentos na formação de recursos humanos no país e no exterior e a promoção de cooperação científica entre os países. Neste sentido, destacamos no ano de 2005 a comemoração do quadragésimo ano do parecer da CFE n. 977/65. Esse parecer é o texto fundador da pós-graduação sistemática no Brasil e após ele, praticamente, não houve nenhum outro texto com impacto desse nível na educação superior

²⁸BOMENY, *op. cit.* p.105-6.

no Brasil²⁹. Destaco o ano de 2005, pois foi o ano em que os entrevistados estavam realizando seu estágio em Paris e

“em nosso entender um programa eficiente de estudos pós-graduados é condição básica para se conferir à nossa universidade caráter verdadeiramente universitário, para que deixe de ser instituição apenas formadora de profissionais e se transforme em centro criador de ciência e de cultura”³⁰.

1.1 O impacto da regulamentação das bolsas de estudo na trajetória acadêmica dos entrevistados

Os investimentos para realizar uma especialização de estudos no exterior são uma forma do pesquisador desenvolver-se no campo científico. Os bolsistas, durante as entrevistas realizadas na França em 2005, à medida que narravam suas histórias de vida, apresentavam especificidades da sua trajetória acadêmica e as estratégias de investimentos possíveis.

A partir dos relatos dos bolsistas a respeito de suas trajetórias acadêmicas e dos levantamentos de dados de seus currículos, classificamos os entrevistados em dois grupos: os “mais jovens” (dos 31 aos 36 anos), aqueles que não possuíam um número significativo de insígnias institucionais de prestígio e por isso eram providos de formas inferiores de poder universitário; e os “mais maduros” (dos 40 aos 54 anos), entre eles, por exemplo, os pós-doutorandos, professores mais antigos e com um maior número de títulos de consagração universitários. Os mais jovens (Ana, Lúcia, Regiane, Pedrina e Edson) tiveram um percurso acadêmico de formação contínua na passagem da graduação para o mestrado, ou seja, o intervalo de tempo (em anos) entre o término da graduação e o início do mestrado foi de no máximo um ano (com exceção de Edson, que foi de dois anos). O intervalo de tempo entre o término do mestrado e o início do doutorado para esses indivíduos foi de no máximo quatro anos.

Para os mais maduros, os intervalos de tempo entre a graduação e o mestrado ou entre o mestrado e o doutorado foram mais prolongados. A explicação dada pelos

²⁹CURY, Carlos Roberto Jamil. *Qualificação Pós-Graduada no Exterior*. In: ALMEIDA, Ana Maria Fonseca et. al. *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004, p. 107-43.

³⁰Parecer n.977/65, de 3 dez 1965. Documenta, MEC/CFE, n. 44, p. 79, 1965 *apud* BOMENY, Helena. *Newton Sucupira e os rumos da educação superior*. Brasília: paralelo 15/CAPES, 2001.

entrevistados mais maduros quanto à interrupção na formação foi a necessidade de trabalhar para realizar uma reserva financeira e a constituição de família.

Nos quadros 4, 5, 6 e 7, apresentamos os dados referentes à graduação, mestrado e doutorado realizados pelos entrevistados e as condições financeiras descritas para manutenção do estudo em cada um desses períodos.

Nas diferentes trajetórias, apenas três entrevistadas realizaram parte de sua formação em universidades privadas (Ana, na UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco e Mariana, no IUP – Instituto Unificado Paulista durante a graduação; e Lúcia, na Universidade de Santa Úrsula no Rio de Janeiro no período do Mestrado); os demais freqüentaram somente universidades públicas. As universidades da região sudeste predominaram na formação de graduação, mestrado e doutorado.

Quadro 4 – Dados referentes à graduação dos entrevistados e as condições financeiras de manutenção do estudo

No.	Entrevistados	Formação	Instituição	Período de formação	Condições financeiras de manutenção do estudo	Agência financiadora
1	Cássia	Ciências Sociais	UFRJ	1981-1987	Bolsa + Trabalho	Iniciação Científica - CNPq
2	Josué	Arquitetura e Urbanismo	UFCE	1986-1992	Trabalho	-
3	Valdemar	Engenharia	UFSCar/SP	1986-1991	Família	-
4	Ana	Filosofia	UNICAP/PE	1993-1997	Família	-
5	Sílvia	Educação Física	UCSal/BA	1986-1989	Família	-
		Nutrição	UFBA	1985-1993		
6	Mariana	Psicologia	IUP/SP	1972-1977	Trabalho	-
7	Rosana	Geografia	UNESP	1982-1985	Trabalho	-
8	Antonino	Geografia	UNESP	1982-1985	Trabalho + Família	-
9	Gerson	Artes Cênicas	UNIRIO/RJ	1993-1996	Trabalho + Família	-
10	Lúcia	Ciências Biológicas	UFRJ	1993-1997	Família + Bolsa	Iniciação Científica – CNPq
11	Regina	Ciências Sociais	UNICAMP/SP	1995-1999	Trabalho + Família	-
12	Henrico	Ciências Sociais	UFRJ	1987-1990	Família + Bolsa	Iniciação Científica
13	Pedrina	Relações Internacionais	UnB/DF	1990-1994	Família	-
14	Edson	Engenharia	UFRN	1991-1994	Trabalho + Família	-

Na graduação, a maioria declarou depender financeiramente da família e exercer atividade profissional enquanto realizava seu curso de graduação, sendo que apenas três receberam apoio financeiro de iniciação científica³¹ (Quadro 4). No mestrado, a maioria recebeu apoio de agências de pesquisa: dois CNPq, cinco CAPES, dois FAPESP e um PICD/CAPES. Uma recebeu bolsa da Fundação KELLOGG, duas continuavam dependendo da família e um dependia exclusivamente do trabalho.

O tipo de financiamento dos estudos desses entrevistados no mestrado reitera nossas considerações anteriores quanto à importância da criação das agências governamentais de amparo à pesquisa. No período da graduação oito deles trabalhavam; no mestrado, apenas três. Enquanto onze receberam bolsas no mestrado, apenas três haviam recebido na graduação. Percebe-se a conversão desses indivíduos para o investimento na academia, voltado ao desenvolvimento de pesquisas e também à eficácia do sistema de bolsas para viabilizar financeiramente seus projetos acadêmicos (Quadro 5).

Enquanto a maioria dos demais entrevistados no mestrado era estudante de universidade pública com bolsa financiada por agências governamentais brasileiras, três bolsistas destacaram-se pela diferença em suas trajetórias - Sílvia, Ana e Lúcia.

Sílvia já era docente de uma universidade federal no período que cursava o mestrado e, através de um convênio de cooperação internacional entre essa universidade e uma fundação privada (Fundação KELLOGG³²), teve a oportunidade de aperfeiçoar-se numa instituição na Escócia. Podemos aferir um potencial de investimento acadêmico desde esse período, inclusive de âmbito internacional. No caso de Ana, houve investimento e incentivo familiar para o seu desenvolvimento acadêmico no exterior. Logo após o término da graduação foi à Paris, onde cursou *maîtrise* e, posteriormente, DEA (Diploma de Estudos Aprofundados)³³; para complementar o apoio financeiro recebido da família, ela

³¹Bolsa oferecida a estudantes de graduação universitária, mediante participação em projeto de pesquisa, orientados por pesquisador qualificado, cuja duração é dada pelo período de vigência do Projeto de Pesquisa aprovado e no máximo trinta e seis meses.

³²Durante os primeiros anos da II Guerra Mundial, a Fundação KELLOGG expandiu suas doações para além dos Estados Unidos. Mais de 450 bolsas de estudos foram concedidas a profissionais da área de saúde da América Latina (ver Fundação Kellogg. Endereço virtual: <http://www.wkcf.org/>. Acesso em maio/2009). Cabe destacar aqui, as relações do governo federal brasileiro com as fundações privadas internacionais na década de 90, no apoio à pós-graduação do país. Além da KELLOGG, na área da saúde pública, é importante destacar as atuações da Fundação Ford, em especial na área das ciências humanas e sociais e da Fundação Rockefeller, que atua em diversas áreas (CURY, 2004).

³³Os estudos universitários na França à época compreendiam três etapas: a primeira etapa (equivalente à graduação no sistema brasileiro) dividia-se da seguinte maneira: os dois primeiros anos conferiam o Diploma

também trabalhava. A particularidade que destaca Lúcia é ser a única entrevistada que cursou o mestrado em uma instituição particular (Quadro 5).

Quadro 5 – Dados referentes ao mestrado dos entrevistados e as condições financeiras de manutenção do estudo

No.	Entrevistados	Formação	Instituição	Período de formação	Condições financeiras de manutenção do estudo	Agência financiadora
1	Cássia	Sociologia e Antropologia	UFRJ	1989-1994	Bolsa	CAPES
2	Josué	Arquitetura e Urbanismo	UFBA	1999-2002	Bolsa	CAPES
3	Valdemar	Engenharia	UFSCar/SP	1992-1996	Trabalho + bolsa	FAPESP
4	Ana	Sociologia	EHESS-Paris	2000-2001	Trabalho + Família	-
5	Silvia	Ciências da Saúde	<i>University of Dundee – Escócia</i>	1997-1999	Bolsa	<i>Kellogg Foundation</i>
6	Mariana	Psicologia Escolar	USP	1979-1985	Bolsa	PICD/CAPES
7	Rosana	Geografia	UNESP	1986-1991	Bolsa	CAPES
8	Antonino	Geografia	UNESP	1986-1990	Bolsa	FAPESP
9	Gerson	Teatro	UNIRIO	1997-2000	Bolsa	CAPES
10	Lúcia	Ciências do Mar	Universidade Santa Úrsula / RJ	1998-2000	Família	-
11	Regina	Sociologia	UNICAMP/SP	2000-2002	Bolsa	CAPES
12	Henrico	Sociologia e Antropologia	UFRJ	1992-1996	Bolsa	CNPq
13	Pedrina	Sociologia	UnB/DF	1994-1996	Bolsa	CNPq
14	Edson	Ciências da Computação	UFSC/SC	1996-1998	Trabalho	-

No Doutorado, todos receberam apoio de agências de pesquisa (onze da CAPES, um da FAPESP, um do CNPq e um PICD/CAPES) e trabalhavam, exceto Ana e Regiane, que dependiam exclusivamente da bolsa. A maioria trabalhava como docente, seja em universidade pública ou privada, com exceção de Josué e Valdemar, cujos investimentos profissionais estavam voltados para outros campos. No Doutorado, a carreira acadêmica

de Estudos Universitários Gerais (DEUG) e o terceiro ano correspondia à *licence* e o quarto ano à *maîtrise*. A segunda etapa, equivalente à pós-graduação, dividia-se em duas possibilidades: o *DESS* (Diploma de Estudos Superiores Especializados) ou o *DEA* (Diploma de Estudos Aprofundados). Em termos gerais, o *DESS* demanda um estágio em instituição pública ou privada como etapa de conclusão do curso, e o *DEA* uma dissertação de pesquisa (*Mémoire*). O *DESS* (ou *master professionnelle*) é para quem pretende entrar de imediato no mercado de trabalho. O *DEA* (ou *master recherche*) é considerado o passaporte para quem deseja realizar uma tese de doutorado. A terceira etapa conduzia à *Thèse* de doutorado (03 anos depois do *DEA*). No total são 08 anos de estudos superiores.

dos entrevistados já se mostrava mais cristalizada, com os indivíduos engajados profissionalmente nas instituições de ensino e pesquisa. (Quadro 6).

Os dados apresentados no Quadro 6 mostram que a maioria dos entrevistados em Doutorado-Sanduíche e Doutorado Pleno cursou-o em instituição pública. As exceções são: Sílvia, que estudou numa instituição privada católica (PUC-SP), e Lúcia e Pedrina, que estavam cursando Doutorado Pleno no exterior, respectivamente na Paris VI e na EHESS.

Quadro 6 – Dados referentes ao doutorado dos entrevistados em Doutorado-Sanduíche e Doutorado Pleno e as condições financeiras de manutenção do estudo

No.	Entrevistados	Formação	Instituição	Período de formação	Condições financeiras de manutenção do estudo	Agência financiadora para o estágio na França
1	Cássia	Antropologia	UFF/RJ	2002-2007	Trabalho + Bolsa	CAPES
2	Josué	Arquitetura e Urbanismo	UFBA	2003-2008	Trabalho + Bolsa	CNPq
3	Valdemar	Engenharia	UFSCar/SP	2003-2008	Trabalho + Bolsa	CAPES
4	Ana	Educação	UNICAMP/SP	2003-2007	Bolsa	FAPESP
5	Sílvia	Ciências Sociais	PUC/SP	2002-2006	Trabalho + Bolsa	CAPES
9	Gerson	Artes Cênicas	UFBA	2004-2008	Trabalho + Bolsa	CAPES
10	Lúcia	Ciências do Meio Ambiente	Paris VI	2002-2006	Bolsa	CAPES
11	Regina	Ciências Sociais	UNICAMP/SP	2003-2008	Bolsa	CAPES
12	Henrico	Ciências Sociais	UNICAMP/SP	2002-2007	Trabalho + Bolsa	CAPES
13	Pedrina	Ciências Sociais / Sociologia	EHESS- Paris	2000-2007	Trabalho + Bolsa	CAPES
14	Edson	Ciências da Computação	UFRGS/RS	2002-2007	Trabalho + Bolsa	CAPES

No quadro 7, separamos os dados referentes ao doutorado de Mariana, Rosana e Antonino que, no momento da entrevista em Paris, estavam cursando o pós-doutorado. Mariana (Doutorado em 1992), Rosana (Doutorado em 2000) e Antonino (Doutorado em 1996) e seguiam carreira docente em universidades públicas e, no doutorado, não haviam participado de um processo de circulação internacional³⁴ (Quadro 7).

³⁴Talvez por serem professores já formados há algum tempo, com famílias constituídas e filhos em idade escolar, tiveram no momento do Doutorado menor motivação e/ou maiores dificuldades de se especializar no exterior.

Quadro 7 – Dados referentes ao doutorado dos entrevistados em Pós-Doutorado e as condições financeiras de manutenção do estudo

No.	Entrevistados	Formação	Instituição	Período de formação	Condições financeiras de manutenção do estudo	Agência financiadora do doutorado no Brasil
6	Mariana	Psicologia Escolar	USP	1987-1992	Trabalho + Bolsa	PICD/CAPES
7	Rosana	Geografia	UNESP	1996-2000	Trabalho + Bolsa	CAPES
8	Antonino	Geografia	UNESP	1992-1996	Trabalho + Bolsa	CAPES

Foi de fundamental importância a institucionalização da pós-graduação brasileira, via reforma universitária, na formação de quadros para pesquisa, no apoio à especialização de docentes no país ou no exterior; na regulamentação do sistema de bolsas, favorecendo, por exemplo, o processo do mestrado e do doutorado dos nossos entrevistados. Mas para que essas formações ocorressem foi necessário o vínculo institucional do pesquisador. No caso do Doutorado-Sanduiche³⁵, através do acordo científico entre a universidade brasileira e a francesa, mediado entre o orientador brasileiro e o estrangeiro, o doutorando pôde fazer uma parte de seu doutorado em Paris para posteriormente retornar ao Brasil, com a finalidade de preparar a defesa de sua tese. Desde a saída havia um objetivo específico de retorno a ser cumprido. O contato dos bolsistas em Doutorado-Sanduiche com o orientador francês foi estabelecido através do orientador brasileiro, devido à existência de acordo científico que favoreceu o intercâmbio dos pesquisadores em sua especialização na França.

Os orientados de Doutorado-Sanduiche tinham seus projetos individuais atrelados à linha de pesquisa do orientador. Assim, não é surpreendente que a maioria dos entrevistados tenha mantido o mesmo tema de pesquisa no Mestrado e no Doutorado, ainda mais considerando o papel das especializações no campo acadêmico (Quadro 8).

³⁵Em 2005, a Capes concedeu 600 bolsas estágio de Doutorado-Sanduiche para o exterior. O Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior (PDEE) era específico para alunos de programas de conceito 5, 6 e 7. A partir de janeiro de 2006, PDEE estendeu-se com bolsas de estudo para programas de conceito 4. (Portal CAPES - Disponível na internet: <http://www.capes.gov.br>, acesso em janeiro/2009).

Quadro 8 – Temas das pesquisas de mestrado e doutorado dos bolsistas de Doutorado-Sanduíche³⁶ e linha de pesquisa do orientador

No.	Entrevistados	Pesquisa mestrado	Pesquisa doutorado	Linha de pesquisa do orientador
1	Cássia*	Representação do pequeno produtor rural	Igualdade e hierarquia no espaço público – Administração de conflitos em Niterói	Segurança Pública e violência urbana. Formas institucionais de administração de conflitos
2	Josué	Teoria do restauro – arquitetura e urbanismo	Valorização do patrimônio cultural de cidades tombadas do Ceará	Territórios urbanos e políticas culturais
3	Valdemar*	Gestão da produção industrial	Aspectos organizacionais na Administração Pública	Campo econômico e campo do poder
4	Ana	Espaço da filosofia no Brasil	Sociologia do campo filosófico brasileiro	Cooperação internacional e espaço acadêmico
5	Sílvia*	A educação do profissional de nutrição no Brasil	Estudo sobre as práticas corporais e alimentares em Salvador	A dupla natureza do corpo
9	Gerson	Processo de formação do ator através do uso e estudo de formas animadas	Ensino de direção teatral	Formas de espetáculos
11	Regiane	A logística da precarização. Terceirização do trabalho na indústria automobilística	Terceirização e ação sindical - Reestruturação do capital no Brasil	Para onde vai o mundo do trabalho?
12	Henrico	Novos quadros profissionalizados das ONGs (produtos e serviços recreativos)	Preferência musical no meio popular em Campinas	Produção cultural na área musical
14	Edson	Aplicações de tempo real em ambiente baseado em multicomputador	Redes em chip para sistemas embarcados - Otimização de medidas de qualidade de serviço em tempo real	Sistemas eletrônicos embarcados baseados em plataforma

Os três pesquisadores de Pós-Doutorado, professores doutores e atuantes em atividade de docência e de pesquisa em universidades públicas no Brasil, mantiveram seus temas de pesquisa no mestrado, doutorado e na pós-graduação. Quanto à vinda dos pesquisadores em Pós-Doutorado para se especializar na França, eles foram mais autônomos no contato com os docentes franceses.

³⁶As exceções são os trabalhos de Cássia, Sílvia e de Valdemar. Cássia, formada em Ciências Sociais (UFRJ, 1989-94), pesquisou a construção de representação do pequeno produtor rural no mestrado. No doutorado (UFF, 2002-07), estudou a igualdade e a hierarquia no espaço público e analisou a administração pública de conflito no espaço urbano. Sílvia estudou os aspectos da educação do profissional da nutrição durante o mestrado (Escócia, 1997-99) e, no doutorado (PUC/SP, 2002-06), voltou-se às Ciências Sociais. Valdemar, engenheiro, pesquisou uma aplicação computacional, ou seja, voltada à área tecnológica em seu mestrado (UFSCar, 1992-96); posteriormente, no doutorado (UFSCar, 2003-08) desenvolveu pesquisa na área da administração pública.

A primeira especialização em nível de pós-doutorado de Mariana ocorreu na EHESS no período de 1996/1997, com auxílio financeiro da agência de pesquisa CAPES. No momento da entrevista, tratava-se da segunda especialização que a mesma realizava, onde para essa especialização, enviou cartas a três universidades no exterior e obteve o aceite das três para complementar a questão teórica de sua pesquisa. Rosana foi incentivada, por docentes, que trabalham com ela no Brasil e que já haviam estudado em Paris, e enviou uma carta ao orientador francês ligado ao seu tema de pesquisa. A decisão de Antonino para procurar o orientador francês foi justificada pela expressiva produção científica do mesmo a respeito do tema de sua pesquisa. Tanto Rosana quanto Antonino estudaram em Paris no CRBC da EHESS, um centro de pesquisas que discute as questões contemporâneas do Brasil e cujo diretor é um professor de nacionalidade brasileira (Quadro 9).

Quadro 9 – Temas das pesquisas de mestrado, doutorado e pós-doutorado dos bolsistas de Pós-Doutorado

No.	Entrevistados	Pesquisa mestrado	Pesquisa doutorado	Pesquisa Pós-doutorado
6	Mariana	Regras escolares – desenvolvimento moral	Representações políticas – construção da democracia e a escola	Representações sociais e Teoria da Moralidade
7	Rosana	Modernização da agricultura	Produção familiar	Associação de pequenos produtores rurais
8	Antonino	Binômio soja e trigo	Agroindústria	Políticas públicas e desenvolvimento rural – Projeto de microbacias

Neste sentido, também notamos coerência nos temas das pesquisas de mestrado e de doutorado das bolsistas em Doutorado Pleno (Quadro 10). Suas candidaturas à especialização no exterior foram apoiadas por docentes brasileiros – tutor – e seus temas de pesquisa foram delineados pelos próprios orientadores franceses. Os contatos com os orientadores franceses estabeleceram-se através de suas redes acadêmicas e sociais existentes no Brasil. No caso de Pedrina, através do vínculo dos docentes da universidade na qual cursou a graduação e o Mestrado (UnB) com os docentes franceses; Lúcia tinha suas relações acadêmicas estabelecidas desde o Mestrado:

“E quando eu terminei o mestrado, ele [um professor francês radicado no Brasil] e um outro professor de Química foram ao Grande Rio com uma proposta de fazer um trabalho na Ex-Guanabara e sugeririam o meu nome, porque eles tinham gostado de trabalhar comigo. Então, na verdade, a Universidade não tinha condição de bancar, a Universidade do Rio, mas eles convidaram e eu vim. Pedi uma bolsa para Capes e consegui a bolsa e vim. Na verdade, eu vim porque fui convidada para vir” (Lúcia, Doutorado Pleno).

Quadro 10 – Temas das pesquisas de mestrado e doutorado dos bolsistas de Doutorado Pleno

No.	Entrevistados	Pesquisa mestrado	Pesquisa doutorado
10	Lúcia	Estudo do bacterioplâncton na baía de Guanabara	Caracterização da Microbiologia e Hidrocarbonetos na bacia de Guanabara
13	Pedrina	Comportamento político	Partido dos Trabalhadores e o poder

Como em nossa pesquisa consideramos essas três modalidades de estudo de pós-graduação, é relevante trazer a discussão, no campo acadêmico, em torno da função e do impacto das modalidades de estudo, seja o Doutorado-Sanduiche, Doutorado Pleno e o Pós-Doutorado na formação dos pesquisadores brasileiros. Assume-me que o Doutorado-Sanduiche contribui para a formação do doutorando e para sua inserção no campo científico tanto quanto o Doutorado Pleno. Mas o argumento-chave dessa comparação é que a bolsa de Doutorado-Sanduiche é mais barata, evita a permanência dos doutores no exterior e os problemas da falta de adaptação no retorno, ao mesmo tempo, em que propicia treinamento e experiência de estudo e de pesquisa no exterior, ou seja, ganha-se o mesmo que com o Doutorado Pleno, mas com um custo menor³⁷. Cabe destacar também que no início do programa de doutorado, nos anos 1970, não havia doutores no Brasil para orientar teses e formar professores. Os estudantes de pós-graduação eram encaminhados para se formar no exterior. Com os doutores formados no Brasil, a partir de 1990, as agências adotaram a bolsa de Doutorado-Sanduiche, pois já havia doutores brasileiros para orientar teses. A ida ao exterior estava mais voltada à necessidade de colocar os doutorandos em contato com a produção científica existente nos centros mais importantes de pesquisa no mundo.

³⁷VELHO, Léa. Formação de doutores no país e no exterior: estratégias alternativas ou complementares? *Dados. Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 607-31, 2001.

O relato a seguir exemplifica o debate ocorrido desde a segunda metade dos anos 90, sobre o crescimento acelerado do número de Doutorados-sanduíches no país, enquanto o conjunto das bolsas de Doutorado Pleno no exterior, oferecidas pelas duas principais agências de apoio à pesquisa, a CAPES e o CNPq, declinaram, devido a uma reorientação dos recursos para as bolsas de doutorado no país e o crescimento do apoio para os programas de Doutorado-Sanduíche e Pós-Doutorado³⁸.

“Se eu voltasse no tempo, eu faria diferente. Eu teria tentado contato com uma USP, Unicamp ou mesmo a UFRJ, tentado, apesar de que não tem na minha área nem Mestrado nem Doutorado, mas eu tentaria numa outra universidade sim e eu faria sanduíche” (Lúcia, Doutorado Pleno).

O estudante de Doutorado Pleno tem sua aprovação e seu título dependentes de seu desempenho realizado no exterior. Esse estudante, para receber o título, tem que conhecer o funcionamento da universidade, freqüentar e ser aprovado em disciplinas em diferentes departamentos, escrever relatórios e trabalhos finais de disciplinas, interagir com os estudantes locais e demais estrangeiros, escrever a tese em idioma estrangeiro, enfim, ser plenamente socializado no sistema do país de acolhimento³⁹. Porém, a permanência fora do campo universitário brasileiro por quatro anos pode levar a um afastamento das relações acadêmicas e sociais estabelecidas:

“Então, eu vejo os meus colegas lá, estão todos dando aula ou nas particulares, ou como pós-doc na UnB ou estão trabalhando em vários projetos de pesquisa com os professores lá e com várias publicações, os que fizeram mestrado comigo e terminaram o doutorado primeiro. Eles estão integrados porque aqui, você vem, você investe tudo aqui e você não tem como se investir profissionalmente. Lá, a formação universitária está muito mais próxima do mundo do trabalho, então você está fazendo as duas coisas ao mesmo tempo, aqui, não, você é um mero estudantezinho” (Pedrina, Doutorado Pleno).

Quanto ao Pós-Doutorado, o argumento é de que se trata de um programa mais voltado à reciclagem e à experiência internacional para pesquisadores já formados,

³⁸Cf. CANÊDO, L.B.; GARCIA, A. *Les boursiers brésiliens et l'accès aux formations d'excellence internationale. Cahiers du Brésil Contemporain*, v. 59/60, n. 57/58, p. 21-48, 2004/2005 e VELLOSO, J. (org.). *Formação no país ou no exterior? Doutores na pós-graduação de excelência. Um estudo na Bioquímica, Engenharia Elétrica, Física e Química no País*. Brasília: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002. 260 p.

³⁹VELHO, *op. cit.* p. 621-24.

concedendo-lhes interagir e conviver com equipes de alta reputação científica no exterior e de se inserir em redes internacionais⁴⁰, como eram os objetivos dos bolsistas de Pós-Doutorado.

1.2 Estruturas institucionais de acolhimento aos estudantes estrangeiros na França

Além da estruturação do ensino superior, da institucionalização do sistema de pós-graduação, da regulamentação das bolsas de estudo – através do apoio das agências governamentais brasileiras – a cooperação científica entre o Brasil e os países reconhecidos como pólos produtores de conhecimento propiciou aumento do número de pesquisadores e estudantes brasileiros no exterior⁴¹.

Nesta pesquisa, sublinhamos a relação de cooperação científica entre o Brasil e a França. Destacamos o acordo institucional do programa CAPES/COFECUB (Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil)⁴², pois a maioria dos entrevistados em Doutorado-Sanduíche estavam inseridos nesse programa. O CAPES/COFECUB tem por objetivo ser um meio facilitador para o desenvolvimento de projetos conjuntos de pesquisa entre Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil e da França e estimular a formação e o aperfeiçoamento de doutorandos e docentes⁴³. No

⁴⁰*Ibidem*

⁴¹Dentre os acordos se destacam: DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) fundado em 1972, sede no Rio de Janeiro; PROBRAL - cooperação científica das Instituições de Ensino Superior do Brasil e da Alemanha; UNIBRAL, ligado ao DAAD, para estimular o intercâmbio de grupos de estudantes de graduação e docentes de Instituições de Ensino Superior brasileiras e alemãs; FULBRIGHT (Comissão para intercâmbio educacional entre os Estados Unidos e o Brasil), estabelecido desde 1957 no Brasil; BRITISH COUNCIL (Organização Cultural mantida pelo governo do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte) funciona no Brasil desde 1945 e as atividades abrangem a divulgação educacional e científica através do Acordo de Cooperação Técnica assinado entre os Governos do Brasil e da Grã-Bretanha.

⁴²As origens do programa CAPES-COFECUB constituem um desdobramento da visita de um grupo de reitores franceses, em 1973, em instituições da região nordeste. Os termos foram assinados em 5 de outubro de 1978. As missões decorrentes do acordo foram confiadas, na França, ao COFECUB (Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil) e, no Brasil, à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), órgão do Ministério da Educação. O objetivo inicial do acordo CAPES-COFECUB visava o desenvolvimento das universidades da região nordeste do Brasil, pois as ações das agências de fomento nacionais não estavam mostrando-se adequadas para atender às necessidades do padrão acadêmico dessas universidades.

⁴³Outra parceria mais recente entre os dois países foi assinada em Paris, no mês de junho de 2005, um protocolo de intenções para a criação do Colégio Doutoral Franco-Brasileiro (CDFB). A iniciativa é inédita porque permitiu que os doutorandos tivessem o título reconhecido automaticamente nos dois países. Pelo acordo, estudantes brasileiros podem fazer doutorado em universidades da França e bolsistas franceses, nas instituições brasileiras (CAPES, 2005).

período de 1982 a 2004, 753 pesquisadores brasileiros haviam recebido bolsa do Programa CAPES/COFECUB: 300 em Doutorado Pleno, 292 em Doutorado-Sanduíche, 142 em Pós-Doutorado, 17 em Especialização e dois em Mestrado (Gráfico 1)⁴⁴.

Modalidades de Bolsas - Programa CAPES-COFECUB (1982 - 2004)

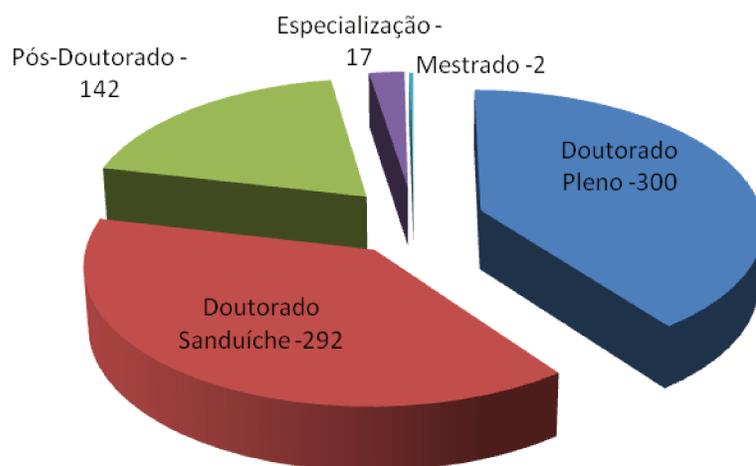


Gráfico 1 – Bolsas concedidas pelo Programa CAPES/COFECUB – período entre 1982 e 2004

A França, segundo destino dos estudantes brasileiros, é a menina dos olhos de muitos indivíduos que pretendem completar a formação acadêmica no exterior⁴⁵. Os tradicionais centros de pesquisa e a excelência acadêmica das universidades francesas estão entre os principais pontos de atração, principalmente em certas disciplinas, tais como a Filosofia, Sociologia, Antropologia, Geografia, Psicologia e Educação⁴⁶.

⁴⁴Dados obtidos da Planilha em Excel, confeccionada pelo grupo FOCUS/UNICAMP, referentes às bolsas do Programa CAPES/COFECUB (período de 1982 a 2004).

⁴⁵Os Estados Unidos recebem os estudantes brasileiros das disciplinas ligadas ao pólo econômico e político do poder (CÂNEDO & GARCIA, 2004/2005).

⁴⁶GARCIA, Afrânio. Circulation Internationale et formation d'une "école de pensée" latino-américaine (1945-2000). *Social Science Information*, v.44, n.2-3, p. 521-55, 2005.

“[...] a França tem uma longa tradição nos estudos, enfim, de pesquisadores importantes na minha área, que são franceses. A Geografia, no Brasil, foi levada por franceses. Então, na minha formação, desde a graduação, a França é por vários motivos e pelo peso dos franceses na literatura na área e também pelas experiências francesas na área, então, desde a graduação, a França me chamava a atenção” (Antonino, Pós-Doutorado, área de Geografia).

Os entrevistados relataram a existência de vários fatores que colaboraram para definir a França como país de destino, sejam seus interesses pessoais (pelo país, pela cultura, afinidades filosóficas) ou intelectuais (objeto da tese, bibliografia, arquivos, excelência francesa no domínio de certas disciplinas, a presença de autores de referência na disciplina escolhida)⁴⁷. Entretanto, o que se percebe é que essa “migração temporária com finalidade de estudo pode ser tudo, menos individual” (Gusmão, 2008, p.8), porque nesse processo de circulação, os pesquisadores encontravam-se em uma situação onde muitos dos parâmetros já estavam previamente definidos (entre eles, o próprio destino – a França), pois estavam vinculados às alianças de cooperação científicas internacionais existentes ou às relações sociais e acadêmicas dos pesquisadores brasileiros ou de seus orientadores.

No âmbito da circulação internacional na França, cabe destacar a existência de estruturas para operacionalizar as políticas francesas de acolhimento a estudantes estrangeiros, que envolvem diversos ministérios, tais como: Assuntos Estrangeiros, Cooperação, Educação Nacional, Interior⁴⁸. Dentre as estruturas, podemos citar o CNOUS (*Centre National des Oeuvres Universitaires et Scolaires*), com 28 regionais - CROUS

⁴⁷Cf. MUÑOZ, Marie-Claude. La mobilité internationale à destination de la France: données objectives et expérience existentielle. In: *Colóquio Saber e Poder*, outubro, 2008. Campinas. Faculdade de Educação – UNICAMP (Texto disponível na internet: <http://www.fe.unicamp.br/focus/>, acesso em março/2009).

⁴⁸Em seu relatório ao Primeiro Ministro, de 1997, Patrick Weil (Relatório *Weil*), historiador francês e cientista político do CNRS, que estuda a história da imigração na França e trabalhou como chefe de pessoal do secretariado do Estado para Imigrantes em 1981 e 1982, analisando a política de acolhimento de estudantes estrangeiros, considerou que a política revelava incoerências: entre a vontade de acolher os melhores elementos e o medo do risco migratório; sobre o financiamento de uma rede de estabelecimentos escolares no estrangeiro, mas que não acolhia os antigos alunos estrangeiros dos liceus franceses; oscilação entre a vontade de utilizar as competências dos melhores a serviço da influência francesa e a afirmação de que o estudante estrangeiro tivesse vocação para retornar a seu país de origem assim que sua formação terminasse. Em 1998, a Lei *Chevènement*, inspirada nas recomendações do Relatório *Weil*, introduziu modificações das condições de entrada e permanência dos estudantes estrangeiros e seus efeitos foram logo percebidos, pois em três anos o número de vistos "estudante" praticamente duplicou (MUÑOZ, Marie-Claude. Políticas francesas de acolhimento dos estudantes estrangeiros (1970-2002). In: ALMEIDA, Ana Maria Fonseca et. al. *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004, p.188-212).

(*Centre Régional des Oeuvres Universitaires et Scolaires*), sob a tutela do ministério da educação nacional, do ensino superior e de pesquisa⁴⁹. Administra residências universitárias, como por exemplo a CIUP (*Cité Internationale Universitaire de Paris*), um conjunto arquitetônico que abriga 40 casas de estudantes de diversas nacionalidades (*maisons* da cidade universitária).

De modo geral, o que se percebe é que os contatos firmados com as universidades francesas ocorreram devido aos acordos científicos bilaterais entre os dois países, bem como, as redes sociais e acadêmicas entre os docentes brasileiros e franceses. Este trabalho mostra o quanto o enraizamento do pólo institucional no ensino superior é relevante. Podemos verificá-lo na necessidade dos pesquisadores estarem atrelados a uma instituição brasileira; cumprir as exigências necessárias do programa de pós-graduação; ter um orientador ou tutor para a orientação de sua pesquisa; obter uma bolsa de estudos por intermédio de uma agência de apoio governamental; integrar-se a uma instituição de ensino no exterior abrangida por um acordo de intercâmbio internacional.

A pesquisa demonstrou, portanto, que a pós-graduação, desde sua institucionalização, possibilitou a qualificação dos pesquisadores, estimulou o desenvolvimento da pesquisa científica, inclusive, viabilizou o processo de circulação internacional, como pudemos verificar por meio dos nossos entrevistados, via a concessão de bolsas de estudo pelas agências governamentais. Esboçamos uma ordenação da posição desses indivíduos na dimensão do engajamento acadêmico e verificamos, praticamente, duas posições: os “mais jovens”, estudantes com formação contínua, voltados para o estabelecimento de uma posição no campo acadêmico, pois não tem um cargo numa instituição acadêmica e buscam alcançar uma colocação na função de docente numa universidade pública. Os “mais maduros”, que têm uma carreira profissional mais consolidada, onde a maioria exerce a função docente (com exceção de Josué e Valdemar) em universidades públicas (com exceção de Cássia), ou seja, atuam em atividades de ensino, de pesquisa e de administração, e buscam na especialização no exterior uma inserção internacional para estabelecer intercâmbios científicos e abertura de novas linhas de pesquisa, visando à manutenção e ao seu aperfeiçoamento nesse campo. Em ambos os casos, tanto na busca pelo estabelecimento quanto pela manutenção e aprimoramento de

⁴⁹ *Ibidem*.

suas posições no campo acadêmico, o papel das instituições nas trajetórias acadêmicas dos entrevistados foi de fundamental importância, seja em suas formações acadêmicas nacionais quanto no processo de especialização no exterior.

As disposições dos bolsistas para lidar com as situações cotidianas no novo ambiente e os vínculos acadêmicos dos bolsistas no processo de especialização nas instituições francesas serão analisadas no capítulo 2, bem como, as implicações, sejam nas visões de mundo e na carreira profissional no espaço acadêmico brasileiro.

CAPÍTULO 2 – Disposições e Implicações do processo de circulação internacional dos bolsistas

O papel das instituições brasileiras de apoio à pesquisa nas trajetórias acadêmicas dos entrevistados foi fundamental para propiciar o intercâmbio dos pesquisadores, de diversas áreas do conhecimento, em instituições científicas de ponta na França.

Neste capítulo, acrescentamos outros elementos que contribuíram para mobilizar as disposições dos bolsistas no aperfeiçoamento de suas trajetórias acadêmicas e na superação das dificuldades de adaptação dos bolsistas ao sistema de ensino superior francês e para administrar as situações cotidianas vividas no estrangeiro: escolha do local de moradia e alimentação; relação com os trâmites burocráticos para a regularização de seu *séjour*; sentimentos advindos da solidão ou presença da família. Tais disposições foram consideradas importantes para o bom aproveitamento da estadia, razão pela qual apresentamos neste capítulo algumas informações sobre o funcionamento do ensino superior francês e da adaptação dos bolsistas a esse sistema, sobre os aspectos da experiência de ser bolsista no exterior e as implicações desse processo no campo acadêmico nacional.

2.1 Adaptação dos bolsistas ao sistema de ensino superior francês

Com a aplicação da reforma dita "LMD" (*Licence, Master, Doctorat*), o sistema de ensino superior francês, desde 1998, por ocasião do oitavo centenário da *Sorbonne*, respondendo ao apelo do programa de harmonização européia, está fundamentado sobre três pilares que visam facilitar a livre circulação dos estudantes por meio da unificação dos sistemas universitários europeus: o LMD (*License Master Doctorat*), os créditos ECTS (*European Credits Transfer System*) e a produção dos dispositivos legislativos necessários para assegurar a qualidade⁵⁰ prescrita pelos objetivos elaborados pelo Conselho da Europa,

⁵⁰Ferramenta do mundo industrial para regulação das trocas mercantis permitindo garantir aos clientes uma homogeneidade nas características dos produtos. Ela equilibra a relação de forças entre o produtor e o consumidor. Este conceito, incorporado no campo da educação, toma a universidade como produtora de um bem a ser consumido e os estudantes como seus clientes.

os quais reservam à educação e à inovação científica um lugar privilegiado na competição econômica⁵¹.

Comparativamente, com base na reforma realizada há 30 anos, em 1968, o sistema da educação superior brasileira está assentado nos mesmos pilares institucionais, também modelado no sistema universitário que os americanos vêm divulgando desde 1950. O fato dos estudantes brasileiros conhecerem este sistema foi importante para o trabalho deles no exterior, pois no mundo globalizado, esta padronização dos sistemas de ensino assume uma grande importância. Os projetos dos bolsistas estavam inseridos também num outro aspecto exigido por este sistema, que é o melhoramento da qualidade, o qual vem assegurando o crescente controle das universidades pelas instituições que decidem (Ministérios, Conselhos, etc.), com vistas a que elas se inscrevam nos objetivos fixados pelas reformas impostas (GARCIA, 2008).

Este controle influenciado pela Teoria do Capital Humano, que enfatiza o aumento da produtividade dos indivíduos escolarmente educados, é definido pelos agentes das diversas reformas realizadas nestas instituições como um fator de crescimento determinante na competição internacional. Ele leva em conta a inovação científica e a exportação de serviços educativos. Os estudantes estrangeiros, entre os quais estão os nossos bolsistas, com isso passam a ser mais valorizados em função da possibilidade de se manter financeiramente e de possuir bom nível acadêmico. Sob esse aspecto para a França, como país de acolhimento, as formações oferecidas são pensadas como produtos de exportação. Isto porque os bons estudantes se tornarão os futuros empregados mais valorizados no mercado e promoverão a classificação internacional dos estabelecimentos de ensino (GARCIA, 2008). É o que se pode bem compreender por meio da fala de uma das bolsistas que trabalhou num laboratório de Microbiologia no sul da França:

“Primeiro, em alguns lugares eu tive o problema das pessoas me encararem meio mal porque havia o preconceito de que eu tivesse roubando bolsa (estudos) de algum francês. Assim que eu deixava claro que minha bolsa não era francesa, era brasileira, os franceses já melhoravam mas, é verdade que mesmo você mostrando que você é capaz, que você é produtiva, eles vão estar sempre te olhando como se você subdesenvolvido, uma pessoa, a que veio de um país de terceiro mundo, assim, qualquer coisa que eu faça surpreende: “Nossa! L. consegue fazer isso!!! Imagina

⁵¹GARCIA, 2008 e CHARLE, 2004.

ela veio lá do tupiniquim?!” Mas tem muita gente que nos trata muito bem, tem muita gente, tem muitas pessoas, às vezes, eu me sinto uma ave rara, uma ave exótica do jeito que as pessoas olham, até mesmo, ainda que seja com admiração, é sempre uma coisa exótica, uma brasileira” (Lúcia, Doutorado Pleno, Paris VI, Oceanografia).

A adaptação a um mundo que exerce pressões cada vez mais fortes sobre as formações e as certificações fornece outros elementos de distinção e de reconhecimento aos indivíduos. Assim a experiência obtida num outro sistema de ensino acaba sendo reconhecida como uma forma específica do indivíduo se dotar de capacidade de adaptação no espaço internacional. Os estudantes estrangeiros buscam nessa formação estratégias para ampliar suas possibilidades acadêmicas, principalmente quanto à aquisição de capitais lingüísticos, acadêmicos e culturais.

“No laboratório de Paris, tem muitos alunos árabes, têm pessoas da Argélia, Marrocos, mas normalmente, e esses alunos que estão aqui, estão aqui há muito tempo. Os argelinos estão no laboratório desde que fizeram Universidade na França, então eles são bem franceses, não tem dificuldade nenhuma com francês, eles falam francês. É um pouco mais chato (para nós) porque a língua é um problema. Francês é muito difícil e mesmo que eu tenha facilidade em língua, tenha estudado, tenha aprendido. Eu sempre vou ter dificuldade e sempre isso dá a dica que eu não passo por um francês de jeito nenhum. Acho que eles põem a gente para baixo e as pessoas às vezes agem como se a gente não tivesse entendendo. A gente entende tudo, a gente entende. Quando eu comecei a entender tudo eu via os segredos que as pessoas falavam achando que eu não estava entendendo. É meio duro. Francês realmente é uma língua difícil” (Lúcia, Doutorado Pleno, Paris VI, Oceanografia).

É nesse jogo, que implica a adaptação do bolsista no estrangeiro que o Brasil vem investindo no aprimoramento do seu pessoal de nível superior. Entretanto, existem deficiências no suporte a esses estudantes que procuram formação internacional como estratégia para ampliação das suas possibilidades acadêmicas, conforme vários bolsistas da pesquisa sentiram durante a estadia na França. Em especial, foram bastante observadas as dificuldades vividas nos laboratórios de ponta, além certamente da maneira de lidar com as diferenças culturais e acadêmicas. O despreparo de uma das bolsistas no transporte do seu material de pesquisa foi relatado assim:

“eu tive que trazer as bactérias para França, que estavam dentro do projeto. Mas ninguém te ajuda a trazer as bactérias para França. Eu enfiei tudo dentro da mala e com medo de ser pega como terrorista, esses detalhes... Bom, mas eu aprendi muita coisa. Na França, eu esperava e eles têm muito do que eu esperava: laboratório equipadíssimo, principalmente, laboratório de microbiologia, todos os tubos, todos os reagentes, se se pede um negócio, chega em dois dias. A condição econômica é perfeita. Eu só senti muito porque eu acho que eles não trabalham muito em equipe, então eu não tive chance de acesso junto a outros professores da mesma equipe, por conta do meu professor que não ficava para troca científica e dos alunos terem uma competitividade muito grande entre eles. É verdade que as bolsas elas vão se reduzindo (em quantidade) do mestrado para o Doutorado. Só os melhores vão conseguir bolsa, então a concorrência entre eles é muito grande. Aqui eles não emprestam nem o caderno” (Lúcia, Doutorado Pleno, Paris VI, Oceanografia).

Portanto, se houve mudanças na organização do sistema de ensino superior francês no que se refere às implicações do jogo econômico internacional, o cotidiano acadêmico pouco se modificou nos seus seminários, nas suas aulas magistrais expositivas. Como disse a bolsista a autonomia exigida pelo professor francês aos seus alunos dificultou bastante o seu processo de adaptação, pois essa forma de encaminhá-los diferia muito do sistema de ensino brasileiro.

A confrontação com os códigos de uma sociedade e de um universo acadêmico diferente implicou, pois um trabalho exaustivo de adaptação, no qual procuramos entender por meio das entrevistas realizadas, onde os bolsistas relatam a ordem, o silêncio, a disciplina e *“nos seminários, o cara ficava expondo duas horas sem parar, a platéia só na anotação. Quando eu estava começando a escrever a primeira palavra, ele estava no final do parágrafo” (Ana, Doutorado-Sanduiche)*. O contraste com a interação e o diálogo na relação ensino/aprendizado nas instituições brasileiras foi vivamente mencionado por quase todos eles.

Num primeiro momento, a participação em seminários, assistir às aulas, pesquisar material teórico nas bibliotecas, preparar o tratamento dos dados e a redação dos trabalhos acadêmicos já em andamento tomaram todo o tempo desses bolsistas que procuravam entender o funcionamento do sistema de ensino francês. Portanto, no início, nem mesmo os pesquisadores de Pós-Doutorado ministraram aulas ou palestras. Aos poucos, os bolsistas foram conseguindo entrar em contato com pesquisadores franceses e colegas, bem como

chegar a discutir suas pesquisas com o orientador ou com grupos de pesquisas para trocas científicas e exposição de suas pesquisas para um público maior.

“Eu fiz também seminários, eu não tinha expectativa de fazer muitos seminários, porque na outra vez eu já tinha feito[...] [...]eu acabei fazendo os seminários aqui. Porque estando, a gente não agüenta a tentação de aprender mais um pouco [...]” (Mariana, docente UNESP, Pós-Doutorado, EHESS, Psicologia Social).

Notamos uma certa confusão na percepção dos bolsistas quanto ao paradigma diferente, em especial devido ao fato do trabalho depender muito do próprio estudante, especificamente, de uma auto-administração e de uma disciplina de estudo que não haviam conhecido no Brasil; neste caso, a relação estabelecida entre professor e aluno foi vista como de um rigor muito acentuado.

Entretanto, na busca de um horizonte profissional, muitos bolsistas de Doutorado-Sanduíche tiveram as disposições necessárias para se lançarem na relação com os pesquisadores franceses.

“Eu tenho uma expectativa muito grande de terminar o doutorado realmente no prazo, ou seja, eu vou ter mais o ano de 2006 para trabalhar no Brasil, para prestar concurso e entrar numa Universidade pública, é isso que eu quero. Ser uma professora universitária, dar minhas aulas, ter meus orientandos e depois pensar numa situação de pós-doc, quem sabe voltar para França inclusive. Eu penso em voltar num pós-doc para cá” (Regiane, Doutorado-Sanduíche UNICAMP, EHESS, Sociologia).

“Voltar para Porto Alegre e terminar o doutorado e depois voltar para minha terra. Na Federal, estou como técnico ainda, esperando concurso, mas na particular estava como professor e sai afastado, então enquanto não sai concurso na Federal, eu provavelmente volte a ficar dando aula” (Edson, Doutorado-Sanduíche UFRGS, Paris VI, Microeletrônica).

Como também os de Pós-Doutorado:

“Eu fico meio apreensiva de voltar, nesse lado de não ter tempo de continuar essas coisas que eu quero continuar, pelo menos essas duas coisas: a pesquisa da Suíça e terminar o livro, que são as mais importantes. Eu quero também oferecer uma nova disciplina na pós-graduação, porque eu tenho uma disciplina que se chama Psicologia da Moralidade e eu quero oferecer uma disciplina que seja mais ligada às Teorias das Representações Sociais, já que eu fiquei em três laboratórios e agora tenho um conhecimento muito mais profundo do que eu tinha antes. Eu acho que dá para construir um curso de Pós-Graduação sobre a Teoria

das Representações Sociais, isso é uma coisa que eu quero fazer também”
(Mariana, docente UNESP, Pós-Doutorado, EHESS, Psicologia Social).

Dessa maneira, aqueles que, individualmente, prepararam-se melhor, que tinham motivação e interesse desde a partida, mesmo em níveis diferenciados de dificuldades, lidaram melhor com as condições do dia-a-dia no exterior, inclusive com grandes perspectivas de retorno no Brasil.

Para esses, o desenvolvimento das atividades acadêmicas em Paris superou as expectativas, em especial por se moverem a partir de uma escolha, isto é, pela disposição para a adaptação, o que permitiu superação de muitas barreiras impostas no novo ambiente.

“Teve outras coisas que acabaram superando as expectativas também, entendeu? Então, por exemplo, esse laboratório onde eu apresentei o meu trabalho ontem, eu não imaginava que eu fosse conhecer grupos de pesquisadores e pessoas que são importantes aqui e que acabaram se interessando pelo meu tema e me convidando para dar essa palestra!?”
(Cássia, Doutorado-Sanduiche UFF, docente numa universidade privada no Rio de Janeiro, Paris X, Antropologia).

Possibilitou-os constituir grupos de pesquisa:

“Então foi muito bom o trabalho lá em Genebra, foi excelente, e também foi um trabalho bem dirigido àquilo que eu queria fazer. Deu tempo de fazer bem e ainda sobrou tempo nesses dois meses, e também comecei uma outra pesquisa lá que eu não esperava fazer [...] [...] Nós começamos essa pesquisa e estamos fazendo até agora essa pesquisa em conjunto, ele com a experiência dele [...]” (Mariana, docente UNESP, Pós-Doutorado, EHESS, Psicologia Social).

Ou ainda a abertura de novas possibilidades de trocas de conhecimento.

“Comigo aconteceu uma coisa muito legal que foi assim, eu dar aulas para um professor de Economia daqui e ele é um dos caras que mais escreve na França sobre Neoliberalismo, que é um dos assuntos da minha tese. Com ele eu tenho a oportunidade de discutir, de ler textos e colocar dúvidas, é uma relação que eu não tenho nem com o meu orientador, entendeu? De tão próxima, de poder estar discutindo toda semana uma coisa. Dai ele fala em português, ele quer a linguagem própria da Economia como é em português (concorda que é uma troca). A gente não fala em francês, só em português. A troca para mim é aprender sobre Economia, sobre Neoliberalismo e tem sido realmente muito positivo. Por menos que eu aproveite a viagem para França, eu ainda tenho isso de muito bom, ainda teve isso[...]”(Regiane, Doutorado-Sanduiche UNICAMP, EHESS, Sociologia).

A experiência e o processo de adaptação foram, pois, diferentes, dependendo se a estadia foi expressão de uma escolha, realização de um projeto, em contraposição àqueles que fizeram a circulação como resultado de uma obrigação da carreira (MUÑOZ, 2009).

“... entre os alunos, eu é que já tinha, eu tinha a melhor possibilidade de sair, porque os outros que queriam sair teriam uma coisa para dali a seis meses, dali a oito meses” (Gerson, docente na UFBA, Doutorado-Sanduiche, Paris X, Artes Cênicas).

Esse bolsista, após o retorno ao Brasil, voltou-se às atividades acadêmicas, especificamente, ao ensino na graduação e não apresentou um desenvolvimento significativo de sua produção científicas.

2.2 Experiência de ser bolsista no exterior

Longe da família, dos cônjuges, dos filhos, separados de sua rede de sociabilidade, anônimos num mundo desconhecido, a sensação de estar numa cidade cosmopolita face ao amplo sistema de transportes, cafés, restaurantes, universidades, envolveu o pesquisador e exigiu de sua parte o reconhecimento e a compreensão desse ambiente no qual estava imerso. Ser um bolsista estrangeiro, portanto, implicou, pois, além do desenvolvimento acadêmico, também de uma competência internacional, englobando uma série de domínios: conhecimento da língua, da cultura, do modo de trabalhar nos laboratórios de pesquisa, das relações sociais e profissionais (WAGNER, 1998). Há ainda o problema prático da moradia, das questões burocráticas, bem como da solidão e da ausência da família.

Moradia

A dimensão espacial dos bolsistas em Paris ofereceu um meio privilegiado de analisar o problema de moradia colocado aos nossos bolsistas na condição de migrantes temporários. Sobre este aspecto, a escolha de moradia em Paris foi diferente conforme a condição de estudo do bolsista. Os de Doutorado-Sanduiche foram para *Cité*

*Universitaire*⁵², uma infra-estrutura desenvolvida para facilitar a vida internacional dos pesquisadores e que se constitui num ambiente similar a muitos alojamentos dos centros acadêmicos em diversas partes do mundo.

Não é surpreendente que esse grupo de bolsistas que foi à *Cité* caracterizou-se por ser composto predominantemente por solteiros, mais jovens, com uma carreira acadêmica ainda incipiente⁵³. Os casados, mais velhos, com família e com carreira profissional consolidada, preferiram morar fora da *Cité*, mesmo porque a condição material possibilitava tal escolha⁵⁴.



Foto da *Cité Universitaire*⁵⁵

O morar na *Cité* trouxe manifestações ambíguas dos entrevistados. De um lado, representava uma experiência positiva, na medida em que facilitava a adaptação. Existe na *Cité* uma estrutura de acolhimento, com uma agência bancária, que atendia exclusivamente

⁵²Conjunto de prédios organizados por país (ao todo são 40 *Maisons*), cada um com uma arquitetura diferente e com uma programação cultural própria. Há também a *Maison Internationale*, a casa central da *Cité*, onde ficam o restaurante central, a biblioteca, a piscina, etc.

⁵³Dentre os que moravam na *Cité*, há ainda uma subdivisão entre os que estavam instalados na *Maison du Brésil* (Cássia, Josué, Gerson, Lúcia, Paula e Henrico) ou em outras “casas” (Edson, na *Maison du Liban* e Sílvia, no *Collège Franco-Britannique*).

⁵⁴Caso dos bolsistas em Pós-Doutorado (Mariana, Rosana e Antonino), em Doutorado-Sanduíche (Ana e Valdemar) e em Doutorado Pleno (Pedrina).

⁵⁵Fonte: <http://taiseinparis.wordpress.com/2009/05/17/fete-de-la-cite/> (Acesso em junho/2009).

seus moradores; um escritório de acolhimento onde eram feitos os encaminhamentos para a obtenção da *carte de séjour*; e uma agência de correio. Tem uma estrutura apropriada para os estudos, pois “favorece muito a adaptação porque tu tens que ter estrutura: se você precisa de isolamento para estudar, tu tens, tu tens seu quarto, tem o esquema de biblioteca [...]”(Edson, Doutorado-Sanduiche UFRGS, Paris VI, Microeletrônica)⁵⁶.

Por outro lado, a Cidade Universitária de Paris levava também a um fechamento num grupo restrito, a partir da possibilidade que oferecia ao estudante de se comunicar predominantemente na língua materna, o que comprometia o progresso no conhecimento da língua e da sociedade francesa⁵⁷.

O fato de dividir um mesmo espaço, as mesmas condições de moradia, a mesma disciplina; obedecer ao mesmo ritmo, tudo isso reforçava o sentimento que os bolsistas tinham de uma proximidade social e de solidariedade⁵⁸. A proximidade dos brasileiros no espaço social - *Maison du Brésil* - significava o intercâmbio das mesmas práticas, escolhas, gostos⁵⁹ e na cooperação para resolução dos trâmites burocráticos, onde podiam beneficiarem-se da companhia de colegas, o que lhes propiciava certa segurança.

“Pelo menos nesses primeiros três meses, eu tinha, eu tenho claro que foi muito bom estar aqui na Maison du Brésil, com quem você pudesse falar na mesma língua e que pudesse te entender plenamente tudo o que você está passando e disposto a ouvir, porque não é sempre que você encontra gente disposta a ouvir seus problemas, suas crises”(Regiane, Doutorado-Sanduiche UNICAMP, EHESS, Sociologia).

⁵⁶Edson, morador da *Maison du Liban*, vem de uma família cujos pais têm nível superior e, durante seus estudos, fez várias migrações. Investiu na academia com o objetivo de se tornar professor universitário em universidade pública.

⁵⁷Cf. MUÑOZ, 2008.

⁵⁸Cf. SAYAD, 1998.

⁵⁹Cf. PEREIRA, Gilson R.M. e CATANI, Afrânio Mendes. Espaço social e simbólico: introdução a uma topologia social. *Perspectiva*. Florianópolis, v. 20, n. Especial, p. 107-20, jul/dez. 2002.



Fotos da Maison du Brésil⁶⁰

Residir na *Maison du Brésil*⁶¹ também significava a possibilidade de promoção de encontro com estudantes brasileiros de diversos estados, o que permitia a troca de elementos culturais e a formação de redes sociais, como são os casos de duas bolsistas em Doutorado-Sanduiche. No regresso cada uma publicou um capítulo de livro, cuja

⁶⁰A *Maison du Brésil* (Casa do Brasil) é um conjunto residencial localizado na *Cité Universitaire* (Cidade Universitária) de Paris, destinado a pesquisadores e estudantes brasileiros, cuja prioridade é dada aos bolsistas (CAPES e CNPq) para estudos de pós-graduação. Projetado pelos arquitetos brasileiro Lúcio Costa e franco-suíço Le Corbusier, esse conjunto arquitetônico de quase 5.500m² foi construído em 1959 e reformado em 2000. Hoje faz parte da lista de monumentos históricos do Ministério da Cultura Francês e funciona como um pólo de difusão da cultura brasileira em Paris. Fonte das fotos é: <http://www.ciup.fr/bresil.htm> (Acesso em junho/2009).

⁶¹Para se candidatar a uma vaga na *Maison du Brésil*, o estudante brasileiro deve enviar com antecedência um dossiê. A Casa do Brasil dispõe de 78 quartos individuais e 22 apartamentos (quarto e sala) para casal. Todos os espaços são mobiliados e equipados. Os quartos são amplos, com varanda, e dispõem de ducha e lavabo, além de geladeira, telefone privativo, conexão internet e tomada para TV/rádio e o tamanho varia entre 8 e 16m². Alguns quartos dispõem de banheiro privativo. Os apartamentos para casal (tamanho entre 24 a 32 m²) dispõem de cozinha privativa (utensílios não fornecidos), banheiro completo e duas mesas de trabalho, além dos demais equipamentos. A roupa de cama é fornecida, mas não as toalhas de banho. O serviço de limpeza é realizado uma vez por semana, o lixo é retirado diariamente e a troca de lençóis é feita quinzenalmente. Todos os andares são equipados com dois blocos de banheiros e uma cozinha coletiva. A casa também dispõe de sala de TV, lavanderia e sala de festas (cafeteria) para uso dos residentes. No piso térreo está instalada a maior parte dos locais destinados a uso comunitário: a administração e as salas para atividades culturais, tais como: a sala de convívio, o auditório, a biblioteca, uma sala multiuso, a sala de informática com computadores conectados permanentemente à internet, um local especial para projeção de filmes e a casa do diretor. As tarifas são moduláveis em função do tempo de estadia (Disponível na internet: <http://www.maisondubrasil.org/Residence/tarifas.php> Acesso em junho/2009).

organizadora era uma colega da *Maison*. Percebemos, neste exemplo, como as redes sociais formadas foram passíveis de serem utilizadas como fontes de benefícios no retorno ao Brasil.

Os bolsistas buscavam na reunião com outros brasileiros atenuar a tristeza, o isolamento, a saudade dos familiares e dos amigos. Uma das formas de atenuação desses sentimentos era a preparação da refeição na cozinha coletiva. Tal evento trazia, freqüentemente, a significação de reunir os iguais para preparar pratos típicos e reavivar lembranças do Brasil. Tratava-se de um movimento associativo de pertença, de coletividade, comum no país estrangeiro, devido à dimensão política do estar “fora de lugar”⁶².

Devido às limitações financeiras e também pela maior praticidade, os bolsistas moradores da *Cité*, muitas vezes optavam por freqüentar os restaurantes gerenciados pelo CROUS (*Centre Régional des Oeuvres Universitaires et Scolaires*), ir ao restaurante da *Cité Universitaire* ou da própria instituição, onde era necessário apresentar a carteira de estudante internacional. Eventualmente, faziam suas refeições nos inúmeros cafés e restaurantes de Paris, quando aproveitavam a oportunidade para apreciar a cultura e o modo de ser dos franceses ou para conversar com colegas e professores sobre o encaminhamento de seu trabalho de pesquisa e do conteúdo dos seminários a que estavam assistindo, possibilitando ampliação de suas redes sociais nacionais e internacionais.

Interpretamos essa ambigüidade entre as facilidades, de um lado, e o fechamento, por outro, como uma resposta à segregação protetora que a *Cité* proporcionava ao indivíduo, distanciando-o do mundo ao qual ele foi em busca, quando se propôs a participar do processo de circulação internacional. Tal ambigüidade foi notada pelos bolsistas que, às vezes, sentiam-se perturbados com a presença constante de brasileiros:

“A convivência com o pessoal aqui da Maison, por exemplo, que é uma grande coisa, é muito bom, muito importante, mas ao mesmo tempo, está todo mundo em conflito, então, às vezes, num dia que eu estou bem, que eu vou ali para cozinha, tem alguém que não está bem, e eu tento levantar essa pessoa, depois eu volto e já não estou mais tão bem também (ri)”
(Lúcia, Doutorado Pleno, moradora na Maison du Brésil).

⁶²Cf. GUSMÃO, 2008.

Nos casos dos bolsistas na condição de Doutorado Pleno, residir na *Cité* era uma forma de manter o vínculo junto aos pares do campo acadêmico nacional, já que o processo de Doutorado Pleno pela distância e tempo mais prolongado pode levar a um distanciamento das relações acadêmicas e sociais estabelecidas no Brasil.

Quando a família acompanhava os bolsistas⁶³, caso principalmente dos Pós-Doutorandos, a opção, embora mais onerosa, foi alugar um imóvel (casa, apartamento ou *studio*). Para isso, além dos documentos normalmente solicitados para a locação, o pesquisador precisava apresentar um fiador (uma pessoa francesa que se responsabilizasse por sua locação) ou um depósito (que em alguns casos correspondia até ao valor total do aluguel durante o período de locação). No caso apresentado, o bolsista conseguiu alugar o imóvel mais facilmente por ser um brasileiro.

“Encontrei este apartamento (studio) e a proprietária é uma pessoa muito simpática, que já foi várias vezes para o Brasil e adora lá e isto facilitou bastante, principalmente, na facilidade para fazer o contrato e que não precisou nem especificar o tempo que pretendia. Ela deixou à nossa disposição, que quando quiséssemos sair, deveríamos avisar com tempo de antecedência. Ela viria fazer a vistoria e acertaríamos os detalhes. Comprei o jornal particulier a particulier⁶⁴, foi o primeiro apartamento que encontrei muito agradável e bem perto da École” (Valdemar, Doutorado-Sanduíche, EHESS, Antropologia, acompanhado da esposa).

A locação do imóvel possibilitava a esses indivíduos receberem a visita de outros pesquisadores proporcionando contatos e maiores chances de investimentos em redes nacionais e internacionais de pesquisa.

“Na verdade, a realidade do professor universitário no Brasil é essa: você tem muito pouco tempo para estudar. Então, esse ano de estágio, a melhor coisa que existe aqui no estágio de pós-doutorado é o tempo para estudar, porque você tira um ano, você se afasta realmente de suas atividades rotineiras para poder realmente só estudar e isso é o que a gente menos pode no Brasil” (Mariana, docente UNESP, Pós-Doutorado, EHESS, Psicologia Social).

A escolha por morar na *Cité* foi predominante dos bolsistas de Doutorado-Sanduíche, já os de Pós-Doutorado optaram por morar fora da *Cité*. As exceções foram três

⁶³Casos de Valdemar, Mariana, Rosana, Antonino e Pedrina.

⁶⁴“*Particulier a particulier*” é um jornal francês de classificados.

bolsistas na condição de Doutorado-Sanduíche e uma bolsista na condição de Doutorado Pleno. Do Doutorado-Sanduíche, temos: uma, que embora casada e acompanhada do marido, optou por residir na *Cité* devido à dependência financeira exclusiva da bolsa; outro de Doutorado-Sanduíche, casado e acompanhado pela esposa, teve condições financeiras próprias para alugar um *studio* em Paris; uma de Doutorado-Sanduíche, já tinha uma rede social formada na França, optando por dividir uma locação, pois sua adaptação foi sendo construída no decorrer de outros processos de circulação anteriormente realizados em sua formação. A de Doutorado Pleno casou-se com um francês, teve uma filha e alugava um apartamento.

Questões burocráticas

Lidar com as questões materiais e as “burocráticas” foi visto pelos bolsistas como prejudicial ao bom andamento dos trabalhos e esses temas eram eleitos freqüentemente em suas conversas. As reclamações foram intensas e também as reações no novo ambiente, traduzidas na não aceitação do modo de ser dos franceses, da maneira de se distanciar deles e de questionar as regras e os valores que regiam a sociedade e a cultura local.

“Essa questão da burocracia é uma coisa assim... desgastante, até porque, ai entra outro ponto, a gente não tem informação suficiente. Bom, eu sabia que a escola tinha que ser perto de casa, sabia que tinha que ter um apartamento, mas eu não sabia que tinha que ter tantos encontros (conhecidos como rendez-vous: para preparação da documentação para estadia, conversar com o orientador, secretaria da instituição onde iria realizar as aulas ou seminários, resolver questões da escola onde os filhos seriam matriculados) [...] então, talvez se tivesse não sei, dentro da École, talvez uma pessoa, talvez um setor que passasse as informações necessárias, básicas” (Rosana, docente UNESP, Pós-Doutorado, EHESS, Antropologia)⁶⁵.

A tendência dos bolsistas responsabilizarem o governo francês e a própria instituição de acolhimento pela falta de informação para a preparação da documentação necessária para a estadia em Paris pode ser vista a partir da pesquisa de Gusmão (2008,

⁶⁵Rosana, casada, mãe de três filhos, professora universitária e pós-doutoranda, veio acompanhada de sua família à Paris. Ao falar da burocracia francesa, parece não se lembrar da burocracia existente no Brasil, quando, por exemplo, de sua partida para a França, na preparação de todo o trâmite da documentação para sair do país.

p.8), que revela o significado do desconhecimento da realidade e certa idealização do país de acolhimento. Da mesma forma que com os estudantes africanos no Brasil, estudados por ela, os bolsistas brasileiros manifestaram o sentimento de ausência de um suporte de acolhida, dificuldades com os empecilhos burocráticos e administrativos quanto à moradia, saúde e regularização dos documentos. Uma pesquisadora apresentou uma metáfora interessante para explicitar as dificuldades sentidas para lidar com os desconhecimentos no estrangeiro:

“[...] é tão complicado aqui quanto no Brasil. Só que tudo é mais aqui, é como até eu acho assim, fazendo até uma comparação no mergulho, qualquer coisa que incomode um aluno meu, qualquer coisa que incomode em terra, quando a gente está de baixo d’água pela primeira vez, incomoda em dobro. Eu sinto assim a pedra no sapato, ela é do mesmo tamanho, é tão difícil você fazer matrícula aqui quanto fazer no fundão, talvez, a pedra é do mesmo tamanho, mas machuca mais, parece que é maior [...]”(Lúcia, Doutorado Pleno, Paris VI, Oceanografia).

Frente ao despreparo para lidar com o novo, com o diferente, o desconhecimento dos códigos da cultura local e a dificuldade de estar em um lugar que não é o seu, os bolsistas reavivaram sentimentos positivos em relação ao Brasil em oposição à cultura diferente – a francesa, tomada como “*bem diferente da nossa*” e os franceses como “*sisudos, não há aquela ginga nossa*” (Josué) e “*muito fechados*” (Rosana).

O confrontar-se com o outro e descobrir-se sem lugar, num *status* jurídico inferior de estrangeiro⁶⁶, está chancelado no passaporte e confirma a sensação de não-saber seus direitos e suas obrigações. Uma entrevistada disse estar escrevendo um conto, no qual a personagem demonstrava dificuldade de se viver “fora de lugar”, de ser estrangeira e de não saber como se comportar:

“é meio assim de alguém que era brasileira e queria ser francesa, mas ela vai aprofundando tanto o seu projeto para ser francesa, nos gestos, nos gostos, fazendo uma coisa tão performática e ela chega a um ponto que não dá, porque o que é mais característico no francês é Ser francês, é valorizar sua cultura própria. Isso ela não vai poder fazer, porque ela não nasceu francesa, ela nasceu brasileira. E ela volta!” (Sílvia, docente UFBA, Doutorado-Sanduíche, EHESS, Antropologia).

⁶⁶WAGNER, Ana Catherine. *Les nouvelles elites de la mondialisation. Une immigration dorée en France*. Paris: Press Universitaire de France (PUF), 1998.

Essa entrevistada comentou ainda que “*Paris é assim um lugar que consideraria aberto aos estrangeiros, mas não é essa abertura toda. Você é um estrangeiro na terra e sempre vai continuar e isso vai marcar o seu andar pela cidade*”. A origem nacional e a aparência física ao funcionar como um sinal que transmite a informação social produz os estigmas associados à migração estrangeira (WAGNER, 1998), que trazem ou aumentam o sentimento de solidão devido à ausência da família e dos amigos.

Solidão x Presença da Família

“Nunca é sem emoção, e neste caso mais do que em qualquer outra circunstância, que recebemos as confidências mais íntimas de um entrevistado, marca da extrema confiança que acabou depositando no entrevistador” (SAYAD, 1998, p. 131)⁶⁷.

Foi com profunda sinceridade que os pesquisadores relataram a experiência de ter saído do Brasil e deixado seus familiares, amigos, marido ou filhos e aportarem numa terra distante e culturalmente diferente. Frente à solidão e ao sofrimento das saudades da família e dos amigos do Brasil, cada um adotou uma forma de amenizá-los. Mesmo ausente, a família estava de certa forma sempre presente – seja nas memórias através das fotos, dos contatos diários via internet ou por telefone. Até na *Cité*, onde a distribuição física dos alojamentos era praticamente a mesma, cada um mostrava-se diferente do outro pelos detalhes como foi montado o “lar” nesse período temporário. Os objetos evocavam recordações de um membro da família, de um amigo, ou de um momento feliz no período de estadia ou em viagens realizadas durante os feriados franceses. Lúcia, pesquisadora de Doutorado-Pleno na Paris VI, desenvolvia suas pesquisas num laboratório de Microbiologia, no sul da França, onde disse ter muito mais contato com os franceses e uma maior produção científica na sua área de estudo. Lá, ficava num alojamento, em um quarto com banheiro no corredor. Quando voltava à Paris, ficava na *Maison du Brésil*. Considerava esse alojamento o local onde mantinha os contatos, ou seja, seu espaço íntimo e pessoal, em que as recordações estavam bem presentes com fotos do noivo, da família, dos amigos espalhadas pelos murais do quarto:

⁶⁷SAYAD, 1998, p. 131 (Capítulo 5: O “pecado” da ausência ou os efeitos da emigração).

“Aqui vale para botar as fotos, para eu ter as minhas coisas, é o meu canto. No sul, não. No sul, eu dividia quarto, era um quarto muito pequeno e que, na verdade, tinha cada um uma cama, não tinha quarto, tem uma cama e lá eu trabalhei mais, trabalhei bastante. O laboratório ficava aberto das sete às onze (da noite). Aqui não, o laboratório fica aberto das nove às cinco (da tarde), assim. Lá eu trabalhava das sete às onze (da noite) (ri) e nos sábados e domingos” (Lúcia, Doutorado Pleno).

As condições de estagiar no exterior se inscrevem numa constelação de fatores individuais, familiares, sociais e constitutivos de uma história singular que se insere numa história social⁶⁸. Mesmo conscientes de estarem numa migração temporária, desvinculados temporariamente de um universo e inseridos temporariamente em outro, com data de retorno estabelecida, os distantes da família manifestaram desde a partida uma reação negativa frente ao afastamento deles e no novo ambiente apresentaram dificuldades de adaptação, principalmente, devido às saudades dos familiares.

“Até hoje minha mãe, no finalzinho da ligação, ela sempre diz: “Eu espero que esse tempo passe rápido, que você aproveite, mas que você volte porque a gente está sentindo muita falta”. Então, foi uma coisa assim meio... Digamos que eu sou meio... Por causa dessa coisa de enraizamento. A minha mãe, ela acabou educando a gente dessa forma, manteve a gente sempre muito próximo”. [...] [...] Eu percebo primeiro essa coisa da carga de informações que eu estou adquirindo, está sendo ótimo. Em relação à experiência pessoal, estar morando distante, você passa a buscar e a estabelecer um manual de sobrevivência, por exemplo, a coisa do telefone, eu ficava preocupado, porque eu sou uma pessoa que falo muito ao telefone e falo frequentemente. Aqui, eu fiquei preocupado com essa coisa, além de você estar distante, a questão da grana, mas a gente descobre que tem e que faz parte do manual de sobrevivência e vai atrás das coisas. Isto foi super legal, você criar este tipo de coisa. Esta história da Maison du Brésil, a questão desses vínculos, a gente é praticamente uma família, um se preocupa com o outro e ao mesmo tempo quando se descobre determinado tipo de coisa, daí então, na hora, já passa a informação” (Josué, Doutorado-Sanduiche, EHESS, Antropologia, Arquitetura).

O estrangeiro conhece uma experiência emocional, intelectual e até mesmo, física, forte – a da mudança – que pode ser causadora de uma grande ansiedade. O ajustamento ao novo meio se opera pela mobilização dos recursos psíquicos do indivíduo e por diferentes mecanismos de adaptação, que resultam do jogo de uma dupla causalidade: a ação exercida

⁶⁸MUÑOZ, 2009, p. 177

pelo ambiente e a ação transformadora que o psiquismo individual aflora desses estímulos externos⁶⁹.

“Então é assim: essa coisa de estrangeiro, essa coisa da afetividade e as dimensões burocráticas do cotidiano e a solidão, particularmente, para quem vem só, ainda bem que somos brasileiros, porque se você está mal... Aí tem uma colega, por que eu gosto de vinho, “aí você tem aí algum vinho que eu possa tomar uma taça com você?” “Claro”. Bem assim, você pára tudo, você sabe que o outro está mal. Ainda bem que somos quem somos, eu acho que isso ajuda e a gente percebe, por e-mail, “ah, hoje eu não acordei bem. Hoje, eu acordei com saudades”. Eu acho que ser brasileiros nessa hora ajuda bastante (ri). Então, eu acho que isso são os elementos difíceis assim em geral, mas que do meu ponto de vista não anula em hipótese alguma a experiência” (Sílvia, docente UFBA, Doutorado-Sanduíche, EHESS, Antropologia).

Diferentemente dos que moravam na *Cité*, os bolsistas na companhia de seus familiares, embora tivessem o acréscimo das atividades domésticas, não se sentiam tão solitários no estrangeiro, o que os estimulou a estudar e desenvolver suas pesquisas, principalmente para os que exerciam a função de docente no Brasil, que destacaram o fato de não estarem sobrecarregados com as atividades acadêmicas cotidianas que exerciam no Brasil.

“Dessa vez, meu marido está aposentado, então veio comigo, desde o começo ele está comigo e os filhos vieram só a partir de março, a partir dessa temporada em Paris. Antes os dois estavam trabalhando em São Paulo e pediram afastamento do trabalho deles para virem para ficar aqui esses seis meses em Paris. Então minha família participa, eles gostam muito, o que facilita para mim, porque deve ser muito difícil quando a pessoa vem sozinha. Você deve ter ouvido em outras entrevistas a pessoa sentir solidão e não é o meu caso, solidão eu não tenho, eu tenho é muito trabalho porque a família vindo eu vou para cozinha, tem que limpar a casa, tem que fazer outra parte de atividade doméstica, que é difícil e toma tempo, mas é alegre” (Mariana, docente UNESP, Pós-Doutorado).

Entretanto, se foi difícil de viver a separação e a solidão, vir com a família também trouxe problemas. O valor da bolsa-sanduíche para o estudante é tido como suficiente para quem vem sozinho, porém o acompanhamento dos familiares implicava na resolução de questões relativas às condições materiais impostas nesse processo.

⁶⁹Cf. BASTIDE, 1956 *apud* MUÑOZ, 2009, p. 169.

“E têm as dificuldades, a bolsa brasileira, eu não vim solteira, embora ela seja boa, suficiente, digamos, para quem está casado é muito difícil e essa opção de você vir com a pessoa com quem você está ou não vir por conta de grana é uma coisa que desgasta muito. Desgasta se você deixa, desgasta se você traz a pessoa” (Regiane, Doutorado-Sanduiche, moradora da Maison du Brésil, veio acompanhada do marido).

2.3 Implicações do processo de circulação internacional desses bolsistas

Os bolsistas demonstraram possuir estilos de adaptação diferentes considerando o modo de viver, o local de onde vieram, as instituições onde estavam alocados, a forma de se relacionar, e nem todos os entrevistados apresentaram o mesmo desempenho. Alguns tiveram dificuldades de adaptação frente à nova realidade, ou seja, um desajuste entre suas disposições e o como lidar com as situações cotidianas em Paris, pois estavam inseridos em um universo diferente daquele que deixaram, carregados de novidades das sensações de cobranças, dos sonhos, das angústias, dos contatos e dos conhecimentos novos⁷⁰, que mesmo assim lhes propiciaram ampliação de suas visões de mundo:

“outra grande conquista foi aprender a conviver e a continuar trabalhando e acordando todo dia e fazendo as coisas mesmo com a saudade no meio do peito, entendeu? Foi uma coisa que eu aprendi e também a controlar essa emoção de modo a me não paralisar para o trabalho [...] [...] você tem um ganho muito grande, que não é só profissional. Tem uma coisa assim que você começa a descobrir coisas sobre você mesmo [...] [...] de ser tolerante, pelo menos da minha experiência, a ser mais tolerante comigo (Cássia, Doutorado-Sanduiche, Paris X, Antropologia).

“Enfim eu não sei falar muito, mas é um movimento que eu colocaria como um dos grandes ganhos, essa mudança de percepção, que vai do plano pessoal de ser brasileira, como também no plano profissional científico da forma como fazer ciência [...] [...] Isso tem mudado muito em mim, por isso eu agradeço a estadia, muito por esse aspecto, evidentemente, muitas outras coisas (Sílvia, Doutorado-Sanduiche, EHESS, Antropologia).

“eu acho que valeu a pena, foi bem legal. É... Também conheci novas pessoas, conheci um país novo, outra cultura, você valoriza mais o Brasil, embora eu sempre valorizasse muito o Brasil, mas você valoriza muito mais o Brasil quando você está aqui fora, aprender outra língua, tudo isso foi bastante interessante, bem ou mal fazer contato para o futuro, ter, de repente continuar a ter um intercâmbio entre aqui e o Brasil, acho que foi assim legal (Lúcia, Doutorado Pleno, Paris VI, Oceanografia).

⁷⁰ FONSECA, Dagoberto José. A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil. *Pro-Posições*: Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 23-44, jan./abr. 2009.

No cômputo geral, o resultado foi positivo. No Quadro 11, apresentamos a condição profissional dos pesquisadores antes e após o retorno da França, que já esboça uma reconfiguração no campo acadêmico nacional. Três indivíduos de Doutorado-Sanduiche conseguiram obter uma posição de docente em universidades públicas federais do Nordeste; um, de pesquisador no Instituto Nacional de Tecnologia/RJ e um, de pós-doutorando na UFBA.

Quadro 11 – Cargo/função dos bolsistas antes e após o retorno da especialização na França⁷¹

No.	Entrevistados	Modalidade	Antes da especialização	Após a especialização
1	Cássia	DS	Docente instituição privada	Docente UFBA
2	Josué	DS	Autônomo	Arquiteto IPHAN/BA
3	Valdemar	DS	Funcionário Público/SP	Funcionário Público/SP
4	Ana	DS	Estudante UNICAMP/SP	Docente UFPE
5	Silvia	DS	Docente UFBA	Docente UFBA
6	Mariana	PD	Docente UNESP	Docente UNESP
7	Rosana	PD	Docente UNESP	Docente UNESP
8	Antonino	PD	Docente UNESP	Docente UNESP
9	Gerson	DS	Docente UFBA	Docente UFBA
10	Lúcia	DP	Estudante Paris VI	Pesquisadora bolsista INT/RJ
11	Regiane	DS	Estudante (doutorado UNICAMP)	Estudante (Pós-Doutorado UFBA)
12	Henrico	DS	Docente UNIOESTE/PR	Docente UNIOESTE/PR
13	Pedrina	DP	Estudante EHESS/Paris	Pesquisador temporário Paris XIII
14	Edson	DS	Estudante UFRGS + Técnico Administrativo UFRN + Docente na FARN	Docente UFRN

Os indivíduos que conseguiram uma posição em universidades públicas conquistaram um espaço privilegiado no campo acadêmico brasileiro. Cássia, que era professora de uma universidade particular no Rio de Janeiro, foi aprovada em concurso para a função de docente na UFBA. Ana e Edson, que, respectivamente, eram estudantes de pós-graduação na UNICAMP e na UFRGS, prestaram concurso e foram aprovados como docentes na UFPE e na UFRN. Regiane, com uma trajetória até então realizada como

⁷¹Fonte: Plataforma *Lattes* – currículo *Lattes* dos pesquisadores entrevistados. A data da última atualização de todos os currículos analisados variou de março a junho de 2009, trata-se, portanto, de informações atualizadas dos pesquisadores. (IPHAN = Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; UNIOESTE = Universidade Estadual do Oeste do Paraná; INT/RJ = Instituto Nacional de Tecnologia/Rio de Janeiro; FARN = Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte).

estudante na UNICAMP, iniciou seu pós-doutorado na Bahia. Sílvia continuou como professora universitária na UFBA, participando de oito projetos de pesquisa, onde seis deles são financiados por agências governamentais de fomento à pesquisa (CNPq e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação).

É marcante a diferença da ampliação das visões de mundo entre os bolsistas de Doutorado-Sanduíche/Doutorado Pleno e os de Pós-Doutorado, por isso separamos os dois grupos. Enquanto os pesquisadores de Doutorado-Sanduíche/Doutorado Pleno apresentam produções pontuais, há consistência na produção dos pesquisadores de Pós-Doutorado – docentes de universidades públicas. Entre os docentes de universidades públicas, temos dois bolsistas de Doutorado-Sanduíche (Gerson e Henrico) que não tinham uma produção de pesquisa significativa. Interpretamos que os investimentos desses dois indivíduos estavam mais voltados para o ensino que para a pesquisa.

Após a estadia, percebemos aumento na quantidade de publicações dos estudantes e docentes de Doutorado-Sanduíche e de Doutorado Pleno, seja de capítulos de livros, trabalhos completos em anais e apresentação de trabalhos (Quadros 12 e 13).

Quadro 12 – Publicações dos pesquisadores de Doutorado-Sanduiche e de Doutorado Pleno antes de se especializar na França*

No.	Entrevistados	Artigos completos	Livros	Capítulos de livro	Trabalho completo anais	Resumos anais	Apresentação de trabalho	Demais tipos de produção+ técnica
1	Cássia (1994-2004)	02	-	01	-	-	-	-
2	Josué (1994-2004)	01	-	-	07	01	-	03
3	Valdemar (1992-2004)	03	-	-	03	02	02	-
4	Ana (2003-2004)	-	-	-	-	01	-	-
5	Silvia (1994-2004)	02	-	-	-	07	-	05
9	Gerson (1999-2005)	-	-	-	01	-	-	47**
10	Lúcia (2002-2006)	01	-	-	01	04	-	-
11	Regiane (2003-2005)	-	01	-	-	02	05	03
12	Henrico (1997-2004)	-	-	-	-	02	-	02
13	Pedrina (1995-2000)	03	-	-	-	02	06	05
14	Edson (1997-2004)	-	-	-	20	-	-	02

*produção desde o início da profissão no ensino superior ou do ano da primeira produção bibliográfica;

**área Artes cênicas: observações sobre montagem de espetáculo, consultoria, produção de espetáculo, etc.

Quadro 13 – Publicações dos pesquisadores de Doutorado-Sanduiche e de Doutorado Pleno após a especialização na França*

No.	Entrevistados	Artigos completos	Livros	Capítulos de livro	Trabalho completo anais	Resumos anais	Apresentação de trabalho	Demais tipos de produção+ técnica
1	Cássia (2005-2009)	-	01	01	-	-	-	03
2	Josué (2005-2009)	-	-	-	01	-	-	04
3	Valdemar (2005-2009)	-	-	-	-	-	-	-
4	Ana (2005-2009)	-	-	01	03	01	05	01
5	Silvia (2005-2009)	04	01	01	02	06	06	14
9	Gerson (2006-2009)	-	-	-	-	-	-	04
10	Lúcia (2006-2009)	-	-	-	02	02	-	-
11	Regiane (2006-2009)	02	-	02	03	03	03	09
12	Henrico (2005-2009)	-	-	-	-	-	01	-
13	Pedrina (2007-2009)	02	-	01	02	01	15	01
14	Edson (2005-2009)	-	-	-	01	-	-	02

* números não acumulados com os dados do quadro anterior

Como também, um aumento na produção acadêmica desses bolsistas, tanto na participação em bancas examinadoras e julgadoras, como nas orientações de trabalhos de graduação, especialização e mestrado (Quadros 14 e 15). Mais uma vez, aparecem sinais do aumento de prestígio decorrente dessa experiência.

Quadro 14 – Produção acadêmica e das funções administrativas dos pesquisadores de Doutorado-Sanduiche e de Doutorado Pleno antes da especialização na França*

No.	Entrevistados	Projetos de pesquisa	Participação em bancas examinadoras	Orientações concluídas	Funções administrativas #
1	Cássia (1994-2004)	01	-	-	01
2	Josué (1994-2004)	-	-	-	-
3	Valdemar (1992-2004)	-	-	-	-
4	Ana (2003-2004)	-	-	-	-
5	Silvia (1994-2004)	02	03	-	06
9	Gerson (1999-2005)	01	07	03	03
10	Lúcia (2002-2006)	-	-	-	-
11	Regiane (2003-2005)	-	-	-	-
12	Henrico (1997-2004)	-	-	-	-
13	Pedrina (1995-2000)	03	-	-	01
14	Edson (1997-2004)	-	07	08	-

*produção desde o início da profissão no ensino superior ou do ano da primeira produção bibliográfica.

Quadro 15 – Produção acadêmica e das funções administrativas dos pesquisadores de Doutorado-Sanduiche e de Doutorado Pleno após a especialização na França*

No.	Entrevistados	Projetos de pesquisa	Participação em bancas examinadoras	Orientações concluídas	Funções administrativas
1	Cássia (2005-2009)	01	05	-	-
2	Josué (2005-2009)	-	-	-	-
3	Valdemar (2005-2009)	-	-	-	01
4	Ana (2005-2009)	01	01	-	-
5	Silvia (2005-2009)	07	11	-	03
9	Gerson (2006-2009)	01	09	01	03
10	Lúcia (2006-2009)	-	-	-	-
11	Regiane (2006-2009)	-	04	46**	-
12	Henrico (2005-2009)	-	05	06	01
13	Pedrina (2007-2009)	03	-	-	-
14	Edson (2005-2009)	-	07	-	-

* números não acumulados com os dados do quadro anterior; **referente à orientação de trabalhos de conclusão de Graduação num instituto privado de ensino superior

Porém, quatro pesquisadores de Doutorado-Sanduiche tiveram uma produção pouco relevante: dois deles já estavam inseridos no campo acadêmico como docentes de universidades públicas, mas atuavam principalmente na atividade de ensino na graduação e na especialização; e os outros dois tinham vínculo acadêmico somente de estudantes de Doutorado, e quando do retorno ao Brasil, voltaram-se às atividades profissionais não atreladas ao campo acadêmico (Quadros 12 e 13; 14 e 15)⁷².

Quanto aos bolsistas na condição de Doutorado Pleno, encontramos exemplos de indivíduos que defenderam seu doutorado e continuaram na França, apresentando uma produção acadêmica nesse país (seja em artigos em periódicos, capítulo de livro, trabalhos em anais de congressos e apresentação de trabalhos, bem como, a participação em projetos de pesquisa). Embora permaneçam lá, mantêm seus currículos atualizados na Plataforma Lattes, e vínculo com o campo acadêmico brasileiro. Outros retornaram ao Brasil, como Lúcia que defendeu sua tese em 2006 e se vinculou como pesquisadora-bolsista ao Instituto Nacional de Tecnologia – INT-RJ.

A produção de cada um dos pesquisadores é influenciada, principalmente, se considerarmos o tempo de dedicação ao trabalho acadêmico e o treinamento adquirido nele. As realizações no campo científico estão associadas a diferentes trajetórias sociais e acadêmicas, por exemplo, as questões relativas ao ensino, à pesquisa, mas também à direção e aos cargos administrativos.

“ quando você vem no primeiro pós-doutorado você vem mais para pegar o material. É que quando você vem numa primeira experiência a sua postura é mais de estudante. Numa segunda experiência, sua postura é mais de produzir alguma coisa e não só de aprender. Existe uma grande diferença entre a primeira e a segunda experiência, na maneira d'eu... no produto que eu quero ter dos dois pós-doutorados, acho que a diferença é maior nisso, como eu faço o pós-doutorado e no produto que eu quero ter” (Mariana, estava em seu segundo Pós-Doutorado em Paris, EHESS, Psicologia Social).

É o caso dos bolsistas em Pós-Doutorado, com uma carreira acadêmica consolidada como docentes em universidades públicas. O desempenho desses indivíduos após o retorno da especialização foi evidente tanto no ensino quanto na pesquisa. Do ponto

⁷²Casos de Henrico (docente da UNIOESTE), Gerson (docente da UFBA), Josué (arquiteto do IPHAN) e Valdemar (funcionário público).

de vista qualitativo é importante perceber a diferença na produção científica, seja na publicação de livros, capítulos de livros, como também nas participações em congressos com maior publicação na forma de trabalhos completos em anais e apresentação de trabalhos, inclusive com participações de âmbito internacional (Quadros 16 e 17).

Quadro 16 – Média anual de produção científica dos pesquisadores de Pós-Doutorado antes de se especializar na França

No.	Entrevistados	Artigos completos	Livros	Capítulos de livro	Trabalho completo anais	Resumos anais	Apresentação de trabalho	Demais tipos de produção+ Técnica
6	Mariana (1989-2004)	1,26	0,06	0,60	1,20	2,33	3,26	3,33
7	Rosana (1987-2004)	0,94	-	0,29	2,52	2,58	1,23	1,23
8	Antonino (1987-2004)	1,17	-	0,35	1,35	3,52	2,82	3,76

Quadro 17 – Média anual de produção científica dos pesquisadores de Pós-Doutorado após a especialização na França (período de 2005 a 2009)

No.	Entrevistados	Artigos completos	Livros	Capítulos de livro	Trabalho completo anais	Resumos anais	Apresentação de trabalho	Demais tipos de produção+ técnica
6	Mariana	1,00	0,50	1,00	3,00	4,25	6,25	7,00
7	Rosana	3,00	-	0,75	9,00	2,50	2,25	3,50
8	Antonino	1,75	-	1,50	6,50	0,75	3,50	3,25

Esses pesquisadores conseguiram atender às perspectivas de retorno ao Brasil no desenvolvimento dos cursos de pós-graduação com abertura de novas disciplinas, na coordenação de novos projetos de pesquisa, inclusive com apoio das agências governamentais (CAPES, CNPq, FAPESP), seja no auxílio financeiro e na concessão de bolsas aos alunos integrantes do projeto; maiores participações em bancas examinadoras e julgadoras em universidades de outros estados, elevação do número de orientações concluídas (de graduação, mestrado e doutorado) e no acesso a funções de direção em seus departamentos. Destaca-se, nesse sentido, o caso de Antonino, cujo investimento esteve voltado também às funções administrativas ligadas à universidade, onde desde 2006 atua como vice-reitor. O reconhecimento decorrente do processo de circulação internacional mais uma vez deve ser ressaltado como um fator importante para essa escolha (Quadros 18 e 19).

Quadro 18 – Média anual de produção acadêmica e das funções administrativas dos pesquisadores de Pós-Doutorado antes da especialização na França

No.	Entrevistados	Projetos de pesquisa	Participação em bancas examinadoras/julgadoras	Orientações concluídas	Funções administrativas #
6	Mariana (1989-2004)	0,46	4,60	2,60	1,13
7	Rosana (1987-2004)	0,23	4,70	2,05	1,11
8	Antonino (1987-2004)	0,23	8,47	3,05	2,29

Quadro 19 – Média anual de produção acadêmica e das funções administrativas dos pesquisadores de Pós-Doutorado após a especialização na França (período de 2005 a 2009)

No.	Entrevistados	Projetos de pesquisa	Participação em bancas examinadoras/julgadoras	Orientações concluídas	Funções administrativas
6	Mariana	1,25	8,50	2,00	1,00
7	Rosana	0,75	9,75	7,00	1,25
8	Antonino	0,50	11,50	4,25	2,75

Os estágios de pós-doutorado refletiram-se nos indicadores de atuação acadêmica relacionados ao ensino, formação, publicação e na participação em redes internacionais de pesquisa. Evidenciaram também a posição privilegiada dos pesquisadores como coordenadores ou membros de grupo de projetos de pesquisa, inclusive com incorporação de alunos aos seus projetos e maior envolvimento com a orientação de pós-graduandos. A mobilidade do pesquisador ao internacional foi um indicativo do caráter transnacional de suas competências, que pode fazer reconhecer no país de origem um saber, uma competência, um estatuto adquirido no outro país (WAGNER, 1998).

“Os alunos de mestrado, doutorado, que eventualmente, queiram e tenham disponibilidade de fazer pós-graduação no exterior, com a nossa estada no exterior vai abrindo as portas para que esses alunos possam vir para cá no futuro e enriquecer também essas experiências” (Antonino, docente na UNESP, Pós-Doutorado).

Essa competência e estatuto adquirido no internacional permitiram, inclusive, a uma das bolsistas de Doutorado-Sanduiche em Paris, docente em uma universidade federal e que já havia tido experiência internacional desde o Mestrado (na Escócia), investir no nacional, pois suas perspectivas foram consolidadas quando do seu retorno ao Brasil,

principalmente no desenvolvimento da pós-graduação em seu departamento e na abertura de possibilidade para publicação de suas produções científicas.

“eu estou esperando concluir em tempo a minha tese, tenho perspectivas que seja uma tese boa [...]. Eu já volto com uma perspectiva de tentar publicar, eu já vou tentar fazer isso, mexer. Não sei se vai ser fácil [...] [...] ver se monto um núcleo para tentar aprofundar esse tipo de trabalho e não perder o elo com o centro aqui e estabelecer algum tipo de ligação” (Sílvia, docente na UFBA, Doutorado-Sanduiche).

Os resultados dessa pesquisa apontam que tanto os bolsistas “mais jovens” quanto os “mais maduros” com disposições para se adaptar às situações cotidianas, com propósitos acadêmicos definidos, que tinham aspiração, motivação e interesse desde a partida, mesmo em níveis diferenciados de dificuldades, lidaram melhor com as condições do dia-a-dia no exterior, ampliaram suas redes sociais e acadêmicas e tiveram êxito no campo acadêmico nacional. Especificamente para os “mais jovens”, o reflexo ocorreu na aprovação em concursos em universidades públicas e nas realizações científicas. Os “mais maduros” constituíram-se como responsáveis por disciplinas de programas em seus departamentos, criaram novas disciplinas nos cursos de pós-graduação, mudaram o perfil de suas publicações, investiram em novos projetos de pesquisa, incorporaram maior número de alunos em seus projetos de pesquisa e de participações em bancas examinadoras e julgadoras.

Já a repercussão do estágio no exterior dos bolsistas de Doutorado-Sanduiche cujos vínculos acadêmicos eram frágeis, e daqueles já vinculados a universidades públicas, mas que mostraram uma carreira acadêmica voltada ao ensino, foi mais modesta, ou seja, não notamos um efeito significativo na comparação entre as produções acadêmicas desses bolsistas antes e após o retorno da especialização.

De forma geral, o processo de circulação internacional com a finalidade de estudo trouxe implicações aos bolsistas, seja na ampliação da visão de mundo (conhecimento de uma nova cultura, de um novo povo, de outra língua, de padrões e estilos de vida diferentes), na alteração da produção acadêmica (mudança de perfil das publicações e aumento significativo das publicações), nas chances das carreiras profissionais no aparato institucional (aprovação em concursos públicos para a função de docentes em universidades).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é mais um fruto do projeto temático: “Circulação internacional e formação dos quadros dirigentes brasileiros”. A proposta foi compreender o envolvimento de bolsistas em projetos de cooperação internacional e as possíveis implicações nas ampliações de suas visões de mundo, bem como na transformação das chances de suas carreiras profissionais no campo acadêmico nacional.

Mesmo com as limitações impostas por um universo reduzido de apenas quatorze entrevistados, foi possível comprovar o significado das agências públicas de fomento na trajetória acadêmica de cada pesquisador. O apoio das agências apresentou-se tanto no financiamento das bolsas de estudos aos pesquisadores, como também em todo o arcabouço material e simbólico para que o processo de estágio internacional acontecesse. Esse processo ocorreu a partir de tais investimentos na formação de recursos humanos e na promoção da cooperação científica entre o Brasil e a França, inclusive com a mediação dos orientadores das instituições brasileiras e francesas.

As expectativas dos agentes mostraram-se contrastantes quanto à experiência no internacional e seus enquadramentos como migrantes temporários nesse universo, sobretudo quanto às questões do sistema de ensino francês, das burocracias envolvidas e dos sentimentos advindos devido à ausência dos familiares e dos amigos. Sobre esses aspectos, identificamos diferenças em relação ao vínculo acadêmico, motivação, aspiração e interesse à experiência de estágio no exterior, sublinhando a interferência desses aspectos na forma dos agentes se adaptarem ao novo contexto. Um grupo caracterizou-se por ter expectativas determinadas e objetivos mais definidos na busca de oportunidades e abertura a novas experiências e souberam lidar melhor com as condições cotidianas no exterior. Noutro grupo, os agentes apresentaram-se movidos pelo interesse pessoal e/ou familiar ou até mesmo por uma obrigação da carreira, cujas confrontações com os códigos da cultura local e as dificuldades sentidas para lidar com os desconhecimentos implicaram num exaustivo trabalho de adaptação.

Os agentes que já tinham apoio de grupos de pesquisa adaptaram-se melhor. Dessa maneira, a vinculação com o estrangeiro foi dada pelo próprio acadêmico e apresentou-se diferente para cada um deles, mesmo porque eles não saíram do Brasil nas mesmas

condições, embora tivessem trajetórias similares: formação em universidades públicas, a maioria da região sudeste, de pequena classe média, apoio financeiro da família, trabalho e bolsa nos estudos.

Quanto à posição dos pesquisadores no campo acadêmico nacional, a variável idade foi a que melhor explicou a distribuição desses agentes em dois grupos: o dos mais jovens, que buscavam uma posição de docente em universidade pública e o dos mais maduros, que buscavam estabelecer-se e/ou desenvolver-se no campo acadêmico nacional.

Estas considerações comprovaram-se após o retorno da especialização na França. Tanto os bolsistas, cuja carreira docente era mais consolidada e que foram em busca de maior desenvolvimento no campo acadêmico nacional pela competência no internacional, quanto os que ainda buscavam uma posição no campo acadêmico nacional, fizeram da experiência no internacional uma diferenciação no campo acadêmico nacional, que se refletiu na quantidade e na qualidade da produção científica. Já aqueles que estavam mais voltados às atividades de ensino que de pesquisa, ou que profissionalmente estavam fora do campo acadêmico, não se percebeu efeito significativo em termos de produção científica após o retorno.

Pela categorização dos grupos, houve uma grande diferença de quem foi ao exterior pelo Doutorado-Sanduíche, Doutorado Pleno ou Pós-Doutorado, mesmo porque a inserção no campo acadêmico nacional foi que determinou a forma do indivíduo relacionar-se no internacional. Especificamente no caso dos pesquisadores em Doutorado-Sanduíche, verificamos que os vínculos criados no exterior foram muito menores. Por outro lado, houve a formação de novas redes sociais como fontes de benefícios no retorno ao Brasil, principalmente na potenciação de um emprego de âmbito institucional. Para o grupo daqueles em Pós-Doutorado, o estágio no exterior visava à idéia de capital de relações, com o fortalecimento dos pesquisadores no campo acadêmico nacional a partir de uma legitimidade dada pelo internacional.

O processo de circulação internacional com a finalidade de estudo propiciou vantagens cognitivas, culturais e sociais a esses pesquisadores, constituindo em trunfos e distinção para melhor inserção na academia e na produção de conhecimento. Implicou na ampliação da visão de mundo desses bolsistas seja na satisfação pessoal, na revalorização da auto-estima, na proximidade com uma nova cultura, em novas formas de ver a realidade,

e aprender a lidar com as relações temporárias, na habilidade com um novo idioma e com um novo estilo de ensino. Com conseqüências também nas transformações das chances em suas carreiras profissionais através da atuação de alguns bolsistas em novos cargos acadêmicos ou da aprovação de outros em concurso de docente em universidades públicas, do incentivo institucional, do prestígio social e político junto aos membros da academia ou de um significativo aumento da produção científica no campo acadêmico nacional.

Esta pesquisa abre possibilidades para outros trabalhos no enfoque de um estudo mais aprofundado do processo da migração temporária vivida pelos bolsistas. Outra perspectiva seria buscar uma amostra mais significativa com maiores pretensões de generalização; especialmente no detalhamento do histórico familiar e social dos agentes e no levantamento das trajetórias decorrentes dessas condições. Posteriormente, poder-se-ia realizar um trabalho longitudinal da experiência dos pesquisadores num estágio internacional com a finalidade de estudos e avaliar as implicações na reconfiguração do campo acadêmico nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.M.F. *et. al.* **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. 320 p.

BITTENCOURT, A.B. Anísio Teixeira: origens internacionais de um nacionalismo pedagógico. *In: Colóquio Saber e Poder*, 2008. Campinas. Faculdade de Educação – UNICAMP (Texto disponível na internet: <http://www.fe.unicamp.br/focus/>, acesso em março/2009).

BOMENY, H. **Newton Sucupira e os rumos da educação superior.** Brasília: Paralelo 15/CAPES, 2001.

BOURDIEU, P. Um analista do inconsciente. *In: SAYAD, A. A imigração ou os paradoxos da alteridade.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. Prefácio, p. 9-12.

CANÊDO, L.B. **Circulação internacional e formação dos quadros dirigentes brasileiros.** Campinas: Faculdade de Educação - UNICAMP, 2006. 128 p. (FAPESP. História Política, Sociologia Política, Antropologia, Educação). Projeto em andamento.

CANÊDO, L.B.; GARCIA, A. *Les boursiers brésiliens et l'accès aux formations d'excellence internationale. Cahiers du Brésil Contemporain*, v. 59/60, n. 57/58, p. 21-48, 2004/2005.

CAPES. **Novo programa de pós-graduação entre Brasil e França é assinado em Paris, 2005.** (Texto disponível na internet: <http://www.capes.gov.br/servicos/sala-de-imprensa/36-noticias/1329>, acesso em janeiro/2009).

CHARLE, C. *et. al.* Ensino Superior: o momento crítico. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 88, p. 961-75, Especial, out. 2004.

CURY, C.R.J. Quadragésimo ano do Parecer CFE n. 977/65. **Revista Brasileira de Educação**, n.30, p. 7-20, 2005.

_____. Qualificação Pós-Graduada no Exterior. *In: Almeida, A.M.F. et. al.. Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras.* Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 107-143.

FÁVERO, M.L.A. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006.

FONSECA, Dagoberto José. A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil. **Pro-Posições**: Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 23-44, jan./abr. 2009.

GARCIA, A. *Circulation Internationale et formation d'une "école de pensée" latino-américaine (1945-2000)*. **Social Science Information**, v.44, n.2-3, p. 521-55, 2005.

GARCIA, A. O exílio político dos estudantes brasileiros e a criação das universidades na África (1964-1985). In: ALMEIDA, A.M.F. et. al. **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 243-56.

GARCIA, S. *L'expert et Le profane: qui est juge de La qualité universitaire?* **Genèses: Sciences sociales et histoire**, n.70, p. 66-179, 2008.

GOMES, Pedro. **Condições dos refugiados de guerra angolanos: um estudo de caso em Hortolândia, Estado de São Paulo**. 2004. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GUSMÃO, N.M.M. África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados. In: **Colóquio Saber e Poder**, 2008, Campinas. Faculdade de Educação – UNICAMP.

_____. Apresentação **Pro-Posições: Dossiê: Ensino Superior e circulação internacional de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal**. Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 13-21, jan./abr. 2009.

_____. **Os filhos da África em Portugal**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 320 p.

GRÜN, R. O MBA como um brevê de internacionalização e de modernidade profissional entre engenheiros. In: ALMEIDA, A.M.F. et. al. **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 282-98.

HILY, M.A. **As migrações contemporâneas: dos Estados e dos homens**. SESC Vila Mariana, Seminário Cultura e Intolerância, São Paulo, novembro, 2003.

MUÑOZ, M.C. Políticas francesas de acolhimento dos estudantes estrangeiros (1970-2002) In: ALMEIDA, A.M.F. et. al. **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p.188-212.

_____. *De la coopération Nord-Sud à la logique de marché: les politiques françaises d'accueil des étudiants étrangers*. **Cahiers du Brésil Contemporain**, v. 59/60, n. 57/58, p. 76-107, 2004/2005.

_____. *La mobilité internationale à destination de la France: données objectives et expérience existentielle*. In: **Colóquio Saber e Poder**, 2008, Campinas. Faculdade de Educação – UNICAMP.

_____. *La mobilité internationale à destination de la France: objectivation des parcours et expérience existentielle*. **Cahiers de La recherche sur l'éducation et les savoirs**. Hors-série, n. 2, 2009. P. 157-81.

NABUCO, J. **Minha Formação**. Brasília: UnB, 1963.

NEVES, A.B. Apresentação. *In*: VELLOSO, J. (org.) **A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país**. Brasília: CAPES, 2002, p. 5.

PEREIRA, G.R.M.; CATANI, A.M. Espaço social e simbólico: introdução a uma topologia social. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 20, n. Especial, p. 107-20, jul/dez. 2002.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. 304 p.

SAVIANI, D. A pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação. *In*: BIANCHETTI, L. e MACHADO, A.M.N. **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escritas de teses e dissertações**. Florianópolis: Ed. UFSC; São Paulo: Cortez, 2006, p. 135-63.

RIVRON, V. Representação da arte e arte da representação: reflexos de dois poetas diplomatas na historiografia literária do Brasil. **Pró-Posições**: “Literatura, teatro e mutações no espaço político”, v. 18, n.3 (51), p. 15-35, set/out 2006.

WAGNER, A.C. **Les nouvelles élites de La mondialisation. Une immigration dorée en France**. Paris: Press Universitaire de France (PUF), 1998.

VELHO, L. Formação de doutores no país e no exterior: estratégias alternativas ou complementares? **Dados**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 607-31, 2001.

VELLOSO, J. (org.). **Formação no país ou no exterior? Doutores na pós-graduação de excelência. Um estudo na Bioquímica, Engenharia Elétrica, Física e Química no País**. Brasília: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002. 260 p.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003. 149 p.

_____. **A economia das trocas lingüísticas; o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1998, 2ª ed., p. 97-106.

_____. As contradições da herança. *In*: BOURDIEU, P. (Coord.). **A miséria do mundo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 587-93.

_____. **Coisas ditas**. 1 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. 234 p.

_____. Efeitos de lugar. *In*: BOURDIEU, P. (Coord.). **A miséria do mundo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 159-66.

_____. **Homo Academicus**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984. 17 p.

_____. **La noblesse d'état. Grandes écoles et esprit de corps**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989. 569 p.

_____. **O campo econômico - a dimensão simbólica da dominação**. Campinas: Papyrus, 1999. 119 p.

_____. **O poder simbólico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 322 p.

_____. **Razões práticas - sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1994. 231 p.

_____. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRITO, A.X. Rei morto, rei posto? As lutas pela sucessão de Pierre Bourdieu no campo acadêmico francês. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr/2002, p. 5-19.

CANÊDO, L.B. **Circulação internacional e formação dos quadros dirigentes brasileiros**. Campinas: Faculdade de Educação - UNICAMP, 2005. 128 p. (FAPESP. História Política, Sociologia Política, Antropologia, Educação).

CATANI, A.; HEY, A.P. A educação superior no Brasil e as tendências das políticas de ampliação do acesso. **Atos de Pesquisa em Educação - PPGE/ME FURB**, v.2, n.3, p. 414-29, set./dez/, 2007.

ENNAFAA, R.; PAIVANDI, S. **Les étudiants étrangers en France - Enquête sur les projets, les parcours et les conditions de vie**. Paris: La Documentation Française – Collection Panorama des savoirs, 2008.

HEY, A.P. **Dominação simbólica e destino da educação superior no Brasil**. 2004. Defesa (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, São Carlos, 2004.

NOGUEIRA, M.A. A construção da excelência escolar. *In*: NOGUEIRA, M.A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Orgs.). **Família & Escola**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 124-54.

NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. 251 p.

NOGUEIRA, M.A.; NOGUEIRA, C.M.M. **Bourdieu & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 152 p. (Pensadores & educação.) v. 4.

ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003. 169 p.

APÊNDICE A - BREVE APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Cássia (doutorado-sanduiche), 45 anos, casada, mãe de dois filhos, chegou na França em julho de 2004. Não veio acompanhada de seus familiares. No Brasil, era professora numa universidade privada. Seu marido visitou-a duas vezes durante o estágio. A entrevista foi realizada em seu alojamento na *Maison du Brésil* no dia 26 de maio de 2005. É uma pessoa otimista, alegre e sociável. Esteve descontraída durante a entrevista e disposta a ser entrevistada, com discurso fluente, cronológico e emotivo. Ateve-se ao profissional e aos seus relacionamentos familiares e sociais. Contou sobre sua experiência de vinda à França, em particular, a aprovação do projeto temático do seu orientador, a fase de preparação no Brasil, em que relatou com detalhes:

“Quando eu entrei em 2002 no doutorado da UFRJ foi em 2003, meu orientador começou a meio que sondar as pessoas do grupo. [...] mas que eu pensasse, eu não era obrigada, mais se eu me interessasse e esse projeto fosse aprovado, eu poderia aplicar pra ele. Na mesma hora eu disse que toparia, e aí quando foi em dezembro de 2003, não, foi entre o natal e o ano novo, veio a resposta positiva que o projeto tinha sido aprovado [...]”

Mostrou-se adaptada no processo de estadia no exterior, mesmo porque já tinha tido duas experiências no estrangeiro, acompanhando o marido em seus estudos no exterior aos Estados Unidos e em Londres.

O objetivo de sua especialização em Paris:

“ eu vim decidida a trabalhar a questão teórica da minha tese,[...] Porque eu já tinha muito trabalho de campo e muita etnografia e eu precisava ainda que eu não tinha até aquele momento era a questão teórica amarrada, que na academia costuma se chamar objeto[...].”

Quanto à expectativa de retorno:

“Bom, acabar a tese, eu tenho que defender até o final do ano que vem [...]”
“E eu recomeço as aulas, volto a dar aulas em agosto e [...] Vai ser isso que eu vou fazer: voltar a dar aula, escrever a tese, eventualmente, voltar a campo para ... resolver algumas dúvidas, algumas questões [...]”

Josué (doutorado-sanduiche), 40 anos. Quando o entrevistei, estava solteiro; atualmente, está casado. Atuava no Brasil como arquiteto autônomo. Apresentou-se como uma pessoa tímida e ligada à família. Sua entrevista foi realizada em seu alojamento na *Maison du Brésil* no dia 27 de maio de 2005. Apresentou suas instalações, a visão de Paris

de sua varanda, seus trabalhos artísticos (desenhos realizados durante seus passeios). No trecho abaixo, Josué contou como entrou nesse processo:

“Quando eu recebi a notícia de que tinha passado no Doutorado, e isso foi mais ou menos em fevereiro de 2003 [...] [...] só que quando eu cheguei em junho em Salvador, a minha orientadora veio conversar comigo dizendo que existia a possibilidade de firmar um acordo bilateral de cooperação entre Brasil e a França e que a minha tese poderia se engajar neste projeto [...]”.

O objetivo de sua ida à Paris estava mais voltado ao pessoal:

“ eu não sabia falar nada de francês e foi... dando-me esse tipo de medo mas, ao mesmo tempo, eu resolvi encarar: "Não! Uma oportunidade dessa eu não posso perder!"

As perspectivas de volta para o Brasil era se concentrar para terminar a tese, ir a seminários e visitar os amigos que fez durante a especialização. Sua entrevista foi focada no aspecto pessoal, sendo que teceu poucos comentários sobre suas atividades acadêmicas.

Valdemar (doutorado-sanduíche), 40 anos, funcionário público, casado, veio acompanhado da esposa. A entrevista foi realizada em seu *studio*. Entrevistei-o no dia 29 de junho de 2005. Quando questionado sobre a vinda à França, ele descreve:

“Quando eu comecei meu projeto de Doutorado, meu orientador me disse que haveria uma possibilidade de vir para França para fazer um estágio de Doutorado que, no Brasil, dizemos uma Bolsa-Sanduíche. Antes disso eu jamais havia estudado francês e nem falado nada”.
“O estágio aconteceu mediante muitas dificuldades porque a resposta afirmativa quanto a minha bolsa da CAPES saiu somente uma semana antes d’eu partir e também houve algumas dificuldades quanto ao afastamento do trabalho para cumprir este estágio, mas ao final, tudo deu certo”.

Esse bolsista mostrou-se como um dos que mais se organizou para a estadia em Paris, pois desde o momento que ficou sabendo da possibilidade de ir à França, iniciou os estudos da língua, fez reserva financeira, buscou informações sobre a cultura e o modo de vida dos franceses, bem como, alugou previamente um local para quando chegasse em Paris. Durante toda a entrevista discorreu principalmente sobre as questões pessoais de sua

ida à Paris. Foram mínimos os comentários quanto ao aspecto acadêmico tanto que não foi possível esclarecer o objetivo de sua estadia na instituição francesa.

Sua maior preocupação quanto ao retorno era preparar os relatórios sobre o estágio, principalmente, para o órgão onde trabalhava. Tem uma profissão consolidada, mas não voltada à área acadêmica.

“Quando eu retornar ao Brasil, terei de fazer um relatório e enviar para CAPES sobre o estágio, bem como uma avaliação do orientador e do diretor-francês, então serão três documentos que deverei enviar para lá. Quanto ao meu trabalho também, eu deverei fazer um relatório sobre o meu estágio e juntá-lo a um processo que já está aberto, quando da minha vinda para cá”.

Ana (doutorado-sanduíche), 32 anos, solteira. Uma pessoa muito alegre, divertida, interessada em ser entrevistada. Inicialmente, mostrou-se muito nervosa, emocionada e confusa com datas e anos de suas formações acadêmicas. Notamos que o pessoal e o acadêmico estão bem imbricados. A entrevista ocorreu no saguão da EHESS no dia 30 de maio de 2005.

Havia estudado na França anteriormente para realizar a *Maîtrise* e *DEA*, em 2004, iniciou o programa de Bolsa-sanduíche como parte de seu Doutorado.

“Quando eu acabei o DEA, eu emendei com o doutorado”.
“Já tinha acabado o DEA e quando acaba você faz quase uma agenda de pesquisa para ir se direcionando”.
“Daí, eu entrei no doutorado na UNICAMP, daí tentei uma bolsa de doutorado do Brasil para cá por causa dos acordos e tal. Eu pleiteei a bolsa e consegui a bolsa [...]”.

Tem firme propósito acadêmico após o retorno ao Brasil:

“Idéia concreta, hoje, é terminar tudo que é empírico até o final do ano porque eu acho que eu vou precisar retomar algumas, umas duas ou três entrevistas no Brasil para proximidade de algumas coisas, para fechar algumas hipóteses ou não, para deixar a coisa mais redonda”.
“A priori, eu pretendo continuar na área acadêmica, sim, mas eu quero fazer outras coisas que não sejam ligadas à vida acadêmica: estudar para concurso (para para pensar). Eu gosto “pra caramba” de me enveredar nessa área da sociologia, mas gostaria muito de fazer parte de um grupo de pesquisa”.

Silvia (doutorado-sanduíche), 41 anos, solteira. Sua entrevista ocorreu no dia 1º de junho de 2005 na EHESS. Demonstrou-se, desde o início, aberta à participação na pesquisa. Mesmo considerando-se tímida, falou abertamente a respeito de sua situação e colocou-se bem à vontade com a entrevistadora. No Brasil, é professora de universidade pública. Já teve experiência de deslocamento para o exterior, pois fez seu mestrado na Inglaterra, de 1997 a 1998. Comentou sobre a escolha de Paris:

“a questão de Paris foi muito simples, foi por conta do professor e orientador daqui que escreveu que eu já conhecia por citação, e que não tem tradução ainda. [...] e hoje eu vejo que tinha muitas opções interessantes, mas naquele momento ainda não estava muito claro. A França estava sendo o lugar mais próximo”.

Quanto às perspectivas de retorno, tinha clareza em seus objetivos a serem desenvolvidos no Brasil:

“Então as minhas perspectivas de trabalho, elas estão assim, eu estou numa situação muito boa, eu estou esperando concluir em tempo a minha tese, tenho perspectivas que seja uma tese boa, pelo menos o tema tem sido projetado como muito bom, tem sido admirado, em minha qualificação eu espero que eu possa corresponder ao mínimo possível e a tese seja boa. Eu já volto com uma perspectiva de tentar publicar [...]”.

De modo geral, salientou o quanto essa especialização no exterior a havia ajudado, seja no aspecto pessoal, social e principalmente no acadêmico. Na análise desse processo, destacou as dificuldades de viver num processo de migração temporária:

“Então, balanço negativo, eu só colocaria as questões materiais, burocráticas, essa idéia foi do que eu comecei a falar, você se insere na cidade por um período curto, que sei lá não é a mesma coisa de uma inserção maior, aquela dimensão itinerante e temporária, que ao mesmo tempo que é gostosa e aventureira, mas ela também é difícil e dura porque você tem que segurar todas as relações afetivas que você estabelece”.

Gerson (doutorado-sanduíche), 37 anos, solteiro, preferiu fazer a entrevista no saguão da *Maison du Brésil*, ficou à vontade e cumprimentava todos que passavam. Foi

escolhido pelos docentes do departamento e com aprovação da universidade em que trabalha no Brasil para o estágio e a bolsa de estudos:

“eu não sei como foi, mas veio uma cota no momento e eu era a pessoa que poderia aproveitá-la. Era uma cota que deveria ser aproveitada o quanto antes e naquele momento, entre os alunos, eu é que já tinha, eu tinha a melhor possibilidade de sair, porque os outros que queriam sair teriam uma coisa para dali a seis meses, dali a oito meses [...]”.

Durante o relato de sua passagem pelo exterior, notou-se acentuada revalorização do Brasil, inclusive quanto ao objetivo de retorno para melhorar o nível do curso:

“ Ah tanto que ahh eu vou voltar com maior orgulho. Sabe, a gente sabe, a gente merece essa nota seis, merece até sete”.

Quanto à experiência, pode avaliar dois pontos importantes:

“Está sendo muito importante para mim como professor universitário: ter a experiência de morar na Europa e ver o que é isso aqui, até mesmo a minha postura em sala de aula de coisas que eu vou poder falar porque é testemunho e não porque, por ter vivido e não por ter lido só, então essa coisa de ver espetáculos, de ver lugares, etc. e tal. É... Tem toda a cultura que está a volta, que aí eu estava falando especificamente de teatro, mas toda cultura que você ganha e toda experiência de vida que você ganha também, que só contribui para condição que você tem na universidade. Eu acho que esses são dois aspectos extremamente importantes e por esses dois aspectos eu acho que minha viagem já se justifica”.

Ao término da entrevista, comentou a importância de ter desabafado com uma pessoa diferente dos amigos da *Cité* e demonstrou interesse em saber os resultados da pesquisa, bem como a experiência de outros pesquisadores brasileiros.

Regiane (doutorado-sanduíche), 33 anos, casada. Veio acompanhada do marido. Sua entrevista foi realizada no dia 10 de junho no saguão da *Maison*. Clara, objetiva, muito animada e interessada em conhecer o novo, o diferente. A escolha pela França é bem específica.

“Na verdade a Sociologia tem uma tradição forte na França. Nos Estados Unidos, é uma Sociologia que tem lá suas qualidades, mas é muito empiricista para as coisas que eu gosto de estudar, embora meu objeto seja

empírico e tal, eu tenho uma tendência à teoria e gostar das questões gerais e querer discutir a partir disso, essa coisa típica do Marxismo de apreensão da totalidade e tudo mais, quero dizer, tendo em vista à compreensão da totalidade. E aí, bom e aí que a França é o país de onde nasceu a Sociologia Brasileira. A Sociologia Brasileira deve muito à França e também tem um milhão de outras coisas a possibilidade de estar na Europa [...]”.

“Eu acho que efetivamente para o meu objeto de pesquisa, não necessariamente eu teria que estar na França, aliás, eu não precisava sair do Brasil por causa dele, mas eu não tenho muito problema [...] Que seja passear, a gente está num outro país, aprendendo uma outra língua, conversando com outras pessoas, fazendo outros contatos e tem coisas que você não teria oportunidade no Brasil e que são importantes para um pesquisador, para um futuro professor universitário, um futuro orientador”.

Apresentou suas expectativas:

“o principal é realmente ler coisas, que eu não teria oportunidade no Brasil e conhecer coisas que também eu não teria oportunidades no Brasil, esta é minha prioridade [...]” .

Mostra-se muito otimista com o retorno ao Brasil:

“Eu tenho uma expectativa muito grande de terminar o doutorado realmente no prazo, ou seja, eu vou ter mais o ano de 2006 para trabalhar no Brasil, para prestar concurso e entrar numa Universidade pública, é isso que eu quero. Ser uma professora universitária, dar minhas aulas, ter meus orientandos e depois pensar numa situação de pós-doc, quem sabe voltar para França inclusive. Eu penso em voltar num pós-doc para cá”.

Henrico (doutorado-sanduíche), 43 anos, solteiro. É docente numa universidade pública no sul do Brasil. Entrevista realizada no dia 15 de junho de 2005. Fizemos a entrevista no saguão da *Maison*, o que dificultou bastante a compreensão e a gravação, pois estava muito barulho no ambiente e ele cumprimentava quem passava o tempo todo. Mostrou-se resistente no início da entrevista, principalmente, quanto às questões sobre a academia.

“O objetivo de ter vindo para cá foi principalmente ter vindo buscar um apoio teórico, pensando na grande possibilidade de encontrar um vasto material teórico a respeito do assunto pesquisado, aulas voltadas para isso, principalmente, no que se refere à cultura”.

“Eu esperava encontrar aqui um debate sobre o meu tema, que não tem no Brasil. A minha opção de vir para cá era exatamente essa, era vir para um centro em que essa discussão acontecesse, tivesse um debate, coisas relacionadas que me interessavam”.

Teceu pouquíssimos comentários sobre seu projeto de pesquisa na academia francesa, com exceção, ao fato de não compreender o seminário que havia escolhido. Não falou nada de sua orientação no Brasil ou até mesmo na instituição francesa. Como perspectiva de retorno pretendia centrar-se e escrever um bom trabalho.

Edson (doutorado-sanduiche), 36 anos, solteiro. Entrevista realizada em 16 de junho de 2005 na biblioteca da *Maison du Liban*. Simpático, tranquilo e receptivo. A escolha pela França foi tanto dele quanto do orientador.

“Quando eu conversei com meus orientadores lá em Porto Alegre, de início ele estava em Grenoble porque tinha um grupo de pesquisa lá. Ele me propôs de trabalhar com um pessoal aqui em Paris. Ai o primeiro o contato foi com a École Nacional Superior de Telecomunicação, mas não deu certo; depois, eu fui tentar contato com o pessoal da Paris VI. Então, inicialmente, eu teria que vir em setembro, mas como não deu certo, eu vim em novembro, quando eu vim aqui com o pessoal da Paris VI”.

Tinha pretensões acadêmicas de prestar concurso de docente numa universidade federal após o retorno dessa especialização.

“Voltar para Porto Alegre e terminar o doutorado e depois voltar para minha terra. Na Federal, estou como técnico ainda, esperando concurso, mas na particular estava como professor e sai afastado, então enquanto não sai concurso na Federal, eu provavelmente volte a ficar dando aula”.

Lúcia (doutorado-pleno), 31 anos, solteira. Foi bem interessada em participar da entrevista desde o primeiro encontro e fez questão de que a entrevista fosse realizada em seu alojamento. Sua experiência é diferente dos demais porque estava cursando Doutorado Pleno. Comentou sobre a vinda à Paris:

“Então, na verdade, a Universidade não tinha condição de bancar, a Universidade do Rio, mas eles convidaram e eu vim. Pedi uma bolsa para CAPES e consegui a bolsa e vim. Na verdade, eu vim porque fui convidada para vir”.

Fez um balanço positivo de sua estada em Paris:

“tudo isso foi bastante interessante, bem ou mal fazer contato para o futuro, ter, de repente continuar a ter um intercâmbio entre aqui e o Brasil, acho que foi assim legal [...]”.

E apresentou suas perspectivas:

“Eu penso em fazer concurso para Petrobrás, gostaria de trabalhar na Petrobrás com pesquisa e estou com uma proposta de pós-doc no Brasil com a professora, que foi minha professora no Mestrado. Ela está trabalhando num Instituto de pesquisa e que então tem uma bolsa de pós-doc da Petrobrás mesmo”.

Pedrina (doutorado-pleno), 32 anos, casada, uma filha. Entrevista realizada na EHESS aos 29 de maio. Ela chegou em Paris no ano de 1997 para cursar Doutorado Pleno. No decorrer de sua passagem, divorciou-se, casou-se novamente e teve um bebê. Sua entrevista foi extensa, ela contou detalhadamente todo seu percurso acadêmico, incluindo o contexto pessoal de seus relacionamentos amorosos e familiares. Quanto à escolha pela França, deixou claro seu interesse pela Sociologia francesa.

“sempre tive o interesse e uma curiosidade pela cultura francesa e tal e pela Sociologia francesa e depois dessa minha formação acadêmica lá, que no Departamento de Sociologia, a influência da Sociologia francesa é a mais forte. Tem a influência da Sociologia alemã com a B., que é professora lá e com os alunos que estudaram com ela e também alguns que estudaram em Oxford, nos Estados Unidos, mas a influência maior é da Sociologia francesa”.

Salientou o fato de não ser de uma família internacionalizada e as conseqüências de não conhecer os códigos e de não fazer parte das redes.

“ se eu viesse de uma família já internacionalizada, se eu já freqüentasse o meio intelectual francês, quando eu comesse meu doutorado eu já teria começado com uma pessoa certa e no lugar certo, eu já conheceria os códigos. Isso mostra quem é que tem as condições para quando começar o doutorado aqui já ter vindo aqui, já conhecer o sistema, já conhecer os códigos, já ter contato com os orientadores. Quem tem condições de já ter construído essa rede de relações para já estar inserido é quem vem de uma outra rede com capital econômico, cultural e intelectual mais consolidado lá no Brasil, eu acho”.

Quanto às perspectivas de retorno, oscilou sempre entre o pessoal/familiar e o acadêmico.

“a gente indo para o Brasil, eu acho que eu vou ter que ir um pouco antes, ver a possibilidade de eu ter um pós-doc e organizar um esquema de arrumar um trabalho para o H. lá”.

“Para eu voltar para o Brasil vai ser um sacrifício familiar, vai ser assim, priorizar minha vida profissional em relação à família. Eu acho que para a família, para nós três era melhor ficar”.

Defendeu sua tese em 2007 e continua morando em Paris.

Mariana (pós-doutorado), 54 anos, casada, dois filhos. Sua entrevista foi realizada na EHESS no dia 07 de junho de 2005. Durante a entrevista, focou principalmente os aspectos objetivos de sua vida. Destacou a importância do apoio da família em sua trajetória acadêmica e profissional. É docente numa universidade pública, experiente profissionalmente, consciente de suas decisões e voltada aos interesses acadêmicos.

Chegou em março de 2005 na França. Seu objetivo era cursar o Pós-Doutorado na área de Psicologia Social e sua estadia tinha um propósito bem definido:

“As expectativas, eu me lembro do projeto, a gente faz um projeto para vir para cá e no projeto você coloca as coisas que você se compromete a fazer. Então são essas as expectativas, tem a ver com esse compromisso e meu maior compromisso era de escrever um livro”.

Suas perspectivas de retorno eram claras e objetivas.

“Eu fico meio apreensiva de voltar, nesse lado de não ter tempo de continuar essas coisas que eu quero continuar, pelo menos essas duas coisas: a pesquisa da Suíça e terminar o livro, que são as mais importantes. Eu quero também oferecer uma nova disciplina na pós-graduação [...]”.

Rosana (pós-doutorado), 43 anos, casada, três filhos. Veio acompanhada da família. A entrevista foi realizada no dia 07 de junho de 2005 no saguão da EHESS. A escolha da França foi por influência e indicação dos amigos de departamento:

“Como já tinha dois professores do departamento que já haviam estado aqui, inclusive, eles falaram (tosse): “Ah, porque vocês não tentam então a França?” (concordou que foi por indicação de outros amigos). Dois inclusive ficaram na Sorbonne, mas um professor, inclusive, esse que começou a trabalhar com (tema), ele tinha me falado para gente vir aqui.”

Na entrevista, falou pouco das questões acadêmicas. Ateve-se principalmente ao pessoal com destaque à família. Inclusive, ficaram obscuras suas pretensões quando do retorno ao Brasil, devido às lamentações e preocupações com o excesso de atividades ligadas a sua função de docente na universidade pública no Brasil.

“Coisas assim que já está meio com aquela expectativa que quando você voltar tem um monte de coisa assim[...] Certeza das disciplinas, agora as orientações de mestrado estão lá esperando, tem um aluno de doutorado que era para ter entregue o trabalho e não entregou ainda, então acho que é assim, vai tudo (risos) culminar na hora, é um pacote”.

Antonino (pós-doutorado), 45 anos, casado, três filhos. No Brasil, atua como docente numa universidade pública. A entrevista ocorreu no saguão da EHESS. O tempo todo da entrevista mostrou-se muito preocupado e prudente com as questões acadêmicas. Apresentou um objetivo claro para vir especializar-se na França:

“Dado ao meu objeto de pesquisa, que é a questão do desenvolvimento, sempre tem uma preocupação da agricultura com a questão do desenvolvimento e aqui no CRBC, na École, o meu orientador daqui tem uma produção muito expressiva com relação ao desenvolvimento sustentável e eu tenho acompanhado, então por bibliografia, as coisas que ele tem escrito, inclusive, há muito tempo, então é [...], entrei em contato por internet, por e-mail com o professor e ele respondeu positivamente, e a partir daí então, passei a estabelecer os contatos aqui no CRBC, mas o que me chamou a atenção no momento foi a produção científica dele sobre o desenvolvimento sustentável”.

Comentou suas perspectivas acadêmicas dessa especialização:

“[...] no nosso programa de pós-graduação, nós sempre mantemos pelo menos um ou dois no exterior, em diferentes partes, para que a gente possa com isso ter essa experiência que eu disse antes, mas também, para abrir as possibilidades de fazer contatos no exterior, tanto para os nossos

colegas do programa de pós-graduação, e principalmente, para os alunos da pós-graduação.”

E a possibilidade de ampliação das redes sociais estabelecidas no exterior quando de seu retorno ao Brasil.

“Os alunos de mestrado, doutorado, que eventualmente, queiram e tenham disponibilidade de fazer pós-graduação no exterior, com a nossa estada no exterior vai abrindo as portas para que esses alunos possam vir para cá no futuro e enriquecer também essas experiências”.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa – **“O processo da circulação internacional dos pesquisadores brasileiros na França”** -, no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória. Mesmo que você decida participar, você tem plena liberdade para interromper a entrevista a qualquer momento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador (a) ou com a instituição.

OBJETIVOS:

- Verificar as expectativas, realidade e perspectivas com a experiência de estudo dos pesquisadores brasileiros na França;
- Verificar as formas de enfrentamento diante das principais dificuldades encontradas com a mudança de ambiente sócio-econômico e cultural nessa nova condição de vida dos pesquisadores brasileiros na França

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Se concordar em participar da pesquisa, você terá que responder a um questionário (informações acadêmicas) e a uma entrevista (gravada) - sobre sua experiência na França. Você pode e deve fazer todas as perguntas que julgar necessárias antes de concordar em participar da entrevista, assim como a qualquer momento durante a discussão.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Sua identificação será mantida como informação confidencial. Os resultados do estudo serão publicados sem revelar a sua identidade ou de outro participante.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
SUJEITO

Eu, _____

(Nome)

declaro que li as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Fui devidamente informado(a) pela pesquisadora Deomara Cristina Damasceno Garcia dos procedimentos que serão utilizados, confidencialidade da pesquisa e concordo em participar da pesquisa e da publicação dos dados da mesma.

LOCAL E DATA: Paris, _____ de 2005.

NOME E ASSINATURA DO PARTICIPANTE

(Nome por extenso)

(Assinatura)

APÊNDICE C – MODELO DO QUESTIONÁRIO

Pesquisa: “O processo da circulação internacional dos pesquisadores brasileiros na França”

**QUESTÕES OBJETIVAS
PARTE 1: INFORMAÇÕES GERAIS**

Participante:										
Sexo:		Masculino:			Feminino:					
Data de Nascimento:		Nacionalidade:								
Local de nascimento:										
Estado Civil:		Solteiro		Casado		Viúvo		Separado		Outro:
No. Filhos:										
Local da residência no Brasil:										
Atividade Profissional:										
Formação Acadêmica:										
Instituição de Origem:										
Instituição na França:										
Disciplina:										
Tema da pesquisa:										
Sujeito da pesquisa:										
Situação Acadêmica na França:		Doutorado Pleno		Doutorado Sanduíche		Pós-Doc		Professor Convidado		Outro:
Data de chegada na França:						Data da partida da França:				
Informações familiares:		Pai		Data de Nascimento:						
				Nacionalidade:						
				Formação Acadêmica:						
				Atividade Profissional:						
		mãe		Data de Nascimento:						
				Nacionalidade:						
				Formação Acadêmica:						
				Atividade Profissional:						

PARTE 2: INFORMAÇÕES ACADÊMICAS ADICIONAIS

	Instituição/Cidade	Ano de Início e de Término		Curso/Área	Tema da Pesquisa
Graduação					
Mestrado					
Doutorado					
Pós-Doutorado					

(Marcar com X)

	Financiamento dos estudos					Formas de alojamento () residência () alojamento univ.		
	Atividade profissional	Família	Bolsa	Financiamento	Outro	Sozinho	Família	Amigos
Graduação								
Mestrado								
Doutorado								
Pós-Doutorado								

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA - CÁSSIA

Modalidade: Doutorado-sanduiche

Local: Alojamento da *Maison du Brésil*

Data: 26/maio/2005

1a. pausa: telefone tocou (01:24 de gravação). Continuação do preenchimento dos dados objetivos.

Quando falou da função da mãe disse: "Cresci entre as prateleiras dessa biblioteca regional do Meyer", era um ambiente muito lúdico para mim porque eu adorava os amigos da minha mãe que trabalhavam com ela e tinha os leitores, as pessoas chamavam assim de "leitores" e tinha aqueles que se tornavam tão assíduos que acabavam se tornando amigos dos funcionários da biblioteca e toda festa que tinha aqueles acabavam fazendo parte também e eu quando era criança que às vezes acabava encontrando na rua com alguém e minha mãe cumprimentava e a pessoa acabava cumprimentando minha mãe e eu perguntava assim: "Quem é essa pessoa, mãe?" e minha mãe respondia: "Ah, é um leitor ou uma leitora" e eu achava que isso era uma profissão, ser leitor ou ser leitora, era uma profissão.

Sobre a profissão: ...Na minha adolescência, hoje eu percebo isso, a estratégia, geralmente, de pessoas do subúrbio, com dificuldade financeira e tal..., uma das coisas que eu me lembro de ter quando ainda fazia o segundo grau era o curso de datilografia e então tinha aquela coisa, que você tinha que ter algum conhecimento técnico de alguma coisa que possa te servir na prática para se virar...! Não depender de ninguém e tal e uma das coisas que eu fiz foi esse curso, um curso completo de datilografia da Remington, naquela época não existia nem máquina elétrica, nem eletrônica, está parecendo papo de velha, mas... (ri e tosse). Eu fiz isso durante muito tempo eu tive uma grana datilografando trabalho de fim de curso dos meus colegas da faculdade e trabalhando como datilógrafa nesse hospital, trabalhei sete anos lá (tosse). Cheguei a ir aos Estados Unidos com meu marido, que conseguiu uma bolsa sanduiche para ir para Universidade Columbia, na época fazer o mestrado (concordou que já teve experiência no exterior), e quando eu voltei dos Estados Unidos, eu retomei minha matrícula, porque eu tinha trancado a minha matrícula da Faculdade, e eu reabri a matrícula da Faculdade e o IFCH estava passando por uma reestruturação porque o IFCH foi um grande centro de movimento estudantil durante os anos 60 e quando eu entrei no IFCH, que foi bem no início dos anos 80, e isso foi em 81, ainda existia um ranço daquela época da ditadura, aquela coisa toda, mas era assim eh... Do lado oposto..., foi um movimento muito interessante, porque eu cheguei e a gente só podia estudar Marx e todas as outras coisas que derivavam do pensamento marxista e tal... eh... Não existia essa atividade de pesquisa, de iniciação científica, eh..., monitoria, isso não tinha e esse momento que eu saí do Brasil para ir aos Estados Unidos, quando eu voltei teve uma mudança muito grande e eu cheguei no bojo de uma nova discussão entre estudantes e alguns colegas que estavam querendo mais do que a Sociologia para movimento político, queríamos nos tornar uns sociólogos ou antropólogos ou cientistas políticos..., e a gente acabou estimulando um processo de criação de um laboratório de pesquisa social - LPS - e eu fiz parte dessa história da construção desse laboratório, porque estava havendo abertura para isso. A Antropologia que, antes d'eu ir viajar, ou seja, eu viajei em 84, não em 85, então a Antropologia que antes d'eu viajar não tinha um peso muito grande lá no IFCH, quando eu voltei em 86, virou a palavra de ordem para um grupo de estudantes e eu era uma dessas pessoas que estava nesse grupo. Eu comecei a me envolver em pesquisa, me

envolver, me envolver, daí eu definitivamente, eu resolvi pedir a minha exoneração lá do hospital porque eu ainda mantinha durante algum tempo, e depois eu já não agüentava mais trabalhar lá assim, e eu queria me dedicar a outras coisas, mas inicialmente não, não podia porque... Porque eu não tinha grana e quando eu e S. nos casamos, a grana era muito curta e tal... Mas nessa volta, eu me engajei com pesquisa e passei a ter bolsa, tive bolsa de iniciação científica duas vezes na graduação, depois que eu me formei eu tive uma bolsa de especialização, tudo do CNPq, e no Mestrado eu tive da CAPES. Quando eu acabei de defender a minha dissertação, em 94, um mês antes da minha defesa, uma grande amiga minha, quer dizer, acabou se tornando uma pessoa com a qual eu acabei me relacionando muito bem nas disciplinas do Mestrado, ela já estava acabando o Mestrado e eu estava começando o mestrado e nessa ocasião lá no IFCH a gente acaba ficando muito próximas uma da outra, mais não saía muito do ambiente da universidade e de repente, eu estou em casa e recebo um telefonema da F. perguntando-me se eu queria dar aula numa faculdade particular, lá no Rio e eu falei assim: "Mais F., eu ainda não defendi a tese". E ela disse: "K, você vai defender a dissertação daqui a um mês e tal, então não tem problema". Daí eu disse na mesma hora: "Quero", eu defendi a dissertação e daí depois no mês eu já estava trabalhando, foi mesmo muito legal.

O projeto de doutorado sanduíche em particular foi assim, eu... fazendo um recorte do processo todo que me levou até o doutorado da UFF, mas havia uma idéia da possibilidade desse projeto ainda ser aprovado. Quando eu entrei em 2002 no doutorado da UFF, foi em 2003, meu orientador começou a... meio que sondar as pessoas do grupo, meu interesse, tal... Começou a divulgar para nós e fez uma reunião comigo, na qual ele disse que não estava ainda tudo muito certo, mas que eu pensasse, eu não era obrigada, mais se eu me interessasse eh... esse projeto fosse aprovado, eu poderia aplicar para ele tal... Na mesma hora eu disse que toparia, e quando foi em dezembro de 2003, não, foi entre o natal e o ano novo, veio a resposta positiva que o projeto tinha sido aprovado e ele fez uma reunião lá no nosso núcleo de pesquisa e eu já fui para essa reunião assim... Com três folhas tematizadas sobre (ri) porque que eu achava que seria interessante aquela coisa: objetivo, justificativa, o que eu iria pesquisar e tal, o que que tinha a ver o meu tema de tese no Brasil e aqui, vir para França e que que isso seria importante para minha tese, então eu não tinha ainda um texto pronto, mas botei em três páginas meus objetivos e as indicações daquilo que eu achava que poderia encontrar aqui e no dia ele já me ligou, isto foi colocado na reunião e não pude ficar até o final da reunião porque minha sogra, na ocasião, estava muito doente também, e eu estava tendo que ficar com ela no hospital, me reveza com S. e com os irmãos do S. e as tias e tal, e tive que sair dessa reunião e daí no dia seguinte eu recebi um telefonema do meu orientador dizendo: "Olha, todo mundo aprovou a tua ida". E quando foi final de janeiro de 2004, ou seja, um mês depois, eu já tinha um projeto pronto para CAPES-COFECUB, estava decidida. Esse papo também, eu já tinha saído do Brasil duas vezes, uma vez para os Estados Unidos quando S. fez o Mestrado sanduíche e passei quatro anos na Inglaterra, porque S. fez o doutorado pleno lá, então...

O que fez lá? Nessas duas vezes estudei inglês principalmente e na Inglaterra, cheguei a participar das atividades do Departamento de Sociologia da Universidade, onde a gente estava e daí eu tive acesso à biblioteca e a todos os serviços da universidade, porque eles inventaram uma categoria lá para me receber, enquanto eu pedi bolsa da CAPES e do CNPq para fazer o doutorado na Inglaterra, enquanto eu esperava a resposta, eles abriram as portas para mim.... Eu fiz dois cursos, participei de *workshops*, essas coisas assim... Eu tive a resposta negativa e eu resolvi continuar só estudando inglês na Inglaterra.

E S. sempre brincou assim: "Eu não vejo a hora de um dia você ir e eu ir acompanhando, eu vou só cuidar das crianças, vou fazer ginástica, você sabe... vou ficar... eu faço a comida, mas quem vai agora é você e eu vou acompanhar". Daí sabe a possibilidade de eventualmente eu sair do Brasil é uma possibilidade muito presente na minha casa entre nós e a experiência na Inglaterra para os meus dois filhos, e os dois estavam lá, foi muito boa também, eles também estariam dispostos a... sair de novo do Brasil e tal. Mas quando veio do CAPES-COFECUB a resposta, S. estava..., foi complicado para S. largar o que ele estava fazendo para vir me acompanhar porque ele hoje na verdade é pró-reitor de pesquisa e pós-graduação de uma universidade, então ele não podia largar. O meu filho mais velho tinha acabado de entrar na Faculdade e para eu vir sozinha com meu filho mais novo, a bolsa não daria condição (responde que o filho agora tem 13 anos) e nós não teríamos condições financeiras de manter a mim e a ele aqui. A gente conversou muito sobre isso, assim a gente já vinha conversando muito sobre isso eh... E quando saiu o resultado positivo que o projeto do meu orientador tinha sido aprovado eh... A gente já estava conversando como é que seria se esse projeto fosse aprovado e se o meu também fosse (concorda que foi um processo). A gente já estava convencido que eu viria sozinha. Eu viria sozinha, iria é... Como eu cheguei no meio do ano, em julho, já tinha ficado combinado que em dezembro, eu iria para o Brasil passar o natal e o ano novo e tínhamos a idéia de uma vaga possibilidade de os meus dois filhos eventualmente virem passar um tempo, tipo férias, aqui comigo, que não foi possível por falta de grana, mas S. como tem um projeto junto à Universidade da Bretanha, ele pôde vir em novembro, porque ele era um dos coordenadores do CAPES-COFECUB. Ele veio em novembro, daí a gente ficou juntos aqui. Agora, ele veio, mas não mais dentro do CAPES-COFECUB, mas como professor convidado da Universidade da Bretanha, então ele chegou na semana passada para ficar dois meses, dois meses aqui que eu digo na França, porque eu estava em Brest na Bretanha. A gente estava assim, num rodízio, às vezes eu vou para lá e às vezes ele vem prá cá. E agora o mês de junho a gente combinou d'eu ir pra lá porque na verdade eu já estou encerrando as minhas atividades aqui e não teria condições de ficar pagando um aluguel aqui e outro lá, então só tenho que terminar meu relatório da CAPES, formalizar algumas coisas também da tese e eu posso fazer isso lá... por isso que eu decidi, eu antecipei a minha saída da *Maison du Brésil* por conta disso.

Quanto às expectativas: lógico que tinha... Bom... Uma coisa... Inicialmente, eu tinha pensado assim, vou fazer um trabalho de campo em Paris para fazer uma comparação com o que eu faço aqui. Isso, na minha banca de qualificação, ficou claro que não teria tempo suficiente para isso que, na verdade, no fundo, acabou tirando um peso das minhas costas, então eu vim decidida a trabalhar a questão teórica da minha tese... Porque eu já tinha muito trabalho de campo e muita etnografia e eu precisava ainda que eu não tinha até aquele momento era a questão teórica amarrada, que na academia costuma se chamar o objeto mesmo eh... Eu vim com esse objetivo e se eu conseguir fazer trabalho de campo: lucro, se eu não conseguisse já teria cumprido o meu objetivo! Eu acabei cumprindo esse objetivo e eu estou feliz "pra caramba" por causa disso porque é lógico que no início dava um frio na barriga, aquela coisa: "Será que eu vou conseguir, é... o que eu estou realmente me colocando?" e eu pensava assim: isso não envolve só a mim, porque embora seja um projeto meu, mas eu estou com marido, dois filhos e no final meu sogro, que tem ficado lá em casa, que é uma pessoa maravilhosa e uma empregada, que é uma pessoa maravilhosa também, todo mundo segurando as pontas para eu vir para cá. Então, é lógico que tinha um pouco de medo de não alcançar o que eu estava me propondo, entendeu? Porque mesmo S.

dizia: "Ah, mas você não tem que se cobrar", não sei o quê, mas não, como é que... é uma coisa que tem que dar certo, não pode não dar certo! Era o financiamento do governo brasileiro, era a expectativa das pessoas do programa de pós-graduação, dos colegas do laboratório, então, no fundo, você fica com a cobrança, com a pressão mesmo. Ninguém verbaliza isso, as pessoas respeitam, mas... eu vim realmente com essa sensação e diversos momentos ao longo desse ano, eu senti isso também, eh... Principalmente depois da apresentação que eu fiz ontem, eu vi ainda que tem muita coisa para trabalhar, mas eu vi assim... Sabe foi ótimo, quando eu consegui apresentar tudo aquilo que eu tinha conseguido discutir aqui, sabe foi assim... Uma sensação muito boa (concorda que foi muito prazerosa), mas é incrível como é prazerosa, um negócio assim que... Sabe, que bom. Não sei como vai ser daqui para frente, mas foi um círculo assim que foi fechado.

Teve outras coisas que acabaram superando as expectativas também, entendeu? Então, por exemplo, esse laboratório onde eu apresentei o meu trabalho ontem, eu não imaginava que eu fosse conhecer grupos de pesquisadores e pessoas que são importantes aqui e que acabaram se interessando pelo meu tema e me convidando para dar essa palestra?! São pessoas com as quais eu quero continuar mantendo contato e ter a possibilidade de desenvolver um projeto junto, uma coisa concreta, de continuar voltando e deles irem lá, entendeu? Isso eu acho que foi uma coisa muito positiva (tosse), eu não esperava, foi uma coisa que acabou surgindo, e ao mesmo tempo, isso me dá prazer porque eu penso assim: "Então, é porque eu acabei me relacionando direito, eu acabei fazendo as coisas com certa competência, a ponto das pessoas reconhecerem, e o fato do próprio T., que era uma pessoa que não estava na convenção, o pessoal do S. não estava no CAPES-COFECUB que eu vim, o T. que é o professor que eu assisti aos seminários dele, ele não estava no nosso programa CAPES-COFECUB e acabou que agora ele abriu um espaço para discutir o meu trabalho e isso foi uma coisa que estava fora das minhas expectativas, principalmente essas duas coisas são... e uma grande amiga que eu fiz aqui, na França, desde Vichy, porque como eu vim em julho, meu CAPES-COFECUB dava a opção d'eu escolher fazer um estágio lingüístico ou não em Vichy, antes de vir para Paris, então eu fiquei de meados de julho até o início de setembro. Eu cheguei aqui em Paris dia 04 de setembro, eu fiquei fazendo um curso de francês lá em Vichy, que para mim foi fundamental, eu lia francês e falava: "*Bonjour, Bon soir, bonne nuit*" e alguma coisa como isso, e eu só consegui me comunicar depois desse curso, era um curso intensívíssimo. Eu tinha aula o dia inteiro de segunda a sexta lá em Vichy e eu conheci essa pessoa, essa amiga que também é antropóloga, trabalha com a Amazônia e tal, também estava num CAPES-COFECUB, e que escolheu ir para Vichy, nós estreitamos muito a relação. Nós ficamos amigas muito próximas, mas ao mesmo tempo, é uma pessoa muito séria profissionalmente, e foi ela quem me apresentou ao grupo do S., que é onde ela tem o CAPES-COFECUB dela. Ela está ligada a esse laboratório e acabou sendo uma amizade também, não só em termos afetivos como em termos profissionais eh... acabou vindo sem eu ter esperado ou eu ter planejado. É uma sensação indescritível, sabe? Ela é do Pará e mora aqui na *Cité* também. Então, essas coisas eu acho que foram assim, em termos profissionais, principalmente que eu te coloquei. Eu fiz uma visita a uma associação aqui em Paris, uma associação que desenvolve trabalhos com usuários de drogas e eu tive o nome dessa pessoa. Ela é uma diretora dessa associação e é uma brasileira, que vive aqui em Paris há mais de 20 anos e ela foi uma das fundadoras dessa associação, e eu tive o contato com ela pelo seguinte, que eu tinha vontade de fazer uma observação num comissariado de polícia, ou seja, numa delegacia de polícia que eu estava atrás de observar isso, como é que é isso que aqui na

França eles chamam de "polícia de proximidade" e eu não estava conseguindo. Mesmo o laboratório, eu estou ligada aqui a um laboratório de estudos, Centro de Estudos Sociais do Direito e das Instituições Penais, que trabalham com o assunto de polícia, de criminalidade, de violência e tal e nem através deles eu consegui entrar na polícia. Eu acho que o governo brasileiro, o governo francês, a sociedade francesa vivem um momento muito complicado em relação ao Ministério do Interior, está muito acirrado, está muito uma coisa em cima dos imigrantes e tal e a entrada na polícia está sendo muito difícil. Eu tive o contato com essa diretora dessa associação porque a minha expectativa era ir lá e conversar com ela, conhecer o trabalho que ela faz e ver a possibilidade de contato com a polícia através dela. Só que eu cheguei lá eu vi um outro mundo pelo qual eu me apaixonei profundamente, um tipo de trabalho com o qual eu me identifiquei eh... E acabei começando a fazer um trabalho de campo lá e foi interessante porque eu acabei entendendo as coisas para minha tese, embora os temas e os objetos sejam totalmente diferentes, mas eu pude entender tudo aquilo que eu estava estudando para minha tese. Eu consegui articular nas minhas poucas observações que eu tinha começado a fazer nessa associação. Foi outra coisa que eu não esperava também e que acabou aparecendo para mim e que, com certeza, eu quando acabar minha tese de doutorado vai ser outro investimento. Já tenho idéia para desenvolver no Brasil, em relação a um trabalho desse de redução de risco de uso de droga e eu estou muito interessada em trabalhar com isso, não só como pesquisadora, mas sei lá o que puder (ri) aparecer... Sei lá isso foi uma outra coisa que eu não esperava e que acabou aparecendo, por isso que eu digo que algumas coisas superaram as minhas expectativas. Eu acabei conquistando mais do que eu esperava. Faço um balanço totalmente positivo e principalmente agora porque durante um ano eu tive momentos assim bem..., hora nenhuma eu fiquei deprimida porque eu não tenho uma tendência à depressão, mas de... ficar muito balançada, angustiada, não só com a questão da tese, que isso é uma coisa que mobiliza muito qualquer um que está fazendo uma tese. Mas porque eu sentia uma saudade enorme do S. e dos meus filhos, sentia uma saudade enorme da minha casa, eu tinha acabado de mudar, tinha um mês que eu tinha mudado para essa casa que ainda não estava acabada, então ainda eu não estava acompanhando o restante da obra da casa, minha sogra tinha acabado de falecer, então eu vim para cá um pouco sabe assim...: "Ai, meu Deus, será que vai dar certo? Será que não está sendo uma loucura? Será que eu vou agüentar ficar sozinha, será que...?!" e em vários momentos eu senti assim... A saudade foi uma coisa que nunca se afastou de mim, mas outra grande conquista foi aprender a conviver e a continuar trabalhando e acordando todo dia e fazendo as coisas mesmo com a saudade no meio do peito, entendeu? Foi uma coisa que eu aprendi e também a controlar essa emoção de modo a me não paralisar para o trabalho. Eu acho que a saída de um país para outro país, mesmo a nível profissional, você tem um ganho muito grande, que não é só profissional. Tem uma coisa assim que você começa a descobrir coisas sobre você mesmo. Você começa a desenvolver mecanismos de... Num caso desse que eu te falei de controlar uma determinada emoção e continuar trabalhando e perseguindo aqueles objetivos originais, e... de ser tolerante, pelo menos da minha experiência, a ser mais tolerante comigo. Eu acho que eu era muito intolerante comigo, muito exigente comigo, eu acho que eu mudei uma coisa nisso. E esse negócio de viver sozinha, de morar sozinha, porque a minha experiência de morar sozinha, a lembrança que eu tinha da experiência que eu tive de morar sozinha era muito dolorosa porque a primeira vez que eu morei sozinha foi quando minha mãe morreu então eu me lembro que foi um sofrimento muito grande para mim. Eu me lembro que eu precisei de ajuda da família, dos amigos e depois fui fazer análise por conta disso e tal...

Então, mas no fundo, isto era uma coisa que eu estava colocando como desafio para mim também. Quando eu vim para cá, tinha tudo que eu te falei, mas eu tinha conscientemente (ênfase), eh..., o objetivo de superar isso também eh... Dar-me essa chance para mim mesma, entendeu? Então, eu acho que nesse sentido pessoal, psicológico, afetivo, sei lá, emocional na verdade, eh..., para mim foi importante também, foi doloroso “pra caramba”, principalmente a chegada em Vichy, a primeira semana em Vichy eu pensei assim: "Não vou conseguir, vou voltar". Eu me lembro que eu liguei para casa e essa diferença de cinco horas, eh..., isso não é civilizado é muito gritante, a gente sem telefone, nós éramos 12 brasileiros em Vichy, dentro de CAPES-COFECUB e ficamos todos alojados no mesmo hotel. Foi uma experiência legal isso também, de convivência com pessoas tão diferentes de você, de áreas tão diferentes, de idades tão diferentes, de... cidades do Brasil tão diferentes, e que no fundo mesmo sem precisarmos verbalizar, nós nos ajudávamos uns aos outros, nós não deixávamos a peteca de ninguém cair (concorda de diante de algumas dificuldades a presença do amigo foi fundamental). E aqui na *Maison*, eu acho que eu acabei encontrando isso também, você, por questões de sobrevivência, de identidade, porque algumas pessoas você nem tem grande identidade, mas você consegue conviver também, e outras você desenvolve identidade, desenvolve afetividade, cumplicidade. E chega agora na hora de partir dá aquela dor de partir, então... Eu fico meio comovida de falar disso... (choro) disso eu... Eu achei muito legal ter conquistado o que eu consegui conquistar, achei muito legal...
2 a. pausa

Enfim, lá em casa a gente sempre recebe muita gente e tal... E lá em Vichy rolou essa coisa assim, fazíamos queijos e vinhos ou íamos passear no parque ou íamos fazer alguma coisa e tal, aí... Ah, depois tinha o orelhão da esquina, porque a gente não tinha telefone no quarto, então era aquela fila, todo mundo ligando para o Brasil e era muito engraçado porque (ri) a gente saía assim do... abria a porta do hotel com o cartão, o euro latino (ri), que você tinha vários créditos para você falar não sei quanto tempo e tinha que falar do orelhão. Você via todo mundo feliz da vida com aquele cartão na mão, depois saía todo mundo em prantos (ri muito) do telefone, era uma coisa assim... Às vezes, meia noite, uma hora da manhã, porque, para poder encontrar as pessoas em casa no Brasil, e a gente, é interessante e comovente ter vivido isso e ter compartilhado com as outras pessoas isso também, era uma coisa assim que ninguém conseguia colocar máscara em relação a isso, era impossível, mas... Foi o que eu falei a primeira semana, quando eu fechava aquela porta do meu quarto, eu ficava: "Ai, meu Deus, eu não vou agüentar", ficava assim..., mas depois essa coisa foi se modificando. A chegada em Paris foi maravilhosa, adorei, no dia 04 de setembro, cheguei a Paris num dia como de hoje, ensolarado, quente, amei a *Cité Universitaire* e a *Maison du Brésil*, superou minha expectativa, que, aliás, eu vim para França sem ter endereço fixo em Paris, eu não tinha, a minha idéia era vir a Paris lá de Vichy, tirar dois dias e procurar alguma coisa, mas cheguei lá em Vichy, através dessa amiga que tinha, a da Amazônia, que tinha conseguido a vaga aqui na Maison, ela me passou o *e-mail* da Diretoria, o *site* e tal, eu rapidinho mandei meu pedido de vaga aqui. Eles me responderam e me mandaram por correio o formulário para eu mandar o dossiê, para enviar o dossiê para cá. Enviei tudo e tive a resposta que eu teria o mês de setembro garantido, o que já me deu um alívio, e eu pensei assim: "Já não preciso mais gastar uma grana e correr atrás lá sozinha em Paris". Quando eu cheguei aqui, cheguei num sábado, e na segunda-feira, eu tive a resposta de que a minha vaga estava garantida pelo *séjour* inteiro, pelo período inteiro. Foi maravilhoso.

Quanto às expectativas de retorno ao Brasil: Bom, acabar a tese, eu tenho que defender até o final do ano que vem e tentar até antecipar um pouco porque já estou antenada com outras coisas. Não, antes de chegar agora em julho, eu quero tirar uns quinze dias, os quinze últimos dias de julho, que é férias ainda, ficar sem fazer nada, trabalhar nada, ler nada, e tal... Só indo à praia, curtindo lá em casa, sabe..., os cachorros, os meninos, eh... Essa coisa toda, fazer muita pizza de forno à lenha porque eles botaram um forno à lenha lá em casa agora eh... E quero curtir muito isso, rever os amigos também. E eu recomeço as aulas, volto a dar aulas em agosto e... Vai ser isso que eu vou fazer: voltar a dar aula, escrever a tese, eventualmente, voltar a campo para... resolver algumas dúvidas, algumas questões... No momento é isso, é o que eu tenho em mente e já preparar um projeto para já botar ele na rua porque quando eu defender a tese, ele já vai estar a caminho. Então, é o que eu estou pensando fazer.

ENTREVISTA - JOSUÉ

Modalidade: Doutorado-sanduiche

Local: Alojamento da *Maison du Brésil*

Data: 27/maio/2005

Processo de vinda: Primeiro, vou falar do acordo e do porquê eu estou aqui. Quando eu recebi a notícia de que tinha passado no Doutorado, e isso foi mais ou menos em fevereiro de 2003, e foi interessante porque o semestre só ia começar em junho, daí eu tive um tempo para me preparar, para me organizar, pois eu tinha voltado a morar em Salvador e tinha agora voltado para Fortaleza e o objeto da dissertação estava lá. Então eu preparei o projeto de Doutorado, fui aceito e tive um tempo ainda para me preparar, só que quando eu cheguei em junho em Salvador, a minha orientadora veio conversar comigo dizendo que existia a possibilidade de firmar um acordo bilateral de cooperação entre Brasil e a França e que a minha tese poderia se engajar neste projeto por conta do título envolvendo cultura e urbanismo. Então, ela me pediu para eu fazer um pequeno esboço e enviar - bom isso foi em junho. Em dezembro, eu tinha voltado para passar as festas em casa e estava num momento complicado porque descobrimos que o papai estava com uma doença incurável, então precisava fazer um tratamento. Eu recebi a notícia de que meu trabalho tinha sido um dos projetos aprovados para vir para Paris e me deu um misto de alegria e, ao mesmo tempo, de medo porque eu nunca tinha saído do Brasil, isso era uma coisa. Eu tenho uma característica de ser muito ligado às pessoas e isso também foi bem complicado. A terceira coisa é que eu não sabia falar nada de francês e foi... dando-me esse tipo de medo mas, ao mesmo tempo, eu resolvi encarar: "Não! Uma oportunidade dessa eu não posso perder!" e isso foi em dezembro. Em janeiro, voltei para Salvador e começou todo esse trâmite de preparar a documentação, que foi uma coisa bem complicada porque na verdade não te informam o que é que se quer e os prazos são para ontem. Então eu fui tratar de fazer logo essas coisas e ao mesmo tempo estava cursando as disciplinas da creditação do Doutorado, isso em janeiro, fevereiro foi isso. Em maio, eu estava voltando para Fortaleza porque eu acabava os créditos. Até dois meses antes de voltar para Fortaleza, eu não sabia ainda do resultado, porque assim, eu sabia que estava dentro do acordo. Eu mandei a documentação, mas eles não me mandavam a resposta porque a partir daí é que eu ia fazer a prova de proficiência de língua, ia ter que reservar passagem. Quanto ao estudar francês, isso é um problema que aconteceu comigo, eu não sei se... Eu sou meio travado com a língua, então desde o início eu não consegui e não consegui até hoje e tem uma coisa na *Maison du Brésil* que é meio complicada que você acaba meio que..., você acaba falando português o tempo todo. Algumas pessoas ficam mais atentas para isso e vão buscar outro tipo de recurso. Só que... O que aconteceu comigo, eu não sei como te explicar, eu acho que eu travei, eu entendo, mas eu não me sinto a vontade para conversar (concorda que isso seja timidez). Teve... Teve..., eu vejo que isso foi um problema para mim nessa minha estadia aqui em Paris, principalmente, no falar. Agora eu vejo que isso é uma coisa... Uma coisa minha, uma coisa minha, pessoal. É... Bom. Daí eu voltei para Fortaleza e eles me mandaram a resposta dizendo que o meu projeto havia sido indeferido, eu liguei imediatamente para coordenadora do projeto e ela entrou em contato com eles lá para saber o que havia acontecido e no final das contas, tive que fazer um outro projeto e este projeto foi aprovado. Mas por conta disso, por exemplo, eu perdi os dois meses que eu tinha direito de... de estágio lingüístico em Vichy. Os bolsistas que vêm pelo CAPES-COFECUB têm

esse direito. Eu perdi, eu vim direto para cá. Minha amiga, por exemplo, era uma das que estavam lá no grupo de Vichy. Então, está explicado porque eu cheguei só em setembro aqui e não em julho. Teve esse probleminha e durante essa minha preparação para vir cá, eu passei por aquelas coisas de não conseguir dormir direito, passei umas duas semanas meio ansioso e isso tem a ver, como eu já falei, com minha própria forma de encarar as coisas, de ser muito ligado às pessoas e ao mesmo tempo essa coisa de nunca ter vindo... Saído do país.

Quanto à família: Também foi um misto de alegria e de orgulho, é o reconhecimento do valor de uma pessoa. Às vezes eu paro e penso e fico vendo... Que sou uma pessoa privilegiada porque a maioria... Meu período de estudo... Eu sempre estudei em escola pública, aliás, a primeira e a segunda série do ensino fundamental eu estudei em escola particular. Da terceira série até o Doutorado, escola pública e estou aqui hoje, então porque não é uma coisa comum acontecer isso. Então eles ficaram... Meu pai faleceu em agosto. Ele não soube que eu viria, ele soube que eu estava nesse processo, mas não chegou a ver a minha partida. A minha mãe, ela sentiu muito por que... de certa forma eu era uma pessoa muito presente para ela e, depois que meu pai morreu... Ele morreu num ano e eu vim no outro ano, ele morreu em agosto e eu vim em setembro do outro ano. Até hoje minha mãe, no finalzinho da ligação, ela sempre diz: "Eu espero que esse tempo passe rápido, que você aproveite, mas que você volte porque a gente está sentindo muita falta". Então, foi uma coisa assim meio... Digamos que eu sou meio... Por causa dessa coisa de enraizamento. A minha mãe, ela acabou educando a gente dessa forma, manteve a gente sempre muito próximo. E... Quando eu cheguei aqui, teve uma outra complicação que foi a casa, a questão da moradia porque eu mandei o dossiê para *Maison du Brésil* e não chegou o dossiê, não chegou aqui, quero dizer pelo menos na mão da... Depois eu tinha quase que fechado um lugar para ficar, e uns 20 dias antes de eu vir a pessoa deu para trás, então o que aconteceu? Quando eu cheguei aqui em Paris, eu não tinha onde morar. Passei um mês num hotel, aqui no 13, pertinho daqui e durante esse mês eu... Eu fui batalhar um lugar para ficar. Aí começa a questão dos vínculos, porque nesse acordo de cooperação veio uma pessoa da Bahia e outra do Rio de Janeiro. E, no caso, a bolsista que veio do Rio de Janeiro foi a pessoa que me deu o maior apoio. Ela pegou na minha mão e foi meu anjo da guarda e ela me disse: "Vamos por parte, vamos procurar um lugar para você ficar e depois vamos atrás de suas documentações". Uma coisa que estava atrapalhando era o seguinte, porque como estava sem lugar fixo, eu não podia fazer nada, inclusive abrir conta no banco e se eu não abro a conta no banco, não vem dinheiro da bolsa. Aí foi um período muito estressante para mim, mas ao mesmo tempo, foi um período que, daí vem a curiosidade e eu como arquiteto já tinha dado aula sobre civilizações antigas e assim passei boa parte do tempo dando aulas sobre o período da idade média, então para mim, Paris foi o lugar onde eu fui... Uma coisa carregada de informações. Primeiro, pelo fato da cidade me dar este tipo de informação e por outro lado para evitar a questão da monotonia, da solidão. Entendeu? Então assim, boa parte dos desenhos que surgiram, é aquela coisa do diálogo com a cidade, era o recurso anti-monotonia e anti-ansiedade ao mesmo tempo. Isso me aliviava muito. Foi uma opção minha e eu só peguei aula a partir desse segundo semestre, desse semestre de 2005. Com relação às pesquisas, foi ir às bibliotecas. Meu primeiro período de pesquisa aqui foi a biblioteca e a cidade. Então, eu saía às 9 horas da manhã de casa e às vezes eu voltava para descansar um pouco e às vezes eu ficava direto e chegava 8 horas da noite. Eu emagreci 6 quilos nesse período, agora, eu ganhei mais quatro, agora eu ainda estou com dois de vantagem. E aí, essa coisa de descobrir essas informações do concreto da cidade,

mas como as coisas fluem: metrô, ônibus, o parisiense, como ele é, como é essa relação do parisiense com essa questão do turismo, que é uma coisa que eu trabalho. Paris é a cidade que mais recebe turista no mundo. Então a gente percebe que há uma certa consequência nisso. Conversando com alguns parisienses, alguns ficam perguntando: "Quem nós somos agora?" Porque essa cidade, das cidades que eu visitei, é a mais cosmopolita de todas. Você entra no metrô e é coisa de louco. Então, esse período foi que eu comecei a tentar a estabelecer códigos com a cidade porque é uma coisa de segurança para poder viver aqui. Esses primeiros meses foi isso, essa questão da adaptação e da burocracia, resolver isso. Na burocracia, uma das coisas que me deixou mais preocupado foi a questão da residência porque eu só vim morar aqui no dia 19 de outubro, passei um mês. Quando eu cheguei aqui, eu preenchi outro dossiê e deixei lá e ela me mandou uma resposta no começo de outubro dizendo que tinha vaga no dia 19. Daí eu pensei: "Agora eu não vou perder essa vaga". Mas tinha a coisa do banco. Eu e a A. tivemos que fazer uma peregrinação por bancos e o único que aceitou foi o *Credit Lioneé* porque a gerente foi muito gente boa comigo. Quando a gente entra aqui, a gente recebe o Termo de Adesão, eu levei este termo para provar que estava aqui. E eu disse para ela que eu já estava praticamente morando aqui. Ela me disse: "Não... não, não tem problema não, nós vamos abrir a sua conta, mas no dia 20 você vem com o Comprovante de Residência (risos)" e no dia 20, eu já estava lá (risos). A partir daí essa coisa do convívio da *Maison du Brésil*, as idas quase frequentes à École e depois, eu comecei o contato mais direto com o orientador e que esses contatos estão cada vez mais, não só cada vez mais é... proveitosos com relação à pesquisa, como também em relação a vínculos e ele está sendo uma pessoa fantástica comigo, não só por conta da orientação, como no sentido pessoal. Ele é uma pessoa extremamente agradável (concorda que está se sentindo acolhido por ele). Ele está tendo muito contato com o Brasil, inclusive ele está no Brasil agora, participando de um seminário lá. Então esse contato ficou mais forte e...

Aspectos positivos e negativos: Esta experiência está sendo muito rica em todos os sentidos. Vou falar os aspectos positivos e negativos. Eu percebo primeiro essa coisa da carga de informações que eu estou adquirindo, está sendo ótimo. Em relação à experiência pessoal, estar morando distante, você passa a buscar e a estabelecer um manual de sobrevivência, por exemplo, a coisa do telefone, eu ficava preocupado, porque eu sou uma pessoa que falo muito ao telefone e falo frequentemente. Aqui, eu fiquei preocupado com essa coisa, além de você estar distante, a questão da grana, mas a gente descobre que tem e que faz parte do manual de sobrevivência e vai atrás das coisas. Isto foi super legal, você criar este tipo de coisa. Esta história da *Maison du Brésil*, a questão desses vínculos, a gente é praticamente uma família, um se preocupa com o outro e ao mesmo tempo quando se descobre determinado tipo de coisa, daí então, na hora, já passa a informação. A questão da relação com os estrangeiros há uma coisa de... Em termos gerais, há uma diferença cultural muito grande e isso pega, depende da reação das pessoas, mas aí eu acabei ficando um pouco, acho que por conta da dificuldade da questão da língua, eu fiquei um pouco reservado e não fiz muitas amizades com francês, é claro. De uma forma geral, acho que eu acabei me reservando e eu acho isso de certa forma um ponto negativo porque eu poderia ter aproveitado mais essa... Enveredado mais... Foi uma coisa também que vou levar algo que eu poderia ter trabalhado de uma forma melhor, mas nada que tenha atrapalhado esta minha experiência aqui.

Bom teve o episódio que foi a questão com a polícia, uma questão absurda: autoritarismo, poder em excesso e de uma certa forma uma questão de cunho preconceituoso, uma má formação policial, mas também estou levando isso e que não esqueço também, mas não é

de uma forma negativa, acho que eu acabei dando um desfecho interessante desse episódio que foi a coisa de: primeiro tornar público, depois mostrar que somos cidadãos e que temos direito apesar de estar fora (concorda que mesmo diante de sua timidez, indo atrás de seus direitos) e o resultado, espero que você venha, pois vai estar exposto aqui nesta exposição. Esta exposição que vou fazer é praticamente uma síntese do que foi minha experiência aqui em Paris.

Quanto à saudade: Ainda hoje existe a questão de estar aqui e estar lá ao mesmo tempo, mas é... Eu me surpreendi comigo. Eu achava que eu teria uma reação um pouco mais... Que eu ia me sentir mais fragilizado aqui, mas isso não aconteceu da forma que eu estava imaginando. Eu acho que eu acabei criando determinadas proteções para mim mesmo e hoje em dia eu posso dizer que estou com saudades da minha família, dos meus amigos, mas estou tranquilo, estou conseguindo e isso não atrapalhou de forma nenhuma as minhas pesquisas, a minha vida em Paris.

Foram duas fases bem claras: a primeira que... que foi essa que eu falei que eu andava muito e houve uma fase intermediária e agora, neste exato momento, eu voltei a fazer aquilo que eu fazia, andar pela cidade, desenhar, mas mudou a perspectiva e os desenhos também mudaram (risos). Os desenhos também mudaram (risos). Mudou porque, eu já estou conseguindo entender mais a cidade, antes era uma coisa de... A primeira vista, então era a surpresa, então, por exemplo, descobrir a *Notre Dame* à noite, na mesma hora eu parei para desenhar a *Notre Dame*, desenei a *Notre Dame* umas quatro ou cinco vezes. Porque eu já sei mais ou menos o que é que eu estou querendo expressar e qual o olhar que eu estou querendo dar, e não é a primeira vez que eu estou olhando. Então a andar muito pela cidade, mas agora já... E desenhar muito, mas agora já com uma coisa mais tematizada, eu vou para lá porque eu sei que vou desenhar isso daqui. Claro que vai surgir a surpresa e assim e acho que foi Heráclito que fala isso que você não se banha no mesmo rio duas vezes e, por mais que você diga: "Ah, hoje eu vou lá desenhar a *Notre Dame* no ângulo tal", mas você lá, a luz está diferente, então há um misto de algo objetivo e algo subjetivo ao mesmo tempo. Então eu estou nessa fase de... e meus desenhos estão expressando isso. A presença dos amigos foi importantíssima para mim e acredito que para todos aqui. Há uns que se reservam mais, há outros que buscam mais vínculo.

Frente à solidão: Nos momentos de solidão, eu falo e a coisa do vínculo faz com que... Tem determinadas pessoas que você não precisa falar nada. Até no falar ao telefone, já sabe. Então tem esse tipo de coisa. Tem outra que está sendo super legal quem trabalha com essa questão de elaboração da dissertação de tese acaba por estabelecer uma relação muito solitária entre você e o objeto de tese, entendeu? E eu acabei fazendo alguns contatos aqui e que, por exemplo, eu posso chegar para determinadas pessoas e conversar sobre isso, sobre meu objeto, acho isso interessante porque às vezes você está tão... E tem coisas que estão na cara e você não percebe e a pessoa que está de fora percebe mais facilmente. Então eu tive, por exemplo, no dia em que eu apresentei meu trabalho, aqui na *Maison du Brasil*, eu consegui perceber uma coisa que estava na cara e era a grande orientação pro meu rumo e eu consegui perceber isso a partir de intervenções que foram me mostrando isso. Isso está sendo interessante, conversar com antropólogos, conversar com os sociólogos, conversar com o pessoal da medicina, conversar com físico, com químico, super legal, com arqueólogo. É isso é bastante interessante também, porque se você souber trabalhar isso, você enriquece sua...

Quanto às perspectivas de volta para o Brasil: eu pretendo voltar para Fortaleza, é e... eu tenho mais dois anos para defender o Doutorado, como eu te falei, sair daqui com um

caminho, então eu vou... tentar estruturar esse caminho, me programar, pretendo ficar mais agora voltado mesmo para tese, porque antes eu estava meio fazendo outras atividades paralelas, não atividades profissionais, às vezes, até aparecia projeto para fazer, mas, por exemplo, alguém me chamava para montar um seminário, fazer um grupo de estudo. Quando eu saí lá de Fortaleza eu estava com dois grupos de estudo e eu estou querendo me concentrar mais na tese e... Claro eu pretendo ir a alguns seminários, inclusive tem dois seminários que eu estou para apresentar trabalhos, mas são trabalhos que já tão sendo orientados para o que eu estou pesquisando, inclusive um eu vou falar sobre uma experiência daqui de Paris, uma experiência lá do concurso do... *Quartier les Halles* que vai ser, vai haver uma proposta de inovação urbana lá, o projeto já foi aprovado e tal e eu estou escrevendo um artigo exatamente em cima das propostas. Então é isso, ficar mais concentrado na tese e... ficar indo em alguns seminários, e visitar (risos) os amigos que eu fiz aqui. Então estou pensando nesses dois próximos anos ficar fazendo isso.

Contribuições para a vida: acadêmicas - conhecer um pouco desse mundo acadêmico que é uma realidade bem diferente da nossa, perceber como cada vez mais eu me apaixono pelo Brasil. A gente consegue tirar leite de pedra porque a gente vê a estrutura de um país como esse e vê que a nossa produção intelectual está equilibrada. Eu vejo muito isso na minha área porque nós não temos recursos como eles têm aqui, então cada vez mais eu me impressiono e fico mais maravilhado com o que a gente consegue fazer com tão pouco. Então, é transmitir essa experiência e dizer, dizer isso, quero dizer, eu pude fazer este paralelo estando aqui, entendeu? Então é uma coisa muito boa, eu estar aqui e ver isso... Porque a gente acaba tendo, se cria uma representação... da Europa e de Paris, principalmente da França, existe, no Brasil um vínculo muito forte, os filhos da nossa burguesia estudaram aqui e voltaram com aqueles ideais. Houve uma transposição, circulação de idéias, modelos que foram criados, representações que foram criadas e estão muito fortes no nosso contexto, principalmente, no contexto acadêmico. A minha vinda aqui foi interessante para eu conseguir desmistificar um pouco isso, sabe... Inclusive, eu trabalho com essa questão dessa transposição de idéias e modelos. As propostas de revalorização do patrimônio cultural no Brasil, primeiro com relação à preservação, à política de preservação do patrimônio. O modelo do IPHAN, um modelo que estuda o patrimônio histórico e artístico nacional é um modelo que foi montado a partir dessa visão estatal e centralizadora francês, entendeu? E continua, por mais que o francês fale de descentralização, cada vez mais eu percebo que há essa forte tendência de centralizar e o mais louco é que sempre se pensa que é uma via de mão única, mas na verdade, é uma mão dupla muito forte tanto é que na questão do turismo, eles estão preocupados com isso, porque eles centralizam a ação, mas não querem ter problemas com... Então está sendo super interessante isso, perceber, ter isso claro, porque a gente tinha isso, mas... Não tão claro. Acho que isso foi para mim o mais importante com essa experiência acadêmica, poder vivenciar isso. Com relação, à vida pessoal, acho que eu amadureci bastante nesse ano nos últimos nove meses e me tornei, acho que tornei uma pessoa mais firme nos meus propósitos e estou cada vez mais sensível. Uma sensibilidade em relação às questões humanas não em relação ter me tornado mais frágil e de novo vem a questão do desenho. A questão do desenho está cada vez mais mostrando esse tipo de sensibilidade, então é... Isso são esses dois pontos, posso dizer que eu amadureci muito e fiquei mais sensível a estas questões.

Balanco: Faço um balanço bem positivo, bem positivo, é... Não no sentido do deslumbre, mas saber que passei um ano aqui em Paris, mas não moraria aqui em Paris porque eu sei

que tem questões culturais aqui que eu não me adaptaria, de maneira nenhuma e... Com certeza viria para... fazer um Pós-doc, é claro. Pós-doc? Hum, talvez não, eu penso em fazer pós-doc, penso em fazer na Europa, mas não em Paris. Tem uma coisa que eu não falei, talvez tenha ficado implícito, mas eu não falei que é importantíssimo eu poder estar aqui na Europa e poder me deslocar para outros lugares e para perceber essa complexidade cultural que é a Europa e perceber que essa complexidade cultural, ela vai, ela vai gerar é... espaços e apropriações de espaços diferenciados e que... Foi importante para mim porque a lógica hoje da transformação desses espaços está tentando ser mais homogênea e cada vez mais universal e que isso também serviu para mostrar para mim, porque eu falo, sempre falei isso, sempre tive essa experiência dessa multiplicidade, dessa complexidade e hoje eu posso chegar e dizer é isso mesmo, não para você estabelecer um modelo em Paris e querer transplantar isso para Barcelona e... Acabei perdendo o que eu estava falando... Então, o pós-doutorado eu não faria aqui, mas faria em Barcelona ou faria na cidade do Porto, porque são duas cidades que me chamaram a atenção para a questão acadêmica e que entraria o fato de eu ter visto nestas duas cidades uma aproximação cultural mais forte com o que eu vivo no Brasil e daí passar seis meses numa cidade dessa é muito mais próximo do que eu passar seis meses em Paris de novo. Entendeu? E... também pela questão do que eu estou encaminhando para estudar, que Barcelona e a cidade do Porto respondem de uma maneira mais próxima do que Paris. Mas não rejeitarei de maneira nenhuma um convite para vir passar uns três meses aqui... (risos) Ah, tem outra coisa também a cidade também é muito cara e isso é uma coisa que eu tenho uma coisa comigo que é... A chamada cultura de bar, de barzinho, de encontrar em barzinho, para você ter uma idéia meu plano que eu apresentei lá pro Doutorado foi escrito numa mesa de bar, numa discussão com dois amigos, entendeu? Eu tenho muito dessa coisa de gostar de chegar numa mesa de bar, e aqui é inviável, não pelo fato de não ter bar... E eu vejo que isso em Barcelona eu conseguiria fazer tranquilamente, claro que o custo em relação ao Brasil, não é só o fato do custo, o parisiense tem uma relação bem diferente da nossa. Eu acho eles sisudos, não há aquela ginga nossa... E é uma coisa de que se você sair daquela regra certinha daí pronto... Não tem aquele, nós no Brasil, é claro que muita gente leva isso pro lado pejorativo, mas não tem aquela coisa do jeitinho brasileiro, mas se fosse utilizado aqui em Paris, isso tem a ver com tudo, inclusive com o fato da expressividade corporal e você vê isso nas ruas, você passa num bar desses, está lá aquela mesinha pequenininha com duas pessoas aqui, uma do lado da outra olhando para frente, não tem aquela coisa de você estar em volta da mesa, então é isso que eu estou falando, tem a questão do custo, mas tem a questão da forma como se... trata a questão dessa cultura e que isso em Barcelona eu vi de uma forma bem diferente lá, tem muito latino da América Latina, tem muito... Então é isso. Espero que tenha ajudado.

ENTREVISTA - VALDEMAR

Modalidade: Doutorado-sanduíche

Local: *Studio* em Paris

Data: 29/maio/2005

Ida à Paris: Quando eu comecei meu projeto de Doutorado, meu orientador me disse que haveria uma possibilidade de vir para França para fazer um estágio de Doutorado que, no Brasil, dizemos uma Bolsa-Sanduíche. Antes disso eu jamais havia estudado francês e nem falado nada. Então eu e minha esposa começamos a estudar francês. Estudamos com uma professora de francês, duas vezes por semana por um ano e meio. Iniciamos os estudos, mas com uma possibilidade muito remota de vir para França, mas eu sempre tive muita motivação para estudar o francês, eu gosto muito do francês. Eu não falo nada em inglês, eu leio e compreendo bem inglês, mas é interessante porque hoje em dia eu compreendo melhor e falo melhor inglês. Quando eu ouço a TV e tenho que falar algo em inglês, já está bem melhor. Antes eu ouvia e não compreendia nada, hoje, eu escuto e compreendo melhor que antes. Eu penso que é porque aqui é necessário abrir os ouvidos, prestar mais atenção ao que se escuta para compreender a outra língua (concorda que, estando em Paris, houve um desenvolvimento nas duas línguas).

O estágio aconteceu mediante muitas dificuldades porque a resposta afirmativa quanto a minha bolsa da CAPES saiu somente uma semana antes d'eu partir e também houve algumas dificuldades quanto ao afastamento do trabalho para cumprir este estágio, mas ao final, tudo deu certo. Eu vim antes de minha esposa porque ela ficou no Brasil para terminar seus estudos. Eu cheguei à Paris no final de setembro e ela chegou em meados de dezembro. Tivemos um final de ano tumultuado porque em novembro, a irmã de minha esposa estava doente e eu conversei com meu orientador daqui sobre a possibilidade de retornar ao Brasil conforme os resultados dos exames, ou seja, o diagnóstico, porque minha esposa precisava de mim no Brasil. Então, foi um período bem difícil para nós dois.

Quanto à relação de meu trabalho de pesquisa e profissional, eu tenho muito prazer e gosto da vida acadêmica e eu trabalho, no Brasil, em serviço público, que não tem nada nenhuma relação com a vida acadêmica normalmente. Atualmente, há a possibilidade d'eu fazer um estudo de Doutorado para qualquer funcionário, pois foi institucionalizado um decreto que abre a possibilidade de qualquer funcionário fazer seus estudos de pós-graduação. Neste momento, eu me interessei bastante por esta oportunidade e, nesta época, eu trabalhava na Corregedoria, então, eu pensei em estudar os aspectos da ética e iniciei um projeto com este tema e enviei para aprovação lá. Quando eu enviei o projeto para avaliação também prestei concurso para o processo de seleção de Doutorado na Universidade de São Carlos, porque eu já havia estudado lá na Graduação e no Mestrado e também e então eu estou fazendo o Doutorado lá, lembrando que houve uma mudança em meu itinerário, fiz Engenharia de Produção e agora estou na Ética das Organizações.

Na verdade, quando nós começamos a estudar o francês, nós começamos a fazer uma reserva financeira, trabalhamos bastante e hoje, estando aqui, nós percebemos que a bolsa não é suficiente para manter a mim e a minha esposa. A reserva calculada, nós não tínhamos idéia, não tínhamos uma boa referência do custo de vida daqui... eh... nós tínhamos algumas informações, mas se não fossem os nossos recursos pessoais, seria uma estada bem difícil. Eu penso que a bolsa é suficiente para uma pessoa, mas para um casal é muito difícil, muito difícil para viver somente com a bolsa. Mesmo porque a bolsa é voltada

para o doutorando, não para sua família. Há muitas coisas a serem resolvidas e eu posso dizer que nossa estada aqui está sendo muito calma, sem nenhum problema de lugar, de acidente, porque senão... Há muitas coisas que podem acontecer e... Então está sendo uma estada muito calma.

Nós já havíamos conhecido a França em nossa lua-de-mel, mas foi muito rápido, dois ou três dias em Paris, Vale do *Loire*, etc. Foram poucos dias na França porque fizemos uma viagem pela Europa por 20 dias. Nossa professora de francês nos falou bastante daqui, da cultura. Penso que o custo principal é a locação, pois a alimentação fazemos na *École* e qualquer coisa em nossa casa. Mas a habitação é muito cara. Eu tinha uma imagem daqui de primeiro mundo, mas o primeiro mundo, penso eu, é o ideal americano, a imagem de primeiro mundo que é vendida é a imagem dos americanos, é a tecnologia, a eficiência. A França, não sei, mas Paris é uma outra fração de primeiro mundo. A tecnologia existe, mas não na maior parte, há eficiência, mas na maioria das vezes, não há eficiência. Ontem mesmo, fui fazer o cancelamento da linha telefônica e fiquei a tarde toda para resolver isso, que mesmo no Brasil, eu penso que em dois minutos você fecha. A funcionária que me ajudou (risos) ficou estressada, nem ela acreditava no que estava acontecendo, mesmo assim, é primeiro mundo. Por outro lado, os museus, os lugares, a vida de Paris, a segurança são diferentes de lá. Para mim, está sendo uma experiência muito diferente e muito interessante. No meu caso, muito pouco tinha ouvido falar da França, exceto Revolução Francesa, Napoleão, mesmo porque eu fiz meus estudos secundários em escola técnica e não tive História e Geografia, então...

A chegada em Paris: eu fiquei num *studio* em Bologne, mas como era muito pequeno, fui procurando outro antes que minha esposa chegasse. Comprei o jornal *particulier a particulier*, foi o primeiro apartamento que encontrei muito agradável e bem perto da *École*. A outra possibilidade era a *Maison du Brésil*, mas na época não havia disponibilidade. Encontrei este apartamento e a proprietária é uma pessoa muito simpática, que já foi várias vezes para o Brasil e adora lá e isto facilitou bastante, principalmente, na facilidade para fazer o contrato e que não precisou nem especificar o tempo que pretendia ficar. Ela deixou à nossa disposição, que quando quiséssemos sair, deveríamos avisar com tempo de antecedência. Ela viria fazer a vistoria e acertaríamos os detalhes. Na *École*, era difícil ficar procurando. O acesso à Internet é demais procurado e então... Nos primeiros quinze dias, fiquei por lá para resolver as questões burocráticas. Encontrei o *studio* em Bologne através da nossa professora de francês, que me indicou um site de lugares com bons preços, não era igual ao *particulier a particulier*, era muito caro, mas foi suficiente para encontrar este apartamento. Eu fiz a reserva quando ainda estava no Brasil, via *Internet*. A primeira dificuldade para mim foi a locação e depois na *École*, as dificuldades com a burocracia para fazer a matrícula, inscrição, acesso à Internet, biblioteca, porque é diferente do Brasil. No Brasil, você traz os livros para sua casa, lê e devolve. A biblioteca fecha às seis horas, para mim foi difícil porque o ritmo de estudo é muito diferente. Hoje mesmo é um bom exemplo, às seis horas está muito claro, dá muito tempo para estudar, mas não há solução, se você precisa muito do livro, você precisa comprar e isto é um outro problema: o retorno ao Brasil, a quantidade de bagagem. Outra dificuldade pra mim foi a falta da minha esposa, porque desde que nos casamos, por cinco anos, nunca nos afastamos, estávamos sempre juntos e a questão da separação para nós foi muito complicada.

Na *École*, o primeiro contato que tive foi com o meu orientador daqui, ele me deu todas as informações, me ajudou bastante e teve outro professor que me ajudou também, porque eu não tinha nem idéia que ele me atenderia e eu poderia discutir com ele meu trabalho. Eu era

Engenheiro Industrial e agora é que estou começando a conhecer esta área. Hoje, eu tenho uma outra imagem formada da Sociologia Francesa e pretendo retornar numa próxima vez até mais desenvolvido nesta área. Meu orientador daqui me ajudou muito. J. é um professor da mesma universidade onde faço Doutorado no Brasil e ele me ajudou muito nessa época, nesses primeiros meses: onde era a biblioteca, onde era o restaurante, como fazer por se desenvolver em Paris. Ele me ajudou muito, muito mesmo.

Quando eu cheguei aqui, eu pensei: “Nós vamos fechar a França, vamos olhar tudo que tem de interessante na França”. Hoje, eu penso que há milhões de coisas para ver e para fazer, da mesma forma, eu penso quanto à Sociologia, há muita coisa ainda para fechar que eu preciso ver (risos). Está aberto o caminho e há muita coisa para ver e fazer.

Quanto às aulas que tenho assistido aqui em comparação com o Brasil, é preciso muita atenção, pois minha formação é de Ciências Exatas e é muito diferente do ensino que estou tendo aqui. Na verdade, percebi que não há muita hierarquia entre professor e aluno, mas eu escutei de outros amigos, principalmente, de um amigo que estuda Direito na *Sorbonne*, que há. Eu penso que isto depende da formação e do curso. Na *École*, eu penso que... A dinâmica da classe é diferente. No Brasil, em minha experiência, é mais estruturado e... Aqui, é muito interessante e bem diferente de pensar e interessante de aprender. Mesmo hoje perto de partir é uma forma interessante de aprender e até de me desenvolver o meu francês. Na minha formação, o curso geralmente é estruturado, há um sujeito preciso e há uma linha muito direta, unidimensional. Agora, é como uma árvore, há diferentes direções ao mesmo tempo, para compreender e para... Como eu disse para bem se desenvolver, e eu não estou bem preparado. Eu escolhi os seminários com a ajuda do meu orientador daqui. Eu apresentei meu interesse e ele me ajudou, me mostrou ainda o qual seria interessante para eu participar. Quanto à organização dos seminários, os seminários são abertos, como eu disse, são como árvores, eles abrem diferentes linhas ao mesmo tempo, o que para mim é difícil, como Engenheiro, minha linha é unidirecional e minha forma de trabalho é diferente. Eu fiz contatos com dois outros professores. Esses contatos foram fáceis e muito bons, não percebi a hierarquia que haviam me dito, foram muito atenciosos e gentis comigo e fiquei muito contente com isso.

Retorno ao Brasil: Quando eu retornar ao Brasil, terei de fazer um relatório e enviar para CAPES sobre o estágio, bem como uma avaliação do orientador e do diretor-francês, então serão três documentos que deverei enviar para lá. Quanto ao meu trabalho também, eu deverei fazer um relatório sobre o meu estágio e juntá-lo a um processo que já está aberto, quando da minha vinda para cá. Em meu trabalho, essa autorização para a realização de estudo de pós-graduação é uma autorização para... para estudar dois dias por semana sem prejuízos de salário para estudar, mas quando eu vim para França, foi necessária uma outra autorização por que... Uma primeira autorização que eu tive foi a de sair dois dias por semana, mas depois quando eu decidi sair para França, eu solicitei meu afastamento e sem prejuízo de vencimentos, mas esta possibilidade poderia não acontecer, como eu já disse, porque a bolsa da CAPES ainda não havia saído, então meu salário era muito importante para nossa estada aqui. Por outro lado, somente o salário, sem a bolsa da CAPES, seria muito difícil porque na França a documentação de bolsa da CAPES é mais importante que qualquer coisa. Ela é importante para mostrar na Embaixada, para o visto, para a *carte de séjour*, seguro social, para o aluguel, abertura de conta bancária, para tudo isso é necessária a documentação da CAPES, mesmo para o convite de uma Instituição e... Senão você não é reconhecido como um estudante. É interessante isto não? Se você é convidado por uma

instituição e tem a carta-convite dela ou como pesquisador não tão simples normalmente, agora com a bolsa e a documentação da CAPES é mais facilitado.

Bem, entrei em 2004 no Doutorado e terei até o fim de 2006 para terminar. O calendário estudantil brasileiro é diferente do francês.

Vida em Paris: Quanto a nossa vida social aqui em Paris. Na primeira fase, meu amigo J. ajudou-me bastante, mesmo porque no começo nós tínhamos muito contato e ele me ajudou bastante mesmo. Tive ajuda também de outro amigo, éramos amigos desde a infância, estudamos juntos, que está morando aqui há sete anos e hoje ele está casado e são os nossos amigos mais próximos aqui hoje. Doutro lado, da mesma forma que nós, há outro casal com quem fizemos contato porque participamos dos mesmos seminários. Fizemos mais contatos com os brasileiros, quase nenhum francês, com exceção da orientadora da minha esposa, que é nossa vizinha. Mas é muito difícil ser amigo dos franceses e nem tanto de outra nacionalidade, como mexicano e até chinês, para qualquer contato. Às vezes, eu penso que não é culpa deles e sim de nós mesmos, eu sou tímido, falo pouco o francês, a própria dificuldade de comunicação prejudica a aproximação.

Esta experiência foi muito interessante para conhecermos outros países, conhecemos Bélgica, Bruges, Itália, Praga, Berlim, através da Aliança Francesa e com nossos amigos viajamos pelos castelos. Fomos muito pouco ao cinema e não fomos ao teatro, assistimos muitos filmes franceses e estou preferindo do que os americanos. Quando minha esposa chegou, caminhávamos de quatro a cinco horas por dia a pé e deu para conhecer muita coisa aqui de Paris. Participamos de algumas atividades da *Maison du Brésil* e percebo que nossa socialização se dá através da alimentação, gostamos de convidar nossos amigos para vir em casa para comer qualquer coisa, nos divertir e conversar bastante.

ENTREVISTA - PEDRINA

Modalidade: Doutorado-Pleno

Local: Restaurante da EHESS

Data: 29/maio/2005

Expectativas: as expectativas nem sempre são claras na cabeça da gente e falando do contexto eu acho que facilita. Eu vou falar do meu percurso universitário. Eu sou de Goiânia e fui para Brasília fazer minha universidade. Eu sempre tive vontade de sair de Goiânia, e eu saí super cedo porque eu terminei o secundário super rápido para poder sair rápido porque eu não queria ficar lá. Então eu fui com 16 anos para Brasília, fui para UnB e fiz minha graduação em Relações Internacionais, que era, na época, na Faculdade de Direito e Departamento de Ciências Políticas e Relações Internacionais e foi uma experiência super interessante, essa de sair de Goiânia que é um universo bem provinciano e chegar à Brasília, que é mais cosmopolita e em uma universidade como a UnB, que é uma grande universidade. Depois que eu fui fazer meu mestrado, eu acabei mudando de área porque em Relações Internacionais, por um lado eu achava interessante me deparar com esse novo, esse novo universo fora de Goiânia e tal, mas academicamente eu não achava interessante porque estava muito próximo do meio diplomático. No começo, quando eu prestei vestibular, eu pensei por que não, porque para mim era claro que eu não queria fazer uma formação muito tradicional. Eu já estava fazendo a Faculdade de Direito em Goiânia quando eu fui para Brasília. Eu larguei de fazer Faculdade de Direito em Goiânia para fazer Relações Internacionais na UnB e eu não queria fazer nenhuma dessas formações muito tradicionais, nem Direito, nem Medicina, nem Engenharia. Existe uma pressão na minha casa para que eu tivesse feito Medicina porque meu pai é médico. Meu pai é brasileiro e minha mãe também. Meu pai é baiano, chegou a Goiás com um ano, mas foi criado em Goiás. A identidade dele é bem goiana. Minha mãe é mineira, família mineira e goiana, foi criada em Goiás também. Relações Internacionais era uma coisa muito desconhecida ainda para mim e depois logo que eu cheguei, essa coisa de fazer talvez diplomacia fosse uma coisa que me interessou no começo porque eu não queria fazer nada de muito convencional, mas logo eu me desencantei com isso, eu vi que não tinha nada a ver comigo, porque era um espaço muito pouco interessante intelectualmente e muito cheio de relação de poder, hummmm... Não sei nem como descrever isso, mas eu não gostei, intelectualmente, sobretudo porque é um curso super interessante, super aberto, mas ao mesmo tempo em que não me dava uma base, uma formação intelectual sólida nem em Ciências Políticas, mesmo sendo um curso muito próximo da Ciência Política não me dava uma formação tão sólida quanto um profissional de Ciência Política, mesmo se a gente tivesse muita disciplina de Direito, eu não sairia com uma formação boa em Direito, sai como um grande generalista de nada, no máximo para passar na Escola do Rio Branco depois e eu não queria. Logo eu vi que eu não queria e aí eu comecei a fazer disciplinas, porque a UnB tem essa característica muito interessante de ter um currículo interdisciplinar, sobretudo em Relações Internacionais porque mais da metade das disciplinas são optativas. Então têm as disciplinas obrigatórias e as disciplinas optativas que você pode fazer em outros departamentos. Você não vai fazer, é claro, Anatomia, e sim estejam relativamente ligadas à área de Humanas, vamos dizer assim. Então eu fiz disciplina na Comunicação, na Sociologia, fiz na Ciência Política, fiz na Antropologia, na Filosofia e aí eu fui me interessando cada vez mais pela Sociologia, pela Ciência Política. Pela Ciência Política,

primeiro, e depois pela Sociologia e eu decidi e comecei a formar meu projeto de pesquisa na área de política sobre os meios de comunicação de massa em relação com a política, com as práticas políticas, isso no final da minha graduação. Eu já tinha claro para mim que no final da minha graduação eu não queria mais seguir essa carreira diplomática porque não tinha nada a ver comigo. O que eu queria fazer uma coisa mais próxima da Ciência Política e da Sociologia e meu objeto de pesquisa era Ciência Política, era um objeto mais próximo da Ciência Política, mas o Departamento de Ciência Política era mais fraco que o de Sociologia na UnB, então eu fui fazer o meu mestrado na Sociologia, que tinha um peso maior porque o pessoal da Ciência Política era muito próximo ao Estado, aos parlamentos, muito fora do meio acadêmico, era mais voltado para a política em ação, muitos assessores parlamentares, como no curso de Relações Internacionais. Eu tinha professores que eram diplomatas ou que estavam no Supremo Tribunal Federal, os juristas e tal; na Política, muitos estavam ou nas consultorias para os políticos. Tinha uma certa deficiência na fundamentação mais acadêmica, então eu resolvi fazer na Sociologia, mesmo que eu tenha trabalhado com as questões mais políticas. Foi uma experiência ótima, fui fazer o meu mestrado no Departamento de Sociologia da UnB, claro, eu era uma das poucas que trabalhava sobre política. As outras pessoas trabalhavam com outras questões sociológicas mais clássicas, mais próximas mesmo da Sociologia, mas tinha uma estrutura, tinha um debate intelectual forte, tinha um departamento muito ativo, os professores muito dedicados na formação acadêmica dos alunos, tinha uma estrutura material muito importante. Os alunos de pós-graduação tinham um espaço imenso na Universidade com umas salas, então, por exemplo, eu tinha uma sala que eu dividia com um colega onde eu tinha uma mesa, uma estante, uma rede (ri), um aparelho de som, então a gente vivia, chamava catacumba porque era no subsolo, então a gente vivia lá na catacumba. A gente tinha uma sala de reuniões, tinha computador para todo mundo, a gente tinha banheiro, tinha uma cozinha, onde a gente fazia café. O Departamento ficava no andar de cima e os alunos de pós-graduação no andar de baixo. Tinha realmente uma vida acadêmica intensa, um espaço de debate intelectual, discussão e de interação com os professores excelentes, então para minha formação foi fantástica essa experiência na UnB. Hoje mudou um pouco porque, bom, Brasília tem um pouco dessa questão da proximidade com o poder, tem sede da UNESCO, tem todas essas coisas e os salários dos professores como foi se defasando com o tempo o que acontecia com o Departamento de Ciência Política foi acontecendo com o da Sociologia também. Os professores passaram a fazer as consultorias também porque ninguém conseguia sobreviver mais com o salário. Brasília tem um campo de trabalho nessa coisa da consultoria muito grande. A estrutura material existe, por exemplo, hoje, na sala que a gente tinha, a sala que a gente tinha, tinham três computadores para os alunos. Hoje, cada sala e cada aluno têm um computador, ar condicionado, a estrutura material melhorou muito, mas o Departamento se esvaziou, os professores estão menos dedicados, as pessoas estão numa lógica mais individualista, com trabalhos paralelos e tal e as redes funcionam muito assim, os alunos trabalham com as pesquisas que os professores estão fazendo com as consultorias deles. Muitas vezes, a coisa se instrumentalizou um pouco, mas na época foi muito bom. Eu tive a ocasião de trabalhar em duas ou três pesquisas coletivas com professores de lá da UnB e foi ótimo para mim, então eu tive uma integração muito forte com o Departamento, com os professores. Eu fui representante dos alunos de pós-graduação, uma época, no Colegiado. Foi uma experiência ótima para mim e eu fiz um bom trabalho, tinha um reconhecimento legal e tal. Eu estava terminando o Mestrado e eu não tinha uma possibilidade de trabalho, eu poderia ter continuado a fazer projetos de

pesquisa com os professores ou poderia fazer a seleção da pós-graduação do doutorado ou poderia, eu tinha uma possibilidade de trabalho para trabalhar com aqueles projetos do PNUD, não sei se você conhece. O PNUD financia muita coisa da América Latina e em Brasília, tem muita gente que trabalha nos órgãos públicos, no Itamaraty, nos Ministérios da Educação, da Economia, com financiamento do PNUD, como se fosse uma bolsa, só que você tem um contrato temporário financiado pelo PNUD para trabalhar no ministério ou no Itamaraty. Eu tinha uma proposta para trabalhar numa agência de cooperação internacional nesse contrato PNUD, mas eu não queria nada disso.

Por que a França? Eu queria, para mim já estava claro que, eu queria ter um percurso acadêmico, só que eu não queria também fazer meu doutorado na UnB, porque eu já tinha a minha graduação e tinha o meu Mestrado. Para eu fazer meu doutorado na UnB tinha que ser no mesmo departamento e eu queria essa coisa de verificar mais a minha formação, não queria ser o produto de um departamento porque mesmo que eu tivesse no Departamento de Relações Internacionais durante a graduação desde a metade da minha graduação eu já fazia disciplinas na Sociologia então minha formação estava bem próxima, então eu não queria ser produto daquele departamento, eu queria voltar e me reciclar. Eu tinha opção de tentar um doutorado na USP, pensei nessa possibilidade ou de tentar fazer no exterior e eu sempre tive vontade de vir para França, eu já tinha estudado francês desde muito nova. Meus pais sempre investiram nessa coisa de formação de línguas e tal e eu já falava francês e eu já tinha vindo para a Europa uma vez numa viagem rápida passando por vários países a turismo quando eu tinha quinze anos e sempre tive o interesse e uma curiosidade pela cultura francesa e tal e pela Sociologia francesa e depois dessa minha formação acadêmica lá, que no Departamento de Sociologia, a influência da Sociologia francesa é a mais forte. Tem a influência da Sociologia alemã com a B., que é professora lá e com os alunos que estudaram com ela e também alguns que estudaram em Oxford, nos Estados Unidos, mas a influência maior é da Sociologia francesa. Então, claro, eu, na minha formação, privilegiei sempre, investi mais nas teorias sociológicas francesas. Então, eu falei "vou tentar a bolsa, vou pedir uma bolsa da CAPES, vou mandar um projeto e vou tentar..." isso no final do meu Mestrado, terminando a minha tese e pensando na minha perspectiva depois. Descartei a possibilidade de trabalhar no contrato PNUD, não estava querendo fazer e nem pensei na possibilidade de uma seleção de doutorado na UnB, queria sair e pensei: vou tentar a bolsa e se der certo ótimo, vou tentar ir para França e se der não der, vou continuar trabalhando nos projetos de pesquisa aqui até resolver o que eu faço. Enviei meu projeto e deu certo, o projeto foi aprovado. A minha pesquisa, inicialmente, é outro projeto o que eu faço hoje, mas a minha pesquisa, inicialmente, é um estudo comparativo sobre a experiência da esquerda na contemporaneidade, daí eu queria trabalhar e fazer uma coisa mais teórica sobre as perseguições da esquerda, os militares da esquerda e pegar dois estudos de caso, um caso Brasil e outro, de outro lugar. Fazer uma coisa comparativa, mas era uma coisa mais teórica que iria mais sobre as condições das percepções políticas na contemporaneidade. Logo eu fui vendo que esse projeto estava muito abstrato. Bom, o projeto na CAPES foi aprovado logo de cara e tinha ficado em segundo lugar na área. O projeto é meio complicado nessa coisa de você entrar no doutorado aqui quando a gente está lá e não conhece nada. Você tem que enviar um projeto para CAPES e um projeto para cá paralelamente. Então, eu fui aprovada lá, mas aqui a coisa estava super lenta e eu não entendia os códigos como funcionavam na época para entrar no doutorado. Super imatura, eu acho, a minha visão, mas o que é natural, eu estava num outro país depois eu fui entendendo como funcionava o esquema francês. Você entra em contato com um professor

e você tem que estar com um projeto próximo, bastante próximo do que ele trabalha para ser aceito, entendeu? Então, eu tive que fazer muita modificação no meu trabalho, só que eu tinha ganhado a bolsa, eu tinha que vir de toda forma. Por exemplo, os professores que eu entrei o contato aqui, pediam modificações e tal e um outro professor meu lá entrou em contato com um outro professor aqui, me indicou nomes aqui, mas foi complicado porque os que tinham me indicado no começo pediram modificações e aí um professor disse: "ah não, faz com esse professor!" Eu fui parar num professor do Instituto da América Latina, que não morava em Paris e morava em Marselha e que aceitou o meu projeto. Só que eu cheguei aqui e eu não gostei das condições de trabalho da América Latina, enfim era super vago. O nível, eu achei fraco das aulas, achei super escolar e comecei a seguir umas disciplinas aqui e fui retomar os contatos com os professores que eu tinha contatado no começo, mas que tinham pedido modificações, entre eles, que é muito próxima do professor com quem eu tinha trabalhado no Brasil, meu antigo chefe no Brasil e conversei com um professor daqui da *École* também, eu segui os seminários do Brasil Contemporâneo e o professor me deu algumas dicas e incentivou de eu retomar o contato com a minha orientadora atual. Enfim, meu trabalho virou completamente e virou um estudo de caso sobre a experiência do PT em Brasília e um ano depois eu mudei de orientador. Então, quando eu já estava aqui, inscrita no Instituto da América Latina, um ano depois eu mudei de orientador. Foi super complicado, porque o professor estava sempre ausente, eu trabalhava super intuitivamente, completamente, eu trabalhava intuitivamente, eu ia às bibliotecas, lia, mas sem orientação nenhuma. Depois, eu compreendi que para começar um doutorado aqui é muito melhor você já estar com uma coisa aqui muito mais sólida e eu estava começando com um novo objeto de estudo, com um novo terreno de pesquisa, não tinha ainda uma formação clara, eu não conhecia o debate intelectual que existia na França sobre o tema que eu trabalhava. Eu não conhecia a posição dos professores, das Instituições, que é uma coisa muito complicada aqui, muito mais complicada que no Brasil, porque no Brasil você faz uma prova para entrar numa Universidade, você pode ter ou não um orientador que trabalha ou não sobre o seu tema, que concorda ou não com o que você está escrevendo e você pode ser muito bem sucedido, não têm essas implicações que aqui, é muito mais complicado, é uma coisa muito mais complexa, eu acho.

Aí bom, um ano depois, eu apresentei o projeto para minha orientadora, ela aceitou. Só que ela exigiu que eu fizesse o DEA e eu já tinha o Mestrado no Brasil e eu já estava em tese e eu já tinha perdido um ano de bolsa, mas daí eu falei: "Tudo bem, eu vou fazer porque pelo menos é uma forma de eu ter um orientador e eu estar nessa escola, que é muito mais reconhecida é claro, tem uma importância institucional muito maior. Vou atrasar um ano a minha vida, não vou ter o último ano de bolsa, mas vou fazer assim mesmo pelo menos vou ter um orientador, vou estar numa escola melhor e vou estar onde eu queria". Fiz o DEA, fiz um ano de DEA, por um lado atrasou, mas por outro foi super interessante para dar base. O DEA nessa escola é muito bom porque são poucas disciplinas. Tem gente que faz em Paris I ou Paris V e têm doze disciplinas para fazer, prova oral, prova escrita, um esquema super escolar, com temas que não tem nada a ver. Aqui, na Sociologia, você faz cinco disciplinas e você escolhe e você tem que pegar dois trabalhos que podem fazer parte do seu DEA e daí você tem que fazer o seu memorial, você tem que fazer! Que é a sua dissertação de Mestrado, então eu fiz isso. Foi muito diferente do que eu saí e quando cheguei aqui. Depois de dois anos aqui, eu estava terminando meu novo Mestrado, vamos dizer assim, para caricaturar. Quando foi, no meu terceiro ano é que eu fui fazer o *terrain* da minha pesquisa de doutorado, no meu terceiro ano de bolsa. Quando eu voltei, eu não

tinha nenhum ano de bolsa mais, quer dizer, quando eu voltei do terreno. Fiz sete meses de trabalho de campo no Brasil, voltei para escrever a tese, aí eu já não tinha quase nada de bolsa. Aí, meu trabalho não avançou muito nessa época por outras questões que eu também vou te falar para contextualizar, mas só para terminar o raciocínio do andamento da coisa mais da tese mesmo. Daí quando a bolsa acabou, eu tive que trabalhar, fiz mil bicos, trabalhei como intérprete, tradutora, guia turístico, *baby-sitter*, garçonzete. Fiz várias coisas e nesse tempo todo trabalhando direto na tese, só que minha tese não avançou porque realmente meu tempo de trabalho era enorme e tal e também por questões pessoais eu estava num momento difícil. Só depois de, só pude voltar a me concentrar na tese há uns dois anos, foi aí que ela começou a andar mesmo. Aí, eu terminei no final do ano passado uma versão completa e agora eu estou fazendo as revisões.

Mas bom, eu acho que esse atraso, também tem a ver com a minha vida pessoal nesse período. Então quando eu vim, eu estava com alguém já há cinco anos, que eu namorava um cara e tal e eu ganhei a bolsa, daí a gente decidiu vir junto. No começo, eu tinha proposto da gente não se casar para ele vir ficar seis meses porque eu não tinha certeza se ele iria querer ou não ficar e depois, nessa turbulência de estar preparando o mestrado, preparando ida, o medo de perder um ao outro, a gente acabou resolvendo se casar. Eu, na época preferia não ter casado, mas depois acabei, ele acabou me convencendo e tal. Viemos no começo de janeiro de 97, ficamos na casa de uma amiga, que fazia o doutorado aqui na *École* também, uma menina de Brasília, filha de uma professora da UnB, uma menina muito bacana, muito amiga das minhas amigas de lá, com quem eu tenho um vínculo super forte até hoje, uma pessoa que me recebeu, da mesma idade que eu, mesma geração, mesmo círculo de amigos. Então, foi ótimo, ela sempre me deu muita força, mas foi super difícil essa adaptação porque o meu ex tinha uma formação, que era Relações Internacionais e Ciência Política, como eu, mas ele não tinha esse perfil acadêmico, ele estava trabalhando no Parlamento como assessor do PT, lá no Brasil, na Câmara. Daí, ele resolveu vir e ele largou do trabalho dele para vir comigo, já que ele vinha comigo, ele resolveu fazer o Mestrado porque ele tinha começado já um Mestrado no Brasil, mas ele tinha largado, abandonado. Daí, ele não conseguiu logo de cara, foi conseguir só no ano seguinte, mas foi muito difícil no casal esta adaptação. Eu acho que ele teve muita dificuldade de..., eu acho que para o homem é mais difícil seguir a mulher do que a mulher seguir o homem. A gente está preparada de abrir mão do profissional para seguir o marido e o homem, socialmente, está construído e criado para ser o provedor. Daí, chegava aqui ele totalmente dependente de mim, culturalmente, porque ele não falava uma palavra de francês, eu falava francês, eu tinha minha tese, eu tinha minha bolsa, eu tinha a minha inscrição e ele veio dependendo de mim, pela língua para falar, para tudo e financeiramente também. Então, eu acho que ele teve muita dificuldade de administrar isso e eu também tive uns problemas de saúde, de coisa besta, mas que eu fiquei meio deprimida, então, foi um ano muito difícil. Eu acho que foi tudo isso, porque a gente já estava juntos há cinco anos. A gente, desses cinco anos, a gente já morava juntos há três, mas a gente morava..., minha família é de Goiânia, então, eu morava em Brasília com três amigas, depois ele veio morar com a gente, então a gente morava numa república. A gente dividia as contas, mas a gente não tinha uma vida de família. Aqui, mudou completamente, a gente chegou e era só o casal, com um monte de expectativas que um joga em cima do outro, com um monte de frustração, que um joga em cima do outro. Acontece que a gente tinha muitos amigos, principalmente essa amiga, a C., que era assim o eixo, ela tinha um monte de amiga, ela é uma pessoa super sociável, então, sempre tinha festa e não sei o quê e a gente sempre ia

fazer as coisas com ela. No cotidiano, éramos só nós dois, ele com dificuldade de administrar essa coisa da dependência, eu acho, e de ter feito essa escolha de ter largado tudo por mim, foi uma coisa que sempre teve muita dificuldade de administrar na cabeça dele. Tem a ver com nossa relação antes também, entendeu? Porque era uma coisa confusa porque ele investiu muito em mim. É uma coisa muito complicada, muito difícil. Ele tinha uma certa mágoa... (fala palavra por palavra, diz que não sabe explicar). A forma dele, como ele se dedicou muito para mim e ele não sabia trabalhar isso na cabeça dele, ele agia de forma agressiva, não antes. Então, quando chegou aqui, ele começou a ser muito duro, agressivo, que eu quero dizer, é que ele começou a ser muito duro comigo, se distanciar de certa forma e de não dar importância para os problemas que eu estava passando na época, meus problemas de saúde. Era uma forma de vingança, sabe? Dele ter dado tanto e eu não ter dado tanto valor, é uma coisa muito complicada, muito complicada. A situação era muito complicada. A gente continuou ainda uns quatro, cinco anos juntos, casados, mas cheio de altos e baixos. Ele estava insatisfeito com o Mestrado aqui, porque não tinha nada a ver com ele, ele conseguiu a bolsa. Ele teve que fazer em dois anos o DEA dele porque ele não estava conseguindo fazer em um ano só. Quando ele terminou, ele terminou com uma menção "passable", que é péssima, que é a menção tipo "razoável". Ele não tem perfil acadêmico nenhum, ele estava insatisfeito com isso também. Tudo isso repercutiu na nossa relação de casal também e ele se envolveu com um novo projeto de pesquisa que tinha mais a ver com ele, foi procurar um novo orientador para fazer uma tese, tal, no sul da França, e ele resolveu mudar para o sul. Daí, eu estava naquela coisa da culpa dele ter largado tudo para vir comigo, bom, agora sou eu quem vou segui-lo, já que ele quer ir, eu vou com ele e tal. Daí, fomos, ficamos seis meses morando perto de Marselha, porque a gente queria morar perto da praia e era pertinho. A gente estava perto de Marselha, num *village*, foi ótimo, o lugar era lindo, maravilhoso. Foi até uma fase boa porque ele se envolveu com esse projeto, num lugar que funcionava super bem, onde os alunos estavam bem integrados, completamente diferente daqui e com um projeto super interessante, que era para estudar as cidades numéricas, um projeto de... Aí eu nem sei direito, um projeto de integrar a população no uso da internet, era 97/98, na época em que a internet estava assim bem embrionária ainda aqui na França. A gente no Brasil estava muito mais adiantado que os franceses aqui, nesse aspecto. Eu vinha toda semana para cá. Eu tinha bolsa na época e ele também tinha, o aluguel lá era bem mais barato, o custo de vida também, aqui, eu ficava na casa dessa amiga. Vinha toda semana assistir o seminário da minha orientadora e estava preparando o plano da minha tese (ri), o plano da minha tese daquela época, isso foi em 99 e preparando o projeto de ir para o terreno no Brasil. Aí, a gente ficou até julho nessa cidade, perto de Marselha, e partir de julho, fomos para o local onde ele ia fazer o trabalho de campo da pesquisa, na cidade numérica que ele iria estudar. Nesse período, eu fui super disciplinada para escrever um capítulo da tese, do projeto do trabalho do terreno, trabalhava "pra caramba". Ele já estava num momento mais desligado do laboratório e tentando levar o projeto dele, mas meio perdido com o projeto, mas foi legal. Daí, eu fiquei dois meses nessa cidade, daí eu fui para o Brasil fazer minha pesquisa de campo. Fiquei sete meses no Brasil, foi ótimo, muito bom, meu trabalho foi excelente e ele ficou na cidade fazendo o trabalho de campo, uma cidade de 12.000 habitantes. Ele ficou até o final do ano para fazer a pesquisa de campo dele. Aí, ele foi me encontrar em dezembro na época do natal no Brasil e ficou em dezembro e janeiro. Ele me ajudou a passar uns questionários da minha pesquisa e veio antes. Quando ele veio, a gente tinha decidido voltar para Paris (respira fundo) e aí foi uma merda. Até lá estava tudo bem com a gente, daí quando a gente voltou

foi péssimo. Daí ele voltou antes, daí ele foi ficar na casa dessa amiga minha, da C., que era amiga, desde que a gente chegou aqui e ele ficou na casa dela, daí a gente (fala mais compassada). Daí, eu falei para ele: "Procura um apartamento para a gente". Daí ele não quis, ele quis ficar nesse apartamento da C., queria que a gente ficasse morando lá porque depois ela ia viajar e a gente ficava com o apartamento dela. Lá era um grupo de amigos, um monte de gente que morava no mesmo prédio, era quase que uma família, por um lado era bom, dava uma dinâmica, era um pessoal super bacana, super social, super festivo, mas não era no momento que eu estava. Eu estava querendo voltar, me concentrar na minha tese porque eu só ia ter mais um ano de bolsa (tosse). Quando eu voltei e a gente começou a morar na casa dessa amiga, era horrível porque era um apartamento de duas peças, a gente dormia na sala, minha amiga morava lá, ela ficava no quarto. O namorado dela vinha dormir sempre. A gente não tinha privacidade nenhuma e eu estava num momento querendo me concentrar, não tinha como eu trabalhar nesse contexto. E nesse meio tempo, a nossa relação já estava desgastada, estava uma merda. E foi horrível porque misturou você estar vivendo uma crise conjugal no meio de um monte de gente, sem privacidade nem para brigar (tosse). Então, foi uma merda! Todo mundo sabia tudo o que acontecia. Eu tomei antidepressivo nessa época, eu estava com muito medo. Fui ao médico, antes de voltar do Brasil, eu estava com muito medo de não segurar a onda. Como eu tinha tido um momento super depressivo no meu primeiro ano aqui e eu não quis tomar remédio na época.

Quanto ao apoio nesse momento: Tinha a C., ela é uma amiga, não é uma pessoa da família, ela tem a vida dela. Ela sempre me deu apoio. É uma pessoa assim... Nossa relação sempre foi muito ambígua aqui, muito conflituosa, ele não sabia administrar a coisa, entendeu?

Como nesse primeiro ano eu não quis tomar remédio, eu: "isso? eu vou ficar com depressão? Nunca! Mulher maravilha, não pode ficar". Eu estudava nesse ano, eu fiz um novo projeto da pesquisa, rendeu, eu trabalhava, mas eu estava mal. Eu estava mal porque eu estava insatisfeita com o casamento, numa parte; outra, com problema de saúde, com dificuldade para administrar tudo isso. Eu não sabia o que eu queria, estava me adaptando num outro país, numa outra cultura. Enfim, foi um momento difícil e ele foi super ausente nesse momento. Ele não me deu força nesse momento em que eu estava mal, eu não pude contar com ele para nada. Então, por isso que eu digo que é uma relação meio vingativa, que ele tinha dado muito para mim antes. Teve uma época em que a gente namorava e eu terminei com ele, ele não aceitou e ele me perseguia, sabe, umas coisas assim. E ele nunca se perdoou por ter investido tanto em mim porque ele se desvalorizou, foi ele mesmo que se desvalorizou, mas então, ele tinha uma relação meio vingativa comigo. Depois de um tempo é que eu faço essa leitura. Enfim, quando eu senti que a relação estava uma merda, que eu estava mal, era eu que já estava numa relação mais dependente dele e eu sentia que ele estava se distanciando. Eu vinha para cá e pensava: "caramba, vou ficar sozinha depois de estar no Brasil com a família e tudo de novo. Eu vou ao médico e vou pedir um antidepressivo, vou conversar com ele o que ele acha e tal". Daí ele falou: "ah, tem esse remédio, se você achar que não está bem, você pode tomar um remédio fraco que não tem contra-indicação. Você pode até beber álcool que não tem problemas, pode ter uma vida normal, pode tomar meio comprimido por dia". Eu cheguei e já vi que a barra ia ser foda porque não ia ter casa, ele não se empenhava em nada para procurar um apartamento. Eu disse a ele que só vinha se ele tivesse procurado um apartamento, ele me garantiu que ia arrumar. Quando eu cheguei, ele não estava, eu cheguei com as malas dentro do carro.

Então, eu falei: "Então, você arrumou o apartamento?" E soube na hora que ele me buscou no aeroporto: "Não! Não, a gente vai para a casa da C." Eu fiquei muito "puta" na época, fiquei super "puta" e me colocava numa situação difícil porque eu não podia dizer para minha amiga que eu não queria ficar na casa dela. E ele estava numa fase distante, estava naquela coisa de amigos, todo entusiasmado. Ele parece que retomou a adolescência dele, quis aproveitar a vida, só isso e a gente estava num outro contexto, casados. Isso nessa época, eu tinha... Quando eu vim eu tinha 23 anos e isso foi em 2000 e eu tinha 27 anos. Aí, foi uma merda, esse ano foi uma merda, o último ano da bolsa em que eu estava querendo escrever a tese foi uma merda porque tinha que administrar essas coisas. Por um lado, foi ficando cada vez mais claro que esse tipo de relação que eu tinha com ele não valia a pena e ele não estava mais pronto a se dedicar para a relação como ele tinha se dedicado antes. Ele tinha um projeto, ele começou a viajar. Ele tinha um projeto de fazer o trabalho dele comparativo com as cidades numéricas, uma daqui da França e outra da Escócia. Ele queria fazer o trabalho de campo dele na Escócia. Eu, em princípio, ia segui-lo, dentro daquele espírito: "Aí, ele veio para França, agora eu vou junto". De repente, eu vi que a relação estava tão merda que: "O que é que eu vou perder meu tempo indo para Escócia, nesse país frio que chove o tempo todo e ficar trancada dentro da casa. Eu vou é ficar aqui, pelo menos eu tenho minha vida, minha universidade, meus amigos, estou fora". Aí, do dia para noite, não sei o que é que me deu eu falei assim: "Quer saber, esse cara já era, já perdi muito tempo com ele, ele só está me dando dor de cabeça, deixe ele ir embora para Escócia". Eu falei assim: "Olha, você vai para Escócia, você me deixa aqui e eu quero viver minha vida, eu não vou para Escócia". Aí, eu arrumei um apartamento, ele não achava apartamento, ele não tinha achado o apartamento. Eu disse: "eu vou procurar um apartamento". Achei um apartamento tal e num sei o quê.

Mas a relação era tão louca e doentia que no dia em que eu falei assim: "Olha não te sigo mais, não vou para Escócia com você, tchau, vai embora". Ele não quis ir embora mais (ri). Ele não quis ir embora mais e tudo que ele tinha tido do cara ausente, babaca, frio no momento em que eu estava mal, ele virou o marido perfeito (ri muito). Gente, como a gente é maluco, não é? Só que aí eu já estava em outra, eu não queria mais, para mim já tinha acabado, eu já tinha claro que eu não podia contar com ele para nada. Aí fui, arrumei esse apartamento e ele desistiu de ir para Escócia e ele foi ficando e eu querendo que ele fosse embora, foi super estranho. Ele foi ficando, eu não quis. Ele foi ficando na minha casa, o contrato era no meu nome, tudo era meu, entendeu? Até no dia em que eu fui nesse apartamento e disse: "Por que é que você não foi embora ainda?" Eu falei para ele. Mas ao mesmo tempo eu tinha dó, dele ir sozinho, dele ficar sozinho, meu sentimento de culpa de eu ter feito ele largar o emprego dele para vir por minha causa por mais que ele tenha sido babaca depois. Aí, eu mandei ele ir embora e ele foi para Inglaterra, resolveu ir para Inglaterra, ficar sozinho na Inglaterra, se deslumbrou lá. Eu fiquei uns três meses falando: "Vai embora, vai embora". De primeiro de dezembro, cinco de dezembro, ele foi embora. Aí, eu fiquei com dó, aí, eu falei: "Se você quiser vir passar o Natal aqui, pode vir". Daí, ele foi e voltou para o Natal, ele estava em Londres. Ele veio, voltou para o Natal e foi ficando, veio sem passagem de volta, só ida, mas depois ele acabou indo embora e durante um ano a gente ficou numa relação assim cada um tendo a sua vida, mas a gente não assumiu formalmente a separação para a família. A gente dizia para a família, na época, que ele estava estudando lá e eu aqui, porque a gente se via e nesse mesmo tempo, a gente se viu, ele veio para o meu aniversário ficou, fez outro *allegz-simple*, depois teve uma pessoa muito amiga nossa que faleceu e eu fui para lá, ele estava muito mal, fiquei um final de semana

com ele. Então nesse um ano, a gente se encontrou umas três vezes, a gente, cada um tinha a sua vida, só que a gente tinha ainda um vínculo porque a gente ainda se falava sempre, um seguia a vida do outro. A gente já tinha tirado as alianças e tudo, apesar de, a gente estava separado, mas a gente não tinha assumido formalmente. A gente durante um ano ficou assim. Aí eu resolvi passar três meses na Espanha, uma época, isto foi 2001 já. Resolvi passar o verão na Espanha para tentar escrever minha tese lá, na casa de um amigo perto de Barcelona. Mas eu estava num momento muito confuso. Aí eu já estava sem bolsa, eu já estava trabalhando, fazendo mil bicos e eu fui para Espanha um pouco disso. Meus pais financeiramente não me ajudavam. Claro que meus pais sempre me deram uma força aqui e ali, mas eles nunca me... Até que um certo momento eu vou chegar lá, você vai ver a repercussão da história, como que a vida mudou, como que o mundo dá volta. Mas até essa época, meu pai não tinha me mandado um dinheiro todo mês. Desde os 20 anos que meu pai não me mantinha, quando eu comecei o mestrado, eu tinha bolsa do CNPq, na época; aqui, eu tinha bolsa da CAPES. Então, eles sempre me deram uma força, a gente tinha um carro velho, meu pai que me deu a grana para comprar o carro, entendeu? Coisas assim. Mas nunca muito também, era um carro que valia 1.000 euros, não era enorme, na época que eu cheguei aqui um euro era um real. Aí, o que aconteceu? 2001 foi um ano super perdido porque eu estava reconstruindo a minha identidade de mulher solteira (ri), voltando a trabalhar e voltando a fazer a tese ao mesmo tempo, estava vivendo a separação, mas foi um ano bom (ênfase). Foi um ano confuso, mas bom em relação a 2000, porque 2000 tinha sido o ano do fim do casamento, foi uma tortura, então foi um ano muito difícil para mim e triste. 2001, não, foi um ano de reconstrução, mas um ano de alívio também, porque a relação estava me consumindo completamente. Estava péssima minha relação, tinha acabado comigo do dia, no final de 2000, que eu decidi que eu não gostava mais dele, que eu não queria mais ficar com ele e falei para ele ir embora, de lá para frente foi um alívio na minha vida, como se eu tivesse tomado a minha independência. Como se ele tivesse sido sempre um peso, que além de cuidar da minha adaptação aqui, eu tinha que cuidar da dele, além de viver os meus conflitos e de não poder contar com ele nas minhas dificuldades, tinha que cuidar dele, da família, sabe, então, sabe? Então, 2001 foi um ano bom, alegre, mas um ano confuso porque era muita mudança para mim e eu tendo que trabalhar. Então na Espanha, a idéia era trabalhar um pouco de telefonista, de marketing e eu ia trabalhar na tese. A tese não avançou, mas foi ótimo eu ter ficado três meses na Espanha. Voltei e, aí quando foi no final do ano, ele decidiu voltar para o Brasil. Ele falou: "Olha, cansei de te esperar, vou para o Brasil". Aí, quando acabou a relação, final de 2001, tivemos que assumir para a família, foi super confuso também. Na época, ele não queria assumir, ele queria continuar nessa situação indefinida, eu falei sim: "Não, enquanto a gente tivesse aqui, tudo bem, a gente estava numa de adaptação, mas uma vez que voltasse para o Brasil, a gente devia uma explicação para a família". E ele: "Não, não. Não vamos definir nada". Porque ele não quis assumir a separação, mas ao mesmo tempo, logo que ele chegou lá, ele foi em Goiânia falar com meu pai e dizer um monte de merda para o meu pai, entendeu? Sem falar comigo antes, entendeu? Foi uma merda, desde então, durante o ano todo que a gente tinha ficado aqui e ia se falando de longe, a partir de lá a gente cortou relação e aí ficou claro também para todo mundo que a gente tinha se separado. Foi muito confuso, porque ele era um cara que tinha dificuldade de separar os mundos, o meu e o dele, por exemplo, ele voltou para Brasília e ele foi morar na casa da minha melhor amiga e ele tem vários amigos lá. Ele morou dez anos lá, mas ele foi morar na casa da minha melhor amiga, sem falar para ela que a gente estava separado e um monte de amiga e amigo ligando o

tempo todo. Ele levando uma vida de solteiro lá, dentro da casa da minha melhor amiga, ela não queria, ela mandou ele embora, porque para ela era uma situação super ambígua, porque ele estava lá como o melhor amigo da amiga dela e ele vivendo como solteiro. Mas era uma relação realmente muito confusa e eu acho que essa dificuldade dele de conseguir separar. Eu acho que eu era muito... Eu ocupava um espaço muito grande e ele tinha uma relação até meio que violenta, ele tinha que ocupar o meu espaço, uma coisa meio maluca. Mas aí acabou a relação, a gente não falou claramente da separação, ele não chegou falar, mas desde que ele falou com o meu pai em dezembro de 2001 para mim estava claro. Eu falei: "Bom, vou viver minha vida". Fui para Portugal passar as férias. Estava trabalhando como garçõete nessa época num café, que era embaixo da casa que era dos meus amigos, que era um café de um amigo meu. Bom, não sei nem por onde que eu continuo. Bom, essa relação era tão maluca, que eu comecei a tocar a minha vida aqui e parei e nunca mais eu falei com ele. Ele chegou ao Brasil e começou a sair com a irmã da C., que era a minha melhor amiga aqui, e que era uma pessoa que era uma pessoa que era uma grande amiga, porque ela morava aqui na época que morava todo mundo. Ela era casada tinha dois filhos, uma história super confusa. Então, ele voltou para o Brasil e começou a sair com essa menina que era casada na época e ela se separou para ficar com ele e hoje, eles vivem juntos e era uma menina que eu era muito próxima, muito próxima, como se fosse uma irmã mais nova, porque ela tinha muitos problemas, eu dava muita força para ela e irmã da C., que era minha melhor amiga. Era uma coisa tão confusa, que mesmo para sair da minha vida, ele tinha que dar um jeito de continuar e de incomodar mais do que... Acabou, passou para outra e tal. No começo de 2002, eu estava super bem e vivendo minha vida e trabalhando no café, fazendo a tese, estudando, mas avançando muito pouco na tese porque eu trabalhava muito para poder me manter. Eu morava sozinha, às vezes, sem grana, eu sublocava o apartamento para turistas brasileiros ou gente que vinha, estudante que vinha por um ano e procurava apartamento. Daí eu ia ficar na casa da C. ou de alguma amiga, sublocava o meu para ter grana para poder pagar o aluguel, foi super difícil de conciliar. Eu vinha sempre na *École*, ficava na biblioteca, pelo menos uma parte do dia, mas eu não estava *plonge*. E aí em maio de 2002, eu conheci o H., que é pessoa com quem eu vivo hoje, que é um francês que é amigo do dono do bar onde eu trabalhava, que é um amigo meu também, a gente tinha um amigo em comum. Era meu amigo e patrão e era o amigo dele. O H. é músico, ele toca numa banda de rock e esse café, meio que concentra uma geração parisiense de roqueiros, puristas assim que escutam vinil, os grupos locais. Então, tinha um ambiente super legal e eu conheci o H. que lá e a gente começou a ficar juntos. A gente começou a ficar juntos em maio e no final do ano, ele veio morar comigo. Aí nesse meio tempo eu pedi o meu divórcio. Foi ótimo, maravilhoso, porque eu não precisei nem ir. Minha advogada maravilhosa é excepcional, demos sorte de cair com um juiz bom. Senão eu teria que ir, ainda mais que no começo quando eu pedi, ele não queria assinar o divórcio. Ele já estava com outra pessoa, uma história que já era complicada, com uma menina que era amiga minha, irmã de uma amiga minha, eu tinha sido aluna da mãe dela, uma pessoa completamente próxima ao meu... Porque ele conheceu através de mim. Já estava assim uma história super confusa lá e não quis me dar o divórcio, não quis pagar, ele não pagou o divórcio, foi meu pai que pagou, ele não tinha dinheiro. Foi uma baixaria por telefone. Até que eu falei: "Tchau, faz o que você quiser da vida". Aí, eu falei com a minha advogada, a gente esperou a coisa esfriar um pouco. Um mês depois, eu falei: "Olha, você vai atrás dele, você liga e com uma cara bem de boazinha fala para ele que não precisa se preocupar com nada, que ele só precisa mandar a identidade dele e comparecer no dia da audiência". Daí

foi, e em meia hora, quarenta minutos, resolveu tudo. A gente tinha que arrumar testemunhas que a gente já estava separados há dois anos, resolveu, meu divórcio foi assinado super rápido no final de 2002. Daí eu estava com o H. desde maio, daí quando foi em janeiro, eu fiquei grávida, janeiro de 2003. Aí a tese nesse meio tempo você já viu. Quanto ao fato de ter ficado grávida: foi muito confuso porque eu nunca me projetei muito como mãe, então foi super confuso, mas super legal ao mesmo tempo porque a gente estava num momento muito legal com o H. A gente estava numa sintonia muito boa e a gente se entendia muito bem e teve vontade de ter filho, não estava programado de jeito nenhum, mas quando aconteceu a gente decidiu viver isso junto. Fora do programa, mas ela foi super bem-vinda. Claro que não era o momento ideal para mim porque não tinha trabalho, sem tese. O H. tinha vindo morar comigo em dezembro. Ele tinha decidido: "Não, você pára de trabalhar para terminar sua tese". Ele veio morar, ele ia pagar o aluguel e quando eu resolvi ficar um ano sem trabalhar para terminar a tese, eu fiquei grávida. Mas foi bom porque durante a minha gravidez, eu avancei muito na tese, nas análises dos dados e tudo, até sete meses da gravidez e aí depois, fomos para o Brasil, porque eu fui dar a luz lá. Quanto a reação à gravidez: Ele foi muito legal. O H. é um cara muito legal. Claro, ele também não estava prevendo de ter filhos, mas ele disse, desde o começo que estaria comigo em qualquer decisão que eu tomasse e que ele estaria feliz de ter um filho comigo. Ele foi super companheiro e em tão pouco tempo que a gente estava junto, né? Ele foi um cara que sempre se mostrou muito correto, muito atencioso, muito presente, acho que por isso tudo foi tão rápido também. Com o ex eu tinha ficado dez anos no total, nove anos, quero dizer. Eu comecei a namorar com ele aos dezoito anos e eu separei com vinte e oito. Então foram dez anos, com vários ciclos diferentes, porque tinha um ano que ele ficou em Londres e eu aqui, antes da gente se casar eu tinha terminado com ele uns meses, com períodos bons e ruins, mas dez anos. E com o H., depois de um ano eu já estava grávida. Eu nunca tinha me imaginado mãe. Nunca tinha pensado, mas foi ótimo, daí, é uma descoberta a cada dia e ainda, até hoje, ainda é uma descoberta porque eu acho que eu realmente não tenho perfil maternal, ainda não, mas é um barato, eu curto "pra caramba". A A. é maravilhosa. Mas teve períodos muito difíceis, por exemplo, fui para o Brasil, a gente foi para o Brasil, eu estava com sete meses de gravidez porque não podia pegar o avião depois disso. Ele foi junto, eu queria que ele conhecesse o Brasil, e que a gente tirasse uns dias de férias antes de o bebê nascer. A gente foi para a Bahia, ficamos uma semana na Bahia, uma semana no Rio, depois, ficamos em Goiânia onde minha família mora. Ele no final não estava agüentando mais Goiânia. O ritmo de vida de Goiânia e a música sertaneja que não parava de tocar no bar da esquina e a gente ouvia o dia inteiro em casa. Imagina o cara roqueiro. Foi meio difícil, no final, a gente já estava de saco cheio. Aí depois claro, o tempo todo cuidando da A. Aí a volta, os seis primeiros meses foram muito difíceis aqui, porque eu não tinha ninguém para me ajudar. O H. tendo que trabalhar, ele é músico, mas ele não vive da música. O intermitente de espetáculo é, bem eu explico depois, mas, falando rapidamente, todo mundo que trabalha na área de espetáculo, seja como artista, técnico, chofer, carregando caixa, tem esse estatuto que o Estado francês dá porque as pessoas que trabalham num espetáculo não são assalariadas de uma empresa, eles trabalham num espetáculo, depois vão trabalhar em outro. Então, o Estado francês tem o estatuto "privilegiado" para os intermitentes, porque daí quando eles não têm projeto, eles ganham salário desemprego, é instável, mas ao mesmo tempo, tem uma certa estabilidade, porque você pode ficar três meses sem ter trabalho nenhum, como aconteceu com o H., e é uma área muito instável, porque um dia tem trabalho e outro dia não tem. Teve uma crise no ano

de 2002/2003 que não aparecia trabalho, ele trabalhava especificamente na parte montagem de cenário (toca um celular e ela pensa que é o dela). É tão instável, que hoje ele não mais trabalha com isso, porque não tem mais trabalho. Então, o H. tinha que trabalhar muito e quando tem trabalho, tem trabalho demais e os horários são malucos, por exemplo, na noite de anteontem para ontem, ele não tinha dormido. Tem dia que ele chega em casa 11 da noite e tem que levantar às 4 da manhã. Agora, ele trabalha numa coisa que cuida dos camarins, tem que ser o primeiro a ir e o último a sair. Como é fora, tem que buscar o material fora de Paris e ele tem que ir para o lugar onde está rodando, não é humano, os horários não são. Então, ele trabalhava muito e tinha que trabalhar porque a gente não tinha grana e eu sem um tostão e tendo que cuidar da A. sozinha, sem ninguém, ninguém para me ajudar. No tempo todo que eu estava aqui, eu até tenho uma rede de amigos, mas aqui o ritmo das pessoas é muito diferente, entendeu? Está todo mundo na batalha, não é como no Brasil que você tem todo aquele conforto, que você pode pedir para um amigo vir passar uma tarde com você para te ajudar, não, aqui eu não posso fazer isso. Eu estava completamente fechada, em pleno inverno, aprendendo a ser mãe, não na relação do sentimento porque isso..., é super difícil, chora e você não sabe, e no inverno, os bichinhos, gente, têm que empacotar tudo. É uma confusão, coisas simples, cotidianas, por exemplo, você quer descer para comprar pão, é um trabalho tão grande, que não desce. A gente mora super mal, nós moramos num apartamento pequeno de 30m². O H. tem um salário pequeno. Os seis primeiros meses foram super duros assim porque é realmente difícil cuidar de um bebê sozinha e eu acho que eu sou meio desajeitada (uso de muitas palavras francesas), mas depois, tudo bem. Comecei a procurar vagas nas creches e não encontrei vaga nas creches então foi isso que me desesperou. Teve um momento que eu fiquei desesperada porque eu não conseguia vaga nas creches. Eu já estava inscrita desde o ano anterior, desde a gravidez eu estava inscrita e eu achava que eu estava na lista de prioridades, principalmente, porque a gente não tinha uma situação econômica estável e porque eu estudava, mas a prioridade é claramente só quando os dois trabalham, o pai e a mãe trabalham. Teoricamente, quem estuda é considerado trabalho, mas na prática, não. Eles diziam: "Ah, não, ele é intermitente de espetáculo, às vezes trabalha, às vezes não trabalha e você é estudante e pode se organizar". Eu fiz um escândalo, fui em 30 creches. Briguei na assistência social, a mulher estava "cagando e andando para mim", não sei se porque eu era estrangeira ou ... Não consegui vaga. Aí, eu ligava para minha mãe chorando e o pai falava: "Ah não, eu acho que você vai ter que mandar a A. para cá para você terminar a sua tese" e eu: "Claro que não!" (ri). Ele falou achando ótimo, adorando essa opção. Meus pais vieram algumas vezes para cá. O ano passado minha mãe veio me ver.

Experiência do estágio no exterior: Estágio, né, comprido esse estágio (ri). Faz sete anos. Começou como um estágio. Nem sei te responder isso, mas só para concluir assim, então, hoje, não consegui vaga na creche fiquei desesperada porque eu falava assim: "Se eu ficar aqui sem creche, eu vou virar dona-de-casa e eu não tenho talento para dona-de-casa, eu não nasci para isso. Eu vou virar uma chata, insuportável, eu vou brigar com o H., ele vai me mandar embora porque ele não vai suportar uma louca dentro de casa que não agüenta ficar dentro de casa". Eu fiquei nove meses sem encostar na tese, os três meses finais da gravidez e os seis primeiros meses da Amanda e eu querendo voltar, agoniada porque eu queria terminar essa tese e não conseguia. Daí eu fui atrás da *nunu*, que é a pessoa que cuida das crianças em casa. Fui à assistente social para saber como funciona, ela me explicou, só que é uma fortuna, eu pago, é o que eu tenho hoje, eu pago 750 euros por mês. Eu pago mais caro que o meu aluguel, mas foi a única opção que eu tive para terminar a

minha tese. Às vezes eu entendo porque eu estou tão desesperada com essa tese porque eu tenho que terminar. Eu não tenho dinheiro, o H. não tem como pagar isso, então, o meu pai me manda. O que eu estava falando, desde os 20 anos o meu pai não me mandava grana, agora, todo mês ele me manda 500 euros para eu pagar a *nunu*. Ai a gente tem uma ajuda da *Cafi*, que paga 200 euros, mas isso só vem a cada três meses, ou seja, mesmo que venha você tem que se adiantar porque na verdade é um sistema super elitista porque você é mulher, estrangeira, você já não tem família nenhuma, quando você está solteiro, ótimo, entendeu? Você se adapta, você tem um monte de amigos, mas quando você tem uma vida familiar e você não tem ninguém com quem contar é realmente muito difícil a situação de estar no estrangeiro com filho, é muito difícil de administrar, primeiro isso. Segundo, se você não tem um mínimo de estrutura ou de um capital econômico e viver de ajuda não dá. Não dá! Ou seja, se eu não tivesse meu pai que pudesse me mandar esse dinheiro eu teria que voltar ao Brasil. Eu teria de abrir mão da minha relação com o H., separar a filha do pai, para eu ir para lá, escrever a tese lá e vir entregar a tese depois. A minha opção teria que ser essa porque eu não iria dar conta de ficar aqui sendo dona-de-casa e para ser dona-de-casa, eu prefiro ser dona-de-casa no Brasil, venhamos e convenhamos, porque eu moro nuns 30 m2 aqui. Eu falei que eu nunca tinha me imaginado de estar passando uma vida mais difícil que a da minha mãe e eu me vi num momento muito mais difícil que o da minha mãe. É difícil para a gente que vem de classe média. Mas isso dá para você pensar em várias coisas, por exemplo, se você vem de uma família humilde que não pode te ajudar em nada, você não tem ... Eu vivia com a minha bolsa. No Brasil, o povo tem aquele preconceito: "Ah, a gente fica pagando turismo para as pessoas ficarem na Europa não sei quanto tempo". Vai viver só da bolsa. O valor da bolsa é o valor de um salário mínimo aqui na França. Só consegue viver bem quem vem com uma economia, quem vem de um meio já com uma estrutura. Com a bolsa, você sobrevive, mas você não vai fazer turismo em lugar nenhum. Você não vai nem ao cinema, porque o valor do cinema são 10 euros. Então essa ilusão, ou seja, maior a chance da pessoa se adaptar bem aqui é quanto maior o capital cultural e econômico da família de onde ela vem. Por exemplo, quando eu cheguei aqui, nesse um ano e meio que eu fiquei pastando para mudar de, se eu viesse de uma família já internacionalizada, se eu já freqüentasse o meio intelectual francês, quando eu começasse meu doutorado eu já teria começado com uma pessoa certa e no lugar certo, eu já conheceria os códigos. Isso mostra quem é que tem as condições para quando começar o doutorado aqui já ter vindo aqui, já conhecer o sistema, já conhecer os códigos, já ter contato com os orientadores. Quem tem condições de já ter construído essa rede de relações para já estar inserido é quem vem de uma outra rede com capital econômico, cultural e intelectual mais consolidado lá no Brasil, eu acho.

Projeto de vida: Meu projeto é voltar para o Brasil. Eu quero voltar para o Brasil, eu tenho um compromisso de voltar para o Brasil, mesmo porque eu fui financiada, formalmente, eu quero honrar esse meu compromisso. Mas eu acho que eu não vou voltar assim, por exemplo, se eu defender a tese em dezembro, eu acho que eu não vou voltar em dezembro, eu acho que lá para julho porque agora mesmo que eu queira voltar para o Brasil, a gente é uma família agora, então não posso: "terminei a tese, vou embora, tchau!" Porque tem a adaptação do H. agora para eu cuidar também e isso me traz muito medo porque eu sou traumatizada com. Então eu já me decidi na minha cabeça, a gente indo para o Brasil, eu acho que eu vou ter que ir um pouco antes, ver a possibilidade de eu ter um pós-doc e organizar um esquema de arrumar um trabalho para o H. lá. Eu só quero que ele vá se ele estiver com um trabalho certo, eu não quero homem desocupado (ri), nem para eu ter que

cuidar, ele não fala o português. Já pensei em ficar aqui, eu acho inclusive que não por mim, mas pela família. Para eu voltar para o Brasil vai ser um sacrifício familiar, vai ser assim, priorizar minha vida profissional em relação à família. Eu acho que para a família, para nós três era melhor ficar. A adaptação num outro país é uma coisa muito difícil para se viver, a minha experiência foi traumatizante e me deixou traumatizada realmente, e eu acho que tem um custo muito grande e eu acho que seria mais fácil eu me adaptar aqui que o H. se adaptar lá porque ele é homem, porque é uma cultura diferente e eu tenho medo de todas essas dificuldades de adaptação caírem para cima de mim, por outro lado, eu não seria capaz de ficar aqui e sacrificar minha vida profissional porque eu investi muito na minha formação profissional. Eu fui criada, na minha família é muito forte isso, nós somos quatro mulheres, eu acho que meu pai inculcou isso de forma muito forte na gente que a gente tinha que ter uma vida profissional, que como mulher a gente não seria nada se a gente não fosse mulheres profissionais, com uma vida profissional independente, financeiramente sobretudo. A preocupação dele era, sobretudo pelo lado profissional, mas sempre teve isso com o lado financeiro da gente ter uma independência de nunca ter de depender de marido. Eu sempre construí a minha vida, minha identidade atrás dessa formação profissional, dessa independência profissional, atrás desse projeto profissional. Eu não sou capaz, eu tenho isso claro para mim, que eu não sou capaz de abrir mão da minha vida profissional por nada. Posso desvirtuar um pouco, deixar de trabalhar na Sociologia e dar aula de outra coisa, mas não sou capaz de abrir mão de ter um trabalho correto como socióloga, como professora, só que a inserção profissional aqui é difícilíssima, muito, muito difícil, mil vezes maior que no Brasil, sem comparação. Mesmo para os franceses que têm um concurso clássico aqui nas universidades, que dominam os códigos e sabem como funcionam, eles têm muita dificuldade. Eu tenho uma amiga, por exemplo, que defendeu a tese de Sociologia em novembro, tentou, todo ano tem oferta, mas são poucas em relação à demanda. Ela terminou, ela tem 29 anos, ela mandou para tudo quanto é lado as candidaturas a mestre de conferência, nenhum deu certo. O mestre de conferência é o primeiro estatuto do professor quando entra na Universidade. Vagas, no CNRS como sociólogo, são pouquíssimas, duas, o ano passado não, teve uma vaga para sociólogo e a coisa é super política e tem que ter um centro de pesquisa que está apoiando o seu nome, tem que ter um dossiê muito bom. Se tem uma vaga, só vai entrar um cara que tem um dossiê muito bom, não vai entrar qualquer pessoa. Você com um dossiê normal, você não entra, você tem que ter muita publicação. Ter publicação aqui é uma coisa complicada, tudo depende de você estar na boa rede, cada vez eu vejo isso mais e um bom orientador que está a fim de investir em você, isso é fundamental, e para o estrangeiro isso é muito mais difícil, é claro, ainda mais que aqui na França existe um sistema de ensino universitário muito hierarquizado. Têm as escolas que têm tal reconhecimento, se você veio de tal escola ou de tal escola, que você passou na tal de *agrégation*, que um certificado que você tem, com o qual você entra no ensino, na educação nacional como professor, mas que te dá um estatuto mais qualificado.

Balanço: É difícil, né? Eu não sei fazer balanço. Minha vida, essa experiência, é difícil objetivar porque minha vida mudou muito nesse período, então não é uma experiência... Quando eu vim para cá, eu pensava assim: "Eu vou fazer minha tese, vou fazer um parêntese na minha vida, vou ficar quatro anos lá, volto e aí continuo a minha vida". Mas não é uma coisa tão simples assim, minha vida mudou, minha vida está aqui agora. Essa experiência nem terminou ainda, tem uma nova família, essa experiência, esse estágio nem terminou ainda. Não sei, não sei fazer um balanço. Acho que é isso, não é uma coisa concluída e que eu possa concluir quais as conseqüências que eu tive, não, é uma coisa que

eu estou vivendo ainda, eu não consegui ainda nem fechar esse ciclo. Estou tendo dificuldades para fechar esse ciclo (ri). Pelo amadurecimento, é claro. Tem um balanço que eu posso fazer, mas não sobre o meu plano pessoal, sobre o plano acadêmico, eu acho que é uma experiência ambígua porque por um lado te permite conhecer uma nova forma de pensar, um novo mundo acadêmico, pelo lado prático, institucional, os códigos, mas uma outra forma de pensar e isso é fantástico, então isso realmente é um *tour*, eu acho que é o grande benefício dessa experiência, a grande contribuição. Por outro lado, em termos práticos, para voltar para o Brasil é uma experiência ambígua porque você é obrigada a fazer um esforço tão grande para se inserir no meio acadêmico aqui, que você é obrigada a se distanciar das suas redes que estão lá. Então eu vejo, por exemplo, essa coisa, eu vejo, por exemplo, em relação aos meus colegas que não vieram, terminaram o mestrado mais ou menos na mesma época que eu e continuaram no mesmo departamento, onde fizeram a graduação, o mestrado e fizeram o doutorado lá. Eles terminaram o doutorado deles, claro, com muito menos tempo, com muito mais facilidade. Eles fizeram no país deles, na língua deles, no departamento que eles nasceram, praticamente, eles não tiveram que aprender uma nova forma de pensar, eles não tiveram que aprender uma nova língua, e uma forma de pensar, porque mais do que aprender uma nova língua, porque se comunicar tudo bem, no final, você pode até escrever uma tese de qualquer forma, ou como o menino que está defendendo aí hoje, que escreveu a tese em espanhol e pagou alguém para traduzir, entendeu? No limite, você pode até fazer isso, mas não é uma outra forma de construir o objeto, é uma outra forma de pensar sociologicamente e cientificamente um problema e é muito diferente e é um investimento muito grande. O nível nessa escola, particularmente, o nível de exigência é muito alto e a minha orientadora é muito criteriosa também, além de tudo tem isso. Então, as pessoas que estão lá, fizeram num nível de exigência muito mais baixo, porque no Brasil a gente já está nessa dinâmica de fazer teses curtas e rápidas. Eu fui numa defesa lá na UnB, o cara fez uma tese de 200 páginas. Eu estou lendo uma tese que foi defendida há dois anos aqui em Ciências Políticas de 980, claro, eu peguei dois casos extremos. 980 é fora da norma há muito tempo já aqui, mas, e número de páginas não ser pode dizer tudo, nem quer dizer muito, mas mesmo assim mostra um pouco, o nível de exigência é muito alto e o que eu acho é que profissionalmente eles estão muito melhor do que eu. Estando aqui, eu me distanciei muito das redes de produção acadêmica de lá, então, eles que estão fazendo doutorado com muito mais facilidade, não só fazendo com mais facilidade tiveram os títulos mais rápido, já são todos doutores há dois anos, como estão trabalhando paralelamente desde o começo com os professores nas pesquisas, estão trabalhando nas consultorias com os mesmos professores e estão publicando com os mesmos professores. Na hora que você vai fazer uma prova, uma seleção, o que conta é publicação, é ponto, eles estão lá cheios de publicação e eu não tenho publicação, nem lá, nem aqui. Eu tenho pouquíssima coisa, incomparável com eles. Nessa comparação, eu acho que para você se inserir nas redes aqui é muito difícil, você tem que ser, não só ser bom, mas tem que ter muita sorte de estar na boa rede, de estar numa rede onde há espaço para o aluno criar, crescer e produzir e você pode estar numa rede ótima que produz, mas que não dá espaço nenhum para o aluno, você é visto só como uma formiguinha ali. Então é difícil para a gente publicar aqui e a gente se desvincula de lá, com as publicações de lá. Então, hoje, minha situação no departamento de Sociologia da UnB, meu trabalho é super reconhecido, as pessoas me conhecem e me respeitam, mas na prática, na hora em que eu vou fazer um concurso, por exemplo, vai ter um concurso no final do ano no departamento, eu não vou fazer. Eu não vou fazer porque eu sei que eu não tenho publicação suficiente.

Eu vou fazer um concurso para queimar o meu filme e não passar e não estar nem entre os três primeiros, eu prefiro não fazer e ter uma bolsa de pós-doc e esperar publicar depois. Então, nesse aspecto prático é muito difícil e uma coisa que eu tenho sempre ouvido falar é que o retorno é muito difícil para o Brasil, se readaptar e se reintegrar às redes. Então, eu vejo os meus colegas lá, estão todos dando aula ou nas particulares, ou como pós-doc na UnB ou estão trabalhando em vários projetos de pesquisa com os professores lá e com várias publicações, os que fizeram mestrado comigo e terminaram o doutorado primeiro. Eles estão integrados porque aqui, você vem você investe tudo aqui e você não tem como se investir profissionalmente. Lá, a formação universitária está muito mais próxima do mundo do trabalho, então você está fazendo as duas coisas ao mesmo tempo, aqui, não, você é um mero estudantezinho. Por outro lado, não quero desmerecer o doutorado integral, eu acho fantástico essa coisa do doutorado integral porque o sanduíche é muito pouco, eu acho que não resolve o problema de investir na formação dos quadros profissionais brasileiros. Eu acho que não resolve porque um ano aqui é muito pouco porque quando você está terminando a sua estadia é que você está vendo como que funciona a não ser, claro, que você já venha ou de uma família de intelectual já ou que você já circule nesse meio, já conheça as pessoas e tal porque o tempo que você chegar aqui, completamente desconhecido num país, começar a conversar com as pessoas, começar a estabelecer os contatos, se adaptar com a língua e tudo, um ano? Então, eu acho que o sistema, uma coisa legal que seria era se a CAPES investisse mais nessa coisa de co-tutela de ter dois anos e dois anos ao mesmo tempo eu não sei também porque dois anos lá e dois anos aqui, a coisa prática da escrita não é bom também.

ENTREVISTA - ANA

Modalidade: Doutorado-sanduiche

Local: *Hall* da EHESS

Data: 31/maio/2005

Foi assim, eu não resolvi nada. As circunstâncias fizeram com que as coisas fossem assim: eu vim em 1995 fiz a minha “*Maîtrise*” com muita dificuldade de ser feita porque eu me deparei com uma Universidade, onde o pessoal que fazia Filosofia é um pessoal de nível altíssimo. Quando eu terminei minha graduação, vim sem orientador, foi mochilão nas costas, só. Foi uma coisa de “porra louca”. Tinha terminado minha graduação e um namoro de quatro anos e levava uma vida sossegada de sombra e água fresca. Estava me formando em Filosofia, fiz um trabalho meia-boca no final do curso. Faltava um ano para eu me formar em Filosofia, tinha um namoro que já durava uns quatro anos e a coisa começou a ir mais ou menos. Daí acho que coincidiu com a época que meus pais resolveram se separar geograficamente embora, eles já viviam como um casal separado. Então, acredito que por uma “porrada” de fatores que me fez sair de casa e querer ver outras coisas, me afastar e coincidiu que meu namoro estava desandando e daí desandou de vez. Esse namoro foi rompido, então foi um momento bem difícil. Eu fiquei muito arrasada, muito mal, chocada com tudo. Foi um momento muito feroz, de muita briga de meu pai e minha mãe, de quem vai ficar com o quê. Somos eu e meu irmão, temos diferença de um ano e eu sou a mais velha. Então, assim, tinha uma “porrada” de coisas acontecendo ao mesmo tempo e tinha assim minha mãe sempre cobrou muito de “tem que sair de casa, ver o mundo. Ficar aqui, neste lugar fechado, com esse namorinho aí?” E para mim estava tudo tão tranquilo, estava tudo tão bom. Essa mania de ver o mundo e achar que descobrir as coisas, não sei? Hoje em dia eu não sei, eu descobri muita coisa, mas não sei não, sabe, eu acho que a gente paga um preço emocional muito grande para conhecer o mundo e descobrir novos horizontes e etc. e tal. Nesse momento, eu estava muito aflita com tudo que estava acontecendo e minha mãe, eu lembro muito disso, foi lá, comprou uma passagem para mim e disse: “vai tirar suas fotos para fazer seu passaporte porque você vai viajar, não vai ficar aqui”. Já tinha ido aos 15 anos para os Estados Unidos, achei massa. Esse tipo de coisa nunca veio assim para mim e eu acho que minha mãe contribuiu muito para isso, talvez pela própria história dela, entendeu? Porque ela teve oportunidade de vir e meu avô nunca deixou ela vir, porque ela era mulher, então mulher não podia sair. Meus avós não tinham condição financeira nenhuma, ele era pedreiro e ela era dona-de-casa. O pouco de dinheiro que se entrava era para financiar os estudos dos meus tios, dos irmãos de minha mãe, porque ela era mulher. Minha mãe era uma excelente aluna e ela tinha uma bolsa de estudo para estudar num colégio católico onde ela morava. Ela era uma boa aluna e teve um sorteio e ela ganhou uma passagem para vir morar aqui na França, alguma coisa ligada à igreja. Realmente eu não lembro, minha mãe ficou felicíssima, mas meu avô nunca permitiu que ela viesse. Ela teve uma frustração e ela meio que investe em mim. Eu acho que teve assim uma investida de eu realizar uma coisa que era dela, sabe? Acho que a coisa passa por aí um pouco.

Voltando... Ela se mobilizou para eu vir, para eu descobrir o mundo. E eu me lembro que a foto do meu passaporte para eu vir para cá está uma desgraça. Eu estava um monstro, olhos inchados, cara toda inchada, que eu só fazia chorar. E eu vim e minha mãe entrou em contato com a amiga, da amiga, da amiga, que conseguiu um contato aqui na França, e quando ela liga para conseguir falar com essa pessoa, ela descobre que essa pessoa tinha

sido amiga dela da Faculdade Católica. Ela pagou seus estudos porque ela saiu de casa com 18 anos e passou no concurso do Banco e ganhou na época era um bom cargo. Ela tinha condições de trabalhar e bancar os estudos. Ela fez questão... Eu estou contando tudo isso porque eu passei a história da minha vida ouvindo, que, por exemplo, o dia que ela passou no vestibular e meus avós pararam de falar com ela porque ela não poderia ter passado, ela não podia ser uma mulher independente. Ela quebra isso tudo ao ponto de meus dois tios, que onde meu avô investiu o pouco que tinha era no estudo deles, são... um é pedreiro como meu avô e o outro é secretário de uma firma de construção civil. Então, ela foi, além disso, e sempre colocou isso na minha cabeça, que para você ser alguém na vida você tem que se lascar todinha, assim só é bom aquele que se lascou! O sofrimento está ligado sempre e eu captei isso bem, até demais. Ao ponto de eu estar bem em determinadas situações e ficar triste porque está bem. Como se para eu ser feliz eu tenho que sofrer mais. Enfim faz parte da história dela e não tem como eu negar isso.

A amiga disse que podia vir e tinha um apartamento, duas filhas. É muita coincidência, a vida é muito pequena. Por coincidência, uma delas estava em Recife e eu fui conhecer a A., filha da amiga da minha mãe. Fiquei no apartamento delas e vim para passar férias para dar um tempo, fiquei dois meses e meio e voltei para Recife. Foi bom esse negócio de sair para mudar, foi muito bom, inclusive, foi como eu conheci meu outro companheiro com quem eu vou morar dois anos. Foi tudo muito interessante. E eu volto pensando em voltar porque foram tão legais os dois meses, mas eu não tinha planos de fazer uma pós-graduação ou um doutorado, não era isso. Porque nesses dois meses que eu fiquei lá, eu descobri que tinha um curso da *Sorbonne* de civilização francesa, e por que não fazer? Voltei para minha terra e pensando em voltar, fazer isso e se começar a rolar, começo a fazer uma pós-graduação que é para não perder tempo. Voltei para minha terra, acelerei tudo, porque faltava um ano. Paguei 12 disciplinas num semestre, foi uma coisa louca, louca, louca, mas eu consegui dar conta. Acelerei meu processo de formação para vir para cá. Aí eu fiz uma monografia de final de curso, só para passar, porque eu queria mesmo era ir embora. E quanto a minha mãe foi muito interessante, porque ela falava sempre: “Vai, vai”. Daí quando eu resolvi, ela disse: “Agora que você quiser ir, você vai só, te vira”. Eu disse: “Tá massa, eu vou me virar” e eu me lembro que eu fiz uns bicos no *Carrefour*, muito louco, distribuí taçinhas de *champagne* porque ia inaugurar o *Carrefour* na minha cidade, tudo isso para juntar uma graninha mínima e na época, tinha uma coisa, o real tinha um poder em cima do franco, não era uma coisa absurda. Então tentei juntar isso e minha mãe me deu uns... Quando eu vim da primeira vez, minha mãe tinha me dado dinheiro “pra caramba”, para eu fazer o que eu quisesse na verdade. Quando estava perto de eu voltar, eu segurei e pensei: “Essa grana aqui é porque se eu quiser voltar”. Eu não esperava essa reação da minha mãe. Ela disse: “Agora se você quiser ir, você vai e te vira porque não tem condições”. Mas se eu disser para você que ela nunca me mandou dinheiro é mentira, até porque na Prefeitura de Polícia, eu tinha que provar que tinha uma renda mínima, então minha mãe mandava uma grana a cada seis meses, que pudesse justificar para Prefeitura de Polícia. Eu ficava com essa grana um ano porque era de ano em ano que eu tinha que renovar lá na Prefeitura de Polícia. Eu vim de novo, fiquei um mês na casa das meninas, que eu já tinha conhecido bem e depois eu fui cuidar de cachorro na casa de uma senhora, que me albergou lá no 16. Eu morava naquele quartinho de pombo. Meu namoro foi ficando mais firme com o E. Lugar para dormir eu tinha, fazia o curso de francês, trabalhava de *baby-sitter*. Fiz a seleção para *Maîtrise* e fizeram uma equivalência e fui fazer meu diploma de *Maîtrise*, seria equivalente à monografia de final de curso. Eu queria fazer uma coisa sobre a Filosofia da Libertação,

que eu tinha conhecido durante minha graduação numa disciplina chamada Filosofia do Brasil. Tinha uns referenciais e uma tentativa de quase fundar uma Filosofia brasileira, e felicíssima. A *Sorbonne* foi meu batizado.

Quando cheguei para falar do meu projeto, os caras riram da minha cara. O professor não demonstrou nenhum interesse, enfim ele disse que não falava português e não tinha nenhum interesse também, enfim: “Volte para o seu país”. Eu acho que tem mil maneiras de falar isso, mas ele escolheu a maneira mais bruta de me dizer isso. Fiquei mal. Daí tem a questão de revisar o visto na Prefeitura de Polícia e você precisa de uma inscrição na Universidade e entrou um louco na *Sorbonne* que precisava de aluno, enfim tem tanta coisa que entra no jogo e daí o que acontece? “Por que você não faz um trabalho sobre August Comte?” E eu falei: “Está tudo bem”, e ele assinou. Daí eu arrumei um orientador, mas numa coisa que eu não sabia para onde ia nem ele também. Enfim, unimos o útil ao agradável. Foi muito pesado, porque os cursos eram pesadíssimos. Nos seminários, o cara ficava expondo duas horas sem parar, a platéia só na anotação. Quando eu estava começando a escrever a primeira palavra, ele estava no final do parágrafo. Não tinha provas, mas tinha apresentação de pequenas monografias, foi uma loucura. Isso durou um ano de loucura total. A felicidade foi que eu encontrei um professor universitário com quem eu estudava nos finais-de-semana, do meio-dia à meia-noite, pegava o último metrô para ir para casa. Nunca me esqueço disso. Ele era professor e estava aqui fazendo um doutorado, mas ele fazia as disciplinas em diversos cursos para ele ficar a par do como o pessoal estava trabalhando. Ele meio que pegou minha mão e disse: “Vamos nessa”. Foi ele que me deu toda força. No final das aulas, a gente ia direto no Xerox e eu xerocava todo o material dele. Ele tinha uma letra horrível, eu não conseguia entender a letra, então, todo final de semana, a gente se encontrava sábado e domingo. A gente entrava no quatinho dele lá, fazia uns coquetéis com rum, era uma delícia, quando dava meia-noite, eu já estava louca lendo junto todos os textos da semana. Ele me explicando e reaprendendo. Foi muito rico, foi isso que me deu um negócio, assim para me ajudar e para eu acompanhar, mesmo assim era muito difícil. Fiz lá uma *Maîtrise* medíocre... Hoje, quando eu olho para trás eu me perdôo mais, porque a cobrança era muita e eu não queria fazer feio em casa, para minha mãe. Tinha muito de... dar a ela o que ela não conseguiu, um negócio assim meio doido. Eu tentei fazer análise aqui, mas eu já estava de “saco cheio” de fazer análise, fiz dez anos de análise lá no Brasil, dos doze aos vinte e dois anos, eu já não agüentava mais fazer análise. Filha de psicanalista, quando eu tinha oito anos de idade, minha mãe já estava querendo colocar todo mundo para fazer análise (ri muito). Não me esqueço nunca, eu era pequena, uma pirralha, uma vez fui para uma sessão, não estava nem a fim de conversar, nem de terapia, daí eu cheguei lá no consultório, destruí os hidrocor da mulher tudinho, joguei tudo para cima, fiz miséria e ela só me analisando, sem fazer nada (ri o tempo todo que conta o fato). Acabei a *Maîtrise* a duras penas. O pessoal que eu moro hoje, no dia que tinha que entregar a *Maîtrise* quatro horas da tarde, quando eram duas horas da tarde, eu comecei a imprimir e eu morava no subúrbio, zona sul, para mim concretamente não ia dar tempo, e a gente estava todo mundo junto, eu tive uma crise histérica daquelas assim de ter que internar (ri). Eu me debatia tanto no chão, eu chorava. Há muito tempo eu estava querendo chorar daquele jeito. Daí eu tomei a família toda dos Lexotan, mas eu fiquei arrasada. Foi um acesso de fracasso, de tudo, de vazio, de que isso não é para mim. Mas não era um fracasso só da monografia, era de muita coisa junto. Daí eu lembro que nesse dia minha mãe ligou e perguntou se eu tinha devolvido e eu disse que não porque não tinha dado tempo e eu disse que não tinha condições de conversarmos naquele momento e depois nos falávamos. Daí no outro dia, fui

lá no departamento e inventei uma desculpa. Cheguei na secretária e disse: “Eu falei ontem com o professor e o professor disse que eu poderia entregar a *Maîtrise*” e ela falou: “Então está tudo bem porque o prazo para entrega foi até ontem”, não “mas o professor tá sabendo”, era mentira porque o cara não sabia de nada (ri enquanto quanto conta a história) e aceitaram. Fiz lá uma defesa medíocre, o cara nunca tinha lido, nunca tinha se interessado pelo o que eu estava fazendo. Eu também estava mais perdida que... Ele fingia que estava me orientando e eu que estava sendo orientada. Na verdade foi isso. E quando eu saí de lá, eu disse que não queira mais conversa com *Sorbonne*, nem a Filosofia, não quero mais conversa com esse mundo, não dá.

Eu comecei a procurar outro orientador para procurar ver. Daí eu peguei a *brochure* sobre a escola (EHESS) eu vi algo na área de Filosofia. Fui na sala de tese e conversei com um rapaz, que era filósofo, e me apresentou a uma pessoa. Falou mal da minha cidade e disse que deveria conversar com uma outra pessoa. Chegando para conversar com essa pessoa, encontrei uma professora, foi com ela meu primeiro contato, que me encaminhou a um outro professor, que me pediu para ler um livro que eu não entendi nada, estava com vontade de desistir, achava que aquilo não era para mim. Li e reli meu projeto e o orientador ainda não estava satisfeito. Estava a mesma desgraça de sempre. Daí ele sugeriu que eu fizesse um ano de preparação para que eu pudesse entrar num outro universo que não era a Filosofia, para tornar a filosofia o objeto de meu estudo e não o tipo de abordagem. Daí eu fiz um ano de preparação que me levou ao meu DEA sobre o meu projeto, principalmente, considerando a teoria de Bourdieu dos atores, e fui ficando por aqui. Fora isso tinha mil coisas acontecendo porque eu estava sem bolsa, minha relação de dois anos estava se desmantelando toda, estava vivendo um processo de separação mesmo porque a gente construiu o apartamento juntos. Nós compramos tudo junto, tinha sido muito investimento novamente numa relação (ele é brasileiro, mas já tem cidadania, porque chegou aqui bem novinho). A gente resolveu morar junto no ano da *Maîtrise* e da preparação. Quando eu entrei no DEA e fui para o Brasil fazer minha pesquisa de campo, na volta, a gente se separou. Foram dois anos e meio, então foi uma perda emocional “fudida” tudo de novo. Nós decidimos que não dava mais certo, mas a gente ainda estava morando junto quando decidi que não dava mais certo, foi quase uma... Eu digo que eu revivi a separação dos meus pais, porque eles se separaram, mas ainda viviam na mesma casa e sabe, foi horrível. Eu ligava para casa às vezes me esgoelando, minha mãe mandava segurar o choro, parece maldoso o que eu estou dizendo, mas ela dizia: “Segura a onda, não desaba não, eu sei que deve estar sendo difícil pra caramba, mas não desaba não porque teu objetivo é outro” (concorda que o apoio nas horas difíceis foi dado sempre pela mãe). Isso eu não posso, do jeito dela, é muito louca essa relação, eu poderia ter várias pessoas para conversar, mas eu só me sentia tranqüila e até hoje é assim é depois que eu converso quando eu estou num momento difícil da minha vida, só me sinto tranqüila quando eu a ouço. Daí quando eu falo com ela e ela diz: “Segura o tranco que, não deixa a peteca cair”. Eu até tentei começar um tratamento psicológico porque também eu não estava muito a fim de ir a um... Eu procurei psicanalistas brasileiros, que moram aqui há muitos anos. É porque eu não estava... tinha tanta coisa no meio, minha mãe psicanalista, eu não sei dizer mesmo a razão.

Como foi o DEA: Fiz meu DEA. O DEA, eu tirei de letra porque depois de tudo que eu já tinha passado. Eu ficava estressada uns dois ou três dias e depois eu relaxava. Depois de tudo..., o que vem agora é café com leite e eu estava gostando do que eu estava fazendo. Pela primeira vez, mas acho que isto tem a ver com o tipo de instituição que eu estava.

Porque é assim: na *Sorbonne*, você tinha que ter o plano feito, tinha que ter a problemática feita, você fazia tudo muito só. Aqui, eu sentia o trabalho, eu sentia o trabalho (ênfase), mesmo meu DEA tem mil buracos, tem mil defeitos, mas eu sentia o que eu estava fazendo, eu sei o que estava fazendo. Claro que se eu tivesse uma leitura dos clássicos da sociologia, eu poderia fazer mil relações. O que eu estou falando é que eu estava sentindo mais, eu sentia a coisa palpável. Enquanto na filosofia não, é claro tinha mil coisas, não dava nem a pau para ficar pensando Platão, o bem, o mal, o mundo das idéias, eu tinha outras prioridades e tantos problemas para resolver: de comer, a morar, a dormir, enfim.

Quando eu acabei o DEA, eu emendei com o doutorado, sendo que eu já estava começando a ficar cansadona porque nessa brincadeira toda tem sempre o lance de que eu estou sem bolsa.

Saudade do Brasil? Tinha muita, muita, muita, muita. Eu voltei duas vezes para o Brasil, 15 dias e a outra para fazer a pesquisa de campo, que duraram uns dois meses. Não, era muito ruim. Toda vez que eu chegava, quando entrava no táxi para ir ao aeroporto, já entrava chorando e minha mãe super séria. Eu chorava de soluçar e ela (bate a mão na perna): “Não, você vai continuar. Você tem que terminar isso. Você tem que fechar isso. Você não pode deixar isso aberto não. Porque mesmo que você não siga uma carreira acadêmica, você tem que aprender a fechar o que você começou. Você não pode começar as coisas pela metade não”. É muito difícil, é meio pesadinho. Bom, daí saíram os resultados das bolsas, daí eu fiquei muito triste. Daí coincidiu também que no meu período de DEA, eu estava morando num apartamento super legal com uma senhora super bacana, muito gente boa, aqui atrás do lado da escola. Eu estava me sentindo uma rainha: eu morando do lado da escola, num “puta apê”, com uma senhora super legal e toda minha obrigação com ela era ficar aos sábados e levar ela no Jardim de Luxemburgo, aqui, onde ela passava à tarde fazendo poesia para mim. Eu era acompanhante aos sábados à tarde, durante a semana, eu não tinha compromisso nenhum com ela e eu morava dentro do apartamento dela. Daí a gente criou uma relação muito legal, por exemplo, ela nunca tinha deixado ninguém com o apartamento. Ela viajou, ela escrevia para mim, eu fiquei no apartamento sozinha, que ela nunca tinha deixado. Foi muito legal, até... (diz rindo) felicidade de pobre dura pouco, até que os filhos dela resolveram colocá-la num tipo de asilo, a doparam, e enfim daí eu não sei como é que está hoje, porque é um pessoal meio difícil de contato, muito cheio de não me toque e eu também não queria me envolver mais, mesmo porque eu também estava cheia de coisa para resolver no pessoal. Eu me vi obrigada a deixar o apartamento, eu não tinha para onde ir. Eu lembro que eu defendi meu DEA de manhã e à tarde, eu fiz minha mudança, para onde? Para minha casinha de pombo que eu fui assim que cheguei à França. Eu tive uma sensação de ter voltado há quatro anos, que foi uma coisa, mas uma sensação terrível, eu não agüentava, eu não agüentava. Bom, eu voltei porque não tinha escolha, tinha que voltar. Eu tinha feito todos os pedidos das bolsas e eu ia esperar até junho de 2002, onde teria uma resposta. Foi tudo negativo. Nesse meu tempo eu consegui dar umas aulas como..., consegui um contrato de um ano, como é que a gente diz? Dava aula de noções de história e geografia do Brasil, cansativo “pra caramba”, mas bem legal. Já tinha acabado o DEA e quando acaba você faz quase uma agenda de pesquisa para ir se direcionando, mas pegar no material (bate uma mão na outra), ler mesmo, de jeito nenhum, eu não tinha tempo, eu estava trabalhando para comer, enfim. Eu estava cansada “pra caramba”, fazendo *baby-sitter* como uma louca, fora dando aula, mas eu dava de *baby-sitter* coisa absurda... Eu disse: “Não, não dá mais”. Foi quando eu fui para o Brasil, ainda com contrato para voltar nessas escolas, mas um mês depois que eu

estava no Brasil, eu fui demitida por *e-mail*. Quando eu conto isso as pessoas não acreditam, pois é, eu fui demitida pelo Ministério da Educação (ri) via *e-mail*. Eu tenho até hoje o *e-mail* guardado. Eu acho que com o lance da comunidade européia, eles firmaram um acordo com um assistente português, com Portugal, não mais com pessoas de fora da comunidade européia. Ao ponto de quem paga esses assistentes é Portugal, não mais a França. Mudou toda a política, inclusive, o recrutamento, daí eu recebi o *e-mail*. Fiquei muito brava, mandei um *e-mail* arrasado, pedi para uma amiga entrar na Justiça. Daí pronto eu zerei tudo, fui fazer o concurso da Unicamp. Daí para mim seria por aqui. Foi difícil a idéia... A idéia que ficou foi que... não tinha fechado, como é a idéia que eu tenho até hoje, eu não fechei ainda e tenho que fechar essa história. Quando eu terminar o doutorado vai dar uma sensação de alívio, acho que vai... (voz bem baixa). Daí eu entrei no doutorado na Unicamp, daí tentei uma bolsa de doutorado do Brasil para cá por causa dos acordos e tal. Eu pleiteei a bolsa e consegui a bolsa, mas o primeiro ano em Campinas não foi fácil (diz com muita ênfase), não foi fácil não, porque eu pensei que assim que eu chegasse, eu fosse ter aquela bolsa de balcão. Daí eu fiquei um ano na “merda” quando eu estava aqui. Eu estava morando com os evangélicos, eles me acolheram. Depois de tudo que eu passei, numa república de doze, tudo evangélico – em Campinas. Pensava o que que está acontecendo, vou pagar todos os meus pecados. Mas não, uma grande experiência. Em 2004, quando soube que tinha saído a Bolsa da FAPESP, eu estava lisa, estava com 10 reais no bolso para passar a semana, dava para bandejar todos os dias. No Brasil, eu dava aula de francês todos os dias, eu fingia que dava aula e eles fingiam que aprendiam. Fui bandejar e vejo no bandeirão uma fila quilométrica: “Meu Deus do céu, eu não agüento mais, eu me nego a fazer esta fila quilométrica para bandejar, eu vou torrar esses 10 reais amanhã, seja o que Deus quiser. Amanhã eu não quero nem saber não, vou morrer de fome, peço emprestado, mas hoje eu me nego”. Fui num restaurante na Unicamp, que só os professores freqüentam e eu pensava: “Eu quero isso”. Eu torrei, torrei, mas eu comi, comi maravilhosamente bem com meus 10 reais e pronto. Porque na república é assim não tem frescura, o que eu estou cozinhando todo mundo come, o que o outro está cozinhando todo mundo come, assim têm alguns que dividem, mas se estou fazendo alguma coisa, eu divido. Então, eu pensei: “Então, eu rango com o pessoal”. Eu fui para casa satisfeita da vida, por ter comido bem. Fui para casa, um rango lá com os meninos, dormi, levantei cedo para ir para Unicamp. Daí quando eu estou saindo de casa, resolvi ligar para FAPESP, porque eu já tinha ligado e o pedido tinha sido negado e eu tinha mandado de novo a papelada e já fazia uns três ou quatro meses que eles não davam nem satisfação. “Eu vou ligar porque é um não de novo e eu já recebi tantos não, que um a mais ou a menos não vai fazer diferença”. E eu ligo para FAPESP. Foi muito engraçado. “Seu processo é o número tal?” “Sim, e em que pé está?”. “Não, seu projeto foi deferido”. E eu gritava: “Eu não acredito, desde quando?” “Desde a semana passada.” “Mas como vocês não me avisam um negócio desse?” “Não, é que você deve estar recebendo uma carta esta semana.” Os meninos todos acordam para saber o que estava acontecendo e eu chorando e pedia para o rapaz repetir para os meninos. Foi uma vitória, fiquei super feliz. No dia 1º. de abril, claro, no meu caso, não poderia ser outro dia, eu fui assinar o meu Termo de que eu estaria recebendo a bolsa. O cara disse: “Olha você está assinando o contrato no dia 1º. de abril, mas é verdade o que está acontecendo”. Só vi a cor do dinheiro depois de um mês devido à grande burocracia. Foi uma coisa em cima da outra. Daí eu lembro que estava em minha terra quando saiu a bolsa da Capes e o pessoal da Capes queria que eu viesse em agosto e eu disse que era impossível, mesmo porque eu tinha colocado que seria em outubro e não para ser em

agosto. Eu me lembro que eu bati o pé e me lembro que minha mãe estava perto e diz: “oh, eu só vou se for em outubro”. Agora quem vai ditar um pouco a coisa sou eu. Eu disse que só vou se for em outubro. Não agüento mais fazer as coisas atropeladas. Daí eu conversei com a técnica, ela foi muito simpática até e daí eu fui só em outubro. Meus orientadores tinham perspectivas que eu viesse para cá, mas eu estava assim, se acontecer, aconteceu, se não, não tem problema nenhum. Eu já estava cansadinha de ficar com muita perspectiva e me frustrar, então é uma quedinha legal que você tem, então tem que se organizar tudo.

Hoje, estava bem, mas assim, eu realmente pretendo acabar isso porque eu tenho a sensação que em meu percurso, as coisas foram acontecendo assim de uma maneira tão brusca e acontecendo, não somente de uma maneira brusca, mas inesperada, saindo coisas de um canto que eu nunca podia imaginar, que eu nunca me direcionei. Eu estava apostando numa coisa, de repente não dá certo, mas sai uma coisa que eu nem sonhava. É muito legal, é. É tudo muito divertido, é, mas concretamente, falando, é uma trajetória com muitas rupturas, em que você tem que se reorganizar. Faz sete anos que eu não tenho um guarda-roupa. Quando eu falo isso, o pessoal fica achando que é..., mas isso é sério porque eu estou sempre de mochilão, estou sempre de passagem. Daí vai para Unicamp, vai para minha terra esperar resultado, vai para o Rio, faz provas. Tem hora que eu fico rindo, mas não é fácil, tem hora que você tem que respirar fundo dez vezes que é para, como diz a minha mãe, segurar a peteca. Em Campinas, nesses dois anos, eu não tenho guarda-roupa, eu tenho um guarda-roupa porque o pessoal me deu um guarda-roupa, porque eu acho que o pessoal ficou com pena. Eu tenho uma amiga, que está agora no meu quarto que jogou fora e disse que aquilo não prestava. Eu não tinha cama, dormia no chão num colchão. É até exagero poderia ter comprado uma cama, podia, mas eu preferia muito mais guardar os 150 reais para comprar uma cama e investir num terreno que eu nunca tinha a sensação de que, e até hoje eu não tenho, que eu vou estar no lugar. Para que comprar para depois ter que ficar com todo o saco para revender. Eu não queria coisa para complicar minha vida, queira para facilitar. Eu não tenho guarda-roupa, eu tenho dois pares de sapato. É a sensação que está sempre de passagem, por mais que tenha momentos muito divertidos nessa brincadeira toda, nesse total, mas tem hora (respira fundo) que quando eu olho para as minhas amigas, com emprego, carro, etc., “Eu estou `fudida” (ri). Eu tenho trinta anos, e não tenho nada disso. Isso pega, daí eu fico meio depre, mas eu sei, todo mundo me diz: “olha para trás, olha o que você já conseguiu”, mas eu não consigo sentir, não consigo olhar para trás e ver que tenho um DEA, porque eu ralei “pra caramba” (fala devagar) para ter esse DEA. Como eu ralei, eu tenho mais é que ter. Eu vejo como uma consequência de muita “ralação”, que eu acho que vem, retoma toda minha história em relação à história da minha mãe e como ela me passou. Tem mais é que acontecer. Então, eu louca para terminar esse doutorado que é para ver o que vai dar.

Retorno ao Brasil: Idéia concreta, hoje, é terminar tudo que é empírico até o final do ano porque eu acho que eu vou precisar retomar algumas, umas duas ou três entrevistas no Brasil para proximidade de algumas coisas, para fechar algumas hipóteses ou não, para deixar a coisa mais redonda. Em 2006, escrever, até julho de 2006, escrever pelo menos uma primeira versão, o grossão todinho e depois ir lapidando. Eu quero terminar isso, até porque minha bolsa FAPESP vai até fevereiro de 2007, senão como vou escrever o doutorado sem bolsa, daí que eu não escrevo mesmo. Eu acabo em 2007, daí eu fecho isso, daí eu fecho isso. Eu aprendi a gostar de São Paulo, não conheço muita coisa, mas o pouco que eu conheço eu gostei. Gostei muito de conhecer a USP, a biblioteca. *A priori*, eu pretendo continuar na área acadêmica, sim, mas eu quero fazer outras coisas que não sejam

ligadas à vida acadêmica: estudar para concurso (para para pensar). Eu gosto “pra caramba” de me enveredar nessa área da sociologia, mas gostaria muito de fazer parte de um grupo de pesquisa. Acho interessante “pra caramba”, sem falar que o clima é gostoso, eu gosto, mas eu queria fazer outras coisas, queria fazer outras coisas.

ENTREVISTA - SÍLVIA

Modalidade: Doutorado-sanduiche

Local: Num das salas de aula da EHESS

Data: 01/junho/2005

Eu colocaria como experiência meu deslocamento para São Paulo, também como bastante importante embora seja no mesmo país, fale a mesma língua, mas eu acho que a questão não dá para confundir... A experiência em São Paulo me mostrou muito isso "Ah, porque São Paulo é mais fácil!", não necessariamente, não, porque também São Paulo é considerada uma cidade difícil, mas a forma como você está inserido na cidade. Se você está inserido num processo temporário, enfim, você não faz grandes projetos. Você chega em São Paulo, aluga um apartamento, daí você compra tudo, sabendo que você vai... é diferente, eu não cheguei para morar, a mesma coisa aqui e a mesma coisa foi na Escócia, então isso muda muito o tipo de relação que você estabelece com a cidade. Não é o ficar, não é você estabelecer laços de relação para uma estadia, claro, você pode mudar, mas quando você muda para uma cidade com perspectiva de ficar por um tempo até que algo te perturbe e você decida ir embora. Então eu acho que isso é muito importante porque, às vezes, nós fazemos esta experiência. Paris parece um sonho, não é? Muita gente vive um período temporário, vive umas férias, cheio de festas, etc e tal. Paris é maravilhosa (ri), eu acho que não é verdade, é muito diferente você morar aqui, para o parisiense e sobretudo para o estrangeiro, é muito diferente. Então, assim, período de férias, tudo é festa, você olha, mas é diferente você conviver o resto da vida com este tipo de coisa, então é muito... Leva muita reflexão. Mas minha tentativa é não viver muito meu período temporário, mas eu tinha uma curiosidade de saber o que é Paris atrás de um sonho, o que é a França atrás de um sonho. Muito embora para contar a minha vida do começo para cá, eu não escolhi Paris, eu não escolhi a França, a minha decisão era: eu iria para qualquer lugar do mundo. A Escócia eu também não escolhi (ri muito), mas enfim, eu acho que às vezes o caminho te leva para determinados lugares e eu digo: "Não! Isso pode ser uma experiência interessante" e para mim foi muito interessante viver na periferia européia. A Escócia era terceiro mundo: "Ah, é um país bonito, etc" e foi uma experiência extraordinária na minha vida.

Como foi sua chegada na Escócia? A minha chegada na Escócia foi porque a Fundação Kellogg patrocinou um projeto de interação entre o pessoal da saúde, Universidade e comunidade, que era chamado Projeto UNI, em 24 Universidades da América Latina. No Brasil, havia 6 Universidades, entre elas a Universidade que eu trabalho. Eu trabalhei na coordenação (estava na UFBA) desse projeto e foi uma experiência também magnífica e também estava... eu tinha acabado de entrar na Universidade e pretendia fazer o meu mestrado e apareceu essa possibilidade de bolsa. Na verdade, foi engraçado, eu tinha bolsa na mão e nem falava inglês, aquela coisa, assim. A escolha é porque na Escócia eles têm um Centro de *Medical Educational*, que é considerado um dos mais antigos do mundo e é um centro de grande referência mundial, que eles prestavam assessoria para o projeto UNI. Eles concentram a Organização de Educação Médica Européia, é um centro de muita referência e já tinha relação com o projeto. Esse curso, agora tem em algumas Universidades do mundo, mas naquele momento não existia muito. Então eu apostei no mais certo, não é? Já tem o convênio, é um curso prioritário, vou para lá. Então arrumei as malas e... corri bastante com o inglês durante seis meses. Tive que fazer o teste de

proficiência, foi um milagre, cheguei com um inglês precário, acho que eu não deveria sofrer tanto com meu francês porque eu já passei por essa dificuldade antes com a língua. Escrevi minha tese, não sei como e, até hoje, não sei como. Lá não tem defesa, são três julgadores, envia-se, eles dão parecer e tal. Bom, então é bem interessante comparar a França e Reino Unido é bem diferente. Eles são muito mais objetivos e práticos, a circulação é muito grande. Muito, muito mais do que aqui, são práticos. Burocráticos, não são tão abertos, até depois do não da Constituição Européia e gente não pode nem falar se é aberto ou não, não é? (risos) Mas, enfim, é muito diferente, é muito diferente daqui, mas em termos da dimensão burocrática, as coisas fluem. É interessante, a expectativa é que na Europa tudo flui, mas é diferente de lugar para lugar. A França não é tanto quanto.

Expectativa para sair do Brasil: (risos) Olha, foi tudo tão rápido que eu acho que não deu nem para elaborar expectativa. A única imagem que eu tenho, mesmo porque foi a primeira vez que eu tinha saído do Brasil e, eu fiquei um ano e quatro meses lá, e às vezes eu conto e penso que eu fui muito corajosa para fazer determinadas coisas, sem falar a língua e, por exemplo, se você vai para Londres ou aqui em Paris, tem uma rede enorme de brasileiros, alguém conhece, você entra na rede, enfim, aquela coisa... Não tinha um brasileiro lá, passei quatro meses sem falar português, não tinha um brasileiro, não conhecia ninguém. Aprendi o inglês na raça. Eu penso que se eu não tivesse a experiência de não falar o português aqui, talvez o meu francês avançasse bastante, mas lá eu não tinha... e eu não sei como.

Reação da família: Na verdade, eu sempre fui considerada da vida, do mundo. Embora eu sempre morei em Salvador, mas eu viajava muito pelo Brasil em encontros estudantis, eu tinha muito isso. Ao mesmo tempo que teve aquela reação de: Nossa! Quanto tempo!, um pouco de temor, etc, mas não foi nada que... Entendeu? E eu também assim, tento sempre tranquilizar muito, mostrar que está tudo bem. Aliás, hoje, eu já me queixo mais porque as pessoas têm a expectativa que eu posso controlar tudo, de que está tudo bem. Eu penso: "Não, não está tão bem assim". Então, agora é o contrário, mas enfim... Eu, na verdade, só me dei conta de estar na Europa quando eu desci do avião e peguei um ônibus para pegar o trem porque é uma hora de Edimburgo, capital da cidade que eu fiquei, da cidade universitária. Só tem quatro cidades na Escócia, um país de 6 milhões de habitantes, imagina São Paulo, 3 vezes mais (ri muito). Quando a gente conta não dá para acreditar, 3 vezes mais que um país. E aí eu vi, eu sou apaixonada por Edimburgo e eu ainda penso em voltar lá durante essa estadia, mas enfim, quando eu vi aquela arquitetura bem antiga, aquela coisa assim, eu me lembro bem dessas imagens no ônibus, uma mistura, sei lá, de temor com, não sei explicar que sentimento era, mas enfim, não era um desespero, mas tinha assim um temor, um receio, mas também vendo aquelas imagens. Naquele momento, eu disse: "Estou na Europa agora!" E você sabe me deu aquele... (ri). Como a Fundação Kellogg é uma fundação meio poderosa, o centro trabalhava muito e tinham outros de outras universidades lá. Tinha um chileno que estava indo embora, um venezuelano que foram me buscar, foram as pessoas que me deram um primeiro apoio e ainda bem que falando espanhol, você chegando, você não entende uma letra: "Como vai você?", não sai. Eles me deram o primeiro apoio e eu contei com a sorte de ser uma cidade pequena. Eu cheguei um mês antes para fazer um curso de inglês que eu nada entendia (ri). Era tudo por linguagem gestual, deve ser isso, deve ser aquilo, enfim. O inglês é bem diferente do americano, principalmente, o escocês, que nem os próprios nativos da língua inglesa conseguem entender. E foi nesse grupo que fizemos um círculo de amizade e que durou todo o período, perdurou bastante a amizade, a maioria 90% deles são daqui, são europeus,

moram na Suíça, Alemanha, Itália. Eles se vêem sempre durante esses anos. Eu que não tinha a menor condição de fazer esse encontro e tal, isso foi que... (1a. interrupção: um rapaz entra na sala por engano, ela não se incomodou e continuou falando) e isso foi que deu uma sustentação e uma vantagem que eu considero aqui, essa possibilidade de interação deu para conhecer um pouco do estilo do europeu, o dia-a-dia do europeu: comíamos juntos, viajavamos juntos, que é uma coisa diferente, um exercício muito grande, altos debates, então... e desmistificar essa idéia do europeu como um frio, essa coisa de... tem uma forma diferente em relação à vida e se expressa ou não com intensidade os sentimentos como os brasileiros. Não significa que não tenham sentimentos, então, tem, mas enfim tem uma larga história que difere a história deles e da nossa. Então, isso para mim foi o marco maior da experiência, aliás, eu normalmente digo que lá, essa experiência de vida eu considero que foi mais importante que a profissional, embora a profissional tenha sido um alto grau de importância, se é que dá também para separar, não é? Enfim, o profissional eu vi que além do que eu estudei tem a questão da cultura universitária, que é bem diferente da nossa. Isso faz pensar muito na nossa cultura, do como fazer o cotidiano, o cotidiano do estudar, o cotidiano das aulas e não necessariamente as minhas expectativas é assim importar essa idéia para lá, mas acho que faz refletir, têm elementos que você pensa: "Não, acho que esse elemento é um elemento que a gente poderia pensar se... mais interativo" em certa forma lá, mas vale para aqui também. Você já vem para cá com isso mais forte para observar e essa dimensão. O mapa do mundo cresceu de uma forma porque não foi turística. Hoje, se fala, aconteceu um problema no Vietnam, eu lembro que eu tenho uma amiga no Vietnam, é... você personaliza. Do jeito que anda o mundo, as guerras, etc. Hoje, está no jornal, um carro-bomba matou 17 no Afeganistão, para gente está tão banal isso. Gente, morreram 17 pessoas, é tão banal e o Afeganistão parece algo virtual, não tem cotidiano, são 17 pessoas, têm familiares, estão chorando. Então, essa relação para mim com o mundo mudou muito nessa primeira experiência e isso foi muito bom.

Algum dia despertava vontade de voltar para o Brasil: Ah, saudade sempre bate, saudade sempre bate, embora eu seja muito controlada. Eu colocava a foto no computador, essa coisa assim (ri). Algumas pessoas podem se enganar achando que eu estava desesperada para voltar, mas não é isso, é aquela paixõzinha que fica ali e se não ficasse, eu nem sairia, imagina fazer, esse investimento. Mas, realmente, têm dias que não é fácil, a gente pode chegar lá e fazer um discurso que a vida é maravilhosa, mas a gente sabe que não é fácil, é aquela coisa que mistura muito prazer, mas também mistura muita dor e você vem só... Então, já te falei dos meus amigos aqui, mas começou agora. A gente começa uma relação de amizade. As relações que você começa a estabelecer já vai... Toda relação de amizade você tem que ter um certo cuidado porque você não conhece bem o outro. Isso é muito delicado, não é um processo fácil, mesmo para quem tem facilidade, você tem que arrumar tudo isso e tem que fazer porque você precisa e você não pode ficar só o tempo inteiro... o Doutorado já é um processo altamente solitário. Por isso que eu digo quando eu comparo esse tipo de situação, em São Paulo, é a mesma coisa, rapidinho eu tenho que voltar para Salvador, mas essa idéia, um trabalho que é totalmente solitário e etc e você tem essa coisa de inserir, que mesmo inconscientemente, fica aquele fantasma, que são amizades... Hoje, ainda bem, temos internet, seja coisa que facilita. Mas eu acho que... você não consegue se estabelecer com o mundo virtual apenas. Então, você sabe que já começou. A K. está indo embora e daí já vai todo mundo se despedindo e tal e aqui a vontade que eu sinto para voltar para Salvador, ela está implicada em muitas outras coisas porque já tem dois anos que eu estou na UFBA. Na verdade, foi um erro de edital que não era para ser

como mestre e saiu e não pôde modificar porque tem aquela idéia dos prazos, era período eleitoral e coisa desse tipo. Então eu entrei para fazer carreira, que é coisa muito antiga e isso, hoje, não existe mais. Há dez anos atrás estava abrindo para mestre, hoje, é raríssimo isso. Eu terminei entrando com a graduação e desde que eu entrei na UFBA, eu tinha decidido que eu queria fazer fora, isto é, fora de Salvador, não necessariamente no exterior. Eu sempre quis experimentar isso, viver em outro lugar, conhecer outras relações. Eu ia fazer em Saúde Coletiva e hoje na verdade um dos melhores lugares é na UFBA, no Brasil. Eles são centro de excelência e tal. Ótimo, faria um excelente curso lá, mas pensei: "Esta é a minha universidade, é a universidade que eu trabalho, já conheço as pessoas, conheço a cultura. Eu acho que eu preciso experimentar outras culturas". Então, eu quis fazer isso. Então, você entra e tem o estágio probatório e eu esperei para sair etc. O que eu estou querendo dizer com isso é que eu passei dez anos itinerante, mesmo estando em Salvador, o pensamento era itinerante. Eu não comprei um apartamento hoje, até hoje eu não tenho um apartamento, entendeu? Eu sempre... "Não, eu vou mudar, mas daqui a dois anos eu vou sair e vai ser complicado, deixa para depois. Daí eu passo o mestrado, daí eu volto". E eu estou me dando conta agora e, embora, eu não anulo em hipótese alguma esta experiência, esse cultivo das relações de amizade por exemplo, das relações afetivas e todos os meus namoros vão por água abaixo por conta disso (ri). Eu digo: "Não, já estou cansada. Eu preciso ficar um pouco centrada num lugar, construir, pensando em solo, não é?" Eu vim para cá com minhas últimas energias, busquei no fundo do poço, porque eu achei que era uma coisa muito importante, além de gostar muito da experiência, mas um pouco cansada. Até porque eu já estava itinerante em São Paulo há quase três anos. Essa coisa de ir e voltar não funciona muito para minha cabeça. Já estava lá acontecendo e eu também queria fazer o Doutorado fora, mas daí também complicou muito mais, a bolsa, etc. e como também eu mudei de área, eu queria fazer Ciências Sociais, que é um desafio enorme para mim, foi mais complicado ainda, mudar de área, estudar fora, bolsa, pensei: "Vou fazer aqui no Brasil mesmo. Aqui no Brasil, já é difícil para me aceitar, porque as Ciências Sociais não aceita muito de outras áreas". Eu já estava há três anos em São Paulo nessa situação. O final dessa situação em São Paulo foi horrível: um apartamento que eu aluguei e perdi, montei com coisas usadas, crio afeto pelas coisas, eu estava gostando do lugar, enfim saiu a bolsa. "O que faço agora, depois que eu voltar daqui a uns seis meses? Eu não vou segurar este apartamento de jeito nenhum, vou devolver, vendendo, doando tudo, aquela coisa inteira". Tudo isso no espaço de um mês, mandei... "E deixar onde minha bagagem? Não sei onde vou ficar quando voltar! Acho que é mais seguro deixar em Salvador". Fui para Salvador, que tinha que ver a família antes de ir embora e de lá, fui fazer uma outra mala (ri). Gente, eu cheguei aqui, sabe? Não tinha lugar para morar aqui. Eu estava me inscrevendo mas a *Maison du Brésil* não tinha respondido e não tinha lugar para ficar. Quando eu cheguei, eu vim para cá, eu conversei com a diretora e ela me orientou a entrar pela Casa dos Pesquisadores, como eu era professora, daria para fazer isso, entrei e foi daí que eu consegui uma vaga para ficar, mas isso eu levei um mês. Mudei quatro vezes de lugar nesse período, fui para a casa de um amigo, que a filha dele tinha saído, porque na verdade ele não era meu amigo e sim amigo de uma amiga lá. São as redes, e depois, eu ia para a casa de uma amiga dele, que é uma cantora brasileira aqui, mas nesse meio tempo passei por um hotel até ir para lá e para *Cité*. Então, no primeiro mês, cheguei muito cansada com aquelas histórias, estas mudanças. Eu mudei demais, estou muito cansada de mudar (ri). Quando eu cheguei em dezembro na *Cité*, foi que a coisa começou a melhorar, comecei a conhecer pessoas. Enfim, eu senti que cheguei em Paris em dezembro. Então, foi até que eu comecei

a sentir algum tipo de relação com a cidade porque eu até saía, mas "Ah, eu estou muito cansada". Eu já tinha estado aqui quando eu vim para a Escócia, eu passei uma semana aqui. Não via nenhum sentido, uma cidade super bonita, mas não vê graça. Não adiantava muito sair, passear para admirar a cidade porque não tinha graça nos olhos para apreciar.

Dava vontade de voltar? Não! (ri) quer dizer, talvez eu sentisse vontade de voltar, mas é como se eu soubesse que isso ia acontecer pelo meu cansaço e inconscientemente eu anulava. Sou muito teimosa, sabe? Eu decidi fazer isso, então vou fazer isso até o final. Eu acho muito difícil eu desistir, sempre achei muito difícil desistir das coisas. Aliás, assim, a desistência iria me provocar um mal-estar enorme, não é? Mesmo porque a gente nunca sabe como vai ser na verdade, a gente supõe, mas sempre assim: "Não, isso vai passar, isso vai arrumar, etc e tal". Então, em dezembro, comecei a admirar um pouco mais a cidade, enquanto isso, trabalhar quase nada. No caso não era nem cabeça, nem tempo, tive de resolver todos esses processos burocráticos, mudança. Mesmo porque aqui, enquanto não tem endereço muita coisa não sai. Então, quando eu me estabilizei, cheguei em 06 de dezembro na *Cité*, quinze dias eu comecei a criar relação com o trabalho, mas daí veio o final de ano, que esse também é um momento muito crítico. Se você está com vontade de voltar, o final de ano é bem crucial. Se você passa o ano inteiro longe da família, ali é o momento de... Então esses quinze dias, praticamente, e algumas pessoas que eu já tinha conhecido, outras visitando, foi nesse momento que eu comecei a criar uma relação com a cidade. A cidade fantasia, que é a cidade do Natal, iluminada, linda, cidade das luzes. Daí eu já comecei a me sentir bem estando em Paris. Na verdade, eu me senti bem em Paris a partir de janeiro, fisicamente bem, me relacionando bem, enfim, foi que eu comecei.

E o francês: Aí, precário. Acho que até hoje é sofredor. Eu digo assim (ri): "olha, essa é a última vez!". Imagina!? Eu decidi ir para França. Eu não fiz o curso em Vichy. Quando eu decidi vir, comecei a estudar com uma professora particular, então, eu fiz menos de um ano de francês lá e vim para cá. Eu acho um horror, mas se olhar um pouco a trajetória, eu acho que ele cresceu assim de forma enorme porque eu consigo manter uma comunicação, as aulas, tudo. É difícil francês de rua, conversar com as pessoas assim, mas dá para comunicar. Isso também traz uma carga de sofrimento porque você começar falar com alguém que te pergunta algo e você não tem noção do que está falando e traz um sofrimento enorme, não é? Comunicação é básica (ri), então já aumenta também o processo. Em janeiro, eu já comecei a me sentir menos desconfortável, até porque tem milhões de brasileiros aqui que também não falam (ri). Eu penso: "eu não tenho nada que sofrer além da conta" e daí eu fui relaxando e eu também sou tímida. Sou tímida para falar, eu me incomodo se eu não entendo, acho que é culpa minha, tem essas coisas também que perturbam e aí eu coloco o mesmo de sempre: "por que eu sou obrigada a falar francês?" "eu não nasci falando francês" "dá um tempo para você mesma!" Daí eu comecei a ser realista e a partir de janeiro as coisas começaram a mudar radicalmente. Eu comecei a estudar, comecei a ir para a biblioteca. Paris tem uma coisa que é vantajosa em relação à Escócia, que ela é essencialmente cultural. O meu tema trabalhando com o corpo, com comida, estou fazendo um trabalho etnográfico aqui. É só sair à rua e você vê os diferentes corpos numa cidade que tem uma relação com o comer de uma forma muito particular, totalmente etnográfico e eu devia até registrar essas coisas. Eu acho que tem coisas na formação, que não necessariamente você vai utilizar direto, mas ela vai te iluminar um monte de coisas e corpo é uma coisa que há em todo lugar. Eu não vou fazer um trabalho com corpo e arte, mas essa dimensão artística, que paira por toda cidade, pelos museus, o corpo é algo que está muito significativo nos cinemas, nos quadros, nos jardins. Isso para

mim são imagens que têm ajudado muito a refletir. E uma coisa que eu admiro muito nos franceses, que eu acho que faltava para nós, eu até que comecei a escrever um pouco só para... essa idéia que o brasileiro tem de olhar a Europa particularmente uma cidade como Paris, outros optam por Londres e eu estou escrevendo um conto que é meio assim de alguém que era brasileira e queria ser francesa, mas ela vai aprofundando tanto o seu projeto para ser francesa, nos gestos, nos gostos, fazendo uma coisa tão performática e ela chega a um ponto que não dá, porque o que é mais característico no francês é Ser francês, é valorizar sua cultura própria. Isso ela não vai poder fazer, porque ela não nasceu francesa, ela nasceu brasileira. E ela volta! Eu acho assim, se você quer ser francês, você tem que Ser você, sua cultura. Serve até para o campo científico no meu ver. Quando eu olho as grandes obras, Foucault, Bourdieu, etc, tudo está extremamente centrado na cultura francesa, em observações cotidianas. Por isso eu acho que a gente não consegue teorizar no Brasil porque a gente importa o que Bourdieu falou, o que Foucault falou, etc., mas estamos num meio que tem uma história diferente, é outro cenário. Isso tem me ajudado a observar um pouco mais a minha cultura, como é que as coisas se produzem, olhar um pouco o empírico não aplicando... e obviamente não é negando, muito pelo contrário. Isso para mim está sendo o maior dos maiores aprendizados. Isso está sendo essencial e isso acontece no cotidiano, eu escuto muito a *France culture*, que tem matérias fantásticas, a relação que o francês tem com a literatura, que é uma literatura que revela a sua condição de vida e me faz olhar também e: “e a nossa literatura? As nossas artes?” Enfim eu não sei falar muito, mas é um movimento que eu colocaria como um dos grandes ganhos, essa mudança de percepção, que vai do plano pessoal de ser brasileira, como também no plano profissional científico da forma como fazer ciência. Eu tenho muito medo de fazer aplicação de teoria só. Isso tem mudado muito em mim, por isso eu agradeço a estadia, muito por esse aspecto, evidentemente, muitas outras coisas. Eu tenho lido muito sobre meu trabalho e são poucas pessoas que trabalham com isso e um deles é o Steve Mendel que eu já li algumas coisas. Então esse cenário, aqui tem... foi uma literatura um pouco maior, mesmo tendo dificuldade com a literatura anglo-saxônica, mas tem muito mais do que nós e tem me ajudado a fazer um mapa dessa discussão em diferentes culturas e países e que ajuda a pensar. Por exemplo, tem um autor americano que eu estou lendo que ele tem me ajudado muito embora os Estados Unidos seja distante da América Latina têm alguns pontos comuns, foi colônia, teve a questão da escravidão e porque Estados Unidos fez de tal forma e a gente foi por outro caminho assim?

Apoio diante da dor e sofrimento: Olha, eu trabalho (ri). O trabalho para mim é como uma terapia. Isso eu acho que é um problema. Eu preciso de um divã (ri). Eu já tive alguns problemas com o trabalho alguns anos atrás, eu cheguei a adoecer porque estava trabalhando muito. Passei um período sem ir ao cinema, sem... trabalhando! No final de semana, caso não trabalhasse, me sentia culpada, sofrendo, essa coisa está voltando agora, mas eu dou até um desconto porque é uma tese e normalmente é difícil de relaxar. Eu me lembro que eu fiz uma viagem para a Chapada da Diamantina, cidade de Lençóis, eu sempre tive uma vida atlética e esporte para mim... Tinha parado tudo e me sentindo mal e numa situação que eu pensava: “será que eu estou com síndrome de pânico?” porque eu tive uns momentos assim, sabe? Daí, eu tentei mudar a minha vida e eu disse: “não, não está certo, eu tenho que sair, eu tenho que fazer outras coisas na vida”. Aí eu comecei a mudar um pouco e não é fácil tentar não me sentir culpada, ir para o meu cineminha, resolvi essas coisas todas. Mas eu tenho essa relação. Isso eu não estou dizendo necessariamente que eu trabalhe mais do que todo mundo, não é, mas isso é uma coisa, mas

tem mudado porque... por conta dessa história que eu estou lhe contando. A minha grande saída aqui é o cinema.

Eu fiz uma carteirinha do *Ciné Pass*. O cinema é caro aqui e não é todo mundo que tem essa carteirinha, e um amigo e alguém que está a fim de ir ou eu estimulo algumas pessoas a ir e tal, mas a maioria das vezes, eu vou só, até porque eu nunca planejo muito. Com essa carteirinha, você vai a qualquer hora, então, esse é um outro caminho muito forte para mim: ir ao cinema. Eu também tenho caminhado pela cidade, que é um museu a céu aberto. Mas, essa coisa do trabalho, às vezes, me puxa ao contrário e eu fico nesse tensionamento às vezes e eu tento relaxar, quando é final de semana, caminhar, ir para alguma exposição, principalmente, as mais alternativas, as de corpo, eu prefiro até mais do que o *Louvre* (ri). Eu tento fazer essa caminhada, indo à exposição, acabo num cinema, volto. Muito embora, eu tenha conseguido, depois de um período enorme sem ir ao cinema, eu comecei a ir e comecei mais a me apaixonar muito e quando eu entro e sento na cadeira de cinema, mesmo que eu esteja indecisa a entrar pela culpa: “Aí, será que eu devo? Não vou estudar e tal”, mas no momento que eu sento naquela cadeirinha e apaga as luzes eu desligo completamente. O cinema tem conseguido me despertar, mais do que outras atividades, não sei se é necessariamente por gostar mais ou não, sei lá, acho que eu me condicionei nisso. Eu sento na cadeira e consigo dar uma viagem boa e saio relaxada, mesmo com os filmes pesados, de temáticas pesadas, algumas temáticas sociais ou políticas, eu gosto muito.

Quais temáticas? Dramas pessoais (ri), aqueles mais assim, sabe? (ri) Por exemplo, aqui em Paris, eu tenho visto uma coisa que eu nunca tinha visto muito que é filme africano e agora, aliás, são muitos cineastas formados aqui na França e você vê muitas semelhanças com o estilo do cinema francês, que por sinal é muito bom. Se bem que eu acho que o cinema americano mudou muito e o francês também mudou muito está tentando fazer algumas super produções, mas ainda tem aquela característica de mostrar a vida como ela é (ri). É aquela atriz com as gordurinhas fora do lugar, com as marcas da idade no rosto, no cabelo, com dramas que também existem e similares, não só uma coisa fantasiosa, eu gosto muito. Por exemplo, tem um filme africano sobre a mutilação feminina infantil numa vilazinha pequena no Senegal, que extraordinário o filme. Eu tenho algumas colegas que disseram: “Nossa, eu não tenho coragem”. “Gente, pelo amor de Deus, está pensando o quê? Que a vida é um show? E não é!” E eu estava sugerindo até porque é um filme que é forte, mas ao mesmo tempo é muito estimulador, mesmo porque no dia em que eu fui ver, aplaudiram no cinema, imagina, para o pessoal chegar a aplaudir! Não, o filme é muito bom. Eu gosto dessas temáticas do mundo distante. Porque tem um capítulo da minha tese, eu estou te falando isso e de outras coisas da vida (ri) por ter trabalhado no semi-árido...

Interrupção: Um estranho abre a porta da sala, ela diz “*Bonjour*”, e ele fecha a porta.

Eu nasci e fui criada em Salvador, é uma área urbana e não conhecia a área rural de verdade, muito menos essa área específica do semi-árido baiano, onde é a região mais pobre do país. Eu trabalhei nesses projetos de extensão e para mim também é uma experiência gratificante. Daí, às vezes, eu fico pensando: “Você está numa cidade, Paris, altamente... uma cidade que está no topo, quer dizer, um monte de drama hoje, mas tradicionalmente, pela história tal e você vai para uma cidade no semi-árido baiano que não perde nada para as cidades africanas, com fome, seca, etc. O que eu posso fazer com essas duas experiências?” Aquela dimensão em que ser humano é ser humano e aquele conjunto de sentimentos que externaliza. Eu lembro a primeira vez que eu vi um sertanejo, com

aquele rosto marcado pelo sol, com aquela roupa típica, andando com aquele chapelão, com a mandioca no fundo numa carroça. Eu estava sentada e quando eu vi uma imagem assim... “nossa, o cara existe”, não era tela da tevê mostrando, do meu lado e não é um pobre coitado, é um cara que está privado de seus direitos e também não é que você vai tratar “tadinho”, não, malvado também. Ele tem uma compreensão de mundo. Nós somos muito equivocados em achar que eles são ingênuos, eles sabem muito bem a decisão que eles tomam, uns num nível mais aprimorado, outros num nível menor, às vezes, eu comparava com meus alunos da universidade, alunos bem colocados economicamente, mas que não tinha clareza onde ele estava no mundo. Às vezes, a gente dá um valor à questão educacional, eu dou, é evidente que eu dou, mas ela por si só não vai falar tudo. Você pode estar aqui em Paris também, mas não tem muita clareza da visão, onde você está no mundo e pensar ajuda também e acho que por isso eu entrei e comecei a divagar (ri).

Fique tranqüila, está ótimo: Ok, então, eu sempre trabalhei muito com a questão da pobreza por conta da nutrição e fome e eu acho que isso também me exauriu um pouco e por isso que eu mudei um pouco para uma temática mais leve porque é muito duro, é muito difícil e às vezes você começa a se sentir culpada até. Eu estou lá e tal, eu tenho minha casa com comida, etc. Isso num dado momento eu não trabalhei muito bem, eu acho que daí eu dei um certo recuo para... não sei... mas acho que por isso eu dei uma afastada... para preservar o meu eu, mesmo porque eu também não posso ajudar ninguém, a pobreza do Nordeste e eu comecei a pensar nisso: “Se você quer ajudar em algum tipo de coisa se você não se ajudar não adianta nada. Eu não posso me sentir culpada porque eu quero fazer minha carreira e trabalhar, não posso”. Eu estava falando isso por causa do cinema porque essas temáticas, o cinema está mostrando uma outra França, uma outra... O filme “*La Blessure*” sobre a imigração africana aqui em Paris e o que acontece, nossa, e eu acho que esse filme deve ser altamente recomendado para as pessoas que vêm a Paris e ver que França não é bem assim... (ri). Têm dramas. E às vezes não é bom você fazer muita discussão porque parece que você é contra e eu não sou contra, muito pelo contrário, agora também é uma cidade que tem seus dramas, seus problemas, seus conflitos.

Você está num momento de reflexão? Exatamente, eu estou, eu estou. Eu estou achando isso uma coisa importante na minha vida. Eu estou muito feliz aqui, agora. Eu estou muito feliz.

Balanco da experiência: O balanço que eu faço? Como eu diria isso? (pensa) Bom, eu não posso separar essa experiência daqui do sanduíche, aqui em Paris, com toda a experiência do doutorado, porque isso também e toda reflexão que eu tenho feito aqui em Paris também foi muito ajudada pela decisão de estar realmente nas Ciências Sociais, que era uma coisa que eu queria há muito tempo.

Inclusive por que veio à Paris? Não, a questão de Paris foi muito simples, foi por conta do professor e orientador daqui que escreveu que eu já conhecia por citação, e que não tem tradução ainda. E também um acidente porque eu queria fazer sanduíche em algum lugar, queria passar um tempo fora e preferia ir para um país de língua inglesa para ver se melhorava e hoje eu vejo que tinha muitas opções interessantes, mas naquele momento ainda não estava muito claro. A França estava sendo o lugar mais próximo. E lá tem uma professora de História na PUC, que ela fez toda a pós dela aqui, há muito tempo atrás, e trabalhou com o corpo e ela está começando a trabalhar com a dimensão do comer que é nula, quer dizer, não é nula, mas é uma coisa muito incipiente ainda no Brasil, incipiente no mundo, no Brasil ainda muito mais porque o foco da fome toma conta. Eu fiz seminários com ela e comentei: “Ah, eu não sabia que você estava trabalhando, meu projeto é sobre

corpo e comida e tal, inclusive eu estava querendo muito fazer um sanduíche”. E ela disse: “Fala com o professor X”. “Ah, eu conheço ele por livro”. E eu estava tentando comprar até o livro dele embora eu não lia ainda em francês. E ela disse: “Fala com ele e diga que fui eu quem...” Sabe eu achei tão impressionante, sabe, tem coisas que não tem como explicar. Eu pensei: “Nossa, como que ela pede para falar em nome dela sendo que ela não sabe nem quem eu sou”. “Fala com ele e tal e você se vira e tal” (ri). Mandado, não é? Eu mandei um *e-mail* para ele e ele fala muito bem inglês, porque está sempre nos Estados Unidos e eu me comuniquei com ele em inglês. Aí eu escrevi para ele, nossa, uma pessoa enrolada. E ela me disse: “Ele é muito enrolado” (ri). Enrolado no sentido assim, muito gentil, mas faz trezentas coisas, demora para responder os *e-mails*. Eu levei meses para pegar a carta com ele, foi dessa forma. E ele prontamente em que poderia ajudar, como e assim a gente foi conversando e foi muito disponível. Ele é um dos diretores do Centro onde eu estou. É um centro muito interessante embora você não veja. É um centro transdisciplinar de História, Sociologia e Antropologia. “Nossa, os franceses são magníficos”, eu pensei: “Nossa, eu quero ver essa relação transdisciplinar, criado por Edgar Morin et Roland Barthes,” (ri). Mas não tem nada a ver, criado por acidente, por dimensões políticas onde juntou um e outro. O Barthes morreu, está lá o secretário dele. O Edgar Morin nunca aparece lá. Todo mundo trabalha em casa. Um dia, um colega me contou a história da fundação do centro e eu: “Nossa, que decepção!” (ri muito). O maior marketing: transdisciplinar, pois é, mas é só um projeto, mas ele não funciona assim. Têm muitas pessoas interessantes e tal. Mas em suma, o balanço é que não dá para separar as Ciências Sociais me deram uma... me ajudaram a ter uma visão, às vezes, eu acho que a Antropologia sempre esteve em mim, sabe? Essa experiência no semi-árido, eu acho que sempre tive um olhar antropológico, mas eu não sabia e não tinha um instrumental mais para refinar. Porque a teoria ajuda a fazer esse refinamento. Então quando eu entrei em Ciências Sociais eu me encontrei e eu acho que não vou mais fazer essa trajetória de pular não, eu vou ficar nesse campo mesmo. Eu acho que já tenho um acúmulo de projetos para fazer no resto de minha carreira profissional. Então não dá para separar, vir para cá me ajudou muito a me aproximar de uma literatura que eu estava conhecendo meio virtual, aproximou, a aproximar de uma cultura acadêmica, científica que é muito referenciada no mundo. A França tem uma referência muito forte e você vê as pessoas de carne e osso. Agora você acha alguns livros que tem alguma fotozinha do autor e ele ali e é uma pessoa como qualquer outra, que fala, que ri, etc, aí é o mundo do estágio: “não, é uma pessoa como qualquer outra”. Como produz tanto? Isso me admira, porque os franceses não trabalham mais do que nós. E aí que eu acho essa dimensão artística, a proximidade com a própria cultura e com essa vertente artística, eu acho que isso ajuda. Eu acho que isso vai me ajudar muito, já está me ajudando, então essa aproximação com esses autores, que você só conhece o nome (ri), essa cultura, o falar, o expressar, tudo isso para mim, tudo é um aprendizado, como cita alguma pessoa: “a relação que estabelece com o livro”, eu acho super bonita a relação que o francês estabelece com o livro. Eu acho muito bonito o respeito que o francês tem pelos autores. Isso é uma coisa que nós, eu não sei, eu acho que a ditadura ajudou muito a... essa coisa americana... essa objetividade, a gente joga um monte de coisa fora. Vou te dar o exemplo para mim, como eu vou trabalhar com corpo e comida e é dentro da cidade de Salvador, cai na minha mão uma tese de Jorge Amado. Bom, eu quando estava no colégio, eu tive um professor de Literatura que falou horrores de Jorge Amado e como ele é muito mal falado no Brasil, enfim, repetitivo, não sei o quê. Sendo que o respaldo aqui no exterior não é o mesmo. Ele falou isso, um professor te fala isso, eu li algumas obras de Jorge Amado, e

muda já o seu olhar porque é uma referência, ainda mais para uma pessoa que está num processo de... é diferente de hoje que tem um potencial mais crítico. Para mim, inconscientemente, Jorge Amado virou um lixo. Eu, na verdade, nunca fui de jogar fora as coisas de verdade, mas naquele momento, sim. E mesmo que não tenha jogado fora, era alguém que não me interessou. Só que trabalhando essa dimensão do corpo e eu estou querendo trabalhar essa dimensão histórica, Jorge Amado é uma figura que escreveu muito sobre a cidade, sobre os corpos, sobre as maneiras, sobre o comer em Salvador. Pensei nele ainda em São Paulo recentemente e achei uma tese sobre a obra de Jorge Amado em livro e gente, eu acho que é um crime, ele pode ter uma série de elementos que possa ser criticado do ponto de vista literário, mas ele tem uma série de elementos positivos e a gente não filtra, a gente pega o negativo e joga fora. Têm as dimensões políticas que no Brasil são muito fortes à formação da crítica. As pessoas vão falando e vai passando: “Eu não gosto”, mas você leu o quê sobre? Isso foi um tapa e eu gosto de receber tapas assim. Lá em São Paulo ainda quando eu peguei essa tese, que foi uma professora minha na graduação de cultura baiana que fazia essa disciplina quando eu fiz Nutrição, que só eu que fazia, daí quando eu olhei foi que eu lembrei, nossa, ela foi minha professora, depois ela fez doutorado na PUC, eu achei engraçado isso. Ela analisa o que representou a obra de Jorge Amado naquele momento histórico brasileiro, que tinha o modernismo, o regionalismo e para a história da Bahia. Chego aqui eu também vejo isso, quando eles pegam o livro, eles respeitam o livro, é um ato sagrado, eles vão começar a falar sobre o livro, é uma valorização positiva e o francês é muito crítico. Eu acho que ele é muito ácido, é a impressão que eu estou tendo aqui agora, mas nunca faltaram respeito, pelo menos é isso que eu, evidentemente pode ter uma série de equívocos, mesmo porque dois meses é uma relação muito pequena, mas essa é a impressão que eu estou saindo e se não for verdade também pouco importa, eu achei que isso é bom e isso é uma coisa que eu tenho aprendido com eles. Cada marco da cidade eu acho impressionante. Os nossos patrimônios estão muito... (ri). Apesar que até então está melhorando muito, eu vejo muito em Salvador que está, agora depois dessa coisa carnavalesca, que é muito forte e atrai, o ano passado eu vi uma matéria sobre a valorização da cidade, querem fazer um turismo, como patrimônio cultural e querem reforçar esse tipo de turismo cultural, a palavra é restauração, tomara que seja e muita coisa boa tem acontecido e isso é uma coisa para mim que é muito forte, esse elemento de preservar a história. É interessante assim, não que necessariamente eu não soubesse, mas algo mudou: fortaleceu, concretizou, é nesse sentido.

Balanço: Então, balanço negativo, eu só colocaria as questões materiais, burocráticas, essa idéia foi do que eu comecei a falar, você se insere na cidade por um período curto, que sei lá não é a mesma coisa de uma inserção maior, aquela dimensão itinerante e temporária, que ao mesmo tempo que é gostosa e aventureira, mas ela também é difícil e dura porque você tem que segurar todas as relações afetivas que você estabelece, não é? Com os amigos que você encontra aqui, com a própria cidade, com o ritual, assim, eu sei que vou sentir falta do cinema *Saint Michel*, que eu vou muito, são todas coisas que você vai criando uma relação, mas é assim, é amor de uma noite (ri), é tudo muito temporário. Essa questão da afetividade, eu acho que é uma coisa que é difícil, não é? É assim, eu tenho que gostar, mas não muito, age como se fosse amante, como não pode deixar cair profundamente porque sei que vou sofrer depois, melhor não me expor muito, essa relação que é mais subjetiva é importante e assim a burocracia, etc. Paris é assim um lugar que consideraria aberto aos estrangeiros, mas não é essa abertura toda. Você é um estrangeiro na terra e sempre vai continuar e isso vai marcar o seu andar pela cidade, o seu falar pela cidade, enfim, é

temeroso, têm colegas nossos que tiveram problemas sérios com a polícia e aí você anda e assim não é que você fica apavorado com isso, mas você sabe que qualquer incidente que possa acontecer, você sendo estrangeiro é muito mais complicado, que na sua cidade, existem outros problemas, outras formas de violência e tal. Então é assim: essa coisa de estrangeiro, essa coisa da afetividade e as dimensões burocráticas do cotidiano e a solidão, particularmente, para quem vem só, ainda bem que somos brasileiros, porque se você está mal... Aí tem uma colega, por que eu gosto de vinho, “aí você tem aí algum vinho que eu possa tomar uma taça com você?” “Claro”. Bem assim, você pára tudo, você sabe que o outro está mal. Ainda bem que somos quem somos, eu acho que isso ajuda e a gente percebe, por *e-mail*, “ah, hoje eu não acordei bem. Hoje, eu acordei com saudades”. Eu acho que ser brasileiros nessa hora ajuda bastante (ri). Então, eu acho que isso são os elementos difíceis assim em geral, mas que do meu ponto de vista não anula em hipótese alguma a experiência. Eu queria vir numa situação mais confortável, como eu contei que vim com os últimos recursos, etc., que eu acho que eu poderia ampliar mais a experiência, mas eu acho que tenho que respeitar isso. Então isso não anula as outras coisas positivas, que é rica em detalhes (ri), tanto que eu acho que aqui eu falei muito, mas tentei jogar muitos detalhes. Eu gosto dessa dimensão do detalhe, não é só literatura, estar na *École* etc. e tal, mas essa... de como se porta, eu acho que aí você tira muito aprendizado da relação e evidentemente é importar isso, mas é refletir sobre isso e ver em que isso pode ser bom para você, mais ou menos isso aí assim.

Perspectivas de volta ao Brasil: Eu acho que já estou calejada dessa situação, para mim, não tem coisa pior do que a partida. Eu já sei (ri) como é isso. Eu me apego às coisas. Em São Paulo, há pouco tempo, quando eu olhei aquele apartamento há quase três anos, totalmente vazio daí eu comecei a lembrar da montagem, comecei a lembrar da... O meu ex-namorado era paulista, que eu conheci em Salvador quando eu estava indo para São Paulo e ele estava trabalhando lá e foi e ficamos dois anos e foi ele quem me ajudou e eu fiquei: “Ihh, o namorado...” Fiquei rindo, depois comecei a chorar, aí fico pensando em tudo. O porteiro, ele é super gentil, pensei: “Aí, eu acho que eu ainda vou vê-lo quando for para São Paulo, vou visitá-lo”, mas não vai ser aquele bom dia todo dia. Sinto falta de tudo assim, de coisas mínimas (ri). É uma dor enorme, mas também eu tenho a felicidade da chegada, não é? É uma tristeza misturada porque eu estou indo para o lugar que eu gosto também e família, enfim, quero e não quero. Então, já sei que a partida vai ser a mesma coisa, enfim... (ri). Estou gostando muito da estadia daqui, eu vou sentir muita falta, falta dessa cultura livresca fantástica que tem aqui muito forte, muito forte, que não é igual ao Brasil. São Paulo é mais, eu acho que São Paulo tem uma dimensão de livro que é maior, em Salvador é menor. Então, eu vou sentir muita falta dessa cultura, das livrarias, mesmo que o acesso seja melhor eu possa comprar, eu gosto muito de ir na estante. Eu gosto de passear na Fnac, olhar a estante e você achar um autor que não estava na sua... Então, eu vou sentir muita falta sim, vai ser doloroso, mas em contrapartida, eu vou voltar com uma dimensão assim é impressionante quanto mais eu saio mais eu amo o Brasil, com a perspectiva assim: “Poxa, o que é que eu poderia com esta experiência contribuir para isso?” Então as minhas perspectivas de trabalho, elas estão assim, eu estou numa situação muito boa, eu estou esperando concluir em tempo a minha tese, tenho perspectivas que seja uma tese boa, pelo menos o tema tem sido projetado como muito bom, tem sido admirado, em minha qualificação eu espero que eu possa corresponder ao mínimo possível e a tese seja boa. Eu já volto com uma perspectiva de tentar publicar, eu já vou tentar fazer isso, mexer. Não sei se vai ser fácil, mas que é uma coisa que também é cultural, porque São

Paulo publica muito mais do que Salvador, e às vezes eu vejo que tem trabalhos lá que são muito bons, mas eu acho que precisa de mais alguma coisa, você acreditar no seu trabalho, uma valorização pessoal. Eu vou ter que ter alguns critérios para pensar se meu trabalho está razoável, os orientadores da mesa, e vou. Posso receber uns trezentos reais, mas é um ato que eu acho que eu devo fazer e eu acho que essa experiência engrandece muito nessa direção, lógico que tem que tomar o cuidado para não chegar estrela e isso que eu acho um horror, eu já vi isso e acho terrível, mas você levantar a sua auto-estima, tentar publicar. Eu não penso em publicar para ser estrela, eu penso em socializar assim... anos de trabalho e chegar a uma determinada elaboração, que eu acho que eu adoraria socializar, adoraria que ele fosse criticado, sabe então eu acho que é o veículo maior disso, mesmo porque a tese, você sabe que fica na estante, então eu penso nisso e penso que quando eu voltar lá para minha instituição tentar criar, e tem uma professora que trabalha, aliás ela que me estimulou, uma figura muito, já está quase aposentando, ver se monto um núcleo para tentar aprofundar esse tipo de trabalho e não perder o elo com o centro aqui e estabelecer algum tipo de ligação e depois tem pós-doc e têm essas coisas todas. Mas eu penso e estou a cada dia que passa me sentindo me formando enquanto pesquisadora. Particularmente esta estadia aqui está sendo crucial, essa idéia de pesquisadora e fazer disso uma atividade importante dentro das múltiplas atividades que fazia na universidade. E a minha instituição está num momento bom porque montou o mestrado de Nutrição com uma perspectiva muito boa, o pessoal está trabalhando bastante, foram muitos projetos que foram aprovados agora, estão com dinheiro lá que não sabem como girar (ri). Então está passando por um momento bom e isso para mim está sendo muito bom, porque quando eu voltei do mestrado não foi a mesma coisa, todo mundo de cabeça baixa e materialmente estava difícil, a crise, embora a crise continue mas dá para respirar um pouco. Eu volto num momento em que as possibilidades de concretizar o trabalho são maiores, a gente nunca sabe, mas vamos trabalhar.

Você quer falar mais alguma coisa? Eu só diria que foi muito legal fazer essa entrevista, até porque eu falo demais e é um período, mas foi como que o fechamento de um ciclo que pude pensar no passado, no presente e no futuro. Obrigada.

ENTREVISTA - MARIANA

Modalidade: Pós-Doutorado

Local: Num corredor das salas de aula da EHESS

Data: 07/junho/2005

Expectativas: As expectativas, eu me lembro do projeto, a gente faz um projeto para vir para cá e no projeto você coloca as coisas que você se compromete a fazer. Então são essas as expectativas, tem que haver com esse compromisso e meu maior compromisso era de escrever um livro sobre as relações entre as contribuições que a Teoria da Representação Social pode dar à Psicologia da Moralidade, e esse livro é baseado naquelas coisas que eu mais vi nos três laboratórios. Eu tinha um plano já no laboratório de Psicologia Social de Genebra, eu ia pesquisar mais a questão dos direitos humanos porque tem um estudioso lá que trabalhou mais sobre isso e eu já conhecia o trabalho dele. Em *Exxon Provence*, tinha o objetivo de verificar mais a questão da metodologia da Teoria das Representações Sociais e as possibilidades dela ser aplicada à investigação de diferentes aspectos da Psicologia da Moralidade e aqui em Paris, eu queria verificar mais a biografia em geral, para verificar que aspectos da Psicologia da Moralidade têm sido investigados pela Teoria da Representação Social. Em relação a esse plano, posso te dizer que as coisas estão sendo cumpridas com algumas diferenças. Em Genebra, eu pesquisei mais de fato os aspectos dos estudos sobre direitos humanos, então eu peguei todos os estudos que encontrei sobre estudos humanos, parte dele já estava organizado num livro o que me facilitou o trabalho e... então, eu ficava de manhã em casa fazendo uma relação, um relato desses trabalhos e à tarde, fazendo a pesquisa bibliográfica na biblioteca da faculdade, que era muito boa. Acabei fazendo o levantamento que eu faria em Paris. Muito desse levantamento eu fiz em Genebra, por causa das condições da biblioteca. A biblioteca era excelente, com condições de trabalho muito boas e... Então foi muito bom o trabalho lá em Genebra, foi excelente, e também foi um trabalho bem dirigido àquilo que eu queria fazer. Deu tempo de fazer bem e ainda sobrou tempo nesses dois meses, e também comecei uma outra pesquisa lá que eu não esperava fazer sobre “As cotas de negros nas universidades do Brasil” porque lá o professor que me convidou e que era diretor do Laboratório de Psicologia Social, ele estava fazendo uma pesquisa, ele faz uma pesquisa sobre a Política de discriminação positiva sobre mulheres, e que na Europa existe algumas situações políticas que facilitam o acesso da mulher a determinados locais de trabalho, já que o número de mulheres é sub-representado. Então, quando eu vi a pesquisa dele eu gostei bastante e achei que seria interessante fazer isso com os negros do Brasil, porque está começando agora a política de discriminação positiva no Brasil, então, é... Nós começamos essa pesquisa e estamos fazendo até agora essa pesquisa em conjunto, ele com a experiência dele de bolar questionário estatístico de dados. Bolou um primeiro questionário, nós já aplicamos esse questionário no Brasil; depois nós já reformulamos, bolamos um segundo questionário. Agora, estamos fazendo um terceiro questionário que vai ser mesmo a pesquisa experimental, para verificar qual é a opinião dos estudantes universitários sobre essas políticas de reservas de vagas para negros que estão começando a haver no Brasil. Então, isso foi assim uma coisa que eu não esperava fazer e que está acontecendo e está sendo muito interessante. Então isso em Genebra; depois em relação às expectativas, eu tinha expectativa de escrever em *Exxon*, sobre metodologia, eu acabei escrevendo mais sobre dois tipos de investigação, ou vamos dizer de análise que eles estão fazendo lá, que é sobre a Zona Muda, quer dizer, é quando

you apply a questionnaire and the people in reality respond idealized and not what they really think, and this happens, mainly, in the area of prejudices or stereotypes. Then, as a question, for example, about blacks, it happens that people know you can't show prejudice and then they respond with standard, idealized and non-idealized answers that would be the real ones. Then it's not a question of unconscious because people are aware of their own prejudices, but people idealize the answers. They developed some research techniques to apply the questionnaire and get more real answers, they ask or substitute the subject for whom you would answer, like: "It's not for you to give your opinion, but say what the population in general thinks about blacks?", or then, for you to answer for a white applicant and for a black applicant and then you compare the answers that the subjects give to different applicants. They developed these two techniques and did various experiments. I read all the experiments and I wrote a report, I wrote an article making a report of the experiments and trying to explain it with them. What they are getting, because if they are getting more real answers, more idealized and how to explain this. This was an article that I wrote there and I wrote another one about the Normative aspect of social representations, to say, social representations is a body of knowledge that people have, what I was investigating is if there are social representations always some norm, or is it, a normative aspect, and what would be this normative aspect, or is it, exists in Social Representation always some thing related to values? The norms? The rules? Or what people should know or say or something, or not, and if this normative aspect is more related to values or to the normative in the sense of a normal, or what is common in a population? Then, as it is that the authors of *Exxan* understand this question of the normative, in reality, they have different positions and I wrote an article comparing these different positions, and it is an article comparing these positions, that was something that I also didn't expect to do, but that came out as more interesting, taking into account the discussion that they were doing there and for me too, that is the relationship between social representations and morality, so quickly, norm, rule, duty, within the social representation, then, I developed more of this. I also did seminars, I didn't have the expectation of doing many seminars, because another time I had already done, because the other time that I came, I came more as a student, you know when you come in the first post-graduate you come more to get the material. It is that when you come in a first experience your posture is more of a student. In a second experience, your posture is more to produce something and not only to learn. There is a big difference between the first and the second experience, in the way of 'I... no product that I want from the two post-graduates, I think the difference is bigger in this, as I do the post-graduate and the product that I want. In the first, the product would be more a learning and it was to learn the theory of social representations, because I didn't know the theory, I knew very little. In the second, it was to show the applications of this theory and I also wrote about this, then, for this that I want as a product a book. Then I came to get the material here to be able to write. Then, let's see. Here in Paris, it was a question more... I already had a lot from the material, then this part of making a bibliographic survey is being smaller in relation to the expectations because I already got a lot in Geneva and in *Exxan*, I continued to get, mainly consulting scientific periodicals, because the periodicals have there, the same periodicals that are here, there, then it's for you to do the survey. E... here, then, but I finished making the seminars here. Because being there, the people don't

agüenta a tentação de aprender mais um pouco, então um seminário mais na área de Sociologia, porque na área de Psicologia tem muita pouca coisa e eu já tinha acabado e... Pelas três universidades eu fui convidada, tinha que ter a carta convite para poder estar aqui. Quando a gente faz o processo para pedir o pós-doutorado, você encaminha, antes disso, a carta se apresentando para onde você quer ir. Através dessas cartas de apresentação e com currículo e um plano de trabalho, as pessoas mandam então uma carta convite. Para você poder pedir a bolsa você tem que juntar essas cartas convites e fazer o projeto de trabalho.

Reação da família: Ah bom, a minha família adora (risos). Gostou da primeira vez, gosta da segunda vez (risos). Meu marido é juiz. Na primeira vez, ele tirou uma licença-prêmio, ele tirou várias licenças-prêmio que ele tinha acumulado para poder me acompanhar e nós ficamos onze meses, até eu tinha uma bolsa de um ano, mas no fim, ele teve que voltar, então... Eu voltei também, mesmo porque eu já tinha acabado tudo que eu tinha que fazer. Então, nós voltamos. Os meus filhos, na primeira vez, o mais velho veio e ficou só alguns meses porque ele tinha acabado de entrar na Faculdade e o menor veio a partir de novembro e cursou o ano escolar aqui, estudou numa escola francesa e gostou muito da experiência. Dessa vez, meu marido está aposentado, então veio comigo, desde o começo ele está comigo e os filhos vieram só a partir de março, a partir dessa temporada em Paris. Antes os dois estavam trabalhando em São Paulo e pediram afastamento do trabalho deles para virem para ficar aqui esses seis meses em Paris. Então minha família participa, eles gostam muito, o que facilita para mim, porque deve ser muito difícil quando a pessoa vem sozinha. Você deve ter ouvido em outras entrevistas a pessoa sentir solidão e não é o meu caso, solidão eu não tenho, eu tenho é muito trabalho porque a família vindo eu vou para cozinha, tem que limpar a casa, tem que fazer outra parte de atividade doméstica, que é difícil e toma tempo, mas é alegre.

As perspectivas para voltar ao Brasil, além do livro: São muitas, é... no sentido de muito trabalho que pode continuar, mas ao mesmo tempo apreensão de não dar tempo de fazer esse trabalho porque voltando ao Brasil, a gente volta a ser professor, a dar 10 aulas por semana na graduação mais duas aulas por semana na pós-graduação, todas as orientações de pesquisa que eu faço, então, eu sou sobrecarregada, mesmo sem estar levando as coisas que eu tenho aqui para continuar eu já sei que eu vou trabalhar muito no Brasil (risos), então ainda mais levando as coisas. Então eu quero fazer o máximo que eu posso do livro, por exemplo, o máximo que eu posso aqui, porque chegando lá eu vou ter tempo nos fins de semana para fazer os aperfeiçoamentos para poder virar um livro mesmo, porque eu tenho muito pouco tempo na semana para escrever e para estudar. Na verdade, a realidade do professor universitário no Brasil é essa você tem muito pouco tempo para estudar. Então, esse ano de estágio, a melhor coisa que existe aqui no estágio de pós-doutorado é o tempo para estudar, porque você tira um ano, você afasta realmente de suas atividades rotineiras para poder realmente só estudar e isso é o que a gente menos pode no Brasil. Eu fico meio apreensiva de voltar, nesse lado de não ter tempo de continuar essas coisas que eu quero continuar, pelo menos essas duas coisas: a pesquisa da Suíça e terminar o livro, que são as mais importantes. Eu quero também oferecer uma nova disciplina na pós-graduação, porque eu tenho uma disciplina que se chama Psicologia da Moralidade e eu quero oferecer uma disciplina que seja mais ligada às Teorias das Representações Sociais, já que eu fiquei em três laboratórios e agora tenho um conhecimento muito mais profundo do que eu tinha antes, então, eu acho que dá para construir um curso de Pós-graduação sobre a Teoria das

Representações Sociais, então, isso é uma coisa que eu quero fazer também. Então é isso de expectativas.

Balanco da experiência: Olha, é extremamente positivo, extremamente positivo, eu acho que assim... na primeira vez, já foi o melhor ano da minha vida em relação a estudo. Essa segunda vez é o segundo melhor ano da minha vida, em relação ao estudo, então, extremamente positivo. Tem alguns senões, é... vamos pôr a questão financeira, um senão para todos nós brasileiros, que é bom que os franceses saibam disso e é bom que apareça em todas as suas entrevistas e eu espero que apareça isso em todas as suas entrevistas, principalmente, com os brasileiros. É duro a gente tem que fazer muita economia para estar aqui e tem que levar uma vidinha muito regrada. Eles vêm a bolsa da gente eles acham que a gente ganha muito. Na verdade, é uma vidinha muito regrada porque tudo é muito caro, então esse é um aspecto apreensivo, não chega a ser negativo, mas é apreensivo. É..., um outro é em relação a gente se mostrar mais, eu acho que um pouco é coisa da minha culpa eu acho que a vem com uma postura de um pouco de aprender e de estudar e a gente acaba se expondo pouco. E os franceses também não perguntam muito! Não estão também querendo saber muito quem você é, eles querem mais é se mostrar para você, que é também que nós pedimos para eles que façam, não é culpa deles porque a gente veio, a gente veio investigar o que eles fazem e a gente não veio mostrar o que a gente faz, mas eu acho que falta um pouco de curiosidade da parte deles em perguntar sobre isso. E a gente também poderia ter uma postura de se mostrar mais, mais daí você também teria que vir mais organizado para isso porque os trabalhos deveriam estar traduzidos em francês, é o mínimo que a gente podia fazer transformar cada artigo em francês para você poder dar para pessoa ler porque também eles não têm obrigação de ler em outra língua, ainda mais em português. Então eu acho que são esses dois pontos assim que são, vamos dizer, que não seriam nota 10, a questão financeira ou a dificuldade financeira e a questão da pouca exposição que a gente faz da gente mesmo, acho que isso poderia ser mais cuidado para gente se expor mais.

ENTREVISTA - ROSANA

Modalidade: Pós-Doutorado

Local: *Hall* da EHESS

Data: 07/junho/2005

Quanto às expectativas: Na verdade, eu participei de alguns encontros fora do Brasil, mas nada na Europa, a gente tinha ido ao México, mas assim, encontro que você vai ficar uns 3/4 dias e volta, às vezes, uma semana. No México, nós ficamos um pouco mais porque tinha uma aluna que era mexicana e mostrou para gente o México, nós aproveitamos e voltamos. Agora para Europa foi a primeira vez. Agora assim, eu vou ser sincera, a expectativa que eu tinha era outra. Até porque, apesar do que eu li muito nos livros e tenho muito essa história na cabeça de que é o primeiro mundo, entendeu? Então é assim, eu até andei lendo alguma coisa sobre a França, até duas, três pessoas do Departamento já haviam estado aqui, moraram aqui durante um ano, então, eles falavam que a vida aqui era difícil, mas quando eles vieram não era o euro ainda, entendeu? Era uma outra condição, a bolsa inclusive, acho que o valor era maior em termos assim... Então, eu vim com a expectativa, assim, de conhecer e ver como é que era e eu sabia que não era fácil.

Realidade: Primeiro, pela questão da língua, que eu acho que é um..., aí entra aquela própria história lá em (nome da cidade onde mora, interior de São Paulo) você não tem cursos, tem dificuldades, nós tivemos que fazer um curso lá em (nome da cidade próxima), no período de um mês, então, tudo isso são coisas que foram acumulando. Tinha umas dificuldades em relação à língua, que para a gente ainda é um problema, a gente se comunica, mas só. Esse é um problema, e do ponto de vista cultural, entendeu? Por quê? Porque, na verdade, lá a gente tem um *roll* de amigos, dentro da própria universidade, através de amigos que a gente sai, a gente conversa, a gente convive, entendeu? Aqui, a gente já não tem isso, até para você chegar e começar a identificar as pessoas que você... Pessoas que são brasileiros também, as pessoas que são casadas que têm, até porque a gente tem criança, tem gente que não tem. Muita gente é solteira, então, tem essas dificuldades. Começa a dificuldade com a língua, depois arrumar um lugar para morar que é uma coisa complicada. O N. (nome do marido) ficou aqui quase um mês, por conta da família ser grande, entendeu? Então, jamais eu imaginei que seria problemático e ser triste isso. Aqui, assim, não é que seja problemático, mas precisa arrumar apartamento, a dificuldade, o preço que é alto, é um problema. Depois quando eu cheguei, o impacto que eu tive foi assim em relação a essa burocracia, entendeu? Bom, nós chegamos no final de setembro, as crianças só começaram a ter aula em novembro, entendeu? Ficaram mais de um mês em casa, por quê? Porque, primeiro tinha que ter o apartamento, depois que nós conseguimos o apartamento, nós marcamos nosso *rendez-vous*, porque tem que marcar o *rendez-vous* para encaminhar as coisas. Ficaram de encaminhar uma carta para gente, dizendo que eles iriam para tal escola não sei o que, isso demorou... Bom daqui até 10 dias, mas nem 10 dias, nem 15 dias, daí nós tivemos que ir atrás, sabe aquela coisa de ficar ligando, ligando. Bom, quando eles foram para escola na sexta-feira; na segunda, começava as férias de novembro. Na verdade, eles ficaram 45 dias sem aulas (risos). Entendeu? Isso assim, essa questão da burocracia (ênfase) é uma coisa assim... desgastante, até porque, aí entra outro ponto, a gente não tem informação suficiente. Bom, eu sabia que a escola tinha que ser perto de casa, sabia que tinha que ter um apartamento, mas eu não sabia que tinha que ter tantos encontros, marcar tantos encontros para conseguir isso. Então, talvez se tivesse não sei,

dentro da *École*, talvez uma pessoa, talvez um setor que passasse as informações necessárias, básicas (ênfase), assim: "Olha, para ter apartamento o que você precisa" ou se tivesse assim: "Olha, tais e tais lugares tem apartamento; para ir na escola, tais documentos". Bom eu trouxe um monte de documentos, coisas que nem precisou, coisas que nem foram usadas porque eu não sabia, então, assim, acho necessárias as informações porque até a gente começa a saber que tudo tem que marcar, que tudo vai demorar 2/3 meses. Depois essa história da *carte de séjour* porque demorou, nós marcamos em novembro, para entrar com a documentação em março. A carta saiu o mês passado (abrindo um parêntese: apesar de terem roubado nossos documentos, nós conseguimos, até a gente nem ia atrás, não vamos lá ver). A gente nem ia atrás e veio a cartinha daí teve que levar o passaporte e a outra cartinha provisória. Aí nós fomos lá, demorou um pouquinho, a moça olhou e me deu a *carte de séjour*, entendeu? Então demorou tanto, daí saiu agora, mas tudo bem, saiu. Mas é assim, se tivesse alguém que pudesse passar essas informações, como proceder, sabe essas coisas assim, que ajudaria muito. Isso é um ponto importante, e aí uma outra coisa que eu senti falta na *École*, aqui, a gente não tem um lugar para estudar, é uma coisa que eu sinto falta, falta de espaço, tem lá os computadores, a gente usava um pouco lá, mais tem aquela questão do horário, uma hora cada uma, acontece da gente chegar a pessoa estar mais de uma hora e não sai e a gente ficar meio... Sabe? Então assim, eu não sei se é porque a gente já tem, a gente já está na universidade, tem lá um escritório. Porque é assim, eu e o N., a gente tem uma sala, nós dividimos uma sala, tem o nosso computador. Em casa, a gente tem um escritório, entendeu? Então vir para cá significou ter que deixar tudo isso, então você tem que desenvolver uma pesquisa, você tem que ler, você tem que levantar material, bom, mas aí você não tem suporte para tudo isso, entendeu? Então, eu imaginei que aqui tivesse uma sala, uma salinha com computador para você trabalhar, para você ter... Então assim, para mim foi um choque não ter, eu acho assim, que seria uma coisa que poderia ter e não tem, daí a gente faz todo o trabalho em casa. Do ponto de vista cultural, social, eu acho que os franceses são muito fechados, uma coisa que a gente sente uma dificuldade, eles parecem que... Eu me vi realmente na condição de imigrante, por que eu falo isso? Porque durante muito tempo eu dei uma disciplina, que trabalha com a questão do imigrante. As dificuldades de ser um imigrante num país diferente são tudo aquilo que eu li e falava para os meus alunos (risos), e não tinha certeza, mas há dificuldade para tudo: a dificuldade com a língua, a dificuldade da expressão, ainda para gente que está num período temporário, ainda tem essa coisa assim, é tudo muito temporário. Então a gente fica num apartamento por 10 meses, a gente... (concorda que as amizades são temporárias). As relações são coisas temporárias e a gente se sente nesta condição de ser temporário, entendeu? Não sei, tem um lado que é bom, porque a gente tem o lado da nossa capacidade de adaptar, da coisa que é meio assim temporário e vai passar, mas por outro lado também, talvez a gente pudesse ter aproveitado mais a infra-estrutura da biblioteca. Se tivesse, por exemplo, um escritório aqui, um lugarzinho aqui, então eu acho que a gente aproveitaria mais isso. O fato da própria cidade, a diversidade de coisas que ela tem, entendeu? Mas assim, bom, nosso caso em particular, entre o apartamento que nós alugamos e onde nós estamos, nós demoramos três meses para definir exatamente onde é que a gente iria ficar porque o N. veio, ficou quase um mês aqui e arrumou um apartamento, depois nós mudamos para esse, ficamos outubro com a idéia de que em novembro a gente ia mudar para o outro, não mudamos, fomos mudar no dia 05 de dezembro. Então, foram assim, praticamente três meses de uma coisa assim, a gente vai mudar, mas vai mudar hoje, amanhã, então, sabe? A incerteza, até para pensar, até para você ler, você conseguir, porque

trabalhar é uma coisa que para mim interferiu bastante, entendeu? E aí aquela outra coisa também você não tem empregada, você tem que se ajustar a... Sabe assim, no Brasil, essa coisa estava resolvida e aqui agora você tem que se reorganizar para dar conta de tudo isso. Então, eu acho assim, essas mudanças familiares, esse impacto, do ponto de vista também, dessa falta de infra-estrutura que tem, não sei se é só na *École*, não sei se nas outras também têm isso, deve ter também, então essas coisas que para mim que já tinha isso mais ou menos resolvido lá, foi um impacto. Então, mas tem uma série de coisas boas, por exemplo, nunca morei numa cidade com o porte de Paris, nunca morei numa cidade grande, então do ponto de vista assim do lazer, das atividades culturais, sabe, então, tudo isso é bom demais (concorda que é enriquecedor). A possibilidade que a gente tem de viajar e levar as crianças sempre junto, entendeu? Eu tenho a impressão que nós ganhamos muito, mas eles também ganharam muito. Todas essas dificuldades, a gente consegue minimizar um pouco, supera por conta disso, então, fazendo uma avaliação eu acho que nós mais ganhamos do que perdemos, entendeu? Sabendo das dificuldades que passamos ao chegar aqui.

Quanto ao retorno: Olha vou sincera, estou assim, porque a gente já chega lá (no Brasil), eu e o N., já vamos dar, são duas disciplinas para quatro turmas, entendeu? São turmas grandes, então, isso é uma coisa assim, sabe quando fica meio...? Assim, até porque eu acho que nós fizemos uma coisa errada, porque a gente tentou conciliar a escola das crianças com aqui. Por exemplo, todos os professores que saíram, inclusive o X (nome de um amigo docente), eles ficaram um ano fora. Na verdade ele vai voltar, a intenção dele era voltar em outubro, mas como a esposa dele ganhou bolsa, ele não vai voltar em outubro, ele vai voltar em dezembro, ou seja, ele só vai voltar no início do ano que vem, entendeu? Então a bolsa dele vai terminar em outubro e depois que ele terminar a bolsa você tem dois meses para entregar o relatório, ou seja, no caso dele ele vai ficar lá e terá dois meses sem aula (concorda que enquanto isso ele irá preparar o relatório dele e irá voltar num novo ano). Então eu acho que nesse ponto nós erramos, por que nós queríamos voltar em julho? Para as crianças pegarem o segundo semestre completo, entendeu? (concorda que eles pensaram neles primeiro). Sabe assim, quando a coisa: “Não! Vamos priorizar as crianças primeiro”. Para gente voltar no final de julho, agosto a gente começa, seja o ano novo ou o que eles terminaram, mas eles terminam e por causa disso nós vamos ficar sobrecarregados porque nós vamos voltar agora em julho, já com duas disciplinas novas e com quatro turmas, entendeu? É óbvio que a gente volta e o pessoal pode pensar... Então são comissões, não sei o que, não sei o que, não sei o que, já tem inclusive uma articulação que quer que o N. seja diretor de lá do Centro, então sabe? Coisas assim que já está meio com aquela expectativa que quando você voltar tem um monte de coisa assim... Certeza das disciplinas, agora as orientações de mestrado estão lá esperando, tem um aluno de doutorado que era para ter entregue o trabalho e não entregou ainda, então acho que é assim, vai tudo (risos) culminar na hora, é um pacote.

Escolha da França: Na verdade, o porquê a França, nós tentamos fazer um primeiro contato na Espanha, tínhamos um professor em Barcelona, inclusive ele foi ao Brasil, fui num encontro, ele estava lá, eu havia conversado com ele, dado assim, passado o nosso currículo para ele dar uma olhada e ver se ele se interessava, só que ele não deu mais retorno com a gente, entendeu? Assim, sabe, não sei o que aconteceu e ele não retornou. Como já tinha dois professores do departamento que já haviam estado aqui, inclusive, eles falaram (tosse): “Ah, porque vocês não tentam então a França?” (concordou que foi por indicação de outros amigos). Dois inclusive ficaram na Sorbonne, mas um professor, inclusive, esse que começou a trabalhar com (tema), ele tinha me falado para gente vir aqui.

Ele tinha falado do professor S.: "Vão lá, conversa com o S.", inclusive, deu o e-mail dele, falou: "Entra em contato, vocês vão ver que ele vai receber vocês bem" e foi exatamente o que aconteceu. No primeiro *e-mail*, que nós mandamos ao professor S., nós mandamos o que a gente estava pretendendo, ele foi extremamente receptivo, extremamente receptivo, assim, agradável, entendeu? Uma pessoa bem aberta: "Não, venham". Daí ele pediu para gente mandar o projeto na hora que tivesse o projeto. Porque o projeto eu comecei assim, foi elaborado a toque de caixa. A gente estava dando aula, o N. correndo, nós acabando o projeto para ver, daí nós mandamos para ele e nós mandamos para outro professor também, que era diretor daqui. Então, é assim, nesse aspecto eu acho que nós ganhamos muito porque é assim... Na verdade, quem lançou essa idéia da gente vir para fora fazer o pós-doutorado foi a minha orientadora do mestrado e doutorado, que foi a mesma, porque ela já veio várias vezes para Europa e há muito tempo que ela vinha, desde que eu estava fazendo doutorado, ela ficava batendo na cabeça da gente: "Olha, vocês precisam ir para lá, vocês precisam levar as crianças para sair, vocês precisam levar as crianças para conhecer os museus". Daí teve uma vez que ela veio para cá, ela falou: "Aí eu estava lá na feira do *Louvre*, daí eu vi aquele monte de criança, lembrei do (nomes das crianças), sabe aquelas coisas? (risos). E ela sempre que... e eu assim, nem que sim, nem que não, não me atraía essa idéia de vir para fora, primeiro por causa das crianças, que eram pequenas, depois por causa do doutorado, aquele monte de aula, aquele monte de coisa, então, isso não me... Essa idéia surgiu assim de maneira mais concreta a partir do momento que nós fomos para o México, acho que em 2000, acho que em 2002 ou 2003, não tenho bem certeza do ano, porque quando nós fomos para fora, é que a gente tomou contato, conversou com outras pessoas (respondeu que as crianças não foram porque era um período menor). Então sabe quando a coisa vem, sabe a gente deve começar a pensar, não só a pensar, mas começar a agir para fazer um curso de francês, fazer os contatos, entendeu? Para ir para fazer o pós-doutorado. Tanto que o N. era muito mais aberto a vir para cá do que eu por conta das crianças. Eu sempre tive uma preocupação muito grande de tirá-los da casa, tirar dos amigos, sabe aquela coisa assim? Acho que bem coisa de mãe. Então, eu tinha uma certa preocupação com isso, mas depois dessa do México, a coisa... "Não, vamos realmente porque tanto vai ser bom para gente como vai ser bom para eles".

Reação das crianças: Não que encararam mal, mas assim, eles tiveram...: primeiro, ter que deixar a escola, entendeu? Têm os amiguinhos, eles estão na escola há muito tempo, entendeu? O mais velho questionando porque ele fez um curso de inglês e faltava um semestre para terminar o curso, e ele começou a falar: "Ah, mas porque vocês vão para França? se eu aprendi a falar inglês bem, a gente tem que ir para Inglaterra, tem que ir para outro lugar". Ele começou a questionar isso, entendeu? Então teve assim, ah... mas a gente... e teve também aquela questão da dúvida, entendeu? Tanto que depois que o N. veio, que eles tinham a certeza que realmente a gente vinha (risos), não tem como, eles sabiam que a gente viria mesmo. Eles começaram a ficar mais preocupados: "Assim a gente vai mesmo, mas e se eu não souber falar? E na escola? Como é que eu vou aprender?" Então sabe assim? "E os colegas? E onde a gente vai morar?" Eh... ? Eh... ? Então tudo isso acabou gerando medo, ansiedade, normal porque é tudo novo. Realmente, teve um impacto, eles questionaram muito: "Por que, por que tem que ir agora?", sobretudo a menina, ela assim, ela tem uma preocupação com tudo que é novo, tudo que é novo para ela é fonte de preocupação, entendeu? O do meio é mais maleável, flexível, assim, ele tem um pouquinho de medo, mais depois ele... (concorda que a menina fica pensando mais). Tudo que você fala, ela fica: "Mas por que isso?" Tudo que é diferente que ela não conhece, bom... Tanto

que a gente está aqui, ela relutou para vir, mas ela veio, agora, ela está aqui, mas está com medo de voltar lá (risos). Eu percebo assim, ela está com medo de voltar lá porque não sabe como as coisas estão lá. Entendeu? Eu acho que é uma coisa que eu vou ter que saber trabalhar com ela, procurar um profissional que me ajude a trabalhar isso com ela. Ela é resistente a tudo que é novo, ela... Depende da personalidade, não sei? (risos). Ah, do ponto de vista da quantidade de material que tem aqui, gente é muita coisa, a gente procura e o que a gente acha de coisa e tem que selecionar tudo isso, entendeu? Então eu acho que... Realmente tem muita, muita coisa e eu acho que é bom porque tem a possibilidade de escolher, têm várias linhas e você pode escolher aquilo que você acha que está mais dentro daquilo que você está querendo fazer, então eu acho que isso é um ponto positivo. Mesmo a minha área que é (tema) está muito ligada nisso, tem muita, muita coisa. A gente vai à biblioteca a gente descobre coisas, é um mundo. Muitas coisas com qualidade, muitos assuntos que se repetem e isso... A gente vai selecionando, mas tem muita coisa mesmo. Uma parte nós lemos, tem coisa que não vai dar para ler mesmo, vamos deixar para depois. Eu acho que esse... Com essa... É enriquecedor, você sai com essa... Para comprar, para ler.

Quanto ao fato de voltar para França: Ah eu voltaria, eu voltaria com certeza, mas não para ficar 10 meses, mas para ficar um ano (risos)...

ENTREVISTA - ANTONINO

Modalidade: Pós-Doutorado

Local: *Hall* da EHESS

Data: 07/junho/2005

Por que a França: Bem, bem, a França, como eu sou geógrafo, a França tem uma longa tradição na nos estudos, enfim de pesquisadores importantes na minha área que são franceses. A Geografia, no Brasil, foi levada por franceses, então, na minha formação, desde a graduação, a França é por vários motivos e pelo peso dos franceses na literatura na área da geografia e também pelas experiências franceses na área de planejamento regional são muito importantes. Então, desde a graduação, a França me chamava a atenção (concorda que foi uma referência importante). Então, quando nós é... começamos a fazer o projeto de vir ao exterior, então a França era o país, vamos dizer assim, que vinha em primeiro lugar na mente. Tinham outras possibilidades mas para nós o mais importante era vir para França em razão dessa tradição na literatura e das experiências importantes da França em termos de planejamento regional.

Expectativas: Bom, as expectativas? Viver um ano no exterior é uma experiência importante porque abre muitas ilusões que a gente tem antes de vir, a expectativa de que tudo é muito bonito e maravilhoso, enfim elas são vamos dizer assim frustradas, mas você vê assim, que têm muitas outras coisas que você não tinha avaliado antes, não tinha idéia de como é que seria e que só estando aqui é que foi possível constatar, inclusive em relação até ao próprio objeto de estudo. Meu objeto de estudo, quando se fala da França, quando você lê a literatura sobre desenvolvimento regional ou sobre desenvolvimento rural e que se trabalha, no caso francês, por exemplo, a gente imagina um rural francês como o nosso, que é um rural isolado, que é uma coisa, espaços amplos. Quando você vem para França e percorre territórios, você vê que o rural daqui não tem nada a ver ou tem pouco a ver com aquele que nós estamos habituados a... no Brasil. Então, aqueles projetos que a gente imagina que no Brasil se tem muitas cópias que vem do exterior, inclusive da França, a gente observa que aquilo que se coloca e que serve para ser implementado aqui, é, fica muito difícil para ser encaixado na nossa realidade. Aqui na França, você tem o rural nucleado, você tem as comunidades rurais, que para nós lá no Brasil funciona como pequenas propriedades. O que você tem aqui como pequena propriedade rural é equivalente a uma pequena cidade que a gente entende como urbano, por exemplo, é no interior de São Paulo. Por exemplo, se você está lá no interior de São Paulo e não tem experiência para constatar essas diferenças então fica difícil para você como pesquisador pontuar essas diferenças apenas a partir da literatura porque você tem que ir ao terreno, você tem que constatar isso empiricamente para partir daí você conseguir estabelecer essas diferenciações, então para mim, é... Essa experiência aqui é fundamental para perceber, vamos dizer assim, um conjunto de diferenças e de coisas interessantes que acontecem aqui e dentro de outro contexto histórico, dentro de um outro contexto cultural, sócio-econômico, que ele precisa ser entendido para que a gente também consiga entender e saber diferenciar aquilo que faz interessante aqui e que pode ser reproduzido de uma outra maneira dentro de um contexto que a gente vive lá no Brasil e aquilo que se faz aqui e que é interessante, mas que dificilmente seria encaixado dentro de um contexto brasileiro, paulista, enfim, então (concorda que é só tendo vindo para saber). Eu acho que não daria

ninguém contando essa história por mais completa que fosse, se você não tem a constatação empírica seria muito difícil a... conseguir fazer esse entendimento integral da coisa.

O que faltou?

Quanto às expectativas de volta ao Brasil: Então, voltando para o Brasil, a gente tem um curso de pós-graduação que tem nota 6,0 na CAPES, é um curso bem conceituado e que é... Essa circulação desses pesquisadores vinculados à ao programa de pós-graduação é importante. Então no nosso programa de pós-graduação, nós sempre mantemos pelo menos um ou dois no exterior, em diferentes partes, para que a gente possa com isso ter essa experiência que eu disse antes, mas também, para abrir as possibilidades de fazer contatos no exterior, tanto para os nossos colegas do programa de pós-graduação, e principalmente, para os alunos da pós-graduação. Os alunos de mestrado, doutorado, que eventualmente, queiram e tenham disponibilidade de fazer pós-graduação no exterior, com a nossa estada no exterior vai abrindo as portas para que esses alunos possam... vir para cá no futuro e enriquecer também essas experiências.

Os **aspectos positivos**, eles estão muito ligados à esfera acadêmica, a essa possibilidade de ter essa experiência diferenciada. Do ponto de vista cultural, também há um enriquecimento muito grande, porque enfim a França é um país rico, culturalmente falando, Paris é uma cidade extraordinária. Viver aqui nesses aspectos é muito interessante. Então, agora, você também não tem só aspectos positivos, você vem para uma instituição esperando que o suporte, a expectativa em relação ao suporte institucional era muito maior que aquilo que a gente acabou tendo aqui, como espaço para trabalhar, acesso à biblioteca que é restrito, você não pode retirar livro, mas se você vem fazendo uma investigação e você é bloqueado da possibilidade de pegar livros, isso é limitante. Do ponto de vista do cotidiano, a gente vem com a família como tem um conjunto de outros elementos para acertar no dia-a-dia que é... estando num país é muito mais complicado e a França parece que, ainda, muito mais particularmente, porque nós tivemos, acho que vindo do Brasil, porque a gente tem um trânsito, uma cultura institucional que a gente está habituado a lidar com ela. A gente vem para França e percebe que para tudo, há uma burocracia muito forte, você tem que marcar os *rendez-vous* com muita antecedência então para obter uma *carte de séjour* é muito complicado. Você perde muito tempo com isso, para matricular as crianças na escola você perde muito tempo com isso, que na verdade, te tira inclusive da investigação acadêmica, você perde muito tempo para acertar o cotidiano, então, são aspectos negativos sobre esse ponto de vista, mas enfim, mas isso também faz parte da experiência, porque se essas coisas, elas te atormentam e te tiram do foco em determinado momento, te ajudam depois a fazer uma avaliação enfim da estada e talvez daqui a um ano ou dois, talvez isso seja avaliado como positivo ao invés de estar sendo avaliado como negativo. É isso. Falta alguma coisa?

O **contato para vir para França:** Na verdade, nós decidimos sair efetivamente é... em 2002, quando a gente esteve no México. A gente teve no México, para termos contato então com uma realidade diferente. Nós precisamos viver fora, um ano e tem toda uma história que se mistura em função da idade dos filhos e se a gente não viesse agora teríamos poucas possibilidades de vir para frente dada à idade das crianças. Dado ao meu objeto de pesquisa, que é a questão do desenvolvimento, sempre tem uma preocupação da agricultura com a questão do desenvolvimento e aqui no CRBC, na *École*, o meu orientador daqui tem uma produção muito expressiva com relação ao desenvolvimento sustentável e eu tenho acompanhado, então por bibliografia, as coisas que ele tem escrito, inclusive, há muito tempo, então é..., entrei em contato por internet, por *e-mail* com o professor e ele respondeu

positivamente, e a partir daí então, passei a estabelecer os contatos aqui no CRBC, mas o que me chamou a atenção no momento foi a produção científica dele sobre o desenvolvimento sustentável.

ENTREVISTA - GERSON

Modalidade: Doutorado-sanduíche

Local: *Hall da Maison du Brésil*

Data: 08/junho/2005

Vinda à França: A vinda, para mim, as coisas aconteceram de uma maneira muito rápida porque eu fiz concurso para professor na UFBA em 2002 e passei e na minha área tem uma carência enorme no Brasil de pessoas com doutorado, enorme, enorme, enorme. É tanto que eu passei... ehh agora é obrigatório, nas universidades, você ter o diploma de doutor para ser professor. Eu passei com título de mestre só e isso por quê? Porque na área você conta nos dedos as pessoas que têm conhecimento e prática e têm capacidade de montar uma peça teatral, de acompanhar um aluno de acordo com a estrutura brasileira de ensino de direção teatral, daquela coisa do professor acompanhar o aluno na montagem dele, que é uma coisa muito delicada. Você tem que saber montar uma peça de teatro para poder ser um diretor teatral no Brasil. Aí... É... Então tem muita pouca gente que tem uma carreira como diretor de teatro e que tem um doutorado. Aí tanto para gente e para o departamento é muito importante ter professores doutores, por causa da questão do *status* acadêmico do departamento, é... do fomento à pesquisa que isso gera porque a partir do momento que você é professor-doutor, te abre várias possibilidades de projetos integrados e financiamento de pesquisa e por aí vai. Então logo que eu entrei é... Na prova mesmo se falava assim, e logo que eu entrei e o professor da UFBA, que era o presidente da banca que me acolheu, que era um professor da UFBA e dois de São Paulo, um da USP e um de Campinas, aí os dois, é... O R., que era o presidente disse: "Olha eu quero o seu doutorado o quanto antes, porque a gente precisa e você tem que fazer" e eu entrei como aluno especial, porque você tem essa possibilidade em vários programas de doutorado. Eu acho que isso acontece em vários programas, você não é aluno regular ainda, mas você pode fazer umas disciplinas e... É quando você está fazendo essas disciplinas, de certa maneira, você está melhorando o seu projeto e o melhor de tudo é que você já adianta o crédito. Então quando você entra no doutorado você tem menos disciplinas a fazer. Eu fiz isso, é... fiz as obrigatórias todas, que era o máximo que eu podia fazer e logo em seguida fiz a prova, passei para o doutorado e nosso programa ele melhorou de nível na CAPES de nota cinco para seis e... Aí é... Aí veio, eu não sei como foi, mas veio uma cota no momento e eu era a pessoa que poderia aproveitá-la. Era uma cota que deveria ser aproveitada o quanto antes e naquele momento, entre os alunos, eu é que já tinha, eu tinha a melhor possibilidade de sair, porque os outros que queriam sair teriam uma coisa para dali a seis meses, dali a oito meses. Mas foi uma coisa engraçada porque eu tinha conhecido a minha orientadora, que ela foi ao Brasil e a gente conversou e tal. Eu estava curioso com relação à França, justamente por esse curso novo, que é... sobre a Formação do Diretor, para Formação do Diretor, então eu estava curioso para saber como é que eles fazem, mas não estava pensando em vir já, tão imediatamente, mas quando apareceu essa bolsa, a minha professora, a minha diretora aqui, a minha tutora aqui ela estava no Brasil, então foi toda uma coincidência, assim: "Poxa a bolsa está aí, se você quiser aproveitar você pode aproveitar, a tua tutora está aí também". Então, ela estava em Recife, eu mandei uma carta, um *e-mail* para ela, ela é francesa, mas fala português fluentemente, eu liguei para ela: "Ah, não, tudo bem" A gente conversou junto pensou sobre as atividades, sobre o que eu já conhecia daqui em termos do tal DESS, a ver em especial uma disciplina que se chama

"História e Ensino Direção Teatral". Aí eu olhei e falei: "Bom, eu quero fazer essa disciplina e acompanhar o DESS na medida do possível". Eu vim, deu tudo certo, eu peguei o... aquele, a comissão que me escolheu e... Eu acabei conseguindo a bolsa, porque eu estou vindo com uma bolsa da PDEE, porque eu estou vindo com uma bolsa que a cota é da instituição e a escolha é feita dentro da instituição. A bolsa CAPES tem de duas qualidades: a bolsa balcão e a bolsa PDEE. A bolsa balcão, todos os candidatos de várias universidades diferentes, eles mandam direto para CAPES a sua solicitação de bolsa. A bolsa PDEE, estou falando de doutorado-sanduíche, ela já está alocada para instituição. Quem escolhe a primeira escolha assim é da instituição, então dentro da instituição se forma uma comissão que escolhe: "Olha esse aluno é o que a gente quer que utilize a bolsa PDEE" (concorda que foi escolhido pela instituição). Essa escolha é comunicada à CAPES e teoricamente isto não há nenhum impedimento para o aluno, uma vez que a própria instituição deu a autorização e é como se fosse uma transferência de... escolha que a CAPES faz pelo mérito que o programa tem. É bem legal na... Alguma instituição tem isso, tanto que quando você pede uma bolsa balcão e o seu programa já tem nota cinco é preciso que você avise à CAPES que todas as bolsas PDEE, porque os programas com nota cinco e cinco para cima já teriam cotas diretamente ligadas ao programa. Então quando você pede uma bolsa balcão e seu programa já tem uma nota cinco, seis ou sete, você tem que avisar à CAPES, provar para CAPES que as bolsas PDEE daquele programa já estão sendo usadas e você está vindo a mais, alguém a mais que está querendo ir, mas só que não tem bolsa PDEE suficiente. Entendeu? Aí, é... Aí eu vim, foi tudo realmente muito corrido, tudo aconteceu para mim de uma maneira muito rápida.

Quanto ao francês: Eu fui meio que alfabetizado em francês porque dos 10 aos 15 no colégio no Rio, a gente tinha aulas de francês sobre literatura francesa e tinha uma formação bastante forte em francês, mais dos 10 aos 15 anos só. O problema foi que depois eu mantive mais com leitura. Então o que me facilitou aqui na França é a compreensão, realmente meu ouvido foi treinado muito novo, então, na realidade, eu comecei com nove anos, então isso foi ótimo porque, para entender não tenho muito problema e realmente não tenho muito problema. O francês pode falar até dois franceses falando entre si, dá para entender legal. É... ler, para ler bastante bem. O problema mesmo é a expressão vocal, vir a palavra que você quer no momento para desencadear as idéias, então isso tem sido um desafio assim. Está melhorando, assim, aos poucos e pela quantidade de seminários que eu estou acompanhando assim de aulas, eu acho que dou para dar uma melhorada boa. Para o segundo semestre, eu acho que vai ser assim bem mais legal para acompanhar seminários, tal. Mas aí eu vim e... e de cara assim eu escolhi cinco seminários para acompanhar, um seminário por dia e as aulas de francês, porque lá em *Nanterre*, você tem aula de francês para estrangeiros, aí você... E é bem classificado, bem separado, é bem francês. Você tem aula de língua oral, língua escrita, gramática e laboratório. Aí eu acompanhei língua oral, escrita e gramática e foi bem legal. Deu para dar um bom, uma lapidada boa.

Chegada: Cheguei aqui direto na *Maison* e foi maravilhoso porque se eu tivesse sozinho num apartamento aqui em Paris eu... Aqui, eu fiquei com depressão. Se eu tivesse sozinho num apartamento, Deus me livre. Fiquei em depressão logo que eu cheguei, em duas semanas, é muito diferente, é muito difícil. Para mim foi e está sendo muito difícil. As relações humanas, eu não sei, eu dependo muito disso, sabe? E é muito frio, como o clima, muito gelado mesmo, as pessoas realmente são, é difícil de lidar, é muito difícil de lidar e ainda tem um ponto, o agravante do... Como é que eu vou dizer, do programa da língua de você não se expressar plenamente, que gera uma certa frustração, por ser que você tenha

estudado é muito difícil você se expressar como o português, então é muito chato você ter um nível de expressão num lugar e para outro ter um nível de expressão muito inferior, de criança quase, de um adolescente. Graças a Deus eu não enfrentei problemas piores que amigos meus enfrentaram tipo de colegas de sala brincar com o fato dele não falar direito. Isso chegou a acontecer em nível de universidade. Eu não acreditei! "Gente, tomara que isso não aconteça comigo" e não aconteceu, ainda bem, eu até que tive uma relação nula com colegas, não teve nada extraordinário, mas também não teve nada de negativo. No final, mais para o final do período, quando eu começava a falar um pouco mais e tal, a expor um pouco mais de idéia é que as pessoas começaram a se aproximar e conhecer, muito mais pelo exotismo de ser brasileiro do que por algum interesse maior, assim mais é... Mais começou a se criar alguma coisa de se conversar e tal. Mas no geral, realmente é impressionante, o que eu mais estranhei foi que a carga horária é muito pequena no nível universitário, isso eu estranhei muito mesmo assim, você tem uma carga horária muito baixa porque você tem muitas férias. Durante o período letivo, isso é muito louco, assim, você começa um período e aí dali a um mês e meio, você tem uma semana de férias. Daí a um mês e pouquinho, você tem duas semanas de férias. Isso foi muito ruim para mim porque quando você começa a engrenar nas aulas, pá... Duas semanas e para mim eu parei de praticar o francês em nível acadêmico, quer dizer, eu continuei praticando andando na rua, lendo, tal, mas aquilo que era um processo de ir numa aula e começar a me expressar durante a aula, duas semanas, retomar realmente essas duas semanas foi assim... Difícil "pra caramba", muito chato. Aí eu estranhei, carga horária muito baixa e essa postura muito individual, muito individual, muito, muito, muito, é impressionante. A sua pesquisa e o seu orientador de vez em quando. Então, é..., eu tenho a sorte de ter uma orientadora, aqui francesa, que é ótima, conhece muito o Brasil, nossa, adoro ela, ela realmente, e ela foi extremamente generosa de me receber pela forma como foi corrido tudo tal e percebo que ela gosta de receber as pessoas. Então não tenho nada para falar dela, mas da estrutura de ensino mesmo é um trabalho muito, muito solitário e isso me deixa, me deixou sem entender muito porque, é... É uma coisa que acontece ao contrário lá na UFBA, que é muito bom, pelo menos tanto no mestrado quanto no doutorado, existem seminários onde os alunos conhecem as pesquisas uns dos outros, é..., falam sobre as pesquisas dos colegas em especial dois alunos são incumbidos de estudar a pesquisa do outro. Durante uma sessão, um fala enquanto o outro replica então isso é muito bom e você recebe também a devolutiva do colega, a troca mesmo, ela é estimulada e a minha pesquisa melhorou muito graças a isso, o meu projeto de pesquisa melhorou bastante, é... No doutorado, é CIP e no mestrado é SPA, são dois seminários, só tem nomes diferentes mas a intenção é a mesma: de fazer com que todos os alunos conheçam a pesquisa dos colegas porque várias vezes você tem momentos de interconexão, entendeu? E isso é ótimo, mas é uma coisa que eu não vi aqui. Não sei se é por acaso no DEA ou no DESS, porque nesse DEA isso realmente não existe, mas vai existir no doutorado, é uma coisa que me impressionou e também em termos de distância com relação à qualidade de pesquisa, que aqui a universidade é muito teórica e a minha pesquisa é muito... É sobre a prática, sobre o ensino da prática, então isso é muito diferente e foi, foi bom porque me deixou muito orgulhoso de ser brasileiro também e de estar no programa que eu estou e com a qualidade que a gente tem. Eu não tenho o nível de conhecimento teórico que eles vão exigir, é porque é um nível de conhecimento que às vezes chega a ser engraçado porque se citam as coisas que as pessoas têm em cima da mesa, quando estava trabalhando e livros. Até a gente brincava: "Sabia a cor da camisa", mas em compensação a gente conhece algumas coisas da cena, do palco,

que sequer são mencionadas e eu, por exemplo, tive um *exposé*, que foi um fracasso total, justamente porque eu tentei fazer alguns raciocínios que não são compreensíveis, então você vê a diferença de um ensino realmente teórico e de um ensino que se preza, assim, de um ensino teórico para uma coisa que está buscando o que a gente busca é esse casamento e por vezes eu ouvi em sala, assim, que esse casamento é impossível. Têm professores aqui que têm certeza de que esse papo de professor de que a prática dentro de uma universidade é impossível, a coisa não cabe (concorda que eles consideram que são fatos isolados), mesmo e tem de continuar assim. Isto eu ouvi dentro de sala de um comentário de um professor em relação a um outro que teria dito isso e ele colocando isso em questão, foi legal que ele colocou em questão, mas há essa noção, que eu acho uma pena porque é possível. É uma busca que existe no Brasil e já existe nos Estados Unidos e aí é que dá um grande barato: "Poxa a gente está fazendo coisas muito legais". A idéia de você poder fazer a sua tese como espetáculo, acompanhada de um memorial que vai fazer diferente ligação com o teórico, isto é bem interessante e é uma coisa nossa, que a gente está fazendo, que a gente está desenvolvendo e... aqui é meio inimaginável ainda. Então para mim foi muito bom, para poder ter muito orgulho daquilo que a gente está fazendo lá no nosso país e para desmistificar muita coisa já em termos é... pessoais e mesmo como... como pesquisador. Tem muita coisa para você ver que realmente o que eles têm, na minha área, o que eles têm na minha área, é dinheiro e vergonha na cara. A gente no Brasil não tem nem vergonha na cara e nem dinheiro, então, existe uma seriedade aqui que poxa, sabe? O maior elogio a...

Por exemplo, a UFBA está desenvolvendo um movimento que eu não estou acreditando, assim simplesmente. A escola de teatro da UFBA, a de Belas Artes, a de Música, elas têm o privilégio de serem situadas num bairro residencial de Salvador, central, super central, chiquíssimo. Assim, esse bairro de Salvador é como se fosse o Leblon no Rio, com prédios de alto nível, tradicionais. Eles querem simplesmente vender tudo, tirar as escolas daí e lógico, depois vender tudo. Eles querem tirar as escolas daí, assim como a residência universitária. A residência universitária da UFBA fica num dos bairros mais chiques da UFBA, de Salvador, que é Vitória e Canela, que são casas enormes. Então com certeza devido a uma pressão aí misteriosa, eles querem tirar as pessoas dessas escolas e das residências e concentrar todo mundo em Ondina, que é um outro bairro (tocou o celular e ele desligou) e aí tem essa coisa que eu não estou acreditando, eu recebi a mensagem por *e-mail* assim. É um plano-diretor de tirar essas escolas e colocar essas escolas todas dentro do Campus de Ondina e aí que eles tão querendo fazer: o teatro, por exemplo, o teatro está no centro da cidade, a gente tem público, apesar de o nosso teatro estar em reforma há 3/4 anos. A gente tem um público que pode ir, pode voltar para casa e tal, e o nosso teatro está próximo de outros centros culturais, que são, quer dizer de outros espaços de cultura, Teatro Castro Alves, Teatro Vila-Velha, o ICBA e tal, você pode ir a pé. Eles querem tirar a gente de lá, para colocar em Ondina, num prédio novo e tal, mas para ficar todo mundo dentro do Campus. Isso... Sabe, eu não estou acreditando, é de uma falta de vergonha na cara, que é impressionante, sabe? Porque se tivesse um pingo de noção ia perceber que aquela escola está super estratégica, a escola foi dada pela pessoa que foi o grande mentor do teatro na Bahia, ela é no terreno da casa do Martim Gonçalves, que é a pessoa que deu uma força para o teatro em Salvador, então quer dizer, existe uma responsabilidade histórica em relação àquele espaço e dizem que querem fazer um corredor cultural, mas eu não entendo porque retirar a escola de teatro dali para fazer este corredor cultural, então, isto está seríssimo, tomara que seja, já foi, já teve uma reação da comunidade tal artística de dentro da universidade, mas é aquela coisa, é uma pena, mas é a falta de vergonha na cara.

São coisas do tipo com relação, por exemplo, a nossa possibilidade de fazer espetáculo como final de mestrado ou de doutorado. Existem comentários jocosos de outras áreas: "Ah, lá vocês podem fazer um espetaculozinho e não tem que escrever", então tem coisas nesse nível sabe, então é duro, é duro, é duro. Vir para cá mostrou isso, como tem esse sentido de responsabilidade, aqui é um país sério, então como tem esse sentido e como tem dinheiro para fazer as coisas. Então realmente o maior elogio ao conhecimento que eu vi na minha vida foi quando eu fui lá no *René Jardim* lá da Biblioteca Nacional parece que eu estou num filme de ficção científica, aquela descida da escada rolante é um troço, você fica realmente desbocado, gente... Mas essa é a grande diferença, agora mais em termos de pessoas, é... Massa crítica mesmo, poxa, você vai me perdoar mas a gente não está devendo nada para eles, nada mesmo, pelo contrário, não estamos devendo nada. Tem gente muito interessante, que poxa, eu não troco o meu orientador do Brasil, que é um alemão, mas que está há 30 anos no Brasil e tal, eu não troco ele por nenhum professor daqui. Tem gente muito boa lá. É uma pena essa coisa da falta de dinheiro, da falta de estrutura, é uma pena mesmo. Se a gente tivesse, nossa, a gente ia estar muito bem e o fluxo aí ser ao contrário de estudantes, já tem estudantes interessados hoje. Quando eu comento, quando eu falo, eles falam: "Não, mas é verdade? Gente, eu posso fazer espetáculo? Aí que bom é tudo o que eu quero!" O nosso site deveria ser em inglês, espanhol, francês, entendeu? Porque a gente já tem alunos estrangeiros, hoje em dia, já existem alunos estrangeiros no nosso programa, mas quando poderia com certeza ser muito mais e... São coisas, são coisas que a gente vai pensando, você vai vindo para casa e vai pensando. Agora é lógico, se você chega no programa da UFBA e olha você não acredita que tem nota seis. Primeiro, porque a infraestrutura é zero, é zero. A gente não tem teatro. Mesmo nosso curso de direção teatral de graduação, eu mando meus alunos para os outros teatros, eu peço: "Olha, por favor, arruma um espaço para eu fazer essa peça?" A gente não tem espaço mais. A produção é tanta que uma sala não comporta mais e uma sala era uma sala adaptada, não é o teatro mesmo, que está em reforma há anos e anos. A quantidade de produção da gente não comporta, não dá para conseguir ficar ali dentro da escola só, aí é... Por sorte e pelo respeito que o mercado teatral tem pela escola, quando um aluno chega num teatro de Salvador com, falando, aluno-diretor, falando que é aluno da UFBA e que precisa de espaço, então, normalmente, ele é bem recebido, normalmente ele é bem recebido, tem a coisa de ter que pagar pelo espaço, tal, mas é uma referência, é uma boa referência, então, é um estímulo que eu tento dar para as pessoas para irem, tal. Então vários alunos tem se apresentado em Aliança Francesa e ICBA, Vila Velha, ensaiaram no Vila Velha, então isso é bem interessante de perceber e ver realmente a diferença de lá para cá.

Como está sendo esta experiência aqui? Então a minha experiência na França, se eu fosse falar mais diretamente assim o que está sendo? Está sendo muito importante para mim como professor universitário: ter a experiência de morar na Europa e ver o que é isso aqui, até mesmo a minha postura em sala de aula de coisas que eu vou poder falar porque é testemunho e não porque, por ter vivido e não por ter lido só, então essa coisa de ver espetáculos, de ver lugares, etc. e tal. É... Tem toda a cultura que está a volta, que aí eu estava falando especificamente de teatro, mas toda cultura que você ganha e toda experiência de vida que você ganha também, que só contribui para condição que você tem na universidade. Eu acho que esses são dois aspectos extremamente importantes e por esses dois aspectos eu acho que minha viagem já se justifica. Vai ser um grande melhoramento, um grande desenvolvimento da minha condição de professor, para os alunos que eu tenho. Agora, em termos específicos de conhecimento e pesquisa, é... Foi bastante decepcionante

no que diz respeito a alguns aspectos que são: o conhecimento da prática dentro da universidade, essa carga horária muito pequena, é... Uma postura muito individual mesmo de pesquisa e tal, e isso realmente me deixou um pouco decepcionado aqui. Agora em termos de conhecimento valeu muito a pena, em especial, esse cenário de ensino de direção teatral, que era calcado em cima da metodologia russa e para mim foi muito bom poder ter tido essa experiência. Eu pensei que fosse muito mais, realmente eles são muito auto-centrados, é muito Europa, Europa, Europa. Há um respeito por Alemanha e Rússia, mas, por exemplo, Espanha e Itália, é impressionante, realmente se fala muito pouco, eles conhecem muito pouco e parece que eles têm uma inveja com a Inglaterra porque Shakespeare é fogo, eles não têm ninguém que dá para comparar, ah..., então eu acho que... É melhor achar que não existe (risos). Estados Unidos não existe, não existe, na minha área não existe e eu trabalho em cima de uma metodologia americana. Eu vim para cá, assim: "Por que é assim por que você veio para cá e não para os Estados Unidos? Eu vim para cá justamente para ver: Poxa! como é que eles usam isso né", porque de uma certa maneira nós usamos no Brasil, então, como é que eles usam e abusam disso aqui?" Porque a metodologia existe, a bibliografia existe e é muito interessante, auxilia mesmo a formação do diretor, simplesmente não existem os livros aqui. Nas bibliotecas de teatro não têm esses livros. Isso realmente, eu fiquei passado. Para eles, não serve para nada isso, não houve nenhum professor que tenha pedido esses livros para uma biblioteca, porque é o professor que pede para biblioteca, então realmente existe um consenso de que com a coisa com a qual eu trabalho não serve para nada, lógico. Eu fiquei cansado, porque eu pensei que essa disciplina de Direção Teatral fosse é... Justamente para saber se a Rússia, Alemanha, Inglaterra, França, Estados Unidos, onde é que existe bibliografia sobre isso e quer, por ser uma coisa... Eu vim numa expectativa de que eu ia ter um panorama mundial do ensino da Direção Teatral com essa disciplina, até porque a pessoa que dá aula é extremamente conhecida e eu vim e tive um curso de Direção Teatral da Rússia. Ponto! Foi ótimo! Realmente foi um curso maravilha, realmente, ela estudou lá muito tempo e tal... mas eu fiquei meio passado: "Porque, poxa, seria tão rico, tão mais interessante se fizessem as correlações, comparações, um pouco da Inglaterra, como é que o povo da Inglaterra faz, e nada! nada!" Então me faltou isso assim, então me faltou estar mais no mundo. E por incrível que pareça, eu estou mais no mundo no Brasil do que aqui na França. Eu estou mundo mais no mundo (ênfase) no Brasil. Então, é assim, no Brasil, tem uma pessoa que conhece "papapa, papapa", que conhece teatro russo e tal. Você vai na Unicamp, você tem uma outra pessoa. Na UFBA, você tem o povo dos Estados Unidos e tal. No Rio de Janeiro e tal... Aqui, realmente, poxa, eu fiquei impressionado como são auto-centrados, como olham para o umbigo. O teatro é o teatro francês. Existem momentos de aula assim que são muito sintomáticos. Essa aula, por exemplo, de ensino e direção teatral, mas o que eu achei mais legal é que a própria professora se ressentiu disso. Ela faz uma crítica ao ensino de teatro prático na França, que eu ouvi em outras aulas também, professores falando sobre a falta de ensino de história de teatro dentro dos cursos. É mais, é mais para brigar, e é isso que é o mais engraçado, porque a prática está fora da universidade, então, é uma coisa de: "Eu que sou da Universidade, olho para o Conservatório e vejo - Olha falta ensinar História, aí no conservatório, vocês não ensinam História do Teatro". E aí acaba ficando uma diferença, ah... É uma coisa que chega a ser engraçado, então... Mas ela tem um pouco, ela faz uma crítica ao ensino na França, que não existe esse curso de Formação de Diretor, ele é curso super novo e existe um projeto chamado Nômade, dentro do Conservatório mas que funciona a partir de estágios que o aluno faz. Então, o aluno não faz exercícios, ele não

monta peças, ele acompanha outros diretores, ele é assistente de diretor, e é a mesma idéia desse curso de DESS que eu não acreditei, lógico que eu não vou falar para o professor, de forma nenhuma, porque eu sou um *reles* submundista, por aí vai (risos). Não conheço como ele conhece, porque é engraçadíssimo, eu tenho medo de falar que eu sou professor universitário e chefe de departamento no Brasil porque não sou nem doutor. Eu brinquei com isso num *exposé* porque eu tive que fazer uma apresentação da minha pesquisa: "Por favor, não estranhem, eu não sou um ET, mas apesar de eu não ser doutor ainda, eu sou chefe de um departamento, sou professor numa Universidade no Brasil por conta da minha carreira toda de teatro, não porque eu sei a cor da camisa da pessoa quando ela escreveu determinada teoria, porque eu sei fazer peça, sei montar a cena". Se eu pedir para os meus professores montarem, eles não vão conseguir, isto eu tenho certeza. Sabem a teoria, mas montar? (bate uma mão na palma da outra mão) Não! Montar assim: acompanhar uma pessoa que está montando porque essa é a idéia mesmo. Acompanhar essa pessoa e mostrar a essa pessoa os problemas da cena, resolver a cena para mim. Não resolve! Vai falar a história daquele autor, vai fazer 550 articulações com os teóricos, mas realmente acompanhar essa pessoa e ver como é que o evento teatral se processa, como é que é, como é que uma cena se constrói, como você coloca uma realidade paralela na frente dessas pessoas, tanto que no DESS, eles colocam os alunos para ir fazer estágios também com os diretores. O aluno vai virar um assistente. Você vai fazer um curso de Formação de diretor teatral em que você no máximo faz umas ceninhas de acordo com a idéia de um outro diretor e depois você vai ser assistente e parece que, no final, você faz um espetáculo. De repente, você faz um espetáculo inteiro. Realmente é de assustar, isso é que os alunos me contaram, eu já vi o programa, mas é muito delicado você chegar de um país de terceiro mundo e tentar discutir com um professor de *Nanterre*, realmente de uma maneira um tanto crítica, como é que são concebidas essas formas de ensinar um diretor de teatro. A gente lá no Brasil, eu estou fazendo essa pesquisa porque a gente está mudando a concepção de ensino de direção teatral e de teatro e tal e... Porque o nosso curso está sendo cada vez mais procurado e os diretores estão saindo e estão se dando bem no mercado e cenógrafos e tal. Isso foi uma outra coisa bem legal da aula que eu acompanhei sobre o pensamento russo da conexão entre o diretor de teatro e cenógrafo e tal. Mas é impressionante como, de maneira geral, o que falta realmente para gente é a grana, sabe? É a boa biblioteca, sabe? E se eu tivesse o dinheiro que eles têm para montar uma boa biblioteca, gente. Sabe, como muda, muda realmente um curso. Um curso que tem uma biblioteca, sabe, se tivesse a possibilidade de agrupar documentos como eles podem agrupar: tiram foto de espetáculo, vídeo de entrevistas, sabe? Se eu pudesse fazer esse tipo de agrupamento assim, organizar isso tudo. Sabe, em termos de livros. A realidade seria outra coisa, já é outra. E eu não tenho vergonha nenhuma de pegar um aluno meu de graduação, pegar um espetáculo dele e botar do lado do espetáculo de um aluno de DESS, uma pós-graduação. Vamos ver os dois espetáculos e ver o que tem em cena. Vamos pedir para um adriático ver os dois espetáculos e eu não corro vergonha nenhuma de pegar um espetáculo de lá e mostro: "Olha, isso aqui é o que a gente faz". Agora realmente tem isso, eu entreguei trabalho, tem erro no trabalho, tem o problema do francês. Então, o grande problema é esse: você não tem o retorno, você entrega e tchau. Isso é meio triste, assim, com alguns professores têm até uma coisa de acompanhar e tal. Então, isso falta um pouco para mim, principalmente na condição de estrangeiro, isto com o professor da disciplina. Eu tenho um trabalho mais próximo com a minha orientadora, mas seria muito bom com o professor de disciplina, você ter uma proximidade, o trabalho ir e voltar, ir e voltar e nós no Brasil, tratamos o

estrangeiro muito melhor. A gente se esforça para falar a língua deles, a gente tem um sorriso no rosto. Se ele fala a nossa língua errado, a gente brinca, a gente faz um esforço enorme para poder entender, faz um esforço enorme para entender e não é o caso aqui.

Reação da família: Péssima!!! (risos) é porque é uma coisa sentimental, sentimental, não é nada contra a França, não (risos). Aliás, quando eu fui para Bahia aconteceu isso. É família sentimento mesmo, ainda eu sou canceriano, é um problema sério. Canceriano é família demais. O problema é esse, eu sou filho único, então, minha mãe, coitadinha: "Meu filho vai para Europa" (imita o choro da mãe). A ida do Rio para Bahia foi péssima porque foi engraçado, porque eu fui para Bahia prometendo para minha mãe que eu iria fazer a prova por experiência, porque eu queria mesmo a UFMG, que era um curso, eu tenho muito respeito pelo mercado teatral de Minas, que eu adoro, já dirigi espetáculo lá no Palácio das Artes e tal e eu tenho muito carinho por Minas. Minha mãe é mineira, eu tenho parentes em Minas, eu tenho muito carinho por Belo Horizonte, entendeu? Eu adoro aquele povo lá, adoro mesmo e... E eu conheci a UFMG, fui fazer a minha inscrição, adorei, achei lindo o campus, campus maravilhoso, a escola também. Onde tem Artes Cênicas é na Escola de Fotografia e Cinema, não lembro direito o nome da escola, mas é muito bonitinha, tem um elevador panorâmico, super organizada e eu fiquei encantado. Eu queria ir para lá, fiz a inscrição e tal, mas eu fiz também para outros. Na época, alguma tinha que sair porque eu fiz para umas 10 (risos), porque eu queria mesmo dar aula, porque eu gosto de ser professor. Aí é... Daí a primeira prova que teve foi a da Bahia. Daí eu fui para Bahia e falei para minha mãe: "Não, não esquenta a cabeça, eu vou, mas primeiro que eu não vou passar, tem muita gente e eu quero ir para Minas, então eu vou lá só por experiência". Só que eu fui, acabei passando, ficando com a vaga e fiquei encantado assim com as pessoas, realmente a estrutura física da UFBA está precisando, assim da UFBA, da Escola de Teatro, não conhece a estrutura da Universidade toda, mas na Escola de Teatro a gente está precisando de... Só falta isso: dinheiro. Dinheiro para deixar a gente fazer arte como em poucos lugares do mundo se faz. Juro. Porque a qualidade que a gente tem lá dentro de atores, de diretores, de pensadores, de escritores. A gente tem aluno no Mestrado que já foi montado na Inglaterra e não foi montado no Brasil ainda - autor. Então, realmente aglutina pessoas que são muito, muito boas, nossos alunos que vão para fazer doutorado-sanduíche na Inglaterra e Espanha e França e tal e chega e dá aula também. Por exemplo, eu vi um colega meu, que foi na Inglaterra e está dando aula, é uma reunião de gente boa que eu via lá, muito boa mesmo e o que falta é isso se a gente tivesse um teatro construído e operando, sabe! Em pleno funcionamento e o mais legal: a gente oferece de graça para comunidade, está do lado da comunidade, está num ponto de super fácil acesso, próximo ao Campo Grande, cinco minutos, nem cinco minutos do Campo Grande, um lugar onde tem um fluxo de ônibus muito legal em Salvador, então, o que eu vejo é isso se a gente tivesse esse... A grana mesmo ia ser um centro de produção muito legal e se a gente tivesse dinheiro mesmo e a possibilidade de fazer contato com o exterior e a aí começar a produzir para poder mostrar em outros lugares, em outros festivais, mostrar a nossa cara e a nossa qualidade de fazer teatral. Ah, na boa, eu vejo aqui é tudo muito legal, é tudo muito bonito, mas não é nada inatingível, é tudo muito interessante e isso para mim foi ótimo. Realmente eu vou voltar é... Podendo exigir mais do que eu exijo em sala e podendo ter uma relação com meu aluno de forma: "Meu amigo, você tem a possibilidade de ser muito bom mesmo, de ser muito bom mesmo, se você conseguir driblar as dificuldades do jeitinho brasileiro". As dificuldades brasileiras típicas, em termos de qualidade o que a pessoa aprende e que ela pode fazer lá. A gente não tem porque achar que é um pouco mais inferior ou coisa assim...

É uma... É interessante ver isso porque a gente não está devendo nada. Estão devendo para gente, estão nos devendo investimento porque na medida em que tiver mesmo, tiver essa estrutura. Existem idéias nossas que as pessoas nem aventam, tipo a utilização do teatro no curso de formação em teatro para utilizá-lo como instrumento no ensino de 1o. e 2o. graus. Boa parte do nosso público na escola de teatro são alunos de 1o. e 2o. graus, de ensino médio e fundamental de nossos alunos que fizeram licenciatura que estão tendo uma atuação dentro das escolas públicas. Então eles estão fazendo teatro dentro da escola pública e não é aquele, que a gente tem que desmistificar que a coisa de fazer teatrinho para botar os alunos para pagar mico, não é isso. Eles estão utilizando o teatro como mecanismo de educação na Escola Pública e a relação com um bom professor de teatro, ela é muito apaixonada, entendeu? E esses alunos vão na escola para ver as peças (concorda que pode até ser uma forma de intervenção na educação) e aí, é coisa que aqui não passa pela cabeça, mesmo porque não tem aquele problema da pobreza. É engraçado como a coisa se cria e tem essa coisa. Tem também a utilização do teatro dentro da empresa, entendeu? Para melhorar o convívio, para melhorar o... Isso é uma coisa nova, mesmo para UFBA que já acontece em Salvador, mas é um negócio que eu estou tentando ver como é que a gente faz em termos de Universidade, mas têm várias coisas que são muito legais e a gente vê que está, e de novo volta aquilo dá uma pena de não ter recurso, falta recurso, não falta gente.

Como enfrentou a depressão: Graças a Deus que estar na *Maison Du Brésil* e vir uma amiga para cá e estar com brasileiros, às vezes, um ou outro me dava um toque: "Você não está legal, o que houve?" Fundamental mesmo foi uma amiga minha que trabalhou numa pesquisa de Mestrado no Brasil que veio para cá, quase na mesma época e deu uma sacudida: "Vamos fazer alguma coisa, vamos sair" A gente conversou bastante e pouco a pouco fui dando uma acordada assim. Porque foi muito duro, foi muito difícil. Tem pessoas que são mais sentimentais, eu não duvido nada que tem pesquisadores que chegam aqui e acham tudo maravilhoso, porque tem isso, tem aquilo: "É a minha chance de fazer a minha pesquisa, tem tudo o que eu precisava e "papapa, papapa". Não foi o que aconteceu comigo, fiquei extremamente decepcionado, estou tentando é aproveitar ao máximo o que eu posso aproveitar, mas está sendo um sacrifício. Está sendo sacrificante ficar aqui longe das minhas aulas, dos meus alunos, da minha gente, das minhas relações humanas que eu tanto prezo, principalmente, do lugar. Hoje, eu vejo o quanto eu dependo das relações que tenho no Brasil, da alegria que eu tenho no Brasil e isso... Eu não sou um pesquisador racional. Eu consigo ter um pouco de alegria com os italianos, eles param, eles abraçam. Eu nunca abracei um colega de classe e é uma coisa que para uma pessoa mais racional: "Não, mas isso não é necessário porque você está aqui para pesquisa", mas para mim é necessário! Porque eu preciso disso, sinto muito eu preciso de uma relação aberta assim de falar de contato, então foi muito duro mesmo. Então o barato é ver que a gente está bem "pra caramba", que o... como é que eu vou dizer que já está acabando (risos), é vamos ver não sei, não dá para fazer previsões e tal, mas, o que eu tiro daqui é isso, seria tão bom se a gente tivesse vergonha na cara, seria como o paraíso na terra, na boa, o Brasil. Quando eu paro para pensar, assim, o programa de distribuição de renda, se a gente conseguisse resolver isso. Se a gente desse o mínimo de dignidade para... seria o paraíso na terra porque é um país bonito "pra caramba". É um país bonito "pra dedel", não tem terremoto, essas coisas todas contam para mim. Eu não consigo isolar e pensar a minha pesquisa porque não tem jeito, eu trabalho com teatro e é uma coisa que eu sempre falo em aula: "Um bom diretor de teatro ele tem que engolir o mundo para poder vomitar e poder trabalhar o texto dele e ele tem que engolir o mundo não tem jeito, mas será interessante a sua peça, o seu

teatro”. Quanto mais uma pessoa sentar e ver articulações de coisas que acontecem na vida dela. Articulações, não é a imitação. Então o grande barato é isso, você cria um grande universo paralelo na frente das pessoas assim que está dialogando. Às vezes, ela vê uma situação ou outra, enfim, você está vendo o mundo assim, você percebe que aquele espetáculo vê o mundo. Então, não tem jeito, meu trabalho precisa disso e aqui é muito assim, você estuda um diretor e vai e “papapa” e tem toda uma unidade de estudo daquela pessoa e daquele trabalho e é uma coisa que eu brinquei assim, que eu logo me peguei, por isso que Mário de Andrade é tão maravilhoso assim a idéia da Antropofagia do nosso Macunaíma. Aqui é que eu vim a entender o nosso Macunaíma, plenamente assim, e cada vez mais em sala de aula eu estou querendo ser mais Macunaíma, entendeu? Ser mais assim, porque é essa idéia mesmo de pegar os pedaços, de comer os outros, de comer o europeu, da Antropofagia. Eu brinquei de falar isso um pouco em sala e ninguém entendeu nada, as pessoas riam, acham exótico e tal, mas a nossa aproximação é diferente mesmo e principalmente a nossa noção de teatro é completamente diferente, é usar os pedaços, vários pedaços que você acha que são os mais suculentos da obra, usa só isso mesmo, daqui constrói a tua arte teatral, é diferente, realmente é diferente. Está sendo bom por encarar o rigor é... Um rigor, não que eu não seja rigoroso, eu sou extremamente rigoroso, extremamente severo com os meus alunos lá no Brasil, mas é uma qualidade de rigor diferente, é o rigor sobre a unidade, entendeu? Então existe uma unidade e tem um rigor que você tem que ficar ali dentro, ali. Daí você puxa as articulações, mas você está ali. É diferente, é engraçado, foi muito bom conhecer o pensamento mesmo, mas está sendo muito ruim, está sendo um sacrifício, um sacrifício ficar aqui, longe das pessoas que eu gosto, longe da (ênfase) pessoa que eu gosto, que é minha namorada, mas enfim, uma das coisas que me alenta é saber que ela vem. Tem essa oportunidade de conhecer a Europa, de viajar para Europa, tem os festivais de teatro que eu quero conhecer, quero ver e tal, espairar um pouco, mas para mim está sendo um grande sacrifício mesmo. Vou tentar fazer da melhor maneira possível para aproveitar tudo, é... Com a bolsa de doutorado-sanduíche eu não sou obrigado a ter notas de seminário e tal, mas eu entreguei dossiês, vou entregar mais dossiês, eu quero saber qual a nota que eu teria caso fosse aluno de DEA, eu quero saber qual a nota que eu tenho. Estou disposto, mas também estou numa certeza que isso não tem nada a ver, com a criação teatral brasileira. Não tem nada a ver com o ensino de Diretor de Teatro que a gente já tem no Brasil há 50 anos e eles nunca tiveram aqui.

Voltar para França: Ah, dá um tempo, por favor!!! Tipo, daqui uns 10 anos, 10 anos nem tanto, sei lá... Para eu voltar para cá, depende muito do que eu fosse fazer, porque agora eu já conheço. A oportunidade de retornar seria uma coisa muito especial, muito específica, é... e depende com quem, duvido que... não sei... Essa professora de Direção Teatral, ela ficou muito interessada na minha pesquisa de utilização dos americanos e quer conhecer a minha pesquisa de Mestrado porque eu trabalhei com a Formação do Ator, então, não sei, pode dar um revertério e ela se empolgar e falar: "Nossa! interessante isso, vem para cá". Se por acaso acontecer alguma coisa nesse sentido de uma valorização, de querer ir para lá, de querer conhecer e talvez sim, mas retornar... Porque aqui não existe nada... Porque daí, nossa! Tomara que eu volte casado, porque daí eu venho com alguém já para trazer, porque isso para mim faz falta, a relação humana faz falta. O grande problema daqui é esse: a falta da relação humana e é realmente muito duro encarar essa diferença, é como o clima, é tão árido quanto o próprio clima. Essa coisa, nossa, de você passar quatro meses dentro de casa, porque não dava, o nariz congela (risos) e tudo muito caro, então... Então realmente é um sacrifício, mas o retorno seria pautado em cima dessa possibilidade de poder trazer

alguma coisa nova porque realmente eu não sei é... O que eles têm aqui para oferecer é um estudo que seria interessante para alguns colegas que eu conheço que querem se especializar em determinado autor, em determinado diretor, que estão nesse caminho específico e na construção teórica do teatro. Eu acho importantíssimo o que eles fazem, eu acho muito importante o que eles fazem, mas o que eles fazem aqui está num campo de teatro que dialoga com meu campo e eu estou buscando justamente é o diálogo. O que eu preciso é de um diálogo porque tem uma coisa da construção da cena e às vezes as pessoas falam: "Ah, mas isto é técnica!" Não, mas não é técnica, não existe técnica para oficina, não como ter... Quando você pinta um quadro, você tem um pincel mais fino, você sabe que você vai dar determinado traço, isto não existe no tratamento com o ator: "Ah, se você fizer isto, você vai obter determinado resultado", você vai ter um resultado com determinado tipo de pessoa, com outra você não vai ter esse resultado. Então, tem essa idéia de se lidar... Então realmente eu estou nesse campo que é o diálogo, que é delicado. Para mim está sendo ótimo porque a pesquisa é ensino mesmo, foi ótimo ouvir de um professor de língua oral (ênfase) de francês: "Realmente, você está na pesquisa". Mas retornar para cá seria interessante que tivesse oportunidade de retornar nesse sentido de alguém que vem para trocar, é..., não sei como que é o esquema de pós-doutorado aqui, mais, eu queria dar um tempo. Eu quero voltar e viver Brasil mais uns quatro anos porque, nossa, como me fez falta... Como me fez falta... Muito. É até engraçado porque tem pessoas que vem para cá e ficam tão bem (fala calmamente), não quer voltar: "Aí, que pena que está acabando" (risos). Não, não dá. Mas é aquela coisa, eu estou realmente honrando a bolsa, não está sendo um período de: "Ah, você está na Europa!". Para mim está sendo realmente trabalho, estou trabalhando no sentido árduo da palavra, no sentido árduo da palavra: de enfrentar condições que não são propícias para o meu trabalho em todos os sentidos. Agora é lógico, não, têm os livros com os quais eu gostaria de dialogar aqui, então, eu estou... tentando buscar de alguma outra forma, só que é muito caro, cada livro são 50 euros, dos americanos é difícil de trazer, então realmente está sendo um trabalho... Estou valorizando cada centavo dessa bolsa. Estou fazendo um esforço para me enquadrar de certa forma maneira, momentaneamente, porque eu não quero sair daqui enquadrado de jeito nenhum, pelo contrário, mas é o esforço de me enquadrar momentaneamente dentro dos cânones com os quais a gente brinca no Brasil porque lá realmente... Ah tanto que ahh eu vou voltar com maior orgulho, sabe, a gente, sabe, a gente merece essa nota seis, merece até sete e merece dinheiro com esse programa porque a gente está fazendo coisa muito boa e é isso. Está bom?

ENTREVISTA - LÚCIA

Modalidade: Doutorado-Pleno

Local: *Hall da Maison du Brésil*

Data: 08/junho/2005

(música ao fundo Dire Straits, pareceu estar a vontade)

Antecedentes: Meu pai fez pós-graduação em Chicago e é formado em Economia.

Vinda à França: Eu terminei minha graduação na UFRJ e não tinha mestrado na minha área e o Diretor do Departamento de Biologia Marinha da UFRJ, na época, era um francês radicado no Brasil e que tinha conhecimento desse mestrado em Ciências do Mar, que estava trazendo estudos da Paris VI para o Brasil, então eu tive aula. Eu passei lá e eu tinha bolsa para não ter que pagar e fui para esse Mestrado e todos os professores lá eram franceses e eu não sabia nem francês, aí eu aos poucos fui aprendendo a entender a língua, tudo. Eu estudei italiano e, a gramática é um pouco parecida, eu tenho facilidade para língua, mas entender francês é fácil, o problema... E então, um professor, principalmente, de metodologia, gostou muito do meu trabalho em aula e eu estava querendo e muito fazer minha tese, dissertação de mestrado em Microbiologia Marinha, e ele até me sugeriu tema, acompanhou de longe o desenvolvimento do meu mestrado. E quando eu terminei o mestrado, ele e um outro professor de Química foram ao Grande Rio com uma proposta de fazer um trabalho na Ex-Guanabara e sugeriram o meu nome, porque eles tinham gostado de trabalhar comigo. Então, na verdade, a Universidade não tinha condição de bancar, a Universidade do Rio, mas eles convidaram e eu vim. Pedi uma bolsa para CAPES e consegui a bolsa e vim. Na verdade, eu vim porque fui convidada para vir. Aí bom, quando eu cheguei, logo que eu cheguei, eu tive surpresas, primeiro porque o laboratório de Química estava em mudança e eu não podia trabalhar e eles achavam que fosse ser uma coisa rápida, até porque não foi rápida, levou quase que a tese inteira. No sul da França, quando eu cheguei, o professor me conhecia, sabia como que eu trabalhava, mesmo porque eu tenho quase 10 anos de laboratório, ele começou a me mostrar o que era uma pipeta e coisa e tal e a me tratar realmente como se eu fosse uma aluna muito básica. Assustei-me um pouco, mas eu acabei aceitando, e acho que esse foi meu primeiro erro. Eu aceitei que me ensinassem o bê-á-bá porque eu não queria bater de frente de início. Eu achei que aos poucos eu fosse mostrar o que eu sabia, depois eu comecei a entender um pouco porque os alunos franceses não têm a bagagem de um aluno técnico brasileiro. São muito novos, na minha área pelo menos, eles têm 23 anos, então eles são realmente novinhos e é... Mas consegui, consegui aos poucos, consegui. O primeiro ano ainda foi tranquilo, o segundo eu tive um outro probleminha que foi a, o governo francês cortou quase todas as verbas da pesquisa na França, então os professores queriam cobrar e eu conversei com a CAPES e a CAPES falou: “Não! Nessa altura, a gente negocia”. Então eu consegui terminar a tese sem que eles nunca enviassem essa fatura. (Então, como é: quem não enviou a fatura? - Os professores, porque eu disse que não tinha condições de pagar e era assim 30.000 euros e aí a CAPES, eu falei para CAPES, daí é assim, a CAPES realmente é um apoio e bom...). Eu achei algumas dificuldades, eu tive que trazer as bactérias para França, que estavam dentro do projeto. Mas ninguém te ajuda a trazer as bactérias para França. Eu enfiei tudo dentro da mala e com medo de ser pega como terrorista, esses detalhes... Bom, mas eu aprendi muita coisa. Na França, eu esperava e eles têm muito do que eu esperava: laboratório equipadíssimo, principalmente, laboratório de microbiologia, todos os tubos, todos os

reagentes, se se pede um negócio, chega em dois dias. A condição econômica é perfeita. Eu só senti muito porque eu acho que eles não trabalham muito em equipe, então eu não tive chance de acesso junto a outros professores da mesma equipe, por conta do meu professor que não ficava para troca científica e dos alunos terem uma competitividade muito grande entre eles. É verdade que as bolsas elas vão se reduzindo (em quantidade) do mestrado para o Doutorado. Só os melhores vão conseguir bolsa, então a concorrência entre eles é muito grande. Aqui eles não emprestam nem o caderno.

Como eles vêem os brasileiros? Primeiro, em alguns lugares eu tive o problema das pessoas me encararem meio mal porque havia o preconceito de que eu tivesse roubando bolsa (estudos) de algum Frances. Assim que eu deixava claro que minha bolsa não era francesa, era brasileira, os franceses já melhoravam mas, é verdade que mesmo você mostrando que você é capaz, que você é produtiva, eles vão estar sempre te olhando como se você subdesenvolvido, uma pessoa, a que veio de um país de terceiro mundo, assim, qualquer coisa que eu faça surpreende: “Nossa! L. consegue fazer isso!!! Imagina ela veio lá do tupiniquim?!” Mas tem muita gente que nos trata muito bem, tem muita gente, tem muitas pessoas, às vezes, eu me sinto uma ave rara, uma ave exótica do jeito que as pessoas olham, até mesmo, ainda que seja com admiração, é sempre uma coisa exótica, uma brasileira, diferente e eu sentia diferença de tratamento em relação aos estudantes daqui, para pior, de não ter direito a muitas coisas que eles têm direito, de ter que brigar por tudo, para ter uma mesa no laboratório tinha que brigar, para ter um acesso no computador, você tem que brigar coisas que são naturais para o francês, não são naturais com, no meu caso. (Tinha outro estrangeiro ou era só você?) No meu laboratório de microbiologia (que é no sul), não, eu era a única estrangeira. Mas bem ou mal, lá eles são muito bem tratados assim em questão de logística, então foi muito mais fácil. No laboratório de Paris, tem muitos alunos árabes, têm pessoas da Argélia, Marrocos, mas normalmente, e esses alunos que estão aqui, estão aqui há muito tempo. Os argelinos estão no laboratório desde que fizeram Universidade na França, então eles são bem franceses, não tem dificuldade nenhuma com francês, eles falam francês. É um pouco mais chato (para nós) porque a língua é um problema. Francês é muito difícil e mesmo que eu tenha facilidade em língua, tenha estudado, tenha aprendido. Eu sempre vou ter dificuldade e sempre isso dá a dica que eu não passo por um francês de jeito nenhum. Acho que eles põem a gente para baixo e as pessoas às vezes agem como se a gente não tivesse entendendo. A gente entende tudo, a gente entende. Quando eu comecei a entender tudo eu via os segredos que as pessoas falavam achando que eu não estava entendendo. É meio duro. Francês realmente é uma língua difícil

Que balanço você faz disso? Olha, foi positivo porque eu acho que eu aprendi muito, aprendi muito mesmo e não só na minha área, não só na área acadêmica até porque eu senti muito falta de cursos aqui. Os cursos não são voltados para minha área, então eu tive que fazer outros cursos para poder cumprir créditos. Eu acho, de repente, se eu tivesse numa USP ou numa Unicamp da vida, eu teria acesso a cursos até mesmo mais interessantes ligados de fato a minha área, mas eu tive um aprendizado fora de aula, aprendi várias técnicas, que realmente no Brasil a gente não tem grana, então falta reagente. As técnicas que eu fiz aqui são extremamente caras, realmente no Brasil não tem. Tem sim na área de Biomédicas porque eu uso as técnicas, que são muito usadas, e aí na Medicina, nós estamos no mesmo nível, eu acho?! Assim, falo meio de leiga porque eu não conheço exatamente, mas pelo que conheço da produção brasileira, é... A gente e quase que de igual para igual, no Projeto Genoma, tudo, mas na área ambiental, o Brasil ainda não tem esse investimento,

então realmente eu acho que eu não teria chance de fazer no Brasil, seria muito difícil fazer no Brasil o que eu fiz aqui. Então, eu acho que valeu a pena, foi bem legal. É... Também conheci novas pessoas, conheci um país novo, outra cultura, você valoriza mais o Brasil, embora eu sempre valorizasse muito o Brasil, mas você valoriza muito mais o Brasil quando você está aqui fora, aprender outra língua, tudo isso foi bastante interessante, bem ou mal fazer contato para o futuro, ter, de repente continuar a ter um intercâmbio entre aqui e o Brasil, acho que foi assim legal, não, enfim, na convivência com a família, eu senti muita falta da minha família, mas eles estão lá, assim, a segurança, mesmo eu estando aqui, eles sempre tiveram me apoiando e no meu namorado na época que o namoro sobreviveu mesmo três anos longe e agora a gente vai casar, acho que vai ser legal.

Maior dificuldade sentida? Solidão. Assim, aqui na *Maison* é melhor, aqui na *Maison du Brésil* realmente facilita muito a nossa vida. É que eu fiquei muito tempo no sul da França num alojamento onde eu tinha muito mais contato com os franceses. Eu fiquei lá a maior parte da tese, é que eu ficava indo e vindo, porque toda vez que eu podia eu tentava vir fazer uma análise. Eu que dos três anos, eu fiquei dois anos e meio lá, fiquei muito tempo no sul. Lá eu ficava num alojamento, ele tinha um quarto com banheiro no corredor, porque eu tive que manter meu quarto em Paris, que lá eu não tinha um endereço, então, eu não tinha endereço nem para *carte de séjour*, e como eu tinha ainda que vir à Paris, assim, lá é um alojamento, aqui, eu não teria como vir à Paris e ficar num alojamento da universidade, eu teria que ter um lugar em Paris, então, eu mantive meu apartamento, o quarto, em Paris. Eu vinha aqui para ficar um tempo, manter contato aqui, toda a parte de papelada, *séjour* e universidade era aqui e toda vez que dava uma brecha para eu fazer alguma coisa aqui eu vinha. Aqui vale para botar as fotos, para eu ter as minhas coisas, é o meu canto. No sul, não. No sul, eu dividia quarto, era um quarto muito pequeno e que, na verdade, tinha cada um uma cama, não tinha quarto, tem uma cama e lá eu trabalhei mais, trabalhei bastante. O laboratório ficava aberto das sete às onze. Aqui não, o laboratório fica aberto das nove às cinco, assim. Lá eu trabalhava das sete às onze (ri) e nos sábados e domingos. Então a produção de lá acaba sendo muito mais alta que a daqui, e até porque eu sou bióloga, então, e a química ficou faltando por causa dessa mudança de laboratório que eu quase não tive oportunidade de trabalhar e por isso que minha tese atrasou e eu não vou defender no prazo que eu queria porque terminei as análises na semana passada, mesmo porque terminando as análises em junho, não dá para defender em setembro. A minha bolsa ia até agosto e eu pedi para CAPES não depositar mais em agosto para eu voltar em julho e escrever lá e daí defender depois.

Perspectivas para o retorno ao Brasil: Bom, no Brasil, eu tenho então um posto na Universidade, de professora, mas a universidade não está muito bem, está indo mal das pernas e não sei até que ponto nessa universidade eu teria acesso a fazer pesquisa de alto nível assim. Nas universidades federais, estaduais, eu não vejo muito espaço para mim porque é muita gente tentando e quando eu saí do fundão eu meio que sai assim. Então, eu sei que é muito difícil, não são lá exatamente muito "honestos", na verdade, entra muito quem a gente sabe que vai entrar. Eu não vejo muita perspectiva na universidade federal, a não ser que eu saísse do Rio. Então, talvez, numa universidade do interior eu poderia viver bem assim. Eu penso em fazer concurso para Petrobrás, gostaria de trabalhar na Petrobrás com pesquisa e estou com uma proposta de pós-doc no Brasil com a professora, que foi minha professora no Mestrado. Ela está trabalhando num Instituto de pesquisa e que então tem uma bolsa de pós-doc da Petrobrás mesmo. Então, terminando agora a tese, mas não terminando em setembro, eu perco essa oportunidade. Então, eu já me inscrevi para o

concurso do IBAMA e estou atirando para tudo que é lado, tentando, mas eu sinto muita pena, eu acho que a gente vem para cá só e realmente não é fácil não voltar, talvez alguém que faça sanduíche, que já tenha o vínculo universitário lá, às vezes, é um pouco mais fácil, se afastar durante três anos do mercado e voltar... E assim, pelo que eu vejo ter um diploma francês não enche os olhos na minha área, entende, estando aqui ou na USP ou na... , não faz uma diferença tão grande em termos de currículo, até porque tem muita gente que faz sanduíche, então, na verdade, eles também vêm para cá e então.

Se voltasse no tempo, você voltaria para cá? Se eu voltasse no tempo, eu faria diferente. Eu teria tentado contato com uma USP, Unicamp ou mesmo a UFRJ, tentado, apesar de que não tem na minha área nem Mestrado nem Doutorado, mas eu tentaria numa outra universidade sim e eu faria sanduíche. Acho que com o doutorado pleno você tem que lidar com muitas coisas, toda a parte da administração da universidade: inscrição em disciplinas, rematrícula, que é tão complicado aqui quanto no Brasil. Só que tudo é mais aqui, é como até eu acho assim, fazendo até uma comparação no mergulho, qualquer coisa que incomode um aluno meu, qualquer coisa que incomode em terra, quando a gente está de baixo d'água pela primeira vez incomoda em dobro. Eu sinto assim a pedra no sapato, ela é do mesmo tamanho, é tão difícil você fazer matrícula aqui quanto fazer no fundão, talvez, a pedra é do mesmo tamanho, mas machuca mais, parece que é maior, é... Porque tudo aqui é mais forte e eu tenho me sentido assim. A convivência com o pessoal aqui da *Maison*, por exemplo, que é uma grande coisa, é muito bom, muito importante, mas ao mesmo tempo, está todo mundo em conflito, então, às vezes, num dia que eu estou bem, que eu vou ali para cozinha, tem alguém que não está bem, e eu tento levantar essa pessoa, depois eu volto e já não estou mais tão bem também (ri). Então é eu acho que isso é difícil. Tudo aqui é mais duro, mas ao mesmo tempo, assim, eu não me arrependo do J. (namorado) não ter vindo como acompanhante porque eu tenho visto muitos acompanhantes e casais em crise porque o acompanhante veio e não tem o que fazer e quando é sanduíche, por exemplo, que a bolsa nem aumenta quando a pessoa vem, então, é complicado, falta grana e então, enfim, eu tenho visto muitos amigos meus com problema de casal porque um dos dois veio acompanhar e largou tudo, não é fácil, e ao mesmo tempo, quem vem e deixa o outro lá para trás também não é fácil, mas pelo menos assim, minha relação não acabou e eu não sei como teria sido se ele tivesse vindo, uma pessoa que sempre trabalhou, sempre foi ativa, de repente, parar e não fazer nada é diferente. Eu acho assim, quem já está mais ligada ao estudo, de repente, pode chegar aqui, arrumar um estágio e arrumar um... ter uma idéia brilhante para um projeto de Mestrado ou alguma coisa assim e eu acho que a pessoa sai desse... Passa a lidar melhor com a situação, agora, quem estava no mercado de trabalho e de repente se vê fora disso, então, ou a pessoa se dispõe a estudar e tem a oportunidade, porque não é todo mundo que tem, porque tem gente que procura e não consegue ou eu acho que deve ser bem complicado ficar de acompanhante, não deve ser fácil não, dependente em relação ao dinheiro, não deve ser fácil. Então, hoje, eu acho que eu faria isso, eu viria um ano, eu aí de repente, conseguiria um pós-doc e viria ficar um ano só e manteria as relações aqui e lá para poder ter um vínculo, eu acho que dificilmente eu hoje viria para... Na verdade, quando eu me candidatei para bolsa eu não fazia idéia do que isso implicava, até porque o projeto inicial eu perdi muito tempo no Brasil e ele foi aprovado, então, a CAPES aprovou um projeto que na verdade ela não aprovou, porque eu não posso nem ir para o Brasil. Tipo, no primeiro ano, tinha uma coleta prevista, a CAPES não deixou porque era primeiro ano e primeiro ano não pode ter coleta e você fica aqui assim, sem ter muito o que fazer porque e assim, eu não tinha nem disciplinas para cursar por aqui. É

muito difícil conseguir uma disciplina na minha área, não foi fácil. Eu escrevi a tese, escrevi a introdução, a metodologia, li muito, eu estudei muito, mas eu não produzi o que eu deveria ter produzido. De repente, eu teria terminado antes, eu teria conseguido terminar no prazo se eu tivesse a permissão de ter feito a coleta, então, acho que atrapalhou um pouco e eu não fazia idéia de que eu ia ficar tanto tempo. Quando eu me toquei, já na reunião da CAPES, que eles falaram algumas coisas, eu falei hãããããã, acho que não vai rolar. Só que daí foi uma pressão incrível do meu pai, que saiu do nada porque meu pai veio de escola pública, de família que construiu a casa com as próprias mãos e ele sempre foi o melhor aluno da turma e ele foi para Chicago com a bolsa do governo americano. Ele batalhou a vida inteira e deu realmente tudo que podia dar para gente em estudo. A gente nunca teve outros luxos, mas o estudo, nunca faltou nada para gente estudar. Para ele assim ver um filho lutando no exterior, fazendo, é uma coisa que mexe. Então, teve o meu pai, teve os amigos: "Poxa, você tem que ir". Meu namorado me apoiou o tempo todo, desde o início, ele falava: "Não, se é importante para você, para sua carreira, vai e eu te espero" e eu não acreditei (ri) e ele me esperou, isso é legal. Ele guardou dinheiro dele. Não sei, eu acho que falta aqui na França, talvez, um apoio maior, eu não sei qual e se seria viável a CAPES manter um serviço no exterior ou por telefone, não sei qual seria a realidade disso, mas eu acho que assim, facilitaria muito as coisas. Têm pessoas que acabam desistindo, têm pessoas completamente deprimidas tendo que voltar e, de repente, ter que voltar, abandonar o projeto no meio por falta de apoio psicológico. Eu acho que isso faz falta e é uma coisa que eles... Se eu tivesse tido e eu já tive crises terríveis, de tentar procurar ajuda na universidade, na cidade universitária na parte de apoio social, eu acho que eles são psicólogos. Realmente, nunca me indicaram um médico e não adiantou, mesmo porque eu acho que elas não conseguiram entender o que eu estava passando e não tinham tempo para isso, tem que falar em 15 minutos e elas tão ali rapidinho e não resolvem, para mim não resolveu em nada. Eu acho que fez falta mesmo, eu só não voltei para o Brasil, só não abandonei, sobretudo, pelo meu compromisso com a CAPES. Realmente, eu não voltei por causa do meu compromisso que eu tinha, que eu considere realmente, eu sei que, de repente, têm pessoas que desistem. Eu sei como é que é, mas eu jamais largaria, teria que pagar tudo, teria que começar do zero. Eu cheguei a fazer os cálculos no primeiro ano, quanto sairia que eu tivesse que devolver tudo para CAPES e eu fiz as contas e ia dar uma fortuna assim. Eu ia voltar para o Brasil e ter que começar uma nova carreira porque pelo visto esquece, depois dessa, devolver o dinheiro da CAPES, queimar o filme (risos). Mas eu cheguei a cogitar sim, de devolver a grana, mas com um empréstimo no banco porque eu não tinha grana. Eu ia começar a minha vida devendo e do zero, tendo que fazer uma nova faculdade, tudo pelo desespero de ficar aqui. Então, por isso que eu acho, às vezes, não é tão pesado nem para CAPES, nem para o estudante fazer uma bolsa sanduíche porque se não der certo o estágio aqui, não é uma tese não realizada, é um pedaço da tese, que bem ou mal esse estudante vai aproveitar. Quando a gente vem sempre se aproveita alguma coisa, nunca é inútil vir para cá, é sempre útil, é sempre importante, nem que seja para você ver um sistema de transporte que funcione, sabe, uma sociedade que não aceita nada que seja assim imposto, uma sociedade que está sempre se mobilizando, nem que seja para voltar para o Brasil e dizer: "Gente, dá para ser diferente, vamos mudar, vamos crescer", nem que seja para gente daqui enxergar o Brasil de uma outra forma, quais são os nossos reais problemas e ver também as reais qualidades. Acho que, quando você está longe, você enxerga com maior clareza um monte de coisa, você consegue valorizar, você consegue, quer dizer, eu que vim do Rio, chega aqui e vê que jamais eu seria assaltada com uma arma

de fogo. Aqui, se alguém for assaltado com uma arma de fogo é um absurdo tão grande, é um negócio tão absurdo, é um... E pensar que no Rio, é uma coisa banal, então, não é banal, é absurdo. Eu volto para o Rio, achando é um absurdo, não é banal, não. Que a arma seja de brinquedo ou não seja, é um absurdo, não é banal, não. Eu acho que de qualquer forma, nem que seja pela língua, pela cultura, dá até para ver, às vezes, que a pesquisa que você achava que era desenvolvida aqui, que era muito melhor que no Brasil, não é, se pode vir fazer uma coisa e ver que a gente não está tão atrás. A gente está tão bem quanto, nem que seja para você valorizar a sua pesquisa, vale a pena. Eu acho que o sanduíche me parece melhor, não deu certo, não acabou o mundo, não acabou sua tese, volta e continua, dá prosseguimento da sua tese no Brasil e a tese plena tem que agüentar. O que eu sinto aqui e eu espero recuperar no Rio é a minha estima porque eu sempre fui a melhor aluna, eu sempre fui uma aluna dedicada, eu sempre fui a melhor aluna, e o meu, todo meu esforço sempre foi muito bem reconhecido. Se eu tinha dúvidas quanto a minha aparência, eu nunca tive quanto a minha inteligência, por exemplo, eu sabia que eu era capaz e era reconhecida. Eu sempre tive as bolsas. Eu sempre cumpri a minha parte. Eu sempre tive, então, eu tive bolsa de iniciação, bolsa de aperfeiçoamento, depois, na verdade, eu não paguei o mestrado, porque eu passei em primeiro, é... sempre fui reconhecida, os professores me admiravam, mesmo quando os professores foram para o Brasil e me escolheram, eu me senti assim: "Poxa, está aí o meu valor, os caras gostaram, acham que eu sou capaz" e quando eu cheguei aqui, isso desmoronou porque eu me sentia a incapaz (ênfase). Isso assim realmente afetou muito a minha vida e, hoje, tenho força para chegar ao Brasil e voltar para pesquisa, voltar para minha carreira porque na verdade eu não me sinto muito mais capaz. Eu fui muito depreciada aqui, então, isso em parte do meu orientador, isso que ele era assim. Ele é uma pessoa assim que para estimular, incentivar a equipe, ele bota todo mundo para baixo e ele acha, depois, que todo mundo vai virar e dizer assim: "Não, eu não sou ruim, eu sou bom, vou me mostrar e vou... vou me mostrar que sou melhor, que eu não sou isso que ele acha". E ele tem isso. E pela língua, acho que, sobretudo pela língua, você precisa se expressar e não consegue. Você, por mais que você fale francês, nunca é o perfeito, então, você sempre fica, mesmo que você queira argumentar numa discussão científica, você está sempre com menos. Eu pelo menos, eu não cheguei, meu francês nunca chegou ao nível deles, sempre ficou abaixo, eu falo mais devagar, eles mesmo falam: "Não, basta ter paciência, porque você fala" só que eu falo devagar, eu penso mais devagar, não falo como eu falo o português, então, eu não sei, mas a minha estima foi lá embaixo. Estou me sentindo assim, dei uma melhorada agora no final, mas acho que é porque eu estou voltando para o Brasil, mas eu me senti muito inútil, muito inútil mesmo. E o peso de você ver, muitas vezes você via e, às vezes, achar que não está dando certo e você pensar que você está recebendo uma bolsa de um povo que é pobre e pensar que há pessoas que não tiveram nem acesso à universidade que estão pagando imposto, mantendo você aqui e, às vezes, você achando: "Cara, eu sou uma fraude", todo mundo acreditando em mim, eu acreditando em mim e de repente eu estou aqui e não é bem assim, parece que eu não sou assim, não sou tão esperta e o medo de não terminar, eu tive muito medo de não terminar a tese. Até que eu peguei uma tese para ler aqui e eu vi que eu tinha uma tese já quase pronta, para não dizer pronta porque eu acho isso também, a gente no Brasil valoriza um doutorado, um negócio assim, e aqui eles são muito novinhos, são só três anos, é o primeiro trabalho científico quase deles. Realmente é o primeiro trabalhinho, é quando realmente eles vão escrever um artigo. É, então, eu tenho a tese... Eu trabalhei sozinha, de qualquer forma, eu me senti muito infantilizada aqui, eu me infantilizei, porque eu fui muito tratada

como se eu fosse... eu tenho uma aparência, então, eu fui tratada como se fosse mais nova, por causa da idade natural dos alunos daqui. Eu fui tomada por uma menina de 23 anos, quando eu tenho 31, então, é legal de um lado, mas do outro lado. O que eu achei estranho foi no momento em que eles me convidaram, parecia que eles estavam valorizando muito a minha experiência em laboratório, até porque o espanto deles em ver como eu trabalhava num laboratório se eu estava apenas num DEA deles, uma aluna em DEA tendo toda uma postura dentro do laboratório que talvez os alunos deles não tivessem, e uma coisa que eu acho assim, aqui, se agora no final eu fui meio largada, que eu estou fazendo tudo sozinha e tocando a tese, no início, foi um pouco o contrário, eu não tive direito de decisão, nenhuma. Eu fui totalmente tolhida, foi quando eu comecei a ler, tentar debater no laboratório as técnicas que eu iria usar se estivesse certo ou errado. Meu orientador falou na reunião de equipe, na frente de todo mundo, ele virou para mim e falou assim: "Você não decide nada e você não debate nada", e eu não posso debater meus resultados com nenhum pesquisador na França porque ele proíbe então, isso foi no início e eu me senti assim... No Brasil, eu acho que um aluno de doutorado tem mais responsabilidade na tese, ele não está ali só para fazer o que o outro manda, ele é um co-responsável ali pelo trabalho. Mas eu sinto falta de cumplicidade dos meus orientadores de lá porque no final, eles simplesmente abriram mão e eu estou escrevendo todas as minhas... Eu tenho um pouco de receio porque eu já vi isso acontecer também no Brasil, de na hora da defesa a banca falar: "Ah, mas por que você fez isso? Ah, eu não estou de acordo" e o orientador fala: "Ah, eu também não estou de acordo não". Eu já vi isso. Eu acho assim horrível, eu acho assim, o orientador tem que estar assim como cúmplice, ali na hora, juntos. Os meus resultados já foram para ele, porque até agora eu só tenho a parte de microbiologia, a de química eu estou analisando os resultados porque eu terminei a semana passada. A parte de microbiologia, três meses atrás eu entreguei ao meu orientador com toda estatística, os dados com distribuição não-normal, que eu normalizei, os testes de estatística que eu decidi, escolhi porque têm várias maneiras de você olhar seus dados, eu olhei de uma maneira, ele não leu. Depois de três meses, ele não teve tempo de ler e aí ontem, eu tive uma reunião com ele, finalmente. Ele está morando nos Estados Unidos durante um ano. E a gente se encontrou e aí ele leu na hora, mostrei para ele se ele estava de acordo, ele não argumentou nada sobre o conteúdo e pediu para eu mudar a forma da tese, por exemplo, o que estava num capítulo passar para outro, tipo: quem não tem argumento sobre o conteúdo, conversa sobre a forma, sabe. Bom, pelo menos acho que ele está de acordo, está certo, espero. Talvez por isso minha auto-estima tenha melhorado porque eu fui forçada a fazer a tese sozinha, depois que eu li a tese dos franceses, que eu vi que não era assim um grande debate. É engraçado que é uma cultura porque se a gente olhasse assim, não parece tão diferente? Se a gente olha rápido para China, nossa... Ou um país, tipo um Irã da vida assim... caramba, mas França e Brasil parecem tudo igual e não é. A gente vê os detalhes e as diferenças culturais. Eu sinto uma coisa assim, que eu acho que é o calor humano, por exemplo, você está na padaria e bate um papo; aqui, pega um ônibus, vê as mesmas pessoas todo dia e ninguém se fala. No Brasil, quando se começa a pegar o ônibus todo dia, você não sabe nem o nome da pessoa, mas você senta e fala: "Oi, tudo bem?", dá um sorriso e se o ônibus demora um pouquinho, você já puxa um papo, então, o brasileiro é muito solícito. Eu fico um pouco triste de ver que eu fiquei um pouco fria aqui, eu vi isso, eu me fechei muito aqui. Quando eu cheguei, no início, eu jamais ficaria sentada se eu visse uma pessoa idosa num ônibus, eu procurava com os olhos. Eu ando no Brasil de ônibus e metrô, se eu ver que vem uma grávida entrando e ninguém se levantou, eu me levanto e deixo a grávida sentar ou sei lá. Aqui não,

aqui eu sento e fico lá no meu cantinho e se tiver do meu lado uma pessoa idosa, eu levanto, se ela tiver lá no fim do ônibus, paciência. Se ela vier para mim, eu ajudo, mas se tiver longe, eu já não. Eu acho que eu já fui mais solícita. Fui uma pessoa mais assim de querer ajudar mesmo, acho que vai melhorar, acho que eu voltando para o meu ambiente, acho que volta. E outra coisa, já conversei com uns amigos que tiveram a mesma coisa, que foi um esvaziamento emocional muito grande. Na verdade, é assim, tem momentos que as emoções são tão fortes, é saudade, é medo, é tristeza, é solidão, é preocupação com a tese, é nervosismo por causa de uma prova, de uma resposta, de uma certa, de um trabalho, da CAPES, do orientador, é tão forte, as emoções são tão conflitantes que você sofre de um esvaziamento. Para você se defender de tudo isso, você se esvazia e eu tive muito isso, de me esvaziar. Eu senti que de repente nada que me deixaria muito feliz, eu não ficava tão feliz e uma coisa que me deixaria triste, eu não ficava tão triste, eu não ficava nem triste nem alegre, eu não chorava mais. Tinha fase que eu chorava muito todo dia, tinha fase que eu não chorava, não sabia mais o que era chorar, mas também não ficava feliz, tinha um vazio. Estava anestesiada, essa é a palavra. A maior parte do tempo que eu estou aqui, eu me sinto anestesiada e não me sinto como se eu fosse eu mesma ou se essa vida fosse a minha. É como mais ou menos isso daqui fosse um sonho, que eu fosse acordar e eu fosse voltar para minha vida. Parece assim isso aqui é um apêndice, a minha vida está lá me esperando, isso aqui não é a minha vida, aqui é um pedaço, é alguma coisa que eu tenho que fazer. Muitas vezes, eu senti como se fosse uma prisão, eu estou cumprindo pena, então, vai passar e em momentos, eu tinha até uma sensação assim vai passar com o tempo e em outros momentos eu penso, vai passar se eu terminar a tese, então, tem momentos que eu fico louca, trabalho dia e noite, dia e noite porque eu acho que se eu terminar antes, vou antes, vou acabar antes e em momentos, quando eu sinto que eu trabalho, trabalho, trabalho, aí os orientadores não corrigem, aí eu tenho que fazer uma análise e não consigo. Eu vejo que de qualquer forma atrasa porque não está tudo em minhas mãos, aí eu penso não, tem que ver o tempo passar, aí eu corto esses dias do calendário (mostra dia-a-dia os traços feitos no calendário). Na minha agenda, têm números marcados de quanto falta isso, desde o primeiro dia. Eu estou em contagem regressiva desde o primeiro dia, o tempo tem que passar. No início, eu cheguei a escrever. Na primeira semana, eu escrevi um diário, no primeiro mês, eu escrevi um diário realmente, todos os dias eu escrevia. Foi mais que um mês, acho que escrevi quase um ano, escrevia todos os dias e no final da semana eu enviava para o meu noivo. Ele tem tudo e depois a gente fez muito por *e-mail*, então teve aquela fase do *e-mail*, a gente escrevia, escrevia, escrevia, eu guardei tudo, ele guardou tudo. Tem muita coisa por *e-mail* e agora, é o telefone, chega uma hora que você não quer mais nada, você quer ouvir a voz e a gente se fala duas vezes por dia - *Telerabais*, graças a Deus. A gente se fala de manhã, eu acordo ele, isso desde o início, desde o primeiro dia na França, foi um acordo que nós tivemos, é que a gente ia falar todo dia, porque sai mais barato para eu ligar do que ele ligar. Então, eu ligo de manhã e acordo ele, quer dizer, quando lá é 6 horas da manhã e ele tem que acordar, eu ligo e acordo. À noite, quando ele chega em casa, ele me liga ou eu ligo. Então, a gente se fala duas vezes por dia. No início, era uma vez por dia, agora, são duas vezes por dia. Alivia, e é ele, mesmo ele estando lá, ele é a pessoa que escuta tudo que tem, e nem sempre é fácil, porque quando eu ligo para ele às 6 da manhã, aqui já são 11 da manhã, então às 11 da manhã, já aconteceu muita coisa e, às vezes, já aconteceu muita coisa ruim, já deu tempo das análises darem todas erradas, por minha reunião que tinha sido desmarcada, por uma resposta que eu estava esperando não ter chegado ou ter chegado uma resposta ruim, então, 11 horas da manhã, já deu tempo de

acontecer, de acabar com o meu dia e aí quando eu ligo, eu tento me segurar porque para ele, ele está acordando, daí ele: "Tudo bem?", eu: "Tudo bem", ele percebe que não está tudo bem, e daí "Não, não está tudo bem", então, daí às vezes, eu abro a boca e coitado... Despejei tudo no homem e ele está acordando às 6 horas da manhã, "Não, está tudo errado, a análise não deu certo e eu não posso fazer a análise porque o equipamento quebrou ou por que...". E ele me tranquiliza "pra caramba", não, ele é nota 1000, nota 1000, embora ele esteja cansado, porque na verdade, de 2003 para 2004, no *reveillon*, ele resolveu me pedir em casamento. Na verdade, a pressão muito grande que a gente sofreu foi assim dos outros dizendo: "Não vai dar certo", de gente aqui falando: "Ah, arruma outro cara, você vai ficar aqui sozinha? Ele está lá com outra" e vice-versa, então, meio que para oficializar ele meio que quis essa história de noivar, de trocar as alianças, só que aí. E também foi uma razão, a tese teria que ter terminado em agosto desse ano, então, ele queria marcar até para setembro, eu falei não, em outubro. A gente marcou o casamento em 2004, em primeiro de 2004, para primeiro de outubro de 2005, é claro que assim, vai ser uma loucura porque eu estou pensando só na tese e quando eu chegar tem um casamento lá, vestido de noiva e tudo. Atrapalhou um pouco porque quando eu voltar agora em julho, eu não vou poder ficar só para tese, eu vou ter que ver vestido, ver convite, vou ter que ver... Mas ao mesmo tempo tudo que ele me deu de apoio durante a tese, eu acho que eu nem teria chegado aqui se não fosse ele, então, é... Eu não faço muita questão de casamento, de igreja. Eu queria estar com ele, ele é que quer casar no papel, na igreja, com festa, ele que quer recepção, de noiva. Eu não fazia tanta questão não, mas eu acho assim, em parte, que esse casamento foi para mostrar que não está tão longe. Nesse dia aqui, acabou tudo, a gente vai estar juntos e vai estar junto para sempre. Ter ficado três anos longe, depois que a gente estiver juntos 25 anos, três anos não vai ser nada, passou rapidinho, então, foi um pouco uma estratégia, para mim e para ele porque eu acho que não é fácil para quem fica também, eu acho que não deve ser fácil. Eu acho que agora está bem mais fácil de falar porque agora está no final (ri). Está quase lá, eu estou chegando, agora, já começa até a dar um friozinho na barriga: "Caramba, tenho que terminar tudo, tenho que terminar tudo" (rindo), correria, últimos minutos". E quando a gente ficou noivo, dois anos e meio antes do casamento, e aí quando falava isso, "Está longe, pelo amor de Deus, vou me preocupar com casamento?" e de repente bata os olhos aqui e: "Caramba, está chegando, vai dar um trabalhão", e eu deixei tudo na mão da minha mãe, coitada, porque ela está organizando. Meus pais estão bem e também estão querendo que eu volte. Meu pai trabalha viajando muito, então, ele tem muitas milhas, ele pegou, aliás, ele só trabalha e isso é um problema. Meu pai, em grandes momentos de crise meus, durante a tese, meu pai não entendeu muito porque ele viveu a vida inteira dele para o trabalho. Então, ele não entende, ele é um *workaholic*, trabalha, por exemplo, se você chegar na casa dos meus pais dia 31 de dezembro às 11 horas da noite, meu pai está no computador. No natal, meu pai estava no computador, seja a hora que for, o dia que for, ele acorda, ele dorme assim, durante o dia deve dar umas cochiladas, porque de noite mesmo ele vai deitar meia noite e às vezes 3 horas. Você vai ver e ele está trabalhando 5 horas da manhã, 7 horas da manhã, ele já está acordado e sempre foi assim, a vida inteira ele viveu para profissão dele e embora ele seja economista, ele acha liiiiindo a biologia. Ele foi a pessoa que mais me... Engraçado, desde criança eu queria ser bióloga. Eu tinha uma professora de ciências e eu era mascote dela, eu ajudava a preparar aula, eu queria estar perto dela o tempo inteiro e quando eu terminei a quarta série, eu continuava falando que eu queria ser bióloga. Antes eu falava que queria ser cientista, aí eu comecei a falar, não, bióloga, comecei a botar mais o pé no chão e falar: "Não, é isso mesmo que eu

quero" e ela me chamou um dia e disse: "Não faça isso porque é uma profissão muito pouco valorizada" e para mim foi um super baque, alguém que eu admirava falar assim e para mim, ela simplesmente desmerecer o que ela estava fazendo, ela gostaria de estar fazendo pesquisa, ela gostaria de estar fazendo outra coisa. Ela se formou no Fundão e de repente, aquela pessoa fala para mim: "Não faz" e mesmo assim eu fiquei revoltada com ela, eu briguei com ela. Quando chegou no terceiro ano, eu falei assim: "Opa, não vou fazer isso não, eu tenho que comer, eu tenho que ter dinheiro para viver, dinheiro para pagar aluguel e isso não vai rolar. Biologia não é melhor". E eu sentia que todos os professores falavam: "Não, você pode fazer, você pode cursar o que você quiser, você vai dar certo no que for e..." e até hoje eu sinto isso, não precisava ter sido biologia, eu poderia ter feito outra coisa e Deus é realmente muito ingrato, extremamente ingrato. É muito difícil arrumar emprego, até hoje eu não sei se vai ser mesmo biologia, eu gosto, mas eu não pretendo ficar desempregada, pensando: "Não, porque eu só vou trabalhar com biologia", ou então um emprego que eu não goste e ganhe muito mal e pensar: "Não, é biologia". Eu gosto muito de gestão ambiental, que é uma área dominada pelos engenheiros, que eu acho que a gente tem que conquistar, então, é uma área que eu tenho interesse. Eu estava fazendo um curso de gestão ambiental antes de vir. Eu larguei para vir, então, mas assim... Meu pai não entendia quando eu estava em crise aqui. Ele ficou quatro anos em Chicago com a minha mãe e meu irmão. Hoje eu vejo e hoje eu entendo que deve ter sido complicado porque falta grana, mas a minha mãe trabalhou como *baby-sitter*. Minha mãe ganhava como *baby-sitter* mais do que ele com a bolsa, então, não é nada fácil, mas em compensação, ele estava bem ou mal, ele estava acompanhado e ele não entende isso, minha necessidade de fazer outras coisas além da profissão. A profissão para mim não é o..., acho que eu não sou uma menina que queria publicar no *Medical of Science* e ganhar o prêmio Nobel, aliás, um dos meus maiores ídolos na adolescência foi a Marie Curie, que foi uma mulher que ganhou o prêmio Nobel. Até porque eu acho que muitas cortinas se abriram, hoje, eu vejo que não basta você ser muito bom e ganhar o prêmio Nobel, essas coisas são um pouco, não é só por mérito, talvez na época dela fosse, mas hoje tem muita política. Uma das coisas que eu não me apaixonei nas universidades federais é a política, eu não sou nada política, sou muito apolítica. Ciência e educação ser pela ciência e educação. A Universidade deveria priorizar a educação, priorizar o aluno e a educação e não ficar pensando em cargos e pessoas que eu vejo entrando na Universidade para poder ter um posto, para poder, de repente, almejar uma outra coisa num Ministério da Educação ou ser reitor de uma universidade grande hoje, você vai poder ser ministro. Eu tenho pavor, tenho horror a isso, então, me sinto muito afastada no meio acadêmico. E outra coisa que eu senti aqui e senti muito no Brasil já também, hoje menos, acho que porque eu dei muita sorte acho que no Brasil, foi um meio acadêmico muito invejoso, talvez porque no Brasil eu tenha caído nuns lugares bons lá e aqui, também não é todo lugar, você não vê nenhum pesquisador ajudando o outro. Você não vê ninguém trabalhando em conjunto, você vê assim um querendo passar a perna no outro e isso para mim não é pesquisa. Pesquisa, ciência para mim, eu tinha aquele negócio, ciência é todo mundo junto, conhecimento compartilhado, você vê idéias. Então, eu sempre achei que biólogo devia conversar com físico, que devia conversar com químico porque eu acho que cada um tem uma idéia e de repente a gente descobre novas coisas. Eu tenho, eu tinha talvez uma visão muito romanceada da ciência, um negócio muito vistoso e eu estou caindo com os pés no chão agora, não é isso e no mundo inteiro não é isso e não vai ser fácil para mim no Brasil

construir alguma coisa assim. Acho difícil, mas também não acho impossível. Então é isso, acho que eu falei tudo, não é?

ENTREVISTA - REGIANE

Modalidade: Doutorado-sanduiche

Local: *Hall da Maison du Brésil*

Data: 10/junho/2005

Por que Paris? Bom porque eu escolhi Paris, primeiro, por causa da língua, eu acho. Eu sempre tive uma dificuldade muito grande com inglês e nunca, eu nunca consegui falar efetivamente o inglês e essa é uma barreira que eu não sinto com o francês. Eu não falava francês, mas já no Mestrado eu não sabia muito bem quais eram os caminhos para se fazer, para sair para o exterior para estudar, mas eu sabia que existia uma possibilidade, no final da graduação e início do mestrado. Durante o mestrado, eu já fui me preocupando em fazer uma outra língua. Daí lá na Unicamp mesmo, a Unicamp oferecia quatro semestres de francês, eu fiz esses quatro semestres que a Unicamp oferecia. E aí a possibilidade foi se colocando cada vez mais forte de vir para cá. Aí eu procurei uma professora particular. Quando a coisa se concretizou mesmo, daí: "Eu vou, vou começar a arrumar a documentação e tal porque eu quero ir". Eu procurei uma professora particular de francês. No primeiro ano de doutorado, eu não tive bolsa, esse primeiro ano de doutorado foi difícil porque eu tive que ficar correndo atrás de bico e tal. Foi um ano meio complicado, fazendo disciplina e tudo, foi um ano meio complicado e eu não estudei francês esse ano. Eu retomei o francês em meados de 2004, pouco antes do final do primeiro semestre e aí eu retomei o curso de francês e aí estudando 8 horas por dia para poder prestar a prova e tal. Recomecei o estudo de francês na metade de junho e em outubro eu prestei a prova e passei de primeira, porque também eu tomei gosto pela língua, que era uma coisa que eu não tinha com o inglês e também eu não queria ir para nenhum país de língua inglesa. Na verdade a Sociologia tem uma tradição forte na França. Nos Estados Unidos, é uma Sociologia que tem lá suas qualidades, mas é muito empiricista para as coisas que eu gosto de estudar, embora meu objeto seja empírico e tal, eu tenho uma tendência à teoria e gostar das questões gerais e querer discutir a partir disso, essa coisa típica do Marxismo de apreensão da totalidade e tudo mais, quero dizer, tendo em vista à compreensão da totalidade. E aí, bom e aí que a França é o país de onde nasceu a Sociologia Brasileira. A Sociologia Brasileira deve muito à França e também tem um milhão de outras coisas a possibilidade de estar na Europa, a possibilidade de morar em Paris, que é uma cidade que tem um fetiche para os pesquisadores, que é linda realmente e tal. Bom são, de maneira geral, são esses os motivos. Eu acho que efetivamente para o meu objeto de pesquisa, não necessariamente eu teria que estar na França, aliás, eu não precisava sair do Brasil por causa dele, mas eu não tenho muito problema. Tem gente que fica dizendo isso meio escondido, eu não acho não, eu acho que as pessoas falam assim "Então está aqui fazendo o que com o dinheiro brasileiro, não é? Está passeando?" Que seja passear, a gente está num outro país, aprendendo uma outra língua, conversando com outras pessoas, fazendo outros contatos e tem coisas que você não teria oportunidade no Brasil e que são importantes para um pesquisador, para um futuro professor universitário, um futuro orientador (concorda que é uma abertura) e fora que você sempre encontra coisas novas, entendeu? Comigo aconteceu uma coisa muito legal que foi assim, eu dar aulas para um professor de Economia daqui e ele é um dos caras que mais escreve na França sobre Neoliberalismo, que é um dos assuntos da minha tese. Com ele eu tenho a oportunidade de discutir, de ler textos e colocar dúvidas, é uma relação que eu não tenho nem com o meu orientador, entendeu? De tão

próxima, de poder estar discutindo toda semana uma coisa. Daí ele fala em português, ele quer a linguagem própria da Economia como é em português (concorda que é uma troca). A gente não fala em francês, só em português. A troca para mim é aprender sobre Economia, sobre Neoliberalismo e tem sido realmente muito positivo. Por menos que eu aproveite a viagem para França, eu ainda tenho isso de muito bom, ainda teve isso. E...

A **decisão de vir para cá**, ela é sempre meio sofrida, ela causa uma expectativa muito grande e você fica correndo atrás de muitas coisas, são muitos documentos, decidindo o que você faz de sua vida afetiva e... Na hora que você chega aqui fatalmente, provavelmente você vai ter uma, uma gripe muito forte e foi assim que aconteceu comigo. Foi logo que eu cheguei, eu tive uma gripe, eu fiquei muito doente de gripe, como que eu nunca tinha ficado no Brasil, de ficar duas semanas de cama, com febre, muita febre direto e tal. Fiquei de repouso e tomando líquidos, emagreci 3 quilos de cara, já voltei a engordá-los novamente, mas é... Foi um período difícil, sem contar que eu saí de um calor de 36 graus e caí num frio de cinco. Então o corpo não tem como... E o pessoal ainda diz que nós demos sorte porque na semana anterior ainda nevava. Nós chegamos uma semana depois da época de frio, entendeu? E aí, a gente ainda deu essa sorte dos dias estarem mais claros, de ter um frio, mas não era nada insuportável. E têm as dificuldades, a bolsa brasileira, eu não vim solteira, embora ela seja boa, suficiente, digamos, para quem está casado é muito difícil e essa opção de você vir com a pessoa com quem você está ou não vir por conta de grana é uma coisa que desgasta muito. Desgasta se você deixa, desgasta que você traz a pessoa. Então, nesse período agora eu estou sofrendo um pouco esse desgaste, um pouco de dificuldade ainda para estabelecer uma rotina de estudo. No Brasil, eu estudava 8 horas por dia, aqui eu não consigo estudar tudo isso porque estudar, ler em francês quatro horas por dia é bastante cansativo e fora a burocracia toda, que o tempo inteiro você tem que estar correndo atrás de alguma coisa aqui. Então, acho que é isso.

Bom, eu vim bastante (tosse)... eu vim bastante... A Antropologia me ensinou alguma coisa de importante foi que você tem que enxergar a cultura do outro como uma outra cultura, que não tem os mesmos valores que os seus e que não é pior ou melhor por causa disso. Então, eu... Claro que o pessoal do Brasil eu gosto, mas também eu não tenho aquela coisa de nacionalista, que o Brasil é o melhor país do mundo, isto para mim é bobagem. Então, eu vim com o espírito muito aberto para os franceses, é... Se eles são normalmente muito fechados, eu já vou para conversar com eles com o máximo da gentileza que eu consigo, com um sorriso no rosto e eu não tive decepções aqui ainda, eu não fui maltratada pelos franceses. Então, até agora, foi tudo muito positivo, mesmo porque se ele dá uma primeira, se ele fala uma primeira frase que eu acho que não é polida, que eu acho que é meio grosseiro aí é que eu me esmero mesmo para ser gentil para ele perceber (concordou que faz o jogo contrário), é exatamente. Eu faço o jogo contrário e tem dado certo, entendeu? Eu fui tão bem tratada em alguns lugares que eu me espantei até porque todo mundo fala o contrário (risos). E a cidade é muito linda realmente, muito linda. Tem um fetiche que a gente com os países do Ocidente, da Europa, do Velho Mundo e esse fetiche tem uma razão de ser porque realmente é uma arquitetura diferente, que a gente não conhece. Todo lugar que a gente vai tem uma história, está certo que é um monte de história de morte também (risos). Em todos os lugares desta cidade morreu alguém (risos) (tosse), mas, mas realmente é uma cidade muito linda, muito linda. E eu acho que no aspecto cultural mesmo o fato de estar aqui na *Cité Universitaire*, um monte de coisa rola de graça, então é... É uma vida cultural que é difícil de ter no Brasil, eu acho. Assim, como eu acho também que as pessoas falam que o custo de vida daqui é muito alto, pois eu acho que em comparação com o

Brasil não é. Olha só, eu ganho no Brasil uma bolsa de doutorado de R\$ 1.260,00 reais, aqui a minha bolsa é de \$ 1.100,00 euros. \$1.100,00 euros aqui faz muito mais milagre que R\$ 1.260,00 lá, dá meio que fazer esta comparação de um para um no meu caso. Então para um padrão de vida que eu tinha lá no Brasil, eu acho que se eu tivesse solteira aqui eu teria um padrão de vida muito mais alto, entendeu? Seria muito mais alto, mais... É... Academicamente a coisa está meio complicada. Primeiro que eu ainda não consegui descobrir os caminhos para minha pesquisa. É..., eu acho muito engraçado você não poder ter o acesso aos livros da biblioteca, nas bibliotecas aqui, então normalmente você vai numa biblioteca no Brasil, você olha a estante está organizada por assunto, você vai pegar um livro e você acaba olhando outros e vai para procurar um acha vários e aqui isso não rola, então isso dificulta um pouco. Também tem um outro aspecto que é assim, eu cheguei ao meio do semestre letivo, uma parte dos seminários já tinha terminado, outra parte ainda estava no fim, então eu não consegui ainda é... meio que localizar as pessoas interessantes para minha pesquisa e isso eu não consegui fazer, os livros sim, mas as pessoas ainda não. Eu ainda não consegui achar um seminário: "Putz, esse seminário realmente está valendo a pena", entende? Eu tenho a impressão de que isso, e eu... Eu não estou muito ansiosa para isso porque isso para mim não era o principal, o principal é realmente ler coisas, que eu não teria oportunidade no Brasil e conhecer coisas que também eu não teria oportunidades no Brasil, esta é minha prioridade, mas tirando essas dificuldades de grana e de marido, das duas coisas juntas, é... estou muito legal, eu já estou gostando do fato de estar aqui. Agora eu já estou ambientada, eu já ando por essas ruas com uma certa sensação de familiaridade, principalmente nesse caminho da *École*, do *Jardim de Luxemburgo*, das aulas de francês e também já arrumei um francês para gente fazer *exchange*, para gente trocar uma hora de português com uma hora de francês para conversar, ah... Eu corro atrás (risos). Então, isso está... Essas coisas todas estão, têm me facilitado. Eu estou com uma expectativa grande de poder andar mais e tal, mas expectativa que está um pouco reduzida por causa da falta de grana, mas eu estou curtindo. Até agora, apesar de todas as dificuldades têm sido uma experiência muito positiva, eu acho.

Resolução das dificuldades: Eu sou uma boca aberta, além de conversar com o meu marido, têm pelo menos umas quatro pessoas na *Maison*, amigos que eu fiz aqui e que... Pessoas com quem eu me abro porque eu sou... Para mim essa coisa do diálogo é muito forte eu preciso disso e se como com o marido você não dá conta de falar tudo que você precisa mesmo e ele é uma pessoa meio fechada. Eu acabo contando com o apoio desses amigos aqui, mas é... Essa coisa de estar na *Maison du Brésil* contribui para essa sensação de proximidade. Eu não sei se eu tivesse fora da *Maison* se esse período não está sendo muito duro para mim, porque daí eu estaria sozinha com ele num lugar desconhecido, sem alguém com quem conversar, para onde correr na hora da angústia, do nervoso, então... Pelo menos nesses primeiros três meses, eu tinha, eu tenho claro que foi muito bom estar aqui na *Maison du Brésil*, com quem você pudesse falar na mesma língua e que pudesse te entender plenamente tudo o que você está passando e disposto a ouvir, porque não é sempre que você encontra gente disposta a ouvir seus problemas, suas crises.

Retorno ao Brasil: Se eu tenho medo da volta? Eu tenho uma expectativa muito grande de terminar o doutorado realmente no prazo até... fevereiro de 2007, ou seja, eu vou ter mais o ano de 2006 para trabalhar no Brasil para prestar concurso e entrar numa Universidade pública, é isso que eu quero. Ser uma professora universitária, dar minhas aulas, ter meus orientandos e depois pensar numa situação de pós-doc, quem sabe voltar para França inclusive, eu penso em voltar num pós-doc para cá e... Porque eu quero ter uma língua que

eu fale e pense assim: "Não, essa eu domino", porque as outras eu voltei mais disposta a aprender línguas, vou voltar mais disposta a aprender língua, então, vou voltar... para o italiano e para o inglês. Pegar o inglês novamente pelo chifre e agora vai (risos) e o italiano eu também quero aprender e quer dizer, aqui você fica meio doido com isso porque eu descobri aqui, não sei se aqui na França, eu imagino que não, meio que mundial a importância do espanhol, que a gente não dá importância para o espanhol, porque a gente entende, a gente lê espanhol numa boa e aqui as pessoas dão valor ao espanhol, espanhol é uma língua importante, você vai numa estação de metrô, o que se fala é francês, espanhol e inglês e parece que isso é geral no mundo, mas eu, como eu leio espanhol, eu quero aprender a ler italiano e quero ler o Gramsci no original também, por isso que quero ler o italiano. Mas a minha expectativa é mesmo ter alguma estabilidade financeira, ter alguma estabilidade financeira quando eu voltar para o Brasil porque essa coisa da nossa profissão ser ingrata nesse aspecto, você estar com 30 anos e ainda estou nova em comparação com um monte de gente e você não tem fundo de garantia, nem tem aposentadoria, não tem nada, não tem nada, absolutamente. Então isso dá uma certa angústia, então eu estou numa família que essa estabilidade é uma coisa importante, essa coisa do trabalho e tal, é... Isso me angustia um pouco. Eu quero estar num lugar mais fixo durante um tempo para poder pensar em outras coisas, eu não quero ser bolsista a vida inteira. Ser bolsista o tempo inteiro não é para mim, não é isso que eu quero, então, essa é a minha expectativa, provavelmente, eu volte a morar em São Paulo e não em Campinas, como eu morava antes (Meus pais moram em Campinas, migraram de Minas para Campinas).

Reação da família: Acho que eles tinham assim um misto muito grande de orgulho, porque nós somos muito unidos. Eles me deram força "Nossa, se você quer ir, você tem que fazer isso mesmo e tal", mas a despedida foi uma coisa muito triste. Pouquíssimas vezes na vida eu vi meu pai chorar, acho que só na morte dos pais dele e ele chorou copiosamente no aeroporto, então, foi difícil. Minha mãe também já vinha chorando há alguns meses, mas eles deram muita força, eles achavam importante que eu viesse. Questionaram se eu devia me casar mesmo, se não era hora d'eu vir sozinha, como eu estou passando por essas crises todas, puxa, será que eles não tinham razão? Eles sabem o que eu estou passando, sabem por que eu escrevo, eu falo, eu decidi que eu não vou pegar mais de ninguém de surpresa na minha vida (risos).

(Pausa)

Balanco da estada: É um balanço positivo, é... tanto academicamente quanto pessoalmente, eu acho que é uma experiência muito importante de se passar e como eu disse como eu não sofro com essa coisa de uma cultura diferente, isso para mim não representa problema, eu até, aquelas coisas que para nós brasileiros são as mais chatinhas do francês, eu até tentei ver como uma coisa da cultura deles, tem lá o seu valor para eles e isso não se faz sofrer aqui, que é o que geralmente faz sofrer os brasileiros, então, a falta de contato a falta de calor humano às vezes faz alguma falta, mas tem pelo menos dois franceses, com quem eu tenho um contato mais forte que é a professora de francês e é o rapaz francês com quem eu faço *exchange*, então ele, a gente está nos primeiros contatos, está aquela relação meio formal, mas ela, por exemplo, já convidou a gente para ir à casa dela ontem comer uma salada, tomar um vinho. Está certo que é outra francesa, ela fala bem português, morou no Brasil e tal, mas eu já recebi convite para ir a casa dela, então, claro, faz mais falta porque a gente está mais acostumada com isso no Brasil, mas essa, esse acolhimento a *Maison du Brésil* acaba cumprindo um pouco essa função, eu acho, de você não se sentir tão isolado, sozinho e também o fato de estar com o marido, isso é um apoio.

Do lado afetivo, você tem alguns problemas para resolver mas não esses problemas de solidão que a maioria tem que a maioria sente. Por enquanto nesses primeiros três meses a minha avaliação é bem positiva da minha estada aqui, ainda tem muita coisa para ver, muita coisa para fazer, mas eu estou curtindo e acho que vai ser legal. Está bom?

ENTREVISTA - HENRICO

Modalidade: Doutorado-sanduiche

Local: *Hall da Maison du Brésil*

Data: 15/junho/2005

Nasci no Rio de Janeiro, fiz Faculdade lá e o mestrado. Em 1998, eu fiz um concurso para essa Universidade no Paraná. Eu não me lembro mais se o concurso foi em 98 ou em 97. Eram três vagas, ou melhor, eram duas vagas. Eu fui classificado em terceiro lugar, então eu não fui chamado imediatamente. O segundo colocado desistiu da vaga e eles entraram em contato comigo para saber se eu ainda manifestava interesse em ir e eu manifestei interesse em ir. Eu fui para lá no segundo semestre de 98, em junho de 98 eu fui para lá, para o Paraná, fiquei lá até 2002, e fui para Campinas para iniciar o meu Doutorado, fui com um afastamento, recebendo salário da Faculdade.

Saída do Rio de Janeiro para o Paraná: São dois lugares que não têm absolutamente nenhum ponto de comparação. Não tem nenhum traço de semelhança entre o Rio e o Oeste do Paraná, o tamanho da cidade, o perfil da população, é tudo muito diferente. Mas eu me envolvi muito na Universidade, me envolvi razoavelmente bem no meu círculo de amizade, ligados a universidade. Eu fui com a expectativa que a minha esposa, eu não era casado na época, mas casaria, e ela iria para lá e foi o que aconteceu. Então eu fui e passei o primeiro semestre lá sozinho, o segundo de 98, de junho até dezembro. Em janeiro, eu me casei e em fevereiro, nós fomos para lá. Então, todo esse tempo que eu fiquei lá, tirando o primeiro semestre, eu estive acompanhado, eu tive a companhia dela. Ela sentiu muito mais do que eu porque ela não tinha essa inserção profissional. Ela é veterinária, ela deixou as atividades dela no Rio para ir para lá, então para ela foi muito mais difícil a adaptação do que a minha. Mas eu não posso dizer definitivamente que me sinto adaptado na minha vida lá no Paraná. Tenho certeza absoluta que não vai ser difícil voltar para lá no ano que vem, mas vou voltar (ri). Não dá para comparar a dificuldade de adaptação em Toledo e aqui em Paris por um motivo único, você ir para um lugar com prazo definido, a temporalidade é diferente. Eu fui para lá indefinidamente e como estou retornando para lá sem saber por quanto tempo da minha vida vou ficar lá, não tenho a menor idéia. Eu vim para cá com uma data de chegada e uma data de partida e isso, eu acho que muda drasticamente e dificulta muito a comparação.

Enfim, se eu fosse tentar enumerar eu diria que a dificuldade que eu tive aqui foi, sobretudo com o idioma, se não tivesse a barreira do idioma, não consigo ver com análise um outro fator que tenha comprometido ou que tenha dificultado a minha estada, a minha adaptação aqui. Eu diria que a barreira foi o idioma.

Vinda: A França é o local do desenvolvimento das Ciências Sociais e fui influenciado por uma amiga, que tinha ido para *Oxford* e falou que aqui era melhor, provavelmente, que lá e fiquei bem motivado com essa idéia. Já sabia um pouco de francês porque já tinha tido no colégio e até mesmo na graduação e até no mestrado. O objetivo de ter vindo para cá foi principalmente ter vindo buscar um apoio teórico, pensando na grande possibilidade de encontrar um vasto material teórico a respeito do assunto pesquisado, aulas voltadas para isso, principalmente, no que se refere à cultura. Eu voltei a ter aula de francês e várias vezes eu tive, mas eu nunca falei fluentemente, eu nunca tive um investimento regular. No aprendizado de inglês, você tem aulas sistemáticas e tal. E quando eu defini que queria vir para cá, eu resolvi ter umas aulas na Unicamp e umas aulas particulares e com mais

freqüência e num determinado momento eu intensifiquei (ri). Eu sempre tive dificuldade para tudo para falar, para entender, para escrever.

Expectativas: Eu esperava encontrar aqui um debate sobre o meu tema, que não tem no Brasil. A minha opção de vir para cá era exatamente essa, era vir para um centro em que essa discussão acontecesse, tivesse um debate, coisas relacionadas que me interessavam.

Realidade: Olha, esse debate de fato ele existe, existe uma produção em relação a isso. Mas a minha preocupação com o sistema, que eu te falei das camadas populares, das classes de trabalhadores é esse o domínio, esse terreno do campo é esse e aqui isso não é muito, quer dizer, eu não consegui encontrar esse debate entre essas duas coisas. Eu comecei com a teoria sobre música, especificamente sobre história, história da audição e seminários na *École*: a História do gosto intelectual e artístico, e ele estava fazendo uma discussão do que a gente convencionou chamar de alta cultura, que não é o meu interesse. Eu comecei a procurar coisas voltadas ao meu interesse, com o tempo eu fui filtrando e selecionando e comecei a ir naqueles que tinham, faziam uma discussão absolutamente próxima daquilo que eu estaria estudando. Hoje, foi o último de um professor do Centro de Inovações Sociológicas e foi o último seminário, mas eu não fui a esse seminário porque ele, que era um seminário, acabou se tornando um seminário mais próximo da minha discussão, eu achei que até lá mesmo não estava mas, enfim, mais interessante eu fazer, estar lendo o texto dele, era mais interessante fazer isso que ir ao seminário. Por azar meu, na época que o seminário mais me interessou, eu tinha a maior dificuldade de compreensão por causa da dicção dele. Enfim, eu tive a maior dificuldade, seguramente o de maior dificuldade para compreender as discussões que ele estabelecia e eu digo por azar, por isso, era aí que eu achei a discussão mais próxima do que eu estava fazendo porque ele não estava de fato preocupado de fazer uma discussão de domínio. Ele é o que está mais próximo seja do popular, do erudito, enfim, a discussão que ele estava apresentando não era uma discussão como em vários outros lugares muito próxima dessa da cultura erudita, é bom para fazer o contraste, mas não me serve.

O que fez para saber sobre a preferência musical? Eu fiz entrevistas. Meus sujeitos são moradores, eu tive que encontrar uma solução para isso. Quando você nomeia seu objeto: camadas populares, moradores... É uma coisa muito ampla, então a primeira coisa que eu fiz foi definir que eu faria essa pesquisa num lugar delimitado geograficamente. Eu estava fazendo o doutorado em Campinas, morando em Campinas, faria o trabalho de campo lá, questões práticas. Eu comecei, eu não conhecia a cidade, fui para lá para fazer o doutorado, nunca tinha morado lá e comecei a falar com pessoas que moravam lá e a perguntar um pouco o perfil dos bairros e dos bairros periféricos porque eu preferi isso e morar na periferia devido à possibilidade de encontrar de forma mais concentrada a população com esse perfil que estava me interessando. Aí por uma série de redes, eu escolhi um bairro, na verdade é um distrito, distrito que é formado por um conjunto de bairros, então, chama distrito industrial de Campinas e eu escolhi dois, então são dois bairros. O processo de fazer entrevista ele é um pouco estranho, um pouco naquela tradição, que você vai pelas redes, você meio que por um acaso você começa a entrevistar uma pessoa e dela você pede uma recomendação e sugestão de uma outra. Nesse caso, eu comecei a trilhar porque uma amiga minha dá aula num colégio da região e comentei com ela que tinha a necessidade de fazer entrevistas, ela comentou com alunos do colégio e eles disseram que concederiam, conversariam comigo. Eu conversei com eles, porque a minha intenção era fazer entrevistas com várias pessoas do mesmo núcleo familiar e não entrevistar isoladamente, entrevistar indivíduos isolados, não todo mundo, mas mais de uma pessoa de uma mesma família.

Então, comecei a fazer com eles e acho que a primeira entrevista que eu fiz gravada foi com uma aluna do colégio, mas que era também funcionária, fiz depois também com outros funcionários, então não foi só com alunos do colégio. E depois eu consegui fazer entrevistas com pessoas voluntariamente e vinculadas ao colégio. Você vai sempre começando com uma pessoa. Depois na Unicamp, um funcionário que trabalhava num outro bairro desse distrito, ele me indicou e tem lá um conjunto habitacional e a maioria das pessoas são funcionários da Universidade. Por conta disso, ele me apresentou para essas pessoas e fiz a entrevista com elas e volto lá ainda para fazer trabalhos tanto num bairro quanto num outro, mas o processo das entrevistas foi mais ou menos esse.

Balanco: de positivo, foi ter tido acesso a uma série de discussões, enfim, sobretudo informações no campo que eu queria. Você vai a uma Biblioteca Nacional, por exemplo, com esse acervo astronômico (ri), você se depara com uma quantidade de documentos, resumos, revistas. Sobretudo isso, ter tido acesso a essa, eu acho muito mais do que isso, eu acho que ter ido aos seminários foi importante, mas eu tenho claro para mim que muito mais que seminários, o acesso a esse material bibliográfico é, sobretudo o que de mais importante eu estou levando. Do ponto de vista negativo, eu fico me perguntando se mesmo com a produção que eu teria acesso no Brasil, mesmo sem essa produção que eu encontrei aqui, essa produção bibliográfica e com a produção que eu tinha acesso no Brasil se eu não teria tido, se o processo de produção da tese não teria sido mais ágil. Eu acho que sim. Eu acho que a viagem, o fato de estar num ambiente completamente diferente do que se conhece, isso produz um efeito de dispersão razoavelmente grande. Como nós diríamos aqui na *Maison*, nós estamos numa produção acadêmica, mas essa viagem definitivamente, não se resume a isso. Você aproveita, você viaja, vai a outros lugares, enfim tudo isso é tempo que de alguma maneira, você não está usando, não há tempo diretamente dedicado à tese, à pesquisa, então, o balanço um pouco é isso. Agora do ponto de vista da experiência pessoa é muito importante.

Saudade? Vontade de voltar? Não, muito pelo contrário. Eu estou voltando agora porque eu tenho que continuar meu trabalho de campo no Brasil. Eu podia, teria dado, eu não quis, quando fiz a solicitação da bolsa, eu teria, o meu prazo permitiria que eu ficasse um ano e eu tomei a iniciativa de vir para ficar 9/10 meses porque eu queria voltar antes para ter tempo de fechar o trabalho de campo e estou voltando única e exclusivamente por isso, mas eu poderia ficar seguramente, seguramente muito mais tempo. Eu percebo que nesse período que eu fiquei, eu poderia ficar sem muitas dificuldades. Você sente saudades, uma ou outra vez, para ser sincero para você, saudade, eu não sinto não, às vezes uma certa monotonia nesse ambiente aqui da casa do Brasil, a gente se cansa um pouco de ficar aqui, às vezes você se ressentido de não ir a ambientes muito diferentes. Há bastantes dificuldades que todo mundo relata, você deve ter escutado muito em relação a ter contato com os nativos, definitivamente, os franceses não tem muito a ver com nossos traços culturais que é a nossa abertura para os outros. A gente se depara com uma realidade que é o inverso disso, é um povo definitivamente fechado, mas de qualquer forma essa experiência internacional eu avalio como positiva.

Perspectiva de retorno: Poder escrever um bom trabalho. Poder me centrar no meu trabalho.

ENTREVISTA - EDSON

Modalidade: Doutorado-sanduiche

Local: Biblioteca da *Maison du Liban*

Data: 16/junho/2005

Por que a França? Bom! Na área que eu estava, tinha entre as alternativas assim mais... Digamos... mais interessantes seria Estados Unidos, Alemanha ou França. Estados Unidos, eu não estava querendo passar pelo estresse de conseguir visto, essas coisas, então, não me atraiu muito. A Europa, por mais que viesse para um país que não fosse muito bom, está ali perto de outro e você tem uma porção de opção, então, dá para equilibrar melhor isso. Então, sobrou Alemanha e França. Alemanha! Tem a dificuldade da língua. Francês, eu já tinha visto alguma coisa, tinha passado um ano estudando e... Quando eu conversei com meus orientadores lá em Porto Alegre, de início ele estava em Grenoble porque tinha um grupo de pesquisa lá. Ele me propôs de trabalhar com um pessoal aqui em Paris. Aí o primeiro o contato foi com a *École* Nacional Superior de Telecomunicação, mas não deu certo; depois, eu fui tentar contato com o pessoal da Paris VI. Então, inicialmente, eu teria que vir em setembro, mas como não deu certo, eu vim em novembro, quando eu vim aqui com o pessoal da Paris VI.

Expectativas: Ehh... Bom, eu sabia que a cultura ia ser totalmente diferente, ia ter uma certa... Em algumas coisas até superior que eu esperava para melhor e outras para pior, mas... Eh... Esperava que o pessoal fosse mais frio e coisa assim, mas como tem laboratório para muitos estrangeiros então isso ameniza um pouco a situação. Mesmo os professores têm muitos que são estrangeiros, então, já... Tem um clima melhor e... Foi mais assim, adaptação mais difícil foi a questão da língua, porque por mais que venha a se falar, tu conhece a parte da gramática, da parte... como é que diz... formal, mas ali no dia-a-dia, a expressão de tu demora um certo tempo e tu tem que perder um certo tempo nisso e depois a época. Quando eu cheguei, eu cheguei em novembro, eu fiquei mais ou menos um mês para me adaptar um pouco com a língua, aí já chegou as férias de Natal, daí houve assim um certo atraso nisso e... O grupo inicial... quer disser, o grupo que estava na área que eu começaria a trabalhar tinha um que já estava terminando o doutorado, estava se transferindo para outra cidade, então eu acabei mudando um pouco o trabalho, mas tirando o foco de uma coisa e para outra devido às ferramentas que eles tinham aqui porque na outra tinha um grupo maior e estava mais fácil de interagir e... Aí isso, nestes últimos meses, eu estou tendo que correr mais porque eu fiquei para trás porque ia meio devagarzinho, apesar de que pelo que eu conversei com o pessoal os 2/3 primeiros meses sempre tem essa dificuldade, não, parece que você tenta correr, mas a corda sempre puxa para trás, mas assim, a única coisa que eu vi, não sei se também é... Não dá para generalizar isso no Brasil, mas o clima de trabalho é... O grupo de trabalho que eu tinha na UFRGS favorecia mais que aqui, talvez porque os orientadores que eu tinha lá, que eram..., eles trabalhavam junto contigo, mas eram mais pé no chão, o ritmo de trabalho lá eu me adaptava melhor do que o daqui. O daqui existe a mesma pressão que existia lá em termo de resultados, de publicações, mas é uma coisa mais... Digamos... Até tem uma certa integração, mas devido à cultura, uma coisa mais individual.

Saudades da família: Ah, um pouco, mas como eu já tenho assim a volta já marcada e é período curto, não dá muito assim... O que eu sinto é assim, eu vou voltar para lá, vou para

Porto Alegre, apesar de gostar de Porto Alegre, já faz quatro anos que eu já estou fora de Natal e eu estou querendo voltar.

Saída da terra natal para o sul: O mestrado foi assim... Eu estava... Era uma época que eu tinha terminado a graduação, achei que ia liberar um pouco em termos assim de... Tempo e de coisas assim, mas começava a fazer outras coisas paralelas à universidade também e acabava que eu trabalhava mais que quando estava fazendo curso. Então, quando eu fui para o Mestrado eu fiquei dedicado ao mestrado e foi a primeira que eu parei, depois de vários anos, que eu parei para fazer só uma coisa. Para mim foi mais tranquilo e assim quando eu cheguei lá, comecei a dividir o apartamento, comecei a conhecer pessoas de vários lugares do Brasil e Floripa é uma cidade assim que tem muitos estrangeiros e favorece muito, a cidade é bem interessante, não sei agora como é que está, era bem tranquila e... Assim, acho que demorou mais uns três meses para cair a ficha para eu me tocar que eu estava morando em Floripa, tal. Tem uma coisa assim, aqui já foi mais tranquilo assim, eu dei conta que estava aqui foi mais rápido. Um tempo atrás eu me senti mesmo morando porque eu comecei a fazer amizade com o pessoal da *Maison* e coisas do dia-a-dia, de ir à Fac e participar de coisas esportivas e coisas do dia-a-dia, visitar um museu, visitar um monte de coisas e tal...

Aqui tem uma brasileira que mora aqui também e tem um cara que é metade libanês e metade brasileiro. Tu acabas conhecendo outros brasileiros. Tu conheces um, que acaba conhecendo outros e tu acabas tendo contato com muita gente. Acho que o esquema aqui da *Cité* favorece muito a adaptação porque tu tens que ter estrutura: se você precisa de isolamento para estudar, tu tens, tu tens seu quarto, tem o esquema de biblioteca, mas na hora que tu precisas de contato com alguém, não é como estar morando sozinho num apartamento que tu tens que ir atrás de alguém. Aqui tu tens a área comum, o próprio comitê de residentes promove atividades para integrar o pessoal, então isso é bom, isso facilita bastante. E no início também a questão da língua, quer dizer, os libaneses, eles são franco-fônicos, eles aprendem francês desde pequeno, então para treinar foi bastante interessante para mim.

Expectativa de volta: Bom, dá para tirar umas coisas é que o nível do curso lá. É realmente internacional e em termos de produção, é assim, o curso da UFSC, pelo menos em termos de produtividade, eles estão com um ritmo, talvez com um número de pessoas que tão promovendo isso maior do que aqui, mas isso tudo depende do financiamento, porque atualmente tem um projeto do CNPq, que deve estar, acho que no terceiro ano, acho prorrogável mais um, e com isso você consegue mais bolsa, é... bolsa de iniciação científica, que permite que tenha grupo de trabalho. Se não tem grupo de trabalho, a coisa não anda, porque você não vai conseguir fazer sozinho e aqui existe, mas é tudo... Porque agora que eles estão fazendo a mudança no... Na questão profissional, não tinham *Master*, eles estão tendo agora, então, só tinha os doutorandos, e era um grupo menor, então acho que agora eles estão começando. Apesar de que eu acho que eles... Uma coisa que eu constatei aqui que eles fazem muita reunião e, às vezes, coisas que os franceses fazem muito, coisa que eu acho muito interessante, eles discutem muito as coisas, mas se tu passas da conta deixa de ser objetivo, é interessante a discussão, mas, às vezes, falta objetividade.

Balanco: Ah, o balanço acho que é positivo porque, tu desmistificas um pouco essa coisa de achar que aqui é muito diferente do Brasil, tem muito recurso e o que eu vi é que existe quase que os mesmos... Lógico que eles têm mais gente, mas tem sempre aquela coisa, tudo está atrelado a projeto, tem que ter financiamento e coisa desse tipo, está cada vez mais geral e... A outra coisa também é que... o... existe... tem a questão, existem aqueles grupos

que são fechados, mas também têm aqueles outros, talvez pela própria presença estrangeira de vários países. E... tem outra coisa também que não existe no Brasil, que é aquela coisa: existe um *maître de conference*, existe o professor, uma hierarquia muito grande entre os próprios professores, isso eu acho que não é muito legal porque fica bem certo: existe o cara que manda e manda nos outros professores e não só nos doutorandos ou nos alunos e tal... Quem é professor e quem é *maître de conference* são duas classes distintas, e que no Brasil quando tu entras mesmo como professor-assistente, tu entras por concurso, tu tens condições de trabalhar, tu trabalhas de galocha, tu estás começando, talvez não seja ainda um pesquisador do CNPq, mas tu tens condições de trabalhar, de concorrer, trabalha de igual para igual, mas sempre existe essa coisa de trabalhar de igual para igual e ser mais respeitado e aqui é muuuito... Tu tens que comer muita farinha para chegar lá. Mas é a cultura deles, mas para mim, eu não... Eu prefiro do jeito que é no Brasil, tem uma questão de... Não é questão de época, mas de experiência, respeita a experiência.

Perspectiva: Voltar para Porto Alegre e terminar o doutorado e depois voltar para minha terra. Na Federal, estou como técnico ainda, esperando concurso, mas na particular estava como professor e saí afastado, então enquanto não sai concurso na Federal, eu provavelmente volte a ficar dando aula.